



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ÍCARO LÊNIN MAIA MALVEIRA

ZINE-CIDADE: VIVENDO A CIDADE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE ZINES

LIMOEIRO DO NORTE

2020

ÍCARO LÊNIN MAIA MALVEIRA

ZINE-CIDADE: VIVENDO A CIDADE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE ZINES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC), como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da Criação e Pensamento em Artes.

Orientador: Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho

LIMOEIRO DO NORTE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M228z Malveira, Ícaro Lênin Maia.

Zine-Cidade : vivendo a cidade através da criação de zines / Ícaro Lênin Maia Malveira. – 2020.
226 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho.

1. Ação. 2. Criação. 3. Experimentação. 4. Grupo. 5. Zine-Cidade. I. Título.

CDD 700

ÍCARO LÊNIN MAIA MALVEIRA

ZINE-CIDADE: VIVENDO A CIDADE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE ZINES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC), como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da Criação e Pensamento em Artes.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Membro interno: Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Membro externo: Paulo Victor Barbosa de Sousa
Universidade Federal do Ceará – Campus Quixadá (UFC)

A meus pais,
Milena e José,
irmãos,
Vinícius e Ramiro,
e avó,
Francina,
por serem apoio, abrigo, presença e substância.

A Wellington Júnior e João Vilnei,
pelo carinho,
pelas aulas,
por me aceitarem como aluno de arte-vida
e tanto mais.

A Renato Rodrigues,
Lívia Cristina,
Thiago Henrique,
Pedro Cauê,
Cristian Luthiane,
Tamires Rodrigues,
Levi Palhares,
Raquel Rodrigues,
Carla Costa,
porque este trabalho é nosso.

AGRADECIMENTOS

À família, que me viu viajar todas as semanas no ano de 2018 e tantas outras no ano de 2019. Todos vocês foram compreensivos e entenderam que existia muita beleza e propósito nesta ausência.

Aos queridos professores com quem tive o prazer de conviver: Héctor Briones, Cláudia Marinho, Deisimer Gorczewski, Jo A-mi, Francimara Teixeira, Ada Kroef.

Aos professores, em especial, a João Vilnei e Wellington Junior, pois a quantidade e a ordem das palavras não são o suficiente para abrigar os vários estágios da gratidão.

A Francélio e Elza, pelo carinho e acolhida em Fortaleza durante esses percursos no mestrado em artes.

A Malena, que me intimou a mandar os documentos para o processo seletivo nos pulos finais do ponteiro.

A Ana Rosa, por me ajudar a montar zines, caixas de leitura e tantas coisas mais.

Aos amigos de Limoeiro que estão sempre comigo, Gustavo Régis e Fernando Gadelha.

Aos amigos que tanto escutaram ao longo desse percurso, Brenno Gardelly, André Lucas, Alexandre Holanda, Herson Herbster, Gardel Chaves, Kelson Oliveira, Ramon Girão.

A Fernando Otto, em especial, pelas inúmeras viagens de Fortaleza a Limoeiro, por me acolher em sua casa, pela companhia e por participar desta pesquisa.

A Suzi, em especial, pela amizade de sempre, pela acolhida, pelas conversas, por se importar e embarcar comigo nas aulas, reuniões e aventuras no segundo ano de mestrado.

Aos amigos que fiz no mestrado, Régis Torquato e Marcela, Laryce Rhachel, Thiago Torres, Marcos Paulo Pinheiro, Marckenson Jean, Ítalo Rui, Gerardo Alfonso.

A Reno Beserra, pela parceria e escrita conjunta.

À amiga de LICCA, Izabelle Louise, pelas conversas e companheirismo.

Às ex-alunas-amigas, que receberam meus fanzines com tanto entusiasmo e acompanharam as edições do “Gramma de Poesia” no começo de tudo e também me presentearam com seus próprios fanzines, são elas: Ana Lize Mendes, Maria Júlia Vidal, Beatriz Moura, Aléxia Chaves, Ingridy Bastos e Luana Akemi.

À minha coordenadora, Maria do Carmo, e sua auxiliar, Mazé Nunes, que foram compreensivas com meu cansaço e me apoiaram e ajudaram a negociar presenças e faltas entre viagens, aulas e provas.

A Fernanda Meireles, pelas conversas na Matinê, pelo Cabeças de Papel V, por ter feito o “Cidade Solar”, pelas oficinas e por me apresentar ao Plebeu Gabinete de Leitura, as sementes de pé de maravilha que dão com que sonhar a esta pesquisa.

A Jocilone Júnior, por deixar Dama do Ventos por aí, pelos cadernos que invertem a imaginação e por ser meu amigo e parceiro de aventuras em Quixadá e em tantos outros lugares.

Aos artistas do Balbucio com quem tive o prazer de conviver, Edimilson Jr., Tobias Gaede, André Quintino e, claro, João.

Aos alunos de Quixadá que me receberam tão bem e por serem tão incríveis.

Ao Paulo Victor, por aceita contribuir com este trabalho.

Aos amigos mestrinhos, Gabriel Monte e Mel Andrade, por tudo que compartilhamos juntos.

A Weaver Lima, pelas oficinas na Riso Tropical, por sempre se lembrar de mim e sempre deixar impresso o sentimento de fazer parte.

A todas as pessoas de Limoeiro do Norte que, de algum modo, participaram e colaboraram nesta pesquisa que significa tanto para mim. Muito obrigado!

RESUMO

A pesquisa que aqui se apresenta tem sua essência na composição de um zine-cidade. Ao longo do percurso construído, reúnem-se minhas atividades como professor e zineiro, a trajetória feita no Mestrado em Artes da UFC e, por fim, a formação e atuação do Grupo de Criação e Artes, coletivo constituído por alunos-artistas. Buscando relacionar o processo de criação de zines (MAGALHÃES, 1993) às vivências na cidade de Limoeiro do Norte, são apresentados seis momentos de criação, que se realizaram no espaço público e no Colégio Diocesano, e resultaram na produção de cinco zines, além da composição de uma caixa de leitura e intervenções em uma mala-expositor. As ações na cidade, principalmente nas praças e suas imediações, são compreendidas como uma etapa do processo de criação de zines, que se dilata quando incorpora a participação das pessoas e a representação dos espaços da cidade. Assim, tal combinação busca aproximar as atividades do Grupo de Criação e Artes à experimentação artística. Essa perspectiva conduziu os processos desenvolvidos a territórios fronteiriços da arte nos quais, partindo dos zines, abrem-se diálogos com a performance (COHEN, 2002), com o jogo (HUIZINGA, 2005), com o desenho e a arte sequencial (McCLOUD, 2008), com o livro de artista (DERDYK, 2013), e também com as revistas artesanais produzidas na cidade de Limoeiro do Norte entre as décadas de 70 e 90. Os encontros, ações, processos e produções descritos aqui foram realizados entre os meses de agosto e dezembro de 2019. Nesse período, estão entre as atividades do Grupo de Criação e Artes a criação de personagens autorais e a releitura de ilustrações da revista de cultura “Kuandu” (1977), durante as reuniões realizadas no Colégio Diocesano; a composição de uma caixa de leitura de zines na Biblioteca Pública Municipal Dr. João Eduardo Neto; o desenho de transeuntes na Praça Matriz e a criação de uma matriz-dado; a conversa com flores vivas na Praça Nossa Senhora da Assunção e a incorporação da serigrafia ao processo de impressão dos zines; um piquenique na Praça Maria José de Freitas, em que se pôde desenhar o espaço da praça e pensar a intercalação livre de páginas nos zines; e, por fim, a troca e intervenção utilizando uma mala-expositor na Praça José Jerônimo. A partir dessas ações, esta pesquisa procura fazer ver um zine-cidade através das ações e processos de criação na cidade de Limoeiro do Norte.

Palavras-chave: ação, criação, experimentação, grupo, zine-cidade.

ABSTRACT

The present research has its essence in the composition of a zine-city. Throughout the path crossed, my activities as a teacher and ziner come together, as well as the trajectory travels in the Masters of Arts at UFC and, finally, the formation and performance of the Creation and Arts Group, a collective comprised by student-artists. Seeking to relate the process of creating zines (MAGALHÃES, 1993) to the experiences in the city of Limoeiro do Norte, six moments of creation are presented. They took place in the public space and at the Colégio Diocesano and resulted in the production of five zines, in addition to the composition of a reading box and interventions in a display case. The actions in the city, mainly in the squares and their surroundings, are understood as a stage in the process of creating zines, which expands when it incorporates the participation of people and the representation of city spaces. Thus, this combination aims to bring the activities of the Creation and Arts Group closer to artistic experimentation. This perspective led the processes developed to frontier territories of art in which, starting from zines, opens dialogues with performance (COHEN, 2002), with the game (HUIZINGA, 2005), with drawing and sequential art (McCLOUD, 2008), with the artist's book (DERDYK, 2013), and also with the artisanal magazines produced in the city of Limoeiro do Norte between the 70s and 90s. The meetings, actions, processes and productions described were held between the months of August and December of 2019. During this period, the creation of author characters and the re-reading of illustrations by Revista de Cultura Kuandu (1977) are among the activities of the Creation and Arts Group. The composition of reading boxes at the Dr. João Eduardo Neto Municipal Public Library; the design of passers-by in the Matriz square and the creation of a data-matrix; the conversation with living flowers in the square Nossa Senhora da Assunção and the incorporation of serigraphy into the zines printing process; a picnic in the Maria José de Freitas square, where it was possible to design the space of the square and think about the free interleaving of pages in the zines; and, finally, exchange and intervention using a display case in José Jerônimo square. Based on these actions, this research seeks to show a zine-city through the actions and processes of creation in the city of Limoeiro do Norte.

Keywords: action, creation, experimentation, group, zine-city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — QR Code que dá acesso aos arquivos digitais do zine “A Revista”	19
Figura 2 — Capa do zine “e a raia...”	23
Figura 3 — Capa do zine “Os putos e as donzelas”, do grupo Luminários	24
Figura 4 — Página do zine “Gramma de Poesia #10”	24
Figura 5 — Capa do “Gramma de Poesia #1”	27
Figura 6 — Capa da primeira edição de “Pauliceia Desvairada” (1922), de Mário de Andrade	27
Figura 7 — Matriz do “Gramma de Poesia #1” – Frente e verso.....	30
Figura 8 — Figura - Página do zine “Gramma de Poesia #10”	31
Figura 9 c Capa e primeira página do “Gramma de Poesia #2”	33
Figura 10 — Uma das tentativas de pintura em aquarela para composição de nota floral	34
Figura 11 — Nota floral publicada no “Gramma de Poesia #3”, em novembro de 2014 .	34
Figura 12 — Colagem publicada no “Gramma de Poesia #4”, em janeiro de 2015	35
Figura 13 — “Gramma de Poesia #5”, cadernos de impressão e capa impressa separadamente	35
Figura 14 — Anatomia do livro	36
Figura 15 — “Gramma de Poesia #8”	37
Figura 16 — “Gramma de poesia #10”	38
Figura 17 — Zines produzidos: “Coisas do coração”, de Aléxia Chaves (canto superior esquerdo); “Nada Impessoal”, de Ana Lice Mendes (canto superior direito); “Tudo Cabe”, de Luana Akemi (canto inferior esquerdo); “Sem título”, de Ingridy Bastos (canto inferior direito)	39
Figura 18 — Zines feitos pelos alunos do Colégio Diocesano Pe. Anchieta	41
Figura 19 — Interior da sala 109.....	47
Figura 20 — Alunos da disciplina de Ateliê de Criação II explorando a sala 109	48
Figura 21 — Base da armação dos óculos artesanais.....	49
Figura 22 — Óculos 1	50
Figura 23 — Óculos 2	50
Figura 24 — Edição #330, do gibi “Superman”	51

Figura 25 — “Étant donnés” (1946-1966), de Marcel Duchamp.....	53
Figura 26 — Mala empresarial e a caixinha de Valdívia	56
Figura 27 — Esboço da mala-expositor	57
Figura 28 — Mala-expositor	58
Figura 29 — Fanzine-mala.....	59
Figura 30 — Materiais utilizados para montar o fanzine-mala.....	62
Figura 31 — Cartões do fanzine-mala.....	63
Figura 32 — Início da ação na rua	64
Figura 33 — Ações na Av. 13 de Maio.....	65
Figura 34 — “Cartas ao Abandono”, obra do Caio Victor.....	66
Figura 35 — Escritos produzidos e trocados comigo pelas pessoas durante a ação realizada.....	67
Figura 36 — Coleção Pinacoteca Caras	75
Figura 37 — Apresentações, alunos e professores do Salão de Artes de 2012.....	76
Figura 38 — Ex-aluna Aléxia Chaves apresentando na abertura da I Mostra de Tecnologia e Artes, em 2016.....	77
Figura 39 — Desenho do grupo feito por Renato Rodrigues, em 6 de novembro de 2019	79
Figura 40 — Grupo de Criação e Artes.....	80
Figura 41 — Reunião na sala de informática	81
Figura 42 — Últimos integrantes a entrar no Grupo de Criação e Artes em 2019: Levi e Raquel.....	82
Figura 43 — Organização do "Modo de Produção” de zines, de acordo com Magalhães (1993)	84
Figura 44 — Montagem do zine-cidade: a criação de um zine para cada uma das sete etapas de produção.....	85
Figura 45 — Montagem do zine-cidade: ênfase na experimentação em cada etapa do processo de produção.....	85
Figura 46 — Montagem do zine-cidade: inserir ação no processo de criação de zines .	87
Figura 47 — Linha do tempo diagramática.....	90
Figura 48 — Márcio Mendonça no Colégio Diocesano, década de 70.....	92

Figura 49 — Pintura do Cristo em posse de Wellington Junior (esquerda); "Véu de Veronica" (1994), em posse de Júlia Sombra (direita).....	92
Figura 50 — Capa da “Revista Kuandu”, de 1977.....	94
Figura 51 — “Revista Neobarroca”, de 1992.....	96
Figura 52 — Meus <i>sketchbooks</i> , material que levava com frequência para as reuniões	98
Figura 53 — Laboratório Romã, capa e páginas.....	98
Figura 54 — <i>Sketchbook</i> do Renato Rodrigues, personagem "Zé Mosquitão”.....	99
Figura 55 — Tirinha feita por Tamires Rodrigues.....	101
Figura 56 — Releitura de ilustração da “Kuandu” feita por Lívia Cristina.....	102
Figura 57 — Releitura de ilustração da “Kuandu” feita por Renato Rodrigues.....	102
Figura 58 — Desenho feito na lousa da sala de informática do Colégio: Zé Mosquitão	103
Figura 59 — Montagem de zines do Grupo de Criação e Artes.....	104
Figura 60 — Caixa de leitura de zines doada para a biblioteca do Colégio Diocesano	107
Figura 61 — Caixa de leitura para o Campus Quixadá - UFC.....	108
Figura 62 — Zine produzido a partir das experiências em Quixadá: "Quixa dá Zine?"	108
Figura 63 — Primeiros momentos na biblioteca pública municipal.....	110
Figura 64 — Montagem da caixinha de leitura: feita a partir de recorte dos desenhos do grupo.....	110
Figura 65 — Montagem da caixinha de leitura: colagem de desenhos.....	111
Figura 66 — Montagem da caixinha de leitura: fixação de ganchos laterais e finalização	113
Figura 67 — Foto com o grupo no final da ação realizada na biblioteca pública municipal.....	113
Figura 68 — Renovando o acervo da caixinha de leitura da biblioteca pública com os zines que produzimos.....	115
Figura 69 — Nota enviada por Ana Júlia.....	115
Figura 70 — Resultado da atividade prática feita na sala de informática.....	116
Figura 71 — Capas do zine “GENTE I”, de André Valente.....	117
Figura 72 — Impressão em serigrafia do zine “GENTE I”.....	117
Figura 73 — Pintura do livro "Modelo Vivo", de Laerte Coutinho.....	118

Figura 74 — Material utilizado na ação feita na Praça da Matriz.....	119
Figura 75 — Perfis limoeirenses: Luciano	120
Figura 76 — Momento de apreciação dos perfis: Luciano	121
Figura 77 — Desenhos produzidos pelo grupo: Luciano	121
Figura 78 — Perfis limoeirenses: José Erivan.....	122
Figura 79 — Momento de apreciação dos perfis: José Erivan	122
Figura 80 — Desenhos produzidos pelo grupo: José Erivan	123
Figura 81 — Perfis limoeirenses: André	124
Figura 82 — Perfis limoeirenses: André	125
Figura 83 — Perfis limoeirenses: Albertina	125
Figura 84 — Desenhos produzidos pelo grupo: Albertina.....	126
Figura 85 — Perfis limoeirenses: Áurea Sofia.....	127
Figura 86 — Desenhos produzidos pelo grupo: Áurea Sofia.....	128
Figura 87 — Conversa após as sessões de desenho	128
Figura 88 — Perfis limoeirenses: Gabriela	129
Figura 89 — Desenhos produzidos pelo grupo: Gabriela	129
Figura 90 — Representação do modelo da matriz-dado	130
Figura 91 — Regras do jogo utilizando uma matriz-dado	132
Figura 92 — Simulação de jogo para montagem de matriz-dado	133
Figura 93 — Dado de pelúcia comprado na banquinha de revistas do Gilson.....	135
Figura 94 — Desenho e cópia da matriz-dado	135
Figura 95 — Lance de dados na sala de informática.....	136
Figura 96 — Colagem dos perfis e montagem da matriz-dado.....	136
Figura 97 — Conjunto de matrizes-dado produzidas pelo Grupo de Criação e Artes. 137	
Figura 98 — “Perfis Limoeirenses”: zines tridimensionais	138
Figura 99— Montagem feita com as ilustrações da Alice e os desenhos feitas na Praça da Matriz por Pedro Cauê.....	141
Figura 100 — Cena da animação "Alice no país das maravilhas" (1951)	142
Figura 101 — Canteiros da Praça de Nossa Senhora da Assunção.....	143
Figura 102 — SeriArt Serigrafia	146
Figura 103 — Bloco de notas com informações sobre o passo a passo da técnica serigráfica.	147

Figura 104 — Buscador de perfis do <i>Instagram</i>	148
Figura 105 — Primeira experiência com processo serigráfico	152
Figura 106 — Tela após revelação	152
Figura 107 — Recorte do estêncil	153
Figura 108 — Primeira experiência com impressão serigráfica.....	154
Figura 109 — Secagem das blusas	154
Figura 110 — Início da ação na Praça do Banco do Nordeste	156
Figura 111 — Conversa com flores vivas - Daurileide	157
Figura 112 — Conversa com flores vivas - Vitória.....	159
Figura 113 — Conversa com flores vivas - Abordagem	160
Figura 114 — Cristian e o manequim	161
Figura 115 — Conversa com flores vivas - Milena e Manu Alice.....	162
Figura 116 — Registro final da ação na Praça do Banco do Nordeste	163
Figura 117 — Imagens de referência (Manu Alice e Praça do Banco do Nordeste) ...	165
Figura 118 — Desenhando a Alice.....	166
Figura 119 — Páginas produzidas.....	166
Figura 120 — Início da nossa reunião na praça do Patronato	169
Figura 121 — Releitura feita por Tamires (Esquerda) e personagem do livro "A Árvore Vermelha", de Sahun Tan (Direita)	170
Figura 122 — Seis variações de transição quadro a quadro.....	171
Figura 123 — Transição de aspecto a aspecto	172
Figura 124 — Desenhando o espaço da praça: Tamires	173
Figura 125 — Desenhando o espaço da praça: Cristian.....	174
Figura 126 — Desenhando o espaço da praça: Lívia	175
Figura 127 — Desenhando o espaço da praça - Levi.....	175
Figura 128 — Desenhando o espaço da praça: Ícaro	176
Figura 129 — Desenhando o espaço da praça: Raquel	176
Figura 130 — Início da reunião na praça do Seminário.....	179
Figura 131 — Capa da HQ "Fio do Vento", de Camilo Solano (2019)	179
Figura 132 — Permuta de leituras antes da ação de troca com a mala-expositor	182
Figura 133 — Intervenção de Lucas e Sara na mala-expositor.....	182
Figura 134 — Escrituras feitas por Lucas e Sara	183

Figura 135 — Intervenção de Adrian na mala-expositor	184
Figura 136 — Desenho do Sonic feito por Adrian na mala-expositor	184
Figura 137 — "Boîte en Valise", Marcel Duchamp (1938)	185
Figura 138 — "Caixas Fluxus", Fluxus.....	186

LISTA DE ABREVIATURAS

UFC – Universidade Federal do Ceará

UECE – Universidade Estadual do Ceará

FAFIDAM/UECE – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/UECE

LICCA – Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte

MAUC - Museu de Arte da UFC

PPGArtes da UFC – Programa de Pós-graduação em Artes da UFC

ICA – Instituto de Cultura e Arte da UFC

CCBNB – Centro Cultural Banco do Nordeste

PACCE - Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 ZINE E PERCURSO.....	22
3 DOIS TRABALHOS	42
3.1 Zine-óculos: um olhar sobre a sala 109.....	44
3.1.1 Breve relato de quem passeia na sala 109	44
3.1.2 “Um olho no peixe e outro no gato”	46
3.1.3 Proposições para um inventário da sala 109.....	47
3.1.4 “Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.”	48
3.1.5 Um conto de duas cidades.....	51
3.1.6 Alguns óculos depois	54
3.2 Arte e política: malas na cidade e o conceito de comum	56
3.2.1 Ateliê de Criação IV	60
3.2.2 A criação do fanzine-mala	61
3.2.3 Ação na rua: momento de troca e criação.....	64
3.2.4 O comum	69
3.2.5 Malas-destino-etc.....	72
4 PRELÚDIO	74
4.1 Notas sobre o Salão de Artes.....	74
4.2 Quem somos e a que viemos	79
4.3 Zine-Cidade: conjunto, experimentação, ação na cidade e costura	83
5 ZINE-CIDADE EM LIMOEIRO DO NORTE	89
5.1 Modos de ler: diagramas, linhas do tempo e fragmentos.....	89
5.2 A seleção de material: desenho, releitura e criação de zines feitos na sala de informática do Colégio Diocesano	91
5.2.1 <i>Sketchbooks</i> : Laboratório Romã.....	97
5.2.2 “Revista Kuandu”	100

5.2.3 Cumprindo desafios: Zé mosquitão.....	101
5.2.4 Releituras da “Revista de Cultura Kuandu” (1977)	101
5.2.5 Desenho com limitação de tempo.....	103
5.2.6 Montagem de zines	103
5.3 A composição e ilustração: composição de uma caixa de leitura de zine na Biblioteca Municipal Dr. João Eduardo Neto	106
5.3.1 Caixas na de leitura na cidade	106
5.3.2 Outra sala, outro lugar	109
5.3.3 Cola, papel e tesoura	112
5.3.4 Revisitando a caixa de leitura da biblioteca pública.....	114
5.4 A paginação: perfis limoeirenses na Praça Cel. José Osterne	116
5.4.1 Desenhando na Praça da Matriz.....	116
5.4.2 Perfis limoeirenses.....	119
5.4.3 Rostos e números: montagem de uma matriz-dado.....	130
5.4.4 Matrizes-dado e zines tridimensionais	134
5.5 A impressão: conversa com flores vivas na Praça da Nossa Senhora da Assunção	140
5.5.1 Canteiros do lado de cá do espelho	142
5.5.2 Transformando-nos em flores vivas: preparando um buquê <i>silk-screen</i>	144
5.5.3 “Seu segundo nome é Alice?”	147
5.5.4 Prólogo de uma conversa com flores	149
5.5.5 Um quarto pode ser um canteiro	150
5.5.6 16 de novembro de 2019.....	155
5.5.7 Aproximação entre linguagens.....	163
5.5.8 Desenhando com referências	164
5.6 A intercalação: desenhos do espaço da Praça do Maria José de Freitas	167
5.6.1 Leituras semanais.....	168

5.6.2 Desenhando a praça – Aspecto a aspecto	171
5.6.3 Desenhando a praça Maria José de Freitas	172
5.7 A troca: Mala-Expositor, itinerância na Praça José Jerônimo e no centro da cidade	178
5.7.1 Troca de lugares, troca de zines	180
5.7.2 Mala-expositor: troca e intervenção	180
5.7.3 Conversa entre malas.....	184
5.8 A última ação.....	188
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195
APÊNDICE A — A MALA-DISSERTAÇÃO, EXPLICAÇÕES SOBRE O FORMATO E ENTREGA DO TRABALHO	199
APÊNDICE B — VESTÍGIOS DE COAUTORIA: CAPA DO TRABALHO ASSINADA PELOS MEMBROS DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES	201
APÊNDICE C — IMAGEM DAS PÁGINAS PRODUZIDAS PARA OS ZINES DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES	202
APÊNDICE D — ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ LIMA MALVEIRA SOBRE A REVISTA “NEOBARROCA” (CONCEDIDA EM 7 DE FEVEREIRO DE 2020)	219
APÊNDICE E — TRANSCRIÇÃO DE MENSAGEM DE ÁUDIO ENVIADA VIA WHATSAPP POR ARLENE HOLANDA (CONCEDIDA EM 27 DE SETEMBRO DE 2019)	221
APÊNDICE F — TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO DE CONVERSA ENTRE OS MEMBROS DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES, REALIZADA EM 12 DE DEZEMBRO DE 2019	222

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 — QR Code que dá acesso aos arquivos digitais do zine “A Revista”



Fonte: Acervo pessoal.

A essência deste trabalho está nos zines e também no que há por trás deles, na vontade de os fazer, de os ler, de ver a sua circulação entre as pessoas, apresentá-los para quem não os conhece, viver a cidade através deles. A produção de zines é a luz que se acende e norteia a pesquisa em diferentes territórios, desde a escola, quando comecei a fazer zines em 2013, no Colégio Diocesano, e os incluí no programa de conteúdos das aulas de Artes, permitindo discutir com os alunos sobre os desafios de criar do zero uma publicação. Esse percurso se estende ao mestrado em Artes da UFC, em que o pensamento em artes e processo de criação me fizeram estender as formas de produção de zines até as fronteiras das outras linguagens artísticas como a performance, o jogo, o livro de artista e os quadrinhos. Por fim, durante as ações finais desta pesquisa, junto as duas pontas do fio que a constituem por meio da experiência na cidade. Portanto, aí, escola e mestrado se misturam, assim como minha condição de professor e aluno.

Em meio a toda esta miscelânea de coisas vividas, está o deslocamento entre cidades, principalmente Limoeiro-Fortaleza, também Quixadá, as horas de sono perdidas, a multiplicação dos cadernos de anotação, *sketchbooks*, esboços, bonecos de publicação, os eventos e lugares a que fui e que se relacionam às publicações independentes. Além disso, há a formação do Grupo de Criação e Artes, que surge a partir de uma orientação para um evento que acontece no Colégio Diocesano desde longa data, o Salão de Artes.

A pergunta que subjaz a essas vivências e que veio amadurecendo ao longo do percurso diz respeito à possibilidade de criação de um zine-cidade. Como fazê-lo? Que aparência teria? Como o zine e a cidade podem se atravessar, permear, imbricar? Minha experiência, até então, traz os zines relacionados à escola e à minha própria casa. Partir para outros espaços e os misturar ao processo de criação, vivenciar a cidade de Limoeiro

do Norte, dentro de uma perspectiva de relação arte-vida, foi uma escolha que fiz e que o grupo aceitou. E foi em torno dessa experiência que decidi alinhar a pesquisa.

E não fiz esse caminho só. O Grupo de Criação e Artes teve sua primeira reunião no dia 21 de agosto de 2019. Entre os meses de agosto de 2019 e janeiro de 2020, recorte de tempo desta pesquisa, o grupo realizou 19 reuniões. Destas, 13 foram no espaço do Colégio Diocesano e 6 em diferentes espaços da cidade de Limoeiro do Norte. Estabelecemos uma linha de comunicação por meio de um grupo no Whatsapp, com o mesmo nome do grupo e, por lá, articulamos nossos encontros, reuniões e ações, que se estenderam para além do período letivo de aulas.

Ao longo das atividades realizadas, buscamos nos conectar com aspectos históricos da cidade, como a produção de revistas artesanais e a própria história do Colégio Diocesano, uma instituição tradicional da cidade, com quase oitenta anos de fundação. Buscamos inserir as ações e vivências na cidade dentro da lógica do processo de criação de zines. O resultado desse trabalho é o registro dos momentos vividos nesses espaços e a produção de cinco publicações: “Zé Mosquitão”, “Mini Kuandu”, “Perfis Limoeirenses”, “Conversa com Flores Vivas em Limoeiro do Norte (e o cara do som)”, “A Praça”. Houve também a composição de uma caixa de leitura por meio de colagem e do uso de uma mala-expositor para troca e interação.

As ações do Grupo de Criação e Artes foram pensadas de modo a buscar a participação das pessoas de Limoeiro do Norte: a interação com os espaços e aqueles que nele estão foram fundamentais para a produção dos zines que refletem, de certo modo, essa vivência e essas presenças em suas páginas. Trazer as pessoas e o cotidiano da cidade para dentro do trabalho é uma forma de disparar o nosso processo de criação de zines.

Este texto, em seu todo, traz uma noção de percurso. Seguindo por ele, as mudanças que sinto terem acontecido devem se fazer perceber com sua leitura. Sua escrita está dividida em quatro partes, que compreendem os diferentes momentos da pesquisa e o gradual amadurecimento de ideias que se somam, ao final, na composição do zinecidade. O fio da meada é o processo de composição de zines.

A primeira parte traz um zine com uma história em quadrinhos chamada “A Revista”. Trata-se de uma homenagem aos zines e publicações independentes. O que se segue é uma pesquisa sobre os zines e seu processo de criação, seu histórico e caracterização, fundamentados por autores como MAGALHÃES (1993) e GUIMARÃES (2005). Junto a esta investigação, proponho um diálogo com minha experiência pessoal com os zines, ao passo que apresento minha produção nesse segmento. Falo sobre o zine

“Grama de Poesia” e de sua importância como publicação e como laboratório de experimentação para mim.

A segunda parte apresenta dois momentos de criação no mestrado em Artes ao longo do ano de 2018. A primeira se trata de um Zine-Óculos, protótipo de zine que busca estimular uma experiência na forma de ver o espaço da sala 109, onde acontece uma parte das atividades do mestrado em Artes e que se constitui como um lugar de pensamento, criação e experimentação em artes. A segunda diz respeito à participação em um trabalho coletivo chamado “Amá-la”, que consistiu em uma ação nas imediações do cruzamento da Av. da Universidade com a Av. 13 de Maio, em Fortaleza- CE. Nesse contexto, levei um zine de minha autoria chamado “zine-mala”, que estava à disposição para troca. O transeunte que se interessasse em levar esse zine teria que escrever sobre sua experiência com a cidade, criando, assim, a página para o meu próximo zine. Os trabalhos feitos durante as disciplinas, nortearam as ações que fiz na cidade de Limoeiro do Norte durante a composição do zine-cidade.

A terceira parte, que se chama “Prelúdio”, traz um breve histórico da formação do Grupo de Criação e Artes e apresenta seus membros, coautores¹ do trabalho aqui apresentado. A estrutura do zine-cidade se apresenta, partindo das etapas do modo de produção descritos por Magalhães (1993). Para cada uma das sete etapas do processo de criação descritos pelo autor, um zine diferente foi pensado, acrescentando-se, ao processo de cada um, a ação feita na cidade. Por meio de tabelas e diagramas, essa organização de ações é apresentada.

A quarta e última parte trata dos processos de criação a partir das ações que fizemos. Cada um dos seis segmentos dessa parte aborda uma ação feita na rua e suas interferências no processo de criação apresentado inicialmente por Magalhães (1993). Dentre elas, estão: A seleção de material: desenho, releitura e criação de zines feitos na sala de informática do Colégio Diocesano; A composição e a ilustração: composição de uma caixa de leitura de zine na Biblioteca Municipal Dr. João Eduardo Neto; A paginação: perfis limoeirenses na Praça da Cel. José Osterne; A impressão: conversa com flores vivas na Praça de Nossa Senhora da Assunção; A intercalação: desenhos do espaço da Praça do Maria José de Freitas; A troca: Mala-Expositor, itinerância na Praça José Jerônimo e no centro da cidade.

¹ Consultar APÊNDICE B — VESTÍGIOS DE COAUTORIA: CAPA DO TRABALHO ASSINADA PELOS MEMBROS DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES.

2 ZINE E PERCURSO

Tenho pensado muito nos zines e em como explorar diferentes caminhos dentro de um processo criativo que surge a partir deles. Passados alguns anos, muitas mudanças aconteceram desde o momento em que fiz meu primeiro zine e talvez a mais importante delas tenha sido a entrada no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC com um trabalho centrado no zine como objeto de pesquisa. Outras mudanças se seguiram, mais cotidianas e não menos representativas. Menciono os tipos de costura para encadernação que aprendi, o contato e convivência com artistas e zineiros de diferentes cidades, eventos e espaços que passei a frequentar e que influenciaram diretamente na minha forma de pensar a publicação alternativa.

De certo modo, muito está registrado no trabalho aqui apresentado. Este tem como ponto de partida minha produção, envereda pela investigação de referenciais teóricos que possam sustentar um trabalho sobre os zines guiado pela prática e experiência, cuja culminância está na composição de um Zine-Cidade. Sua forma se define pelas ações desenvolvidas no espaço da cidade, uma perspectiva nova para mim, que encaminha novas formas de encarar os processos de criação que tenho utilizado, em busca de um ponto de vista diferente. Situando no âmbito da arte contemporânea, o objetivo deste trabalho prático-teórico está no seu caráter de experimentação: fundir o que é próprio do zine, com o que é próprio da experiência na a cidade ou com a cidade.

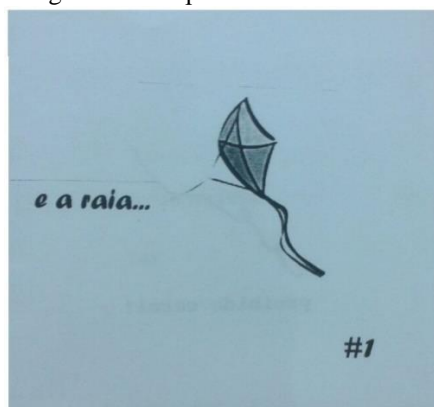
Nesta primeira parte que segue, apresento a noção de percurso, em que tento delinear o que entendo por zine e como tenho trabalhado sua produção, antes mesmo de começar esta pesquisa. Aqui, outras vozes se somam à minha. Podem ser ouvidas e lidas nas obras cada vez mais numerosas de zineiros, pesquisadores e professores que apresentam o zine como tema e objeto, como referencial de pesquisa ou prática artística. Por sua vez, representam o escopo teórico com que misturo minha produção e prática com o zine - a história do que tenho feito.

* * *

Soube dos zines quando ainda fazia faculdade de Letras/Português, no Centro de Humanidades da UECE, localizado na Av. Luciano Carneiro. Àquela época, por volta de dezembro de 2010, tinha aulas no turno da manhã e à noite. Não raro, costumava passar as tardes na faculdade. Tinha muito gosto por ficar à toa no pátio interno do CH, pequeno,

mas bastante arborizado, que me lembrava outros onde já tinha estado, nas escolas de Limoeiro do Norte², minha cidade natal. Em um dessas tardes ajudei a montar o zine “*e a raia...*”, de autoria de um colega de curso, Jony Kellson. Tiramos as cópias em um *cyber café* próximo, logo depois do almoço. Como Jony era bolsista de trabalho locado na biblioteca, tínhamos acesso ao espaço de restauro de livros, uma saleta por trás do balcão, onde cortamos as cópias daquele número com uma guilhotina de cortar papel que lá havia, e fizemos a montagem.

Figura 2 — Capa do zine “*e a raia...*”

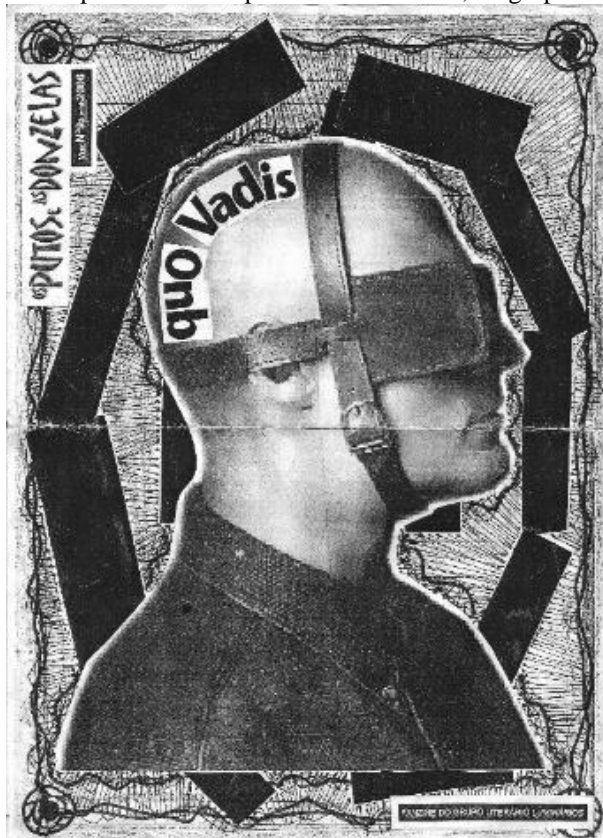


Fonte: Acervo pessoal.

Não só ganhei uma cópia como conversamos bastante sobre os zines, suas características como publicação, ao passo que Jony ia pontuando a conversa com alguns causos. Um deles dizia respeito à polêmica causada pelo zine coletivo em que participava, chamado “Os Putos e as Donzelas”. Seus números eram distribuídos na própria cidade, Redenção, no Polo da Serra de Guaramiranga, onde Jony morava. O título contava com uma miscelânea de poemas, colagens, fotos, desenhos e era editado pelo grupo literário do qual meu colega era membro, os Luminários. As cópias eram distribuídas principalmente entre conhecidos e deixadas em diferentes lugares da cidade para que as pessoas pudessem levar. A publicação também circulava entre vários grupos e, sem demora, foi taxada como inadequada e vulgar pelo teor erótico de muitos poemas nela publicados. Logo, a comunidade religiosa local começou a difamar o grupo e se falou em queimar os zines, situação que os Luminários encaravam com divertimento

² Limoeiro do Norte é um município brasileiro, no estado do Ceará, na Região Nordeste do Brasil. Localizado na Mesorregião do Jaguaribe, na Microrregião do Baixo Jaguaribe, no Vale do Jaguaribe. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Limoeiro_do_Norte

Figura 3 — Capa do zine “Os putos e as donzelas”, do grupo Luminários



Fonte: acevo pessoal.

Ganhei algumas cópias do zine Os Putos e as Donzelas, tenho-as guardadas e volta em meia penso naquela tarde em que montei o zine com Jony e escutei as histórias de Redenção. Em 2013, alguns anos depois, fiz menção ao zine “e a raia...” e sua influência sobre minhas publicações em zine, quando fechei o ciclo de dez edições do “Gramma de Poesia”. Este foi o primeiro zine de minha autoria.

Figura 4 — Página do zine “Gramma de Poesia #10”
e a raia...

O primeiro fanzine que me lembro de ler chamava-se: e a raia... do meu amigo Jony Kellson. Se não tivéssemos entrado na biblioteca da UEGE naquele dia pra recortar e montar uma das edições, confesso que a ideia do Gramma não teria vindo.

Abaixo, a reprodução de algumas páginas da sua primeira edição, publicada em dezembro de 2010.



Fonte: acevo pessoal.

Como pude perceber ao pesquisar depois, a maioria dos trabalhos acadêmicos sobre zine feitos no Brasil encontra referência na obra de Henrique Magalhães, um dos primeiros professores-pesquisadores a estudar o zine como forma de expressão e publicação. Muitas informações que ficaram da conversa que tive com Jony sobre os zines e tantas outras estavam presentes de forma mais organizada em um livro do Henrique: “O que é fanzine”, publicado em 1993 pela “Coleção Primeiros Passos”. Uma publicação que traz, de maneira sintética, reflexões essenciais sobre o tema. Logo no início, o autor explica o sentido da palavra fanzine, do inglês, sendo formada pela junção dos vocábulos *fanatic* e *magazine*, ou seja, fanzine seria a revista do fã. Portanto, a palavra zine pode ser entendida como a abreviação da palavra *fanzine*, mas também pode ser uma escolha dos seus editores.

Apesar de os primeiros zines se ligarem à atividade dos faneditores de ficção científica, no início da década de 30, as edições do grupo Luminários tinham como intenção difundir poesia autoral na cidade. Isso indica que, desde seu surgimento, os zines têm mudado bastante. Tomando esse grupo como exemplo, entendo que não era interesse imediato de seus integrantes prestar uma homenagem ou expressar a condição de fã por alguém ou algum tema utilizando o zine como veículo. Na verdade, a publicação era uma forma de se inserirem na cena da cultural em seu município. Muitos zines produzidos hoje se desviam do que podemos chamar de cultura do fã. Essa perspectiva não dá conta da diversidade de títulos e processos que o zine apresenta como expressão múltipla que é.

Outras questões acompanham a trajetória do zine e sua caracterização, para além da revista do fã, como a diversidade de temas e formatos que ele passou a assumir, de modo que se tornou difícil distingui-lo das revistas e publicações alternativas. Sobre este ponto em particular, o pesquisador e zineiro Edgard Guimarães, editor do “Informativo de Quadrinhos Independentes”, dentre outros títulos, fala como as definições de zine e revista alternativa foram espontaneamente se misturando:

Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada de Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado. Assim, são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante (GUIMARÃES, 2005, p. 11-12).

Em alguns trabalhos acadêmicos nos quais pesquisei, os autores preferem utilizar o termo *zine* para qualificar de forma mais ampla a publicação e fugir do estereótipo do fã. Assim, “o zine seria essa revista alternativa que não tem como foco o fanatismo por algum tema” (BUSANELLO, 2015, p. 34). Fernanda Meirelles, em seu trabalho de mestrado “Cartas ao zine esputinique: escritas de si e invenções de nós da rede”, explica sua preferência por usar o termo *zine*, partindo dos estudos de Stephen Duncombe:

(...) poucos zines hoje são feitos por pessoas no sentido de idolatrar algo ou alguém, mas sim de criar e opinar a tratar dos mais diversos temas e através de diferentes formatos e linguagens. Duncombe (2008) considera os fanzines uma subcategoria, assim como os zines de quadrinhos, zines de viagem, zines-catálogos, entre muitos. Concordo com o autor e adoto o termo *zine* (MEIRELLES, 2013, p. 43).

O motivo da palavra zine ser cada vez mais utilizada pelos zineiros está relacionado à diversidade de publicações e heterogeneidade de processos. A versatilidade do termo, que acaba englobando uma variedade maior de trabalhos, também está na mudança de gênero da palavra — é comum se dizer o zine tanto quanto a zine. Particularmente, sempre usei o masculino, pois relacionava-os, inicialmente, a livretos ou pequenos livros que traziam uma leitura rápida.

Embora os zines e seus processos de criação sejam uma parte central do trabalho aqui desenvolvido, também procuro desvencilhar o conceito desse viés que os associa à ideia do fã/aficionado pois entendo essa perspectiva como limitadora, além de não ter centralidade em uma pesquisa cuja contribuição está no âmbito da Arte Contemporânea e não no universo do fã, dos colecionadores, dos integrantes de fã-clube, etc. É dessa forma que explico, portanto, o título do trabalho ser “Zine-Cidade”, e não “Fanzine-Cidade”, uma vez que seu ponto de partida é o alargamento da fronteira imposta pela definição inicial deste tipo de publicação.

O primeiro zine que escrevi e montei foi o “Grama de Poesia”. Nele pus os poemas que escrevia em diversos cadernos e seu lançamento data aproximadamente do primeiro semestre de 2013. O tamanho foi inspirado no formato do “e a raia...”, sendo que cada página sua correspondia a 1/6 de folha de ofício (10cm x 10cm). Foram feitos dez números desse zine, tendo concluído o último deles em agosto de 2015. O “Grama de Poesia” foi meu fértil terreno de experimentação, pois, se no início minha intenção era publicar os poemas que fazia, as edições seguintes já traziam várias composições gráficas

diversas e mudanças de formato que fui incorporando à ideia inicial, que se restringia ao âmbito da criação literária.

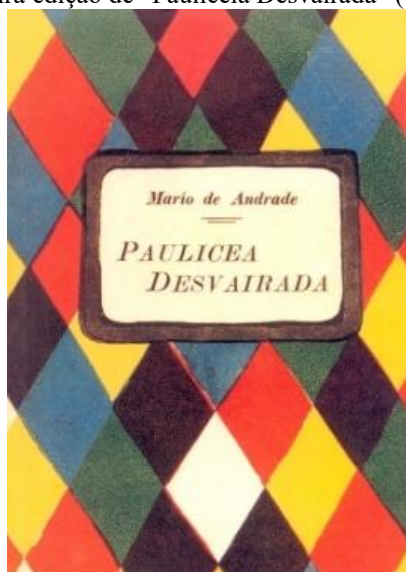
Figura 5 — Capa do “Gramma de Poesia #1”



Fonte: acevo pessoal.

O fundo de losangos coloridos e o prato no centro foi um padrão que se manteve em quase todas as edições. As poesias que vinham dentro do meu zine seriam os grammas que serviriam de alimento para quem as lesse. Apesar de ser um título metafórico, os grammas (ou poemas!) eram servidos em pratos que, diferentes uns dos outros e junto com seus respectivos talheres, ilustravam as capas. Portanto, tratava-se de um jogo de conotação e denotação. Os losangos, bem aparentados com toalhas de mesa no contexto em que são desenhados, são referência a uma obra de que gosto e cuja edição primeira se encontra esgotada há bastante tempo: “Paulicéia Desvairada”, marco da poesia modernista publicado em 1922, de Mário de Andrade.

Figura 6 — Capa da primeira edição de “Pauliceia Desvairada” (1922), de Mário de Andrade



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/livro-pauliceia-desvairada-de-mario-de-andrade-sao-paulo/>

Ao entender o zine como uma publicação, naturalmente passamos a encarar o zineiro como um editor, que escolhe o tipo de conteúdo que passa a fazer parte da edição que está produzindo e como esse respectivo conteúdo aparece. Portanto, o que rege a distribuição dos zines não é o lucro que se pode ter com eles, a demanda de um público leitor ou qualquer ideia ou posicionamento que seja de interesse de uma empresa ou grupo comercial, mas a visão particular do editor. Talvez essa diferença é o que separa os zines das revistas profissionais, como explica Edgar Guimarães:

Como precisa vender para se sustentar, a revista comercial tenta oferecer o que uma parcela do público leitor quer, ou seja, a revista profissional é feita em função do leitor. O fanzine, ao contrário, é a forma de expressão do editor, ou grupo de editores. O que define a pauta do fanzine é aquilo que seu editor deseja compartilhar com seus leitores. O fanzine é caracterizado pela independência do editor (GUIMARÃES, 2005, p. 12).

Essa forma de edição, que tem como característica a independência do zineiro, possibilita controle sobre todas as etapas do processo, o que não é possível acontecer na revista profissional. Ao longo do tempo, não raro, a produção de conteúdo e a edição, como atividades separadas, feitas por pessoas diferentes, têm gerado todo o tipo de conflito. Um exemplo pontual que cito foi um caso envolvendo o escritor norte-americano J.D. Salinger. Este, certa feita, deixou o amigo A.E. Hotchner encarregado de acompanhar a adição de um conto seu para a revista “Cosmopolitan”. Hotchner, apesar de trabalhar para a revista, não era o editor de ficção e o título do conto foi mudando sem que ele soubesse:

A.E.HOTCHNER: Os contos anteriores de Salinger para a Cosmopolitan tinham sofrido leves alterações na edição, e assim ele anexou um bilhete ao conto [“Scratch Needle on a Phonograph Record”] que dizia “Ou assim, ou nada”. Apesar disso, Arthur quis publicar o texto, e acompanhei todo o processo até a impressão. Tudo certo. Mas me esqueci de conferir o título. Arthur decidira agradar os leitores e deu o nome de “Blue Melody”. Nunca me passou pela cabeça que ele mudaria o título. Ele mudou na prova do prelo, que é a prova final que chega até nós antes de rodar. Embora venha marcada como “prelo”, não pode ser alterada porque já está sendo impressa (SALAERNO; SHIELDS, 2014, p. 230).

Depois do episódio acima, J.D. Salinger ficou furioso e nunca mais voltou a ver o colega. Diferentemente da atividade editorial das revistas profissionais como a “Cosmopolitan”, mencionada acima, acredito que a edição de zines propõe uma lógica de produção do conteúdo e publicação que dá maior autonomia aos zineiros. Isso não quer dizer que não existam limitações e uma delas talvez seja o fato de os zines não terem

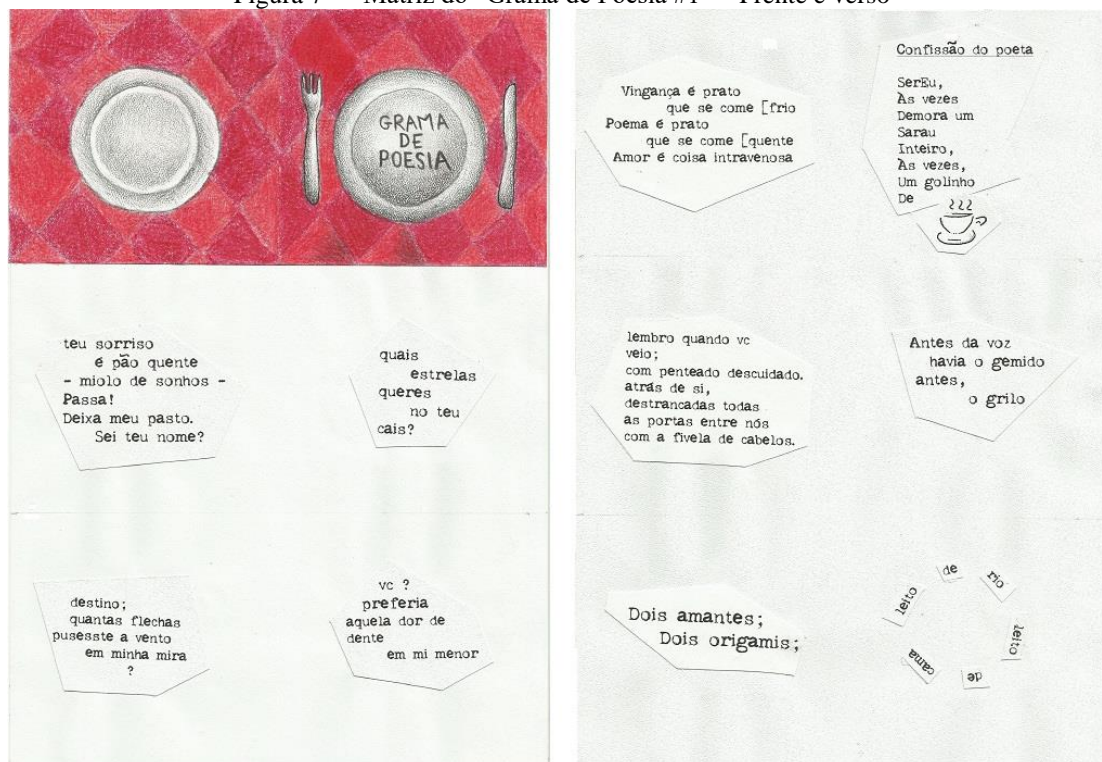
muito alcance — são muitas vezes enviados por correio ou trocados e vendidos de mão em mão, não contando com as facilidades logísticas de distribuição que as editoras geralmente têm. Fora de um esquema essencialmente comercial é que a autonomia do zineiro se torna uma vantagem como liberdade criativa.

Pus à prova a autonomia dos zineiros enquanto editava o “Gramma de Poesia”, que entendo como meu laboratório de experimentação com os zines. Como nunca tinha feito nenhum tipo de experiência com edição de publicação antes, fui aprendendo enquanto fazia. A cada número fui aprimorando minha maneira de pensar os zines, tanto em formato quanto em conteúdo. Esse argumento se funda, antes de tudo, no saber-fazer como experiência continuada, em processo constante. Penso nessa questão quando lembro que esqueci de pôr nome e endereço no primeiro número do “Gramma”, omitindo minha identidade como responsável pela publicação.

Apesar de ser uma publicação aparentemente simples, fazer um zine exige entendimento do processo editorial em suas diferentes etapas de produção. Dentre elas, podemos citar: a escolha do tema e seleção de material; composição e ilustração; paginação; impressão; intercalação; distribuição e venda; divulgação (MAGALHÃES, 1993, p. 68, 69 e 70). No entanto, cada zineiro traça um itinerário bem ao seu gosto por essas diferentes etapas, o que faz com que não exista uma forma certa ou padronizada de se fazer um zine. Portanto, é possível reinventar a forma como fazemos um zine toda vez que fazemos um. Reside aí uma transgressão em relação ao processo editorial tradicional, marcada pela cultura/postura do “*Do it yourself*”, herança de uma época em que os zines estavam intimamente ligados aos desdobramentos do Movimento Punk, nas décadas de 60 e 70.

Edgar Magalhães, ao falar sobre o processo de produção do zine, menciona a criação de uma matriz de cópia. Apesar de o autor não utilizar essa expressão especificamente, ela se constitui numa etapa básica e se caracteriza “na montagem de ilustrações e material coletado nas folhas do papel escolhido no formato em que será reproduzido (GUIMARÃES, 2005, p. 23). A matriz de cópia do “Gramma de Poesia”, por exemplo, até o número #4, consistiu em uma folha de ofício, frente e verso, em que os textos e desenhos escolhidos foram colados logo depois de serem impressos e recortados. A paginação foi feita dividindo-se os dois lados da folha A4 em 6 partes (10cm x 10 cm). O papel em que todos foram feitos foi o casca de ovo com gramatura 180.

Figura 7 — Matriz do “Gramma de Poesia #1” – Frente e verso



Fonte: acervo pessoal.

O papel casca de ovo, dentre suas tantas funções e usos, é empregado principalmente para impressão de convites de toda a sorte. Apesar de mais caro que o papel ofício e de dar uma aparência mais requintada ao zine, o que me chamou atenção nesse papel foi sua textura, com uma rugosidade uniforme e agradável ao tato. Sua escolha foi intuitiva e não me passou pela cabeça dar a ele uma aparência de convite (um convite à poesia, quem sabe!). No entanto, acredito já estava ali a ideia de provocar uma mínima experiência entre o leitor e o papel, além da leitura em si.

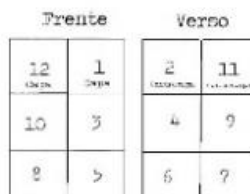
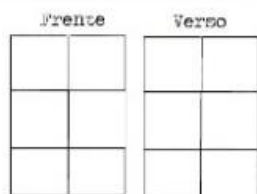
Nas últimas páginas do “Gramma de Poesia #10”, publiquei um infográfico simples em que mostro como fiz a paginação e montagem dos números anteriores do zine. O passo a passo que lá está representado busca estimular a produção dos zines, sem que o zineiro iniciante precisasse seguir o formato em que o “Gramma” feito. Trata-se, nesse sentido, de um referencial básico, um ponto de partida de onde cada um pudesse disparar seu próprio processo.

Figura 8 — Figura - Página do zine “Gramma de Poesia #10”

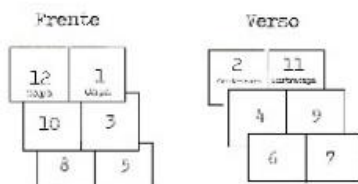
Criando um fanzine

passo a passo

1º Passo: Fazer as marcações na folha de ofício (divisão em 6 partes).



2º Passo: Numerar as lacunas da matriz para entender a sequência das páginas (cole o conteúdo nos espaços para concluir a matriz).

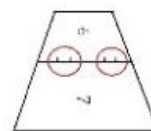


3º Passo: Depois de feita a cópia a partir da matriz, aquela deve ser cortada horizontalmente nas respectivas marcações.



4º passo: Sobreponha as partes e dobre ao meio.
Página número 1: Capa da frente.
Página Número 12: Capa de trás.

5º passo:
Grampear fanzine de fora pra dentro.
Fechar grampos e dobrar novamente o fanzine. Voilà!



Fonte: Acervo pessoal.

Algumas cópias do “Gramma de Poesia” foram impressas após escaneada a matriz, outras foram xerocopiadas. A montagem foi feita em casa, cada página impressa foi recortada e depois suas partes foram montadas manualmente, afixadas com grampo no dorso. Não foi feita divulgação e sua distribuição se deu entre familiares, amigos e alunos do Colégio Diocesano Pe. Anchieta, escola em que ministro aulas de Literatura e Arte-Educação desde 2012. Portanto, considero que sua produção e montagem foi feita de modo artesanal, o que aponta para seu caráter de publicação alternativa. Sobre este tipo em especial de publicação, Magalhães comenta:

Com frequência o termo alternativo tem sido usado para identificar os meios de comunicação utilizados pela esquerda, como jornais, panfletos, audiovisuais, filmes proletários ou ligados a sindicatos, em contraposição à política oficial. Mas é também usado para designar as publicações de produção artesanal, feitas em mimeógrafos, fotocópias e serigrafias. Com críticas ao sistema capitalista e à sociedade burguesa (MAGALHÃES, 2013, p. 26).

Assim, o alternativo se caracteriza como uma postura contra-hegemônica e, dependendo do lugar em que se está, as noções de alternativo podem mudar e se estabelecer a partir de atitudes e comportamentos diferentes. Magalhães ressalta que “os elementos alternativos da comunicação podem ser identificados na forma de produção, na mensagem ou na linguagem empregada” (MAGALHÃES, 2013, p. 26). Dependendo do referencial que temos, é difícil estabelecer uma definição ampla para o que entendemos como alternativo. Fontcuerba e Mompert dão um passo nesse sentido ao definir o conceito:

Lo alternativo en comunicación no existe como definición estable ni puede existir. Lo alternativo depende de la conjuntura concreta de cada panorama comunicativo. Más que hablar de comunicación alternativa hay que referirse a elementos alternativos en la comunicación (FONTCUERBA, MOMPART, 1938, p. 26).

Sobre a comunicação alternativa nos zines, Magalhães destaca a importância da mensagem transmitida:

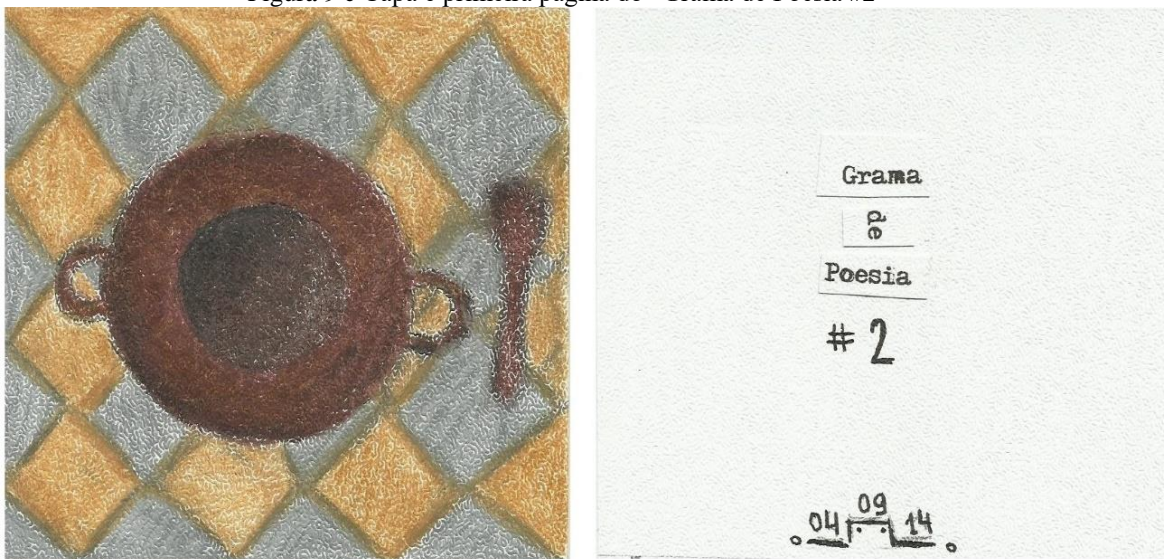
Dentre os elementos que caracterizam as publicações alternativas, ressaltamos, portanto, a mensagem como o mais importante, por seu conteúdo reflexivo e questionador. No entanto, vale lembrar que quanto maior a confluência de todos os elementos, maior seu poder de transformação” (MAGALHÃES, 2013, p. 28).

Acredito que a variedade da produção dos zines atualmente não deixa apenas a cargo da mensagem a importância de uma publicação como prática alternativa. O “Grama de Poesia”, por exemplo, encaixa-se nesse segmento se levarmos em conta sua forma de produção, notadamente artesanal. Quando escrevi os poemas, não busquei na linguagem uma forma de enfrentamento, caso não se entenda a própria linguagem poética como um modo mais amplo de resistência. Sempre estive mais interessado em explorar o jogo da linguagem em combinação com a representação visual, pensando caminhos lúdicos. Como o zine é um objeto mutante, acredito que ele encontra uma razão de ser ao se infiltrar à sua maneira nos mais diferentes contextos, criando amplas formas de conexão e diálogo. É aí que o “Grama de Poesia” se justifica como publicação alternativa, ao articular novos diálogos e formas de fazer.

A partir do “Grama de Poesia #2”, passei a assinar o zine ao final, usando como pseudônimo o apelido dado por minha mãe: “Kim”. O título passou a vir dentro na primeira página da edição e a capa trazia apenas o fundo desenhado com lápis de cor

contendo os losangos e o recipiente onde os gramas seriam servidos. Foi a forma que encontrei de fazer com que ela ficasse visualmente mais limpa. O conteúdo essencialmente poético permaneceu, mas agora com algumas experimentações com desenhos, colagens, aquarela e técnicas mistas. Essas mudanças acompanharam os próximos números, o “Gramma de Poesia #”3, e o #4.

Figura 9 c Capa e primeira página do “Gramma de Poesia #2”



Fonte: Acervo pessoal.

A periodicidade do Gramma de Poesia, inconstante no início, passou a ser mensal a partir de 2015. Este é um aspecto que depende muito do tempo livre que o zineiro tem para dedicar à sua publicação, então muitos zines têm um intervalo de tempo irregular entre um número e outro. No caso do “Gramma”, a dificuldade estava em conciliar minha carga horária como professor com o tempo demandado para cada etapa do processo de criação. Outra dificuldade, no que concerne ao tempo, foi a escolha de um caminho de criação que assimila experimentações de linguagens e técnicas, processo que tem seu ritmo próprio, pois se insere em uma lógica de tentativa e erro que surge da adaptação aos diferentes materiais. Em novembro de 2014, fiz várias versões de uma aquarela para o terceiro número do “Gramma”, embora não tivesse familiaridade com este tipo de pintura, o que resultou em inúmeras tentativas até chegar a uma pintura que resolvi acrescentar ao zine: tratava-se de uma nota floral.

Figura 10 — Uma das tentativas de pintura em aquarela para composição de nota floral



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 — Nota floral publicada no “Gramma de Poesia #3”, em novembro de 2014



Fonte: Acervo pessoal.

A colagem, procedimento muito comum utilizado pelos zineiros, foi um dos recursos que também incorporei. O “Gramma de Poesia #4” traz um processo de colagem que combina pinturas feitas em tela com manuscritos em folhas pigmentadas com borra de café. Em seu contexto mais amplo, os números do Gramma de Poesia não trouxeram elementos da cidade para a composição. O que fiz foi um passeio por técnicas da linguagem visual em consonância com a poesia, como uma forma de chegar a novos resultados em termos de criação. Era uma tentativa de combinar poesia com composições visuais diversas.

Figura 12 — Colagem publicada no “Gramma de Poesia #4”, em janeiro de 2015



Fonte: Acervo pessoal.

Após as primeiras experiências com o “Gramma de Poesia”, tentei intervir no seu formato. Naturalmente as experimentações que vinha fazendo na tentativa de tensionar o conteúdo foram se expandindo até que surgisse a ideia de brincar também com a forma. A partir do “Gramma de Poesia #5”, os números passaram a ser todos costurados, mesmo que de forma rudimentar, sem que me amparasse em nenhuma pesquisa sobre encadernação para isso. O número de páginas dobrou, a matriz deixou de ser uma única folha de ofício, mas agora era composta com duas, frente e verso, cada folha formando um caderno. O desenho e impressão da capa foi feito à parte, envolvendo os dois cadernos costurados e formando uma pequena lombada.

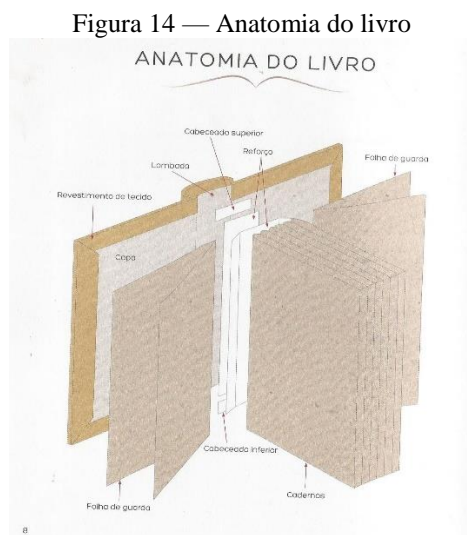
Figura 13 — “Gramma de Poesia #5”, cadernos de impressão e capa impressa separadamente



Fonte: Acervo pessoal.

Essas mudanças tentaram dar ao zine um acabamento mais complexo, aproximando-o do livro artesanal e dos recursos utilizados neste. No entanto, os

resultados a que cheguei foram mais fruto da curiosidade e de decisões intuitivas a respeito do processo, do que pautados por um conhecimento editorial sobre a anatomia do livro. À época, não conhecia palavras técnicas usadas nesse campo como: folha de guarda, cabeceado superior, cabeceado inferior, reforço, etc. Estes são alguns dos “elementos fundamentais que estão presentes na anatomia de um livro comum de capa dura” (RIVERS, 2016, p. 9).



Fonte: Obra “Como fazer seus próprios livros” (2016, p. 8)

Não era minha intenção que o “Gramma de Poesia” se tornasse um livro artesanal, mas que percorresse uma linha de experimentação que absorvesse aspectos deste. Acho que essas variações não fariam com que ele deixasse de ser chamado de zine, e nunca deixei de chamá-lo assim. Quando entregava o número novo de um “Gramma de Poesia” a alguém, sempre dizia “aqui está o número novo do meu zine”. Ou seja, tem menos que ver com a migração de um formato para outro, do que com a minha autonomia como editor que está se utilizando de uma publicação, também, como laboratório de criação.

Produzia os “Gramas” com uma periodicidade mensal e montava o zine, na maioria das vezes, sozinho. Como não conseguia fazer muitas cópias de uma vez, entregava-o para um pequeno grupo de alunos, principalmente para aqueles que mais se interessavam por Literatura e conversavam comigo nos intervalos ou, de um modo geral, na rotina da sala de aula. Não raro, alguém vinha até mim por conta dos zines: “Tio, queria uma daquelas revistinhas que você faz!”.

Passou a ser difícil separar o processo criativo da vivência na escola, embora não estivesse trabalhando os zines em sala de aula. As interlocuções com o conteúdo visto em sala de aula, de certa forma, fizeram-se perceber nos números do “Gramma de Poesia” que

vieram na sequência. Pensativo sobre uma forma de brincar com o espaço da publicação, a ordem de leitura das páginas, tentei estabelecer um diálogo entre os zines e as vanguardas estéticas do século XX. Esta é uma matéria que leciono para os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e é estudada novamente nas apostilas de Literatura no 2º ano do Ensino Médio.

Pensando nessa interlocução, o “Grama de Poesia #8” veio com uma capa que tentava uma aproximação com a estética cubista. Tanto com uma capa que multiplicava os pontos de vista a fim de mostrar um prato de diversos ângulos diferentes, à maneira de Picasso, como no seu formato que se desdobrava provocando uma surpresa durante a leitura. Naturalmente, algumas ideias foram se moldando a esse público leitor composto por alunos, sem que os zines fossem utilizados como recurso pedagógico naquele momento, pois sua distribuição, apesar de ser feita dentro da escola, acontecia como uma ação paralela e separada da sala de aula.

Figura 15 — “Grama de Poesia #8”



Fonte: Acervo pessoal.

Talvez o exercício mais complicado de composição de zine feito nessa época tenha sido a criação do “Grama de Poesia #10”, lançado em agosto de 2015, o último de um ciclo de dez números, como mencionei antes. Apesar de trabalhar constantemente para que houvesse uma periodicidade mensal dos “Gramas”, a produção do último começou meses antes. Consistia na organização de textos que contavam com crônicas e poesias mais longas que remetiam principalmente a episódios da infância e a temas diversos. Lá estavam também ilustrações utilizando diferentes materiais, como um autorretrato com iogurte e o reaproveitamento de uma pequena história que escrevi para

a página Tira Inconstante³, criada em 2012. Foi o único que se diferenciava dos “Gramas” quanto ao tamanho, pois tinha as dimensões de 15cm x 15cm. Na capa, em vez de um único prato, uma cristaleira com dez deles, simbolizando as dez edições. Contava com 44 páginas e uma caixinha que protegia a edição.

Figura 16 — “Gramas de poesia #10”



Fonte: Acervo pessoal.

Com o “Gramas de Poesia #10”, fiz uma experiência que considero importante para a futura inserção do zine como conteúdo de sala de aula, como passei a fazer. Àquele ponto, distribuía com regularidade os zines para dez alunos, aproximadamente. Quando concluí o décimo número, escrevi uma carta e a enviei para cada um desses alunos. Seu conteúdo trazia uma condição que envolvia criação e troca de zines. Apenas receberia o último número do “Gramas” quem fizesse seu próprio zine para trocar comigo. Perguntei-me se alguém conseguiria cumprir o desafio, já que são tantas etapas na criação de um zine. Ao final de 2015, quatro zines foram produzidos e trocados comigo pelo último Grama.

³ Endereço eletrônico: <https://tirainconstante.tumblr.com/>

Figura 17 — Zines produzidos: “Coisas do coração”, de Aléxia Chaves (canto superior esquerdo); “Nada Impessoal”, de Ana Lice Mendes (canto superior direito); “Tudo Cabe”, de Luana Akemi (canto inferior esquerdo); “Sem título”, de Ingridy Bastos (canto inferior direito)



Fonte: Acervo pessoal.

Embora este trabalho não seja sobre zine e educação, acredito que a experiência em sala de aula tem lugar neste percurso. Portanto, mesmo que brevemente, falo sobre os zines nesse contexto, até mesmo porque a primeira versão do projeto que escrevi para o mestrado em Artes estava centrado na realização de oficinas e feiras de zine na cidade de Limoeiro do Norte. À medida que fui entrando na rotina das disciplinas do mestrado, as discussões sendo travadas e os trabalhos sugeridos, o projeto foi se transformando até trazer a proposta que tem hoje, escolhendo suscitar um diálogo com a cidade, em vez da

sala de aula. Acredito, também, que falar sobre os trabalhos práticos passados em sala é importante, porque eles fizeram surgir a curiosidade sobre processos de criação e autoria, discussões que trago ao longo deste trabalho.

A partir de 2016, motivado pela experiência de troca com o “Gramma de Poesia #10”, passei a falar sobre os zines em sala de aula, principalmente nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental. Esse momento era distribuído em vários encontros, com bem mais tempo do que destinava para a maioria dos demais conteúdos. Na primeira aula, apenas explicava o que eram os zines e falava sobre seu histórico; no segundo encontro, pedia que os alunos manuseassem e lessem meu acervo pessoal de zines. O que se seguia era o início da parte prática do projeto, quando se levava uma série de materiais para sala: guilhotina de cortar papel, tesoura, grampo, borracha, cópias da matriz de algum dos “Gramma de Poesia”. Assim, podia montar um zine diante deles e explicar como funcionava a paginação, a organização das imagens na matriz e a montagem de um modo geral.

Apesar de a orientação ser feita em sala, o trabalho de criação, por conta do tempo que demanda para cada etapa, era feito em casa, depois de dividida a sala em grupos de cinco ou seis alunos e marcada uma data de entrega, aproximadamente um mês depois do seu início. Uma exigência do trabalho era a feitura de várias cópias, para que, no final da apresentação, pudéssemos ter um momento de troca em sala. Cada grupo apresentaria o que havia feito e comentaria como tinha sido fazer um zine, que dificuldades e soluções encontraram. Ao final, os alunos faziam uma avaliação da atividade. Havia comentários positivos e negativos, por exemplo, alguns diziam que haviam gasto muito dinheiro e que era muito trabalhoso, outros diziam ter feito mais cópias que o pedido e que entregaram aos pais e familiares.

Dessas atividades em sala, surgiram zines de todos os tipos ao longo dos anos, desde aqueles com temas engajados na causa feminista, passando pelos quadrinhos, até os que traziam assuntos polêmicos para o ambiente escolar, como o uso da maconha. Os alunos passaram a conhecer os zines no colégio e a saber, de forma antecipada, ao conversar com os colegas de outras turmas, que, no terceiro bimestre do ano letivo, fazia-se na aula de artes aquele tipo de trabalho prático. Alguns reagem com ansiedade, outros com indisposição, ou mesmo irritação. Tenho todos os zines já feitos por alunos e eles fazem parte do meu acervo pessoal, que cresce todos os anos. Senti que o trabalho passou a cativar um determinado número de alunos em especial. No primeiro mês de aula de

2018, um deles abordou-me na galeria e disse que faria não apenas um, mas dois zines no trabalho que eu iria passar “depois das férias de julho”.

Figura 18 — Zines feitos pelos alunos do Colégio Diocesano Pe. Anchieta



Fonte: Acervo pessoal.

A participação dos alunos no processo de criação de zines acabou se mostrando um ponto um ponto central desta pesquisa. Buscar outras possibilidades, como a criação coletiva e o interesse em desenvolver momentos de criação fora da escola, são questões essenciais que são tratadas na última parte deste trabalho, por meio da descrição da formação e atuação de um Grupo de Criação e Artes. Em um sentido mais amplo, o que é apresentado no final, de certo modo, começa aqui, com os zines produzidos pelos alunos e apresentados nas aulas de artes.

3 DOIS TRABALHOS

Esta parte da pesquisa trata de dois trabalhos que fiz durante o primeiro ano do mestrado em Artes (2018). Ambos trazem a lógica do processo de criação de zines e interlocuções com o espaço da cidade, cada um à sua maneira. Acredito que falar sobre eles mostra um processo de maturação importante de que preciso para composição de um zine-cidade, pois mostra as possíveis relações que se podem estabelecer entre zine e espaço na construção de um trabalho em arte contemporânea. De certo modo, há uma noção de percurso aqui também, já que o “Zine-óculos”, primeiro trabalho do qual falo, foi feito durante o primeiro semestre de 2018, enquanto o trabalho coletivo “Amá-la”, que vem na sequência, aconteceu no segundo semestre do mesmo ano. Portanto, somam-se ao representar uma mostra do percurso que fiz durante o mestrado.

O processo gradual de maturação pode ser visto a partir da diferença entre os espaços que os trabalhos percorrem. Enquanto o “Zine-Óculos” foi feito no interior da sala 109, que, adiante, entendo como sala-cidade, o trabalho “Amá-la” foi realizado na cidade de Fortaleza, na rua. O Zine-Cidade que se constrói na última parte do texto desta pesquisa terá suas ações centradas da cidade de Limoeiro do Norte. Portanto, no que toca à experiência com o espaço, é possível traçar um itinerário que situa seu processo inacabado e em construção: sala-cidade – Fortaleza – Limoeiro do norte. Se a composição de uma zine-cidade começa com rabiscos e anotações feitos da sala 109 e seguirá para Limoeiro, os dois trabalhos que aqui apresento podem ser entendidos como dois pontos de ancoragem. Com eles pude aprender, testar, experimentar e criar modos de inserir o espaço e a cidade no zine. Por conta deles posso entender não apenas a importância dos lugares de experimentação, mas da experimentação com lugares.

Escrevi um artigo para cada um dos trabalhos que aqui apresento e as reflexões ora registradas são um recorte desses escritos. O primeiro artigo chama-se “Zine-Óculos: um olhar sobre a sala 109” e foi aprovado para o 27º encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), que aconteceu na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em São Paulo-SP. O trabalho integrou o 18º grupo do Comitê de Poéticas Artísticas e foi apresentado no dia 27 de setembro de 2018. O segundo artigo tem o título de “Arte e política: malas na cidade e o conceito de comum”,

foi publicado na “Art&Sensorium - Revista Interdisciplinar de Arte e Cultura”⁴, no v.6, n.2 (2019)⁵, em 27 de dezembro de 2019.

Sobre os trabalhos propriamente ditos, o “Zine-Óculos” foi desenvolvido a partir das proposições da disciplina de Ateliê de Criação II, do Programa de pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), no espaço da sala 109. A intenção é apresentar a atividade de criação de um zine experimental que proponha diferentes modos de ver o espaço mencionado. Esse trabalho carrega reflexões que surgiram no decorrer do processo, trata da manufatura do Zine-Óculos e da experiência de observar a sala 109 por meio deles.

O trabalho coletivo “Amá-la” se constitui num conjunto de ações realizadas nas imediações da Av. da Universidade, trabalho final da disciplina de Ateliê de Criação IV, e das discussões sobre política que se deram no decorrer da disciplina de Tópicos Especiais II, ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), no segundo semestre de 2018. Sua elaboração traz, inicialmente, a história das malas que me acompanharam em diferentes momentos da vida. Em seguida, exploro a maneira como essas narrativas se atravessam no processo de criação de um zine conceitual, além de sua importância em uma série de ações realizadas na cidade de Fortaleza, durante a realização do IV Seminário Internacional das Artes e seus Territórios Sensíveis. A discussão aqui proposta compreende a ideia de espaço comum criado com a mala e a cidade, assim como toca em aspectos que dizem respeito à lógica de produção do zine. Este trabalho foi feito no Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA).

⁴ Revista eletrônica do Escola de Música e Belas Artes do Paraná - Universidade do Paraná, Campus Curitiba 1. Link: <http://periodicos.unespar.edu.br/>.

⁵ Link do Sumário do v.6, n.2(2019): <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/issue/view/Art%26Sensorium%20Vol.06%20-%20N%C2%B002/showToc>

Link para o artigo “Arte e Política: Malas na Cidade e o Conceito de Comum”:
<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/3133>

3.1 Zine-óculos: um olhar sobre a sala 109

3.1.1 Breve relato de quem passeia na sala 109

A primeira coisa em que reparei foram os troncos de árvore sobre o tapete. Se alguém gira uma chave na fechadura e abre uma sala de aula, algo que não se espera encontrar definitivamente são troncos retorcidos. Ou a cabeça de Cristo - *Agnus dei* - isolada na tela pintada pela artista limoieirense Márcia Mendonça, que bem parecia aquela arrancada ao corpo de João Batista a mando de Salomé. As *lingeries* também estavam lá, em miniatura, vestindo bonecas de plástico, e também nas mulheres cujas fotografias estavam pregadas nas paredes. Esculturas do Cariri, pisca-pisca, uma rede, objetos obsoletos e materiais sucateados da UFC, etc. Tantas coisas se misturavam que é difícil dizer algo sobre a sala sem cair no enfadonho expediente de inventariar. Por outro lado, a sala pede que se inventariem formas de dizer, caso se deseje dar mínima conta do que representa estar em seu interior. Sobre a bancada, é difícil reparar detalhes entre tantos desenhos e escritos pregados. Um deles confirmava algo que evidentemente estava acontecendo: V Mini Micro Pocket Mostra de Arte.

Como soube depois, a sala que parece um florescimento de uma semente híbrida do excesso com o inútil, começou com uma mesa desmontada. Soube disso por Iza, que, muito depois daquela quinta-feira (08/03/2018) em que visitei o espaço pela primeira vez, me disse que Wellington Júnior propôs uma atividade de desconstrução da sala numa disciplina na Comunicação, começando pelo desmonte da mesa do professor, uma das instituições materiais primeiras que caracterizam o ambiente da docência.

Em suma: que não fosse só uma sala onde o aluno assiste à aula, nem só museu que as pessoas adentram e visitam por causa de suas obras, nem só despensa onde se encontram objetos de toda sorte. Para aqueles que a frequentam, passa a ser muitas coisas, como são muitos os nomes ou alcunhas que podem ser a ela atribuídos: “sala superlativa”, “sala ao avesso”, “Sala Precisa”, “Sala Cidade”. Estas foram as alcunhas que já escutei em referência à sala 109.

A sala 109 mudava de configuração a cada vez que nela se entrava. Todo semestre os alunos desenvolvem trabalhos, atividades e acrescentam novos objetos, transformam o que lá está, tomam-nos emprestado, criam, deformam e alteram a anatomia de um espaço que é orgânico. A sala é um palimpsesto, uma provocação. No final da semana a

encontrávamos como os alunos da graduação em Comunicação a tinham deixado e, no início da semana, eles a encontravam como nós, alunos do mestrado, a havíamos deixado.

A sala, movente em sua essência, deixava ver as marcas dos últimos que por lá passaram e daquilo que fizeram. Assim, bem parece mais ser um lugar de errância dos processos, como se ali eles se constituíssem mais no *ir*, do que no *ficar*. Parte dessa impressão surge pela dinâmica da sala, espaço em trânsito polivalente, onde, a cada encontro, viam-se as coisas mudadas de lugar, o que transformava a configuração da sala. Dito isto, entende-se que a sala também é uma grande colagem, onde a justaposição e a sobreposição dos objetos alteram seu significado no espaço.

Algo mais de impressão que constrói a sala como lugar flutuante e de parada temporária dos processos é a medida do olho, pois predomina na sala um princípio de obliteração e, sempre que o olho foca numa parede, ela carrega novos vestígios, e o que antes *estava*, parece que já *não estar do jeito que era*; o que *é*, parece que já *não é como antes*. Cada movimento, cada acréscimo, cada elemento novo faz aparecer ou desaparecer algo na Sala-Cidade, que também apresenta vácuos à medida que cresce e se movimenta de dentro para dentro, pois, dependendo do dia em que lá se entre, é possível mapear os quadrantes da sala onde as pessoas concentram suas atividades e os que permanecem intocados.

No entanto, em alguns momentos, a sala, que parece tantas, também passa a impressão de ser una e indivisível, como uma personificação de sua principal característica, o acúmulo. Evidentemente, não qualquer acúmulo, mas aquele, daquela sala que são muitas sendo uma, das obras de muitas pessoas que já passaram por ali ou, a distância, colaboraram com a construção daquele espaço. Algumas vezes, já fui à sala para dormir. Deitado na rede, entorpecido, abria os olhos e não estava só, pois encarava o olho de uma boneca, o olho impresso na fotografia ou feito com giz de cera na parede. Vazia naquele momento, ainda estava cheia de presenças, como a presença da laranja que é mais forte quando sobra apenas a casca que se espreme contra o olho, era minha impressão.

Tantas duplicidades que a sala-cidade levanta, fazem-me pensar nas “Cidades Invisíveis”, de Calvino. Bem poderia a sala 109 figurar nos relatos de Marco Polo a Kublai Kan, como uma cidade irmã daquela que se chama Zoé. Pois, em todos os pontos da sala, assim como de Zoé, pode-se “dormir, fabricar ferramentas, acumular moedas de ouro, despir-se, reinar, vender, consultar oráculos”. A sala 109 é o lugar da existência indivisível, pois é difícil separar a parte de “dentro de dentro” da parte de fora, e

certamente essa linha não é esticada, mas cortada se olharmos bem. É de fato isto que ocorre quando, da galeria, podemos assistir a tudo que acontece dentro da sala pela tela da TV afixada na parede, ou no drone que filma a sala e carrega suas imagens pelas galerias do Instituto de Cultura e Arte. Por alguns minutos, a sala se abriu quando carreguei os registros fotográficos e em vídeo da sala para São Paulo quando apresentei um trabalho sobre as experiências que fiz com o Zine-Óculos na sala 109.

Se a sala é indivisível – ideia que surge depois de ler Calvino e escutar uma gravação em que Wellington Júnior fala sobre as características da sala 109 – tento, neste texto, discorrer sobre ela de um modo que a unifique sem restringir. O resultado é um fragmento que se insere dentro da *et coetera* que é a existência da sala e os desdobramentos provocados por ela no tempo e espaço, pois ela existe em todas as direções para além deste escrito. Lá, a história da criação de um zine-cidade começa, com uma sala, sala-cidade, cidade-de-ensaio.

3.1.2 “Um olho no peixe e outro no gato”

Este trabalho parte de duas dimensões: uma prática — que envolve as ações de invenção/criação do Zine-Óculos e a sua experimentação na sala 109 — e outra teórica — que consiste na descrição das ações, registro fotográfico e referenciais bibliográficos. Para tanto, é preciso entender que a relação entre esses dois âmbitos de uma pesquisa é próxima, possibilitando imbricações e deixando de lado a visão de que a pesquisa tem uma lógica operativa apartada da vida. O que vem a somar com essa perspectiva é o entendimento de que a teoria, ao invés de ser uma, caracteriza-se, cada vez mais, por sua natureza multiforme, plural e parcelada, o que nos leva a falar de teorias, no plural. Desse modo, é possível destacar uma aproximação cada vez maior entre a teoria e a prática artísticas, em que aquilo que se aplica a uma, também se aplica à outra (FÉRAL, 2015). O pesquisador busca evitar, portanto, fazer-se de cego ou descuidado ante uma teoria que também se assume como um processo, bem como uma prática que se sustenta por todo um pensamento e que ampara a ação.

A experiência visual com os óculos deu-se na sala 109. A percepção visual e a relação com o espaço estão relacionadas a um contexto de criação de um novo espaço que se dá a partir da ação sobre ele e da invenção de novas formas de ver. Para isso, trago o pensamento sobre espaço, segundo Lefebvre, para o qual a questão da sua produção se apresenta permeada de dúvidas que encontram contornos de esclarecimento quando se

passa a observar as práticas sociais como parte integrante desse processo. Assim, a observação do espaço é uma ação que se relaciona com o observar das práticas sociais que o constituem como tal (SILVANO, 2010).

3.1.3 Proposições para um inventário da sala 109

- Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
(Ensaio sobre a Cegueira, José Saramago)⁶

Na aula de Ateliê de Criação II, no dia 19/04/2018, foi-nos pedido pelos professores Wellington Junior e João Vilnei que fizéssemos um inventário da sala 109, atentos ao que, ali, poderia dialogar com a pesquisa de cada um. A essência do exercício proposto consistia em “observar a sala através dos óculos da sua pesquisa”, como João nos explicou.

Figura 19 — Interior da sala 109



Fonte: Acervo pessoal.

Durante a atividade, rapidamente a ação de inventariar a sala transformou-se em reinventar o espaço e pensar uma poética de criação. No meu caso, para transformar a sala em um zine, veio-me imediatamente a metáfora do prof. João Vilnei: observar com os óculos da pesquisa. Nesse momento, surgiu minha proposição de desenvolver um Zine-Óculos, que consiste na criação de dois protótipos de óculos artesanais, através dos quais se pudesse ver/experimentar a sala de outras formas, em contraste com o cotidiano das aulas de Ateliê II.

⁶ “Ensaio sobre a Cegueira” é um romance do escritor português José Saramago, publicado em 1995.

Figura 20 — Alunos da disciplina de Ateliê de Criação II explorando a sala 109



Fonte: Acervo pessoal.

3.1.4 “Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.”⁷

Parte deste trabalho foi feita na minha cidade natal, Limoeiro do Norte. Portanto, o espaço de criação duplo – respectivamente, minha casa e a sala 109 – reflete um pouco da movimentação periódica e das dificuldades cotidianas como pesquisador que divide sua rotina entre as atividades docentes no interior e a pós-graduação na capital.

A criação de um Zine-Óculos exige muita “invencionática” no processo de criação, como pude constatar. Foram feitos dois óculos artesanais com materiais de baixo custo e fácil acesso. A intenção foi usar itens simples, que aparentemente não possuíssem relação com a produção de óculos quaisquer, e converter esses materiais através da feitura manual em óculos experimentais/artesanais, em vez de comprar óculos “prontos” e baratos, que tão facilmente poderiam ser encontrados em camelôs ou ambulantes.

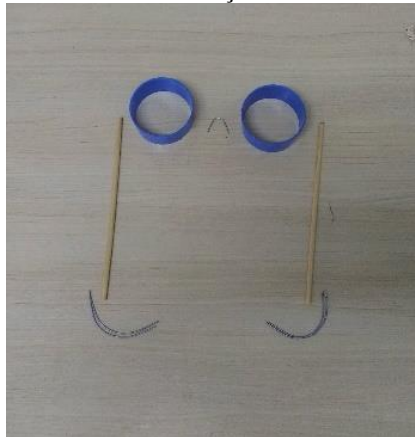
Partindo dessa lógica, saí pela cidade em busca de papelarias e lojas de R\$ 1,99 onde pudesse encontrar os materiais para a confecção do Zine-Óculos. Ao final de algumas horas de busca, reuni os seguintes itens, entre aquilo que foi comprado e o que já tinha em casa: espetinhos de madeira, copo retrátil, fita isolante, folha transparência (acetato), tecido TNT, pedaços de arame, caixas de madeira, fita durex, tesoura, estilete, agulha, alicate.

⁷ Trecho de “O apanhador de desperdícios, em Memórias Inventadas - As Infâncias de Manoel de Barros” - Manoel de Barros - Editora Planeta, 2008, p.45.

A base da armação seria feita a partir da junção de duas partes básicas: os aros dos óculos e as pernas, ambos feitos com os materiais comprados ou encontrados em casa. Não busquei manuais, tampouco referências da oftalmologia sobre a definição de óculos, aparelhos ópticos ou lentes, pois, como já foi dito, eles não trariam solução para um problema físico, mas sim uma dimensão de experimentação do espaço. Não seriam, portanto, óculos convencionais e sua criação partiria da minha intuição e ação a respeito das maneiras como se poderia articular novas formas de ver a sala 109.

Durante a confecção dos óculos, segui alguns passos que explico aqui. Para criar a primeira parte da armação, os aros, tomei as partes circulares do copo retrátil que, desmontado, dividia-se em vários anéis circulares de tamanhos diferentes. Ligando-se dois deles por uma de suas extremidades com um pequeno pedaço de arame em forma de “u” e colados por fita isolante, os dois aros formariam o corpo dos óculos. As pernas, segunda parte do aparato, foram feitas com os espetinhos de madeira. Na extremidade de cada uma, pedaços de arame seriam colados em forma de meia lua para passar por sobre a orelha e dar sustentação aos óculos no rosto. A base da armação estaria completa depois que as pernas fossem coladas à outra extremidade dos aros, separadamente, com fita isolante.

Figura 21 — Base da armação dos óculos artesanais



Fonte: Acervo pessoal.

Nos primeiros óculos, utilizei a tampa perfurada dos copos encaixada na primeira circunferência retrátil para fazer os aros. Cada um deles traz duas lâminas de acetado coladas com fita durex uma à outra pela metade, sendo quatro lâminas ao todo. Portanto, entre as duas lâminas referentes a cada olho, poderia colocar no entre-espaço materiais translúcidos ou diáfanos, semitransparentes, filtros com desenhos ou grafismos. Além deles, materiais que pertencem à sala poderiam ser utilizados.

No segundo modelo, usei como base para os aros o fundo do copo retrátil, depois de feito um furo com agulha quente no centro de cada um. Os furos deveriam ser feitos no mesmo lugar para que o ponto focal dos dois olhos fosse um único orifício, o que não aconteceu. Um desvio milimétrico fez com que os pontos não coincidisse, e o que vi foram dois círculos com uma desfocada zona de interseção entre eles. Como os aros escolhidos eram muito pequenos, ainda conseguia identificar várias partes da sala com minha visão periférica. Para solucionar essa questão, coleí pedaços de tecido TNT preto na parte superior e lateral dos aros, a fim de vedar a visão e valorizar o efeito visual dos óculos.

Figura 22 — Óculos 1



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23 — Óculos 2



Fonte: Acervo pessoal.

As marcas do processo artesanal fazem-se perceber em cada detalhe e nos materiais utilizados. O Zine-Óculos surge, ao final, como um conjunto de dois óculos-gambiarra, mais parecidos com os aparatos utilizados pelo Inspector Gadget⁸. No entanto,

⁸ “Inspetor Bugiganga” (título no Brasil) ou “Inspector Gadget” (título em Portugal) é um desenho animado franco-americano-canadense. Narra as aventuras de um inspetor policial que, após sofrer um acidente, foi

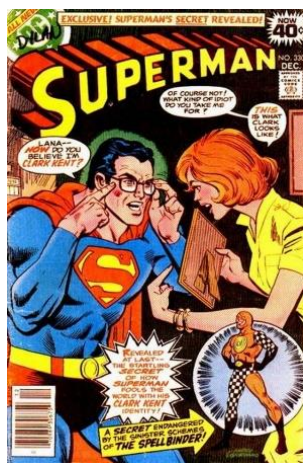
sua feição tosca é absolutamente proposital, como deve entender o leitor. A segunda parte desse momento prático cumpre-se por meio da observação/experimentação da sala 109 através deles. A ação de usar os óculos busca fundir duas relações que eventualmente o indivíduo possa estabelecer com a sala, em uma só: a leitura do espaço e a experiência com o espaço. Uma diz respeito às formas de ver; outra, ao corpo e lugar.

3.1.5 Um conto de duas cidades⁹

Como etapa final do projeto de criação do zine-óculos e com o título da obra de Charles Dickens em mente, discorro sobre duas experiências de observação na cidade-sala 109, que aconteceram do dia 26/04/2018. Nessa data (uma quinta-feira), cheguei ao espaço antes de a aula começar, coloquei cada um dos óculos por dez minutos e experimentei caminhar e observar o lugar à minha volta, tentando identificar alterações na minha experiência com a sala 109, ao usar dentro dela os óculos que foram criados durante as duas últimas semanas, em abril de 2018.

a) Óculos 1 – Obliteração

Figura 24 — Edição #330, do gibi “Superman”



Fonte: <https://pt.linkedin.com/pulse/como-superman-se-esconde-atr%C3%AAs-dos-%C3%B3culos-pedro-ivo-barbosa>

A edição do gibi “Superman” #330, de 1978, revela ao leitor que os óculos usados por Clark Kent têm lentes hipnóticas de cristal de Kryptonita, que provocam prosopagnosia nas pessoas à sua volta, ou seja, agnosia visual. Isso explicaria o fato de

transformado numa espécie de robô com mil e uma bugigangas diferentes, através do projeto secreto "Bugiganga". Fonte: Wikipédia.

⁹ “Um Conto de Duas Cidades” é um romance escrito por Charles Dickens, publicado em 1859.

que, com um simples tirar de óculos, seria humanamente impossível identificar Clark como Superman.

Sendo as “lentes” feitas de acetato, e não de Kryptonita, os primeiro dos óculos propõem uma nova forma de ver o espaço, diferentemente dos óculos do Superman, cujas lentes alteram a percepção da identidade do herói. Enquanto aquele expande a individualidade do espaço, este protege a identidade do indivíduo. Nesse sentido é que se pode estabelecer um paralelo entre um e outro.

Os óculos obliterantes possuem uma abertura entre as duas lentes feitas com pedaços circulares de acetato para que sejam colocados diferentes materiais diáfanos ou translúcidos encontrados no interior da sala 109. A sensação ao colocá-lo é de fragilidade. Com os aros maiores feitos com a primeira peça do copo retrátil, sua estrutura ficou pouco firme no rosto, precisando de ajustes constantes com as duas mãos para que não caísse no chão. Mesmo estável na face, percebia-se que ficava irremediavelmente torto, embora isso não impedisse o seu uso.

Para o teste, utilizei apenas dois pequenos “filtros” que fiz usando acetato com vários pontinhos pretos. Coloquei os filtros dentro das lâminas e observei o entorno da sala, que aparentava ser ainda mais confusa, pois os pontos do filtro, como estavam muito próximos aos olhos, ficaram desfocados, e a imagem formada era uma mistura da sala, em foco, com os objetos que a compõem e os efeitos fora de foco do filtro.

Ao caminhar pela sala, entre as bancadas e próximo às cadeiras, tive a impressão de preenchimento e sujeira provocada pelo filtro, o que aumentou a obliteração do espaço pelo acréscimo de mais elementos visuais. Como é difícil encontrar acetato nas papelarias, as folhas que consegui eram velhas e amareladas, somando-se essa coloração aos pontinhos que desenhei, surgiu essa sensação de menor luminosidade e maior atulhamento e sujeira do espaço como um todo e não apenas dos objetos em si. Como se os óculos atribuíssem ao amontoado de objetos e itens da sala um caráter de poluição visual.

b) Óculos 2 – Focalização

Figura 25 — “Étant donnés” (1946-1966), de Marcel Duchamp



Fonte: <http://falcaoklein.blogspot.com/2014/02/etant-donnes.html>

Em sua obra “*Étant donnés*” (1946-1966), Marcel Duchamp coloca em questão, dentre tantas outras coisas, o ponto de vista do observador em relação ao objeto artístico. Assim, o artista cria uma obra que dita a maneira como deve ser vista, a partir da fixação dos pontos de observação: orifícios em uma porta que mostram um corpo feminino despido em um cenário bucólico estereotipado. Está deitado, e a mão que a ele pertence segura um lampião aceso. Dessa maneira, Duchamp problematiza a condição do observador que já não pode ver a obra da maneira que bem entender, pois cada orifício proporciona uma visão geral da cena e detalhes específicos. Estes (distorções, mutações, veja outra palavra) se dão pela diferença de ângulo em que foram feitos na porta.

Trazer a obra de Duchamp para este trabalho não consuma um exercício de analogia direta, senão de diálogo livre que diz mais sobre como e o que penso, do que propriamente sobre a experiência em si. Assim como em “*Étant donnés*”, os óculos focais possibilitam uma visão através de dois orifícios que revelam uma perspectiva geral e detalhes específicos. Em contrapartida, os óculos são móveis e não mostram uma instalação, como fez Duchamp, mas um espaço peculiar situado na realidade, a sala 109. Eles não revelam, por conseguinte, o fragmento de uma cena, mas um recorte livre da sala, escolhido pelo movimento do usuário.

Como os furos feitos no aro dos óculos (o fundo do copo retrátil) foram marcados em lugares ligeiramente diferentes, quando os óculos eram usados, viam-se dois orifícios e uma zona de interseção entre eles. Para criar um único ponto focal seria preciso pressionar as duas “lentes” com as mãos, contra o nariz. Só assim, por meio da luta que se trava, a imagem de um único objeto da sala pode surgir.

Dessa maneira, quando os óculos eram usados sem o suporte das mãos para ajustar o ponto focal, uma distorção curiosa acontecia. Percebi que os pontos focais em conflito suprimiam a visão de parte do objeto quando observado em ângulo frontal. O quadro que trazia a face de Cristo pintada pela artista Márcia Mendonça, por exemplo, desaparecia parcialmente, de maneira que a imagem se formava apenas com as molduras formando um retângulo em branco.

Os passos dados no interior da sala eram calculados, e a cada momento preocupava-me com a possibilidade de esbarrar em uma cadeira ou bancada. Afinal, o tecido TNT vedava a visão do entorno, confundindo minha percepção do espaço. Assim, só seria possível observar algum objeto ou alguma parte da sala se parasse e movesse lentamente a cabeça, testando durante algum tempo o focar e o desfocar. A situação exigia tempo de observação, ajustes dos óculos ao rosto, e a percepção das mudanças que cada parte da sala ou objeto sofria gradativamente ao longo do processo.

3.1.6 Alguns óculos depois

A criação do Zine-Óculos permitiu-me pensar o zine a partir de uma perspectiva experimental. O resultado do processo talvez não seja um objeto que se possa chamar de publicação, ou mesmo de “zine”, uma vez que sua reprodução é difícil, dada a natureza assumida de “gambiarra”. É possível, também, que causasse estranhamento se fosse trocado com outros zineiros, como geralmente acontece nas feiras destinadas a estabelecer esse intercâmbio de produções e diálogo entre grupos. Porém, é possível traçar algumas relações entre um zine e os Zine-Óculos.

Ao longo do texto, expus o processo de criação/invenção do Zine-Óculos, bem como os materiais escolhidos na sua produção. Assim como os zines, de um modo geral, são publicações artesanais, o trabalho apresentando neste texto também o é. Trocam-se os grampos, a xerox, a tesoura e a cola pelos espetos de madeira, fita isolante, pedaços de arame e partes de um copo retrátil. A intenção de um Zine-Óculos é defender a identidade da sua feitura artesanal, em contraponto aos materiais de que são feitos os óculos que se pode comprar em uma óptica ou mesmo em um camelô. Muitos zines ainda hoje defendem essa identidade em detrimento do que seria uma publicação com edição requintada, com alta qualidade de impressão e encadernação, por exemplo.

O zine pode ser folheado, assim como os livros, revistas e publicações em geral. O Zine-Óculos traz duas propostas para ver/experimentar a sala 109 e cada um dos óculos

busca uma experiência diferente. Nesse sentido, trocar os óculos é mudar de página, folhear a sala com olhos e maneiras de observar diferentes. O conteúdo da página se ajusta à medida da experiência que se pode ter, que se entendem distintas, quando se coloca cada um dos óculos. A partir do que foi apresentado, a experiência de criação e uso disparou descrições e percepções diferentes do lugar, o que era esperado, apesar de não ser possível saber, a princípio, exatamente como essa diferença iria anunciar-se.

Durante as aulas de Ateliê de Criação II, a relação com os colegas e as discussões com meu orientador fizeram com que o trabalho ganhasse corpo e amadurecesse, para que também pudesse ser compartilhado nesta escrita. Costumo dizer, informalmente, que essa disciplina traduz de maneira muito potente o que a pós-graduação em artes representa em um nível pessoal.

Somando os resultados deste trabalho ao que venho pensando e estudando sobre zine e cidade, dentro do contexto de uma pesquisa maior no PPGArtes da UFC, acredito que novos trabalhos germinarão, responsáveis por criar outros diálogos. Quem sabe essa importante e necessária ponte revele um engendramento prático-teórico que se espera cada vez mais maduro, entre o que foi a proposição de um Zine-Óculos. Esta, tão preocupada em redescobrir a sala 109, e o que será um zine-cidade, onde a aventura e a curiosidade buscam o momento em que espaço urbano, zine e experiência pessoal transigem em uma mesma substância.

Por fim, o Zine-Óculos, o ponto central desta escrita, passa a fazer parte da sala 109 e lá poderá ser encontrado pelos que, tendo lido este texto, quiserem fazer uma experiência de observação ao caminhar e ver o que acontece com o lugar através de seus aros. Essa mesma experiência caberá também aos desavisados que, por algum acaso exploratório, um dia estiverem na sala 109, ocupados na agradável atividade de lá mexer, contemplar, desentulhar, manusear, intervir, deslocar, experimentar.

3.2 Arte e política: malas na cidade e o conceito de comum

Capítulo 1 – A primeira mala e sua dama de companhia

Há muito tempo meu pai ganhou uma velha mala executiva. Era de cor preta e tinha duas fechaduras enferrujadas nas extremidades. Dobrada a alça para um dos lados, podia-se ver o nome da marca já gasto: Samsonite. Ainda criança à época, não achei que fosse um objeto usual para a nossa casa. Lembro que ela fora dada por um amigo, embora suponho que não fosse de fato um presente, pois, surrada como estava, talvez não pudesse ser tomada como símbolo de apreço entre velhos companheiros. E a velha mala ficou encostada pelos cantos, esquecida, muitas vezes estropiada pelas reformas na casa ao longo dos anos.

E ali se manteve, arremedo de um objeto de luxo jamais destinado a mão das crianças. As teias de aranha angulavam em sua alça levantada. Certa feita, vi-a aberta... nada havia dentro. Estava vazia. Tempos depois, ganhei a mala em um momento fortuito, imprevisível, dia em que vi meu pai bastante afobado, alheio às coisas da casa, irrequieto com algum assunto. Fiz o pedido e ele acedeu com um gesto quase gratuito, talvez impaciente, de quem não pesava devidamente o significado daquela concessão.

Ela se tornou meu repositório. Dentro, guardei cartas, cadernos de desenho (hoje amarelados!), carrinhos de ferro, álbuns da Nestlé, um livro chamado “As Incríveis Aranhas”, um VHS em que algum filme esquecido fora gravado, cadernos com vários desenhos representando uma guerra estática entre homens e dinossauros, presentes diversos e outras prendas para a memória.

Figura 26 — Mala empresarial e a caixinha de Valdívia



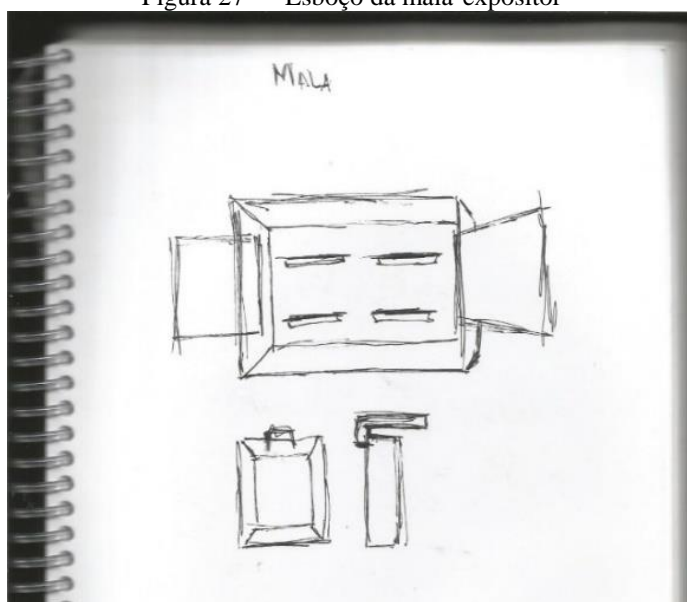
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Passado o tempo, a mala ficou abarrotada, enfim, e comecei a guardar as coisas (que, em outro momento, iriam dentro dela) na estante, entre os livros. Foi quando adquiri um novo objeto, uma dama de companhia para minha mala: era uma lembrança muito bonita das paisagens de Valdívia, aquela pequena caixa de madeira que ganhei de presente. No tampo, havia uma gravura que mostrava algo parecido com uma torre e, sem muito esforço, levava meu pensamento rumo aos moinhos de vento de Rembrandt, dada a semelhança da imagem com as águas-fortes do mestre holandês. Esvaziei a estante e nela pus as cartas e escritos diversos. Minha mãe criou uma narrativa particular sobre esses guardadouros: disse que só tinha certeza se eu tinha posto o fim em algum caso amoroso quando via os mimos, papéis e presentes indo parar dentro da caixinha. Portanto, essas duas malas passaram a definir um espaço de acúmulo das coisas que pertenciam ao passado. Virariam memória.

Capítulo 2 – Mala-expositor

Inspirado na figura dos antigos caixeiros viajantes, projetei uma mala na qual pudesse levar, para um sem-fim de lugares, os zines que vinha fazendo desde que começara a dar aulas de Literatura e Arte-Educação, em 2013. Mostrei o esboço mal traçado a meu pai. E ele, que tem por *hobby* a carpintaria, prontificou-se a levar a cabo o feitiço, em madeira prensada, com apêndices móveis e articulações internas que se abriam como janelas. A maneira como eu poderia utilizar a mala-expositor, como decidi chamá-la, poderia definir seu uso tanto como objeto que guarda como um lugar-mostruário.

Figura 27 — Esboço da mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

Dentro dela, carreguei os zines semanalmente, enquanto perfazia o trajeto Fortaleza-Limoeiro do Norte¹⁰ para assistir às aulas da Pós-Graduação em Artes, iniciadas em março de 2018. Até então, quase sempre os fanzines iam parar nas mãos dos meus alunos, que liam e eventualmente me perguntavam pelo próximo número durante alguma conversa de intervalo entre as aulas, nas galeria do Colégio Diocesano¹¹. Na verdade, muitas vezes continuei a fazer meus fanzines porque sabia que eles liam o que eu escrevia, reparavam no que eu desenhava.

A mala-expositor foi aberta pela primeira vez na Matinê¹², em seguida na sala 109¹³. Também abri a mala na Praça da Matriz de Limoeiro e, em busca de novos percursos, ela também conheceu o Campus da Universidade Federal do Ceará – UFC – em Quixadá e, por algum tempo, foi peça de exposição no Museu de Arte da UFC (MAUC-UFC). Portanto, se a ela fosse dada a faculdade incrível de falar, contar sua história, como fazem os alfinetes no conto “História Comum”, de Machado de Assis, talvez ela também criasse um tom épico para discorrer sobre situações ordinárias e comuns como se fossem os causos mais fabulosos já relatados. Talvez, ela também iria se vangloriar de uma ascensão muito mais prodigiosa que a do imperador nascido em Santa Helena, como diria o Bruxo do Cosme Velho¹⁴, não sem alguma ironia que lhe é peculiar, sobre os pobres alfinetes.

Figura 28 — Mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

¹⁰ Município localizado no Vale do Jaguaribe – CE, a duzentos quilômetros de Fortaleza, aproximadamente.

¹¹ O Colégio Diocesano Pe. Anchieta é uma das escolas tradicionais do município de Limoeiro do Norte, fundada em 1942. Em janeiro de 2012, ingressei na instituição como professor de Sociologia e de Linguagens e Códigos. Na presente data, assumo as disciplinas de Língua Portuguesa-Literatura e Arte-educação.

¹² Espaço onde acontecem múltiplas atividades e onde está situada a menor galeria da cidade, coordenado pela pesquisadora Fernanda Meirelles. Localiza-se no cruzamento da Av. 13 de Maio com a Rua Barão de Aratanha.

¹³ Sala do Programa de pós-graduação em Artes localizada no Instituto de Cultura e Arte (ICA), no Campus do Pici (UFC). Trata-se de um espaço de pensamento, criação e experimentação em Arte Contemporânea.

¹⁴ Epíteto usado para fazer referência a Machado de Assis.

Capítulo 3 – Fanzine-mala

A terceira mala foi a que fiz. Quando planejei sua montagem, queria que ela chegasse até as pessoas, fosse um objeto que pudesse ser dado. Queria que, de alguma maneira, elas levassem também as outras malas que possuí. Pensei que isso poderia ser feito se eu encontrasse meios de entregar às pessoas o conteúdo guardado nelas, uma reprodução da bagagem que nelas se incrustou, ora resultado do tempo de acúmulo, soma de objetos, papéis e memórias que carregam o carimbo das coisas vividas. O fanzine-mala, tal como o pensei, foi levado para rua como produto final da disciplina de Ateliê de Criação IV, situação que me permitiu ter uma experiência, por mais limitada que fosse, de troca com as pessoas no espaço público.

Medindo 12cm x 8cm x 3cm, o fanzine-mala se irmana aos pequenos objetos, embora não fosse exatamente minúsculo. Acredito que Alice¹⁵, ao atingir seu tamanho mais diminuto, não conseguisse levá-la, se assim fosse seu desejo. Quem sabe, muito embora duvide, os habitantes de Liliptut¹⁶ também não encontrassem, nesse objeto, a melhor companhia para uma fuga apressada. A forma que busquei ao confeccionar o fanzine-mala não levou em conta seu uso por pequeninas mãos. Talvez porque, no fundo, minha intenção fosse de fato criar um híbrido entre mala e fanzine, a mistura precisa, de forma que ele não pudesse ser uma coisa nem outra, separadamente.

Figura 29 — Fanzine-mala



Fonte: Acervo pessoal.

¹⁵ Alice no País das Maravilhas (*Alice in Wonderland*) é a obra infantil mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson, publicada em 4 de julho de 1865 sob o pseudônimo de Lewis Carroll.

¹⁶ Lilliput é uma ilha fictícia do romance *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. O autor apresentou-a como parte de um arquipélago com Blefuscu, no Oceano Índico.

Capítulo 4 – À moda dos mágicos

Caso fosse eu o Ex-mágico da Taberna Minhota¹⁷, acredito que não teria surgido espontaneamente na frente de um espelho redondo, sem passado ou história que contasse... Mas certamente teria saído de dentro de uma mala, pois é nelas que misturo arte, vida e alguma beleza tirada das histórias inventadas. Tal mistura, narrada com estas palavras, toma a forma exata do que quero contar. Aqui, as malas cabem-se e descabem-se. Enquanto os mágicos tiram coelhos da cartola, enquanto na matriosca as bonecas pequenas são tiradas de dentro das bonecas grandes, eu sigo tirando malas de dentro de malas, *malabaristicamente*.

3.2.1 Ateliê de Criação IV¹⁸

Passo por passo, palavra por palavra. Gestos e mais gestos na superfície do corpo. Entre uma rota do metrô que nos leva pela estrada de cascalho à lagoa do Mondubim¹⁹, ou acelerando e desacelerando passos, escrevendo os limites da silhueta com giz no chão da Praça das Flores²⁰, em traço, traçado, gesto-linha, fomos guiados pela proposta de nos emaranhar na cidade por meio da escrita. Ao longo do semestre, nós²¹ fizemos esses percursos e outros mais durante a disciplina de Ateliê de Criação IV, que trouxe como foco as possibilidades e modos de escrita: seja ela política, a escrita do corpo, da memória, ou o compor/escrever com a cidade. Assim fizemos, em vez de simplesmente escrever na cidade, levando em conta que “sua configuração materializa as condições relacionais tanto sofridas quanto criadas pelos corpos de seus habitantes, em suas confrontações na esfera pública” (BRITTO; SETENTA, 2017, p. 242).

Ao fim do semestre letivo, foi acordado entre os colegas e as professoras da disciplina que faríamos uma participação no IV Seminário Internacional das Artes e Seus Territórios Sensíveis, especificamente durante a exposição “Mapas de um mundo ausente”, que seria realizada no MAUC-UFC. Assim, durante a reunião feita no dia 1º de novembro, definimos as bases de um trabalho coletivo que, por sua vez, agregaria proposições individuais. A ideia seria trazer as experimentações com escrita e cidade feitas ao longo da disciplina e fazer uma ação na rua, em que cada aluno poderia

¹⁷ Conto publicado por Murilo Rubião em 1947.

¹⁸ Disciplina eletiva ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes-UFC), no segundo semestre de 2018.

¹⁹ Mondubim é um bairro de Fortaleza, localizado ao sudoeste da cidade.

²⁰ Praça Dr. Carlos Alberto Studart Gomes – Praça das Flores, localizada no bairro Aldeota, Fortaleza (CE).

²¹ A disciplina de Ateliê de Criação IV foi ministrada pelas professoras: Jo A-mi e Deisimer Gorczewski. Os alunos matriculados na disciplina, que participaram das atividades do semestre (2018.2): Alysson Lemos Campos; Marllon Tamboril; Gerardo Alfonso; Ítalo Rui; Ícaro Malveira; Marcos Paulo; Thiago Torres; Rhachel Martins; Caio Victor Brito.

estabelecer um diálogo entre a matéria de discussão da disciplina e sua própria pesquisa sem perder a dimensão coletiva. Precisávamos, no entanto, de algo que reunisse todas as propostas para que pudessem ser entendidas como parte de um só trabalho mais abrangente.

Rhachel Martins²², uma das colegas de disciplina, sugeriu à turma que a ação na rua poderia ser feita utilizando a mala-expositor como objeto-lugar que poderia abrigar as poéticas e singularidades de cada artista-pesquisador(a). A mala-expositor seria o ponto de partida, o *start* a partir do qual os artistas vinculariam ação, proposição poética e trabalho coletivo, pois o diálogo com a rua e com a cidade foi um aspecto caro às discussões que tivemos durante o semestre, assim como era caro a nós o senso de coletividade, de grupo que compartilharia o mesmo espaço. O título escolhido veio de um devaneio da professora Jô A-mi, um jogo homofônico feito com a expressão nominal “A mala”, que se acabou se tornando: Amá-la.

Uma vantagem de usar a mala-expositor de maneira compartilhada seria o seu tamanho. Alguns meses antes, quando ela ficou pronta, percebi que era bem maior do que esperava, também mais pesada e com um bastante espaço interno. Logo, o que pareceu um problema para as situações em que eu pretendia usá-la – levar os fanzines para vários lugares – acabou se mostrando uma vantagem no contexto da ação que iríamos realizar, já que ela seria o suficiente para guardar os materiais que a turma ia levar. A mala-expositor, portanto, teria uma dimensão coletiva, buscando por base o comum, uma vez que seria usada no espaço público e estaria ao dispor das pessoas que passassem na rua como uma provocação, um chamado à interação.

3.2.2 A criação do fanzine-mala

O processo de criação do fanzine-mala foi motivado pelo desejo de fazer um trabalho que reunisse as duas malas que eu tinha (a mala-expositor e a mala empresarial) e o projeto de criar um fanzine que pudesse ser trocado no contexto de diálogo com a rua e com as pessoas. Ou seja, não queria que minha participação se resumisse ao empréstimo da mala-expositor para o uso coletivo, mas que mantivesse ali um trabalho em que se pudesse ver as experiências com escrita que desenvolvi ao longo da disciplina de Ateliê de Criação IV.

A maior dificuldade que encontrei foi a de criar, inspirado na mala-expositor, um zine-objeto artesanal e os pequenos detalhes que seriam fundamentais para evocar a aparência de uma mala como objeto em si. Para isso, fiz uma pesquisa sobre tipos de papel de maior gramatura e optei por utilizar o papel Paraná, que possui cor amadeirada, similar à cor com que a mala-expositor foi pintada. As

²² Artista-pesquisadora da cidade de Fortaleza e colega do PPGArtes UFC.

partes do fanzine-mala têm o formato de um paralelepípedo, com altura e largura de uma medida, proporcionalmente, maior que a espessura: 12cm x 8cm x 3cm.

Cada fanzine-mala é composto por dois lados iguais, já que a abertura da mala é um corte longitudinal. Para isso, fiz um molde bidimensional, traçado no papel Paraná, recortado com estilete, para que os dois lados da mala pudessem ser reproduzidos e montados. Os detalhes nos cantos (vértices) foram feitos com papel Pequim marrom, 180g. Encontrei as dobradiças pequeninas que utilizei na parte de trás, para unir as duas metades do fanzine-mala, assim como os tipos de papel, em um estabelecimento que costumeiramente frequento em Limoeiro, a Livraria e Papelaria Exata²³. As dobradiças foram afixadas com pregos na parte interna, os quais foram presos a pequenos pedaços de borracha. O último pormenor do processo, a alça, foi feita com a metade de um clip de tamanho 10/0 cortado com alicate.

Figura 30 — Materiais utilizados para montar o fanzine-mala

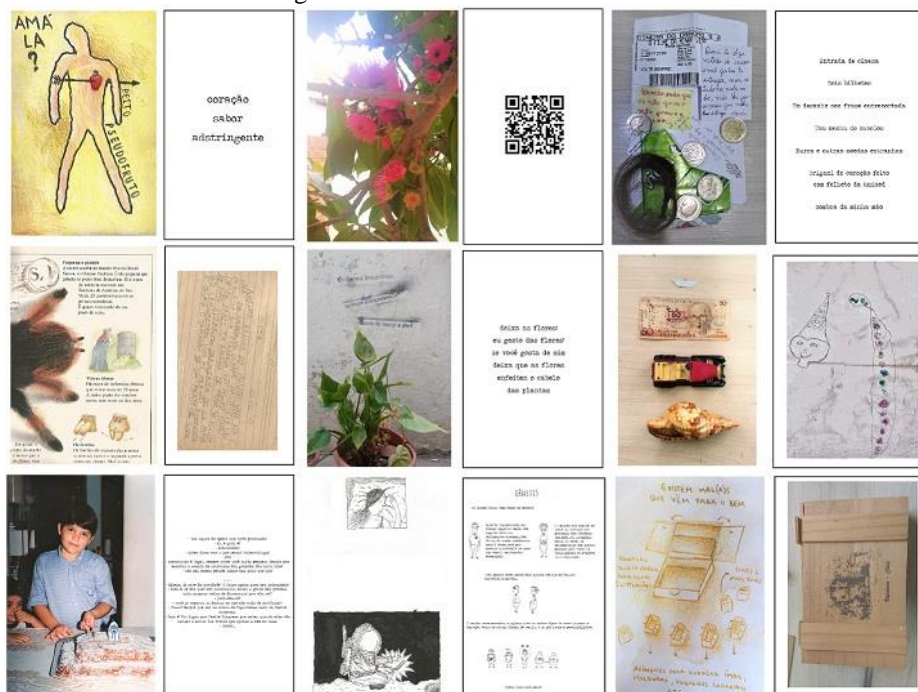


Fonte: Acervo pessoal.

O interior da mala traz dez cartões de diferentes tamanhos, impressos em frente e verso em papel *couché* fosco. Em cada cartão, veem-se imagens ou formas de escrita que se misturam e engatam não apenas as discussões da disciplina de Ateliê de Criação IV, mas diferentes formas de abordar os arquivos da velha mala executiva. Para ter uma ideia do tema que ia abordar nos cartões, tomei como referência o título de nosso trabalho e pensei na seguinte pergunta: o que a expressão *amá-la* evoca em mim? A memória de uma pessoa? A lembrança de uma situação, objeto ou época? Partindo desta provocação e do conteúdo presente nas malas, passei a compor os cartões que tentavam responder à pergunta ao trazer como tema fragmentos amorosos, registros da infância e a história das malas em si, sob a forma de fotografias, desenhos/ilustrações, QR Code, poemas, crônicas, etc.

²³ Papelaria situada na Rua Prof. Ricarti, em Limoeiro do Norte (CE).

Figura 31 — Cartões do fanzine-mala



Fonte: Acervo pessoal.

O fanzine-mala possibilitou-me formatar malas e bagagens, permitiu-me ver o potencial artístico destas quando postas ante o espelho da multiplicação que é o fanzine. Trata-se de um despacho de conteúdo poético, transfigurado sob a forma do fanzine por meio dos cartões. Agora, minhas malas saíam do quarto. O fanzine-mala carrega um caráter dúbio, pois é o elo de comunicação entre as malas, é o objeto que faz com que elas possam convergir: tanto pode ser entendido como obra, ou como objeto a guardar uma representação da minha bagagem. Portanto, a mala/obra também pode ser entendida como objeto/publicação, aquilo que desejo compartilhar por meio da troca. Esta, por sua vez só se realiza em uma dimensão comum de intercâmbio, quando o outro se insere e sente vontade de participar.

A troca é um hábito comum entre os zineiros, a distribuição de mão em mão e o envio pelos correios têm sido a forma mais comum através da qual o fanzine alcança outros lugares e pessoas. O que me proponho neste trabalho é esticar os limites da troca sugerindo a pessoas que eventualmente não se consideram fanzineiras que possam produzir a página de um zine e, em seguida, trocar comigo. Assim, a bagagem que escolhemos e a forma como decidimos representar — no meu caso, por meio dos cartões — pode ser dividida com o outro por meio da ação da troca que, por seu turno, se concretiza através do interesse em comum que leva duas ou mais pessoas a compartilharem algo entre si. Portanto, bagagem, troca e experiência podem ser aglutinadas dentro da mala-expositor, aqui entendida como espaço comum.

3.2.3 Ação na rua: momento de troca e criação

A ação na rua de que trata este artigo aconteceu no dia 16 de novembro de 2018, na calçada do Museu de Arte da UFC (MAUC), no cruzamento da Av. da Universidade com a Av. 13 de Maio, no Benfica, bairro de Fortaleza (CE). O grupo, formado pelos colegas da disciplina de Ateliê de Criação IV e as professoras Jo A-mi e Deisimer Gorczewski, combinou um encontro cedo da tarde no museu para ajudar a organizar na exposição “Mapas de um mundo ausente”, parte da programação do Seminário Internacional das Artes e seus territórios sensíveis (SIATS).

A mala-expositor foi aberta na calçada do MAUC das 15h às 17h30min e dentro estavam os materiais, as proposições e poéticas dos colegas que participaram da disciplina: fanzine-mala, fotografias, lambes, encartes de CD, giz e *post-its* coloridos. Cada colega apresentou uma proposição diferente, algumas com um nome específico e outras não, apesar de a mala-expositor juntar a todos em um espaço comum.

A mala-expositor ficaria aberta para que as pessoas daquela área da cidade pudessem não apenas interagir com as proposições artísticas, mas realizá-las, completá-las. Sem essa possibilidade de interação com a cidade, os trabalhos se esvaziariam. Pensando nessa premissa, pus ao lado da mala-expositor um saco plástico com tipos de material de escrita variados, como canetas (unipin, bic, compactor, canetinhas coloridas, pincel de lousa, etc.), pincéis, lápis, além de vários tipos de papel (ofício, *chouchè*, papel vegetal, papel kraft, papel canson, etc). Na minha blusa, com pedaços de papel afixados com fita durex, escrevi uma frase que pudesse gerar interesse, provocar os passantes: *Dou-te minha mala, se tu me deres tua bagagem*, mote inicial para a troca, um chamado, uma condição de partilha.

Figura 32 — Início da ação na rua



Fonte: Levy Galvão.

Minha proposição engendrava um momento de troca e criação, contexto que pude explicar à medida que as pessoas se aproximavam. Seria do meu gosto trocar meu fanzine-mala pelas escritas que as pessoas estivessem dispostas a elaborar naquele momento. Expliquei que, da mesma maneira que os cartões dentro do meu fanzine eram uma interpretação livre do título do nosso trabalho – “Amá-la” – seria interessante que a escrita feita por eles também o fosse. *O que a palavra-título “Amá-la” desperta em você? Do que você é capaz de se lembrar? Com o que relaciona?*

O lugar escolhido era de grande circulação - universitários, comerciantes, o vendedor de batatinha frita, os de água mineral, dentre outros caminhantes. Sol no cocuruto da cabeça, sinal que abre, sinal que fecha, na pista de várias faixas, carros passando num ir e vir sem trégua. O museu aberto, a tarde que caía. Nossa turma pôs a mala-expositor em um banco no canto da calçada, visível aos que passavam naquele horário.

As ações começaram tão logo nos abancamos: um varal foi feito entre os postes na extremidade da calçada, rolos de tinta cheios de cola e lambes postos no chão, um livro aberto circulando de um lado para o outro. Alguns passantes olhavam, outros nem isso. “Se não estão fazendo exame de sangue gratuito, nem oferecendo consultas grátis em alguma ótica do centro, então o que deve ser?” – será que pensavam assim? Em torno da mala, já se podiam ver os que tiveram curiosidade e ficaram para escutar alguma explicação a respeito do que estava acontecendo ali.

Figura 33 — Ações na Av. 13 de Maio



Fonte: Levy Galvão.

No meio dos muitos materiais e provocações, o fanzine-mala se misturava dentro da mala-expositor e não chamava tanta atenção. Expliquei várias vezes do que tratava o trabalho “Amá-la” e quem éramos para diferentes pessoas e pequenos grupos. Em meio a esses esclarecimentos, apresentava o fanzine-mala e, em seguida, fazia um convite à escrita, à criação, à troca. “Pode mexer na mala, nas coisas que há dentro, e nos materiais aqui embaixo do banco” – era o que eu dizia.

Algumas pessoas concordavam com a cabeça, em sinal de entendimento, e continuavam a olhar, caminhar em torno, reparar nos outros colegas da disciplina, cada um ocupado com sua própria ação.

Essas foram as situações em que pude perceber que existe uma distância entre a compreensão do que está acontecendo e a participação, entre ficar a par da proposta e soltar a mochila de lado e se apropriar dos materiais de escrita ali embaixo. Mudando-se o lugar da ação, evidentemente os resultados seriam outros, bem como seriam diferentes as pessoas que participariam. No entanto, por ser um lugar de passagem, aquele em que estávamos, acredito que a distância compreensão-participação se tornou maior, por exemplo, do que se estivéssemos a realizar o mesmo trabalho em um espaço de espera ou parada, como em um ponto de ônibus ou mesmo próximo a um a um banco de praça.

Em vista disso, as primeiras trocas tardaram. Entre as conversas que tive com os curiosos que se aproximavam, consegui participar da proposição de alguns colegas, como a do Caio Victor. Irreconhecível por baixo de véu e máscara, criatura anônima e despersonalizada, sua imobilidade inicial desaparecia quando alguém sentava e ditava palavras para uma carta, não uma carta qualquer, mas uma carta ao abandono. Ao seu lado, pacientemente ditei a minha carta de teor metadiscursivo, que não se dirigia a nenhuma pessoa em especial.

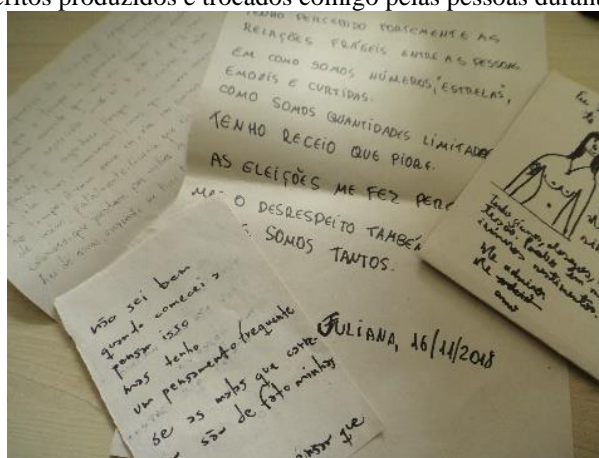
Figura 34 — “Cartas ao Abandono”, obra do Caio Victor



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Depois desse momento, lembro-me de fazer as minhas primeiras trocas e receber as primeiras escritas. A Juliana Tavares²⁴ escutou minha proposta e meu pedido de que ela escrevesse o que o título do nosso trabalho suscitava, suas impressões, memórias e inquietações. Usando os materiais que pus à disposição, ela buscou um cantinho isolado próximo às grades do MAUC para escrever. Suas palavras refletem sobre questões latentes do cotidiano e do nosso momento histórico, como as eleições recentes, a fragilidade das relações que criamos com o outro e a forma como as redes sociais acabam nos definindo como indivíduos. As pessoas que fizeram a troca comigo geralmente escreviam em pé, nas imediações do próprio lugar da ação, onde havia muito ruído da rua e das nossas conversas, o que resultou em textos curtos com letra que interpretei como apressada.

Figura 35 — Escritos produzidos e trocados comigo pelas pessoas durante a ação realizada



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Quando a troca acontecia, as pessoas guardavam o fanzine-mala para ver os cartões depois, suponho que por conta do caráter dinâmico e diversificado com que a ação estava acontecendo. Aos poucos fui organizando a contribuição de cada um na mala, de maneira que seu espaço acabou se tornando um lugar comum de criação e exposição – o que saía de dentro dela era acompanhado por algo novo que entrava. Desse modo, ao trocar o que fiz pelo que o outro criou, a cidade passou a estar presente dentro da mala-expositor através dessas escritas e da subjetividade das pessoas que nela habitam e chegaram até nós por meio dos seus caminhos.

Então, já não seriam mais apenas as produções dos alunos de Ateliê de Criação IV, mas produção de um grupo de participantes que decidiram contribuir com suas próprias experiências e

²⁴ Artista-pesquisadora da cidade de Fortaleza, componente do grupo Teatro Esgotado e colega do PPGArtes UFC.

deixar que elas ficassem expostas ali, publicamente. Hannah Arendt defende que o comum surge de uma realidade que pode ser construída em suas nuances de verdade, antes de tudo, através da diversidade, por meio da pluralidade de discursos e elementos simbólicos. Se assim encararmos a mala, talvez a realidade a que ela foi levada em sua existência coletiva seja a realidade da partilha e do comum.

A subjetividade da privatividade pode alongar-se e multiplicar-se na família, pode até tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública, mas esse - mundo familiar- jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar a identidade, de sorte que os que estão à volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo mostrar-se de maneira fidedigna. (ARENDR, 2007, p. 67)

A diversidade do conteúdo da mala-expositor se fez ver à medida que a tarde avançava. Em grupo, tentamos deixar vir a dimensão comum da mala. Se antes era um objeto estranho no canto da calçada, tenho impressão de que a sua existência ali passou gradualmente a ser naturalizada por nós, alunos da pós-graduação, e pelos passantes do Benfica. Apesar disso, ninguém pediu para trocar meu fanzine-mala por uma escrita feita na própria mala-expositor, ou mesmo intervir sobre a mala de alguma forma. Pergunto-me o que teria acontecido se a ação tivesse durado mais de um dia.

Um desdobramento que ficou marcado durante os dias que se seguiram às ações na rua diz respeito à participação da psicóloga Vanessa Feitosa nas proposições que estávamos fazendo. Troquei o fanzine-mala por um escritura dela, que logo em seguida participou da performance “Cartas ao abandono”. Porém, enquanto ditava sua carta para o Caio, esqueceu no chão o fanzine-mala recém-trocado, situação de que fiquei a par alguns dias depois, quando ela entrou em contato por “Whatsapp”. Nessa circunstância, ela perguntava se não poderíamos nos encontrar para que eu lhe desse um novo fanzine, pois ela havia ficado curiosa e não tinha dado tempo ver durante a ação na rua. Duas semanas depois encontrei Vanessa no Centro de Humanidades II - UFC e consegui entregar em mão um número do fanzine perdido.

Gosto de pensar que nossa ação na rua proporcionou esse encontro posterior, mesmo que fruto de um esquecimento. De toda forma, aconteceu por conta da interação, da criação e da troca que nos dispusemos a fazer e, por sua vez, engendrou o diálogo, o encontro. O reencontro com a Vanessa, assim como a realidade de chegar até o outro através das relações na/pela/com a cidade, salvaguarda as pessoas não apenas do abandono com que se pintaram as palavras da carta datilografada, mas sob uma perspectiva mais ampla, da solidão coletiva e conglomerada.

No final da tarde, a mala-expositor foi levada para o interior do MAUC onde ganhou um espaço, juntamente com outros trabalhos da exposição “Mapas de um mundo ausente”. Embora a experiência de um modo geral contasse com esses dois momentos, respectivamente, fora e dentro do museu, acredito que a mais importante para mim foi a primeira. Assim considero, porque não havia participado de ações na rua antes daquele dia, tendo sido um momento rico, levando-se em conta a multiplicidade de experiências acumuladas que se desdobram na memória, no afeto, que semeiam ideias para a criação de objetos e poéticas as quais buscam conceber arte e vida por uma via comum. Ainda com as palavras de Hannah Arendt: “O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva” (2007, p. 68). Se isso é verdade, pois que não deixe de existir, e que possa se materializar e ser visto por/como uma miríade de perspectivas quando mergulhamos no exercício constante da partilha.

3.2.4 O comum

Nesta parte da pesquisa, busco resgatar as discussões sobre política feita na disciplina de Tópicos Especiais IIⁱ, ministrada pela professora Francimara Teixeira, e entender o conceito de comum a partir de noções de política que remetem, inicialmente, ao passado clássico, em que estão suas bases. No referido contexto, entendo como referencial e importante a contribuição de Aristóteles para a discussão aqui levantada, pois um dos tópicos de sua filosofia versava sobre a vida na *polis* grega. A política, nesse sentido, diz respeito à “vida na cidade e seu objetivo seria o de promover/estimular a felicidade comum e o bem da comunidade” (ARISTÓTELES, 1985, p. 19). A política, dessa forma, existe quando percebemos a presença de uma busca constante por esses valores.

Dito isto, é importante reconhecer o tratamento que a civilização grega dispensava à arte, ou seja, vendo-a como uma manifestação que nasce da sociedade, um produto social (WAGNER, 1849, p. 36). Ainda nesse contexto, podemos apontar o drama grego não apenas como um desses produtos, mas como a arte mais elevada que foi concebida por esse povo (WAGNER, 1849, p. 40), espetáculo a que o cidadão grego assistia para reconhecer a si mesmo, bem como para identificar uma essência de civilização, a substância fundamental do que é ser um povo (WAGNER, 1849, p. 41). Nesse sentido, o drama não só é capaz de reunir e sintetizar as outras modalidades de arte, mas também era um elementos constituintes da própria identidade coletiva e individual, conforme a qual o indivíduo reconhecia a melhor versão de si (WAGNER, 1849, p. 43).

No entanto, na Grécia Antiga, o contato com a arte e o acesso ao drama eram resguardados ao cidadão, ao homem livre, categoria que exclui o “povo” no sentido mais amplo: escravos, mulheres, crianças, estrangeiros e indivíduos que não dispunham de posses não faziam parte desse grupo,

que, por sua vez, era a minoria da população. A arte e a educação estética não se ofereciam a todos e, logicamente, o que decorre delas também não, como a experiência da catarse, ou aquilo que legitima um sistema que escolhe e, se assim o faz, não manifesta a existência de uma esfera do comum no contexto social. Apesar de o bem coletivo ser um elemento essencial à política, é curioso pensar que ela só podia ser exercida em um contexto em que os ‘iguais’ se definem a partir de uma lógica do privilégio, portanto excludente.

Rancière (1996, p. 9-10) explica que a política se justifica como prática quando se entende que não existe no mundo de fato um equilíbrio do bem comum, em virtude das diferenças que levam à existência de classes sociais distintas, por exemplo. Logo, a presença de um grupo dominante ou favorecido faz com que os pobres venham a existir como entidade. Assim, a política deveria lidar com questões que operam diretamente na busca por esse equilíbrio e igualdade.

O autor identificou um ponto de conflito muito interessante que contribuiu para a discussão sobre política, algo que ele reivindicou como dissenso, conceito que teria a natureza de um desentendimento. Trata-se de uma característica da política que põe em questão não apenas a divergência de opiniões em um debate entre indivíduos, mas a racionalidade operante por trás dele. Duas pessoas que acreditam que “um mesmo objeto tem por característica a cor branca, mas discordam ainda assim, não se opõem apenas em ideias, mas mantêm uma diferente posição na ocupação dos âmbitos de manifestação do sensível” (RANCIÈRE, 1996, p. 11).

Para Rancière (2009, p. 16), o que podemos chamar de ordem social e política está diretamente ligada à partilha do sensível. Ou seja, tudo aquilo que se alinha à mobilização da criatividade, expressão e da autoexpressão. A partilha do sensível nos leva em direção a uma participação comum, quem sabe a novas formas de fazer e dizer. Partindo daí, podemos pensar em ações e mesmo em condições que tornem a arte acessível, em seu sentido mais amplo, o que naturalmente nos levará a compreender a partilha do sensível como uma tentativa de nos inserirmos em diferentes maneiras de ocupação do espaço, novas formas de fazer e de dizer. Busco, neste trabalho, encontrar essas novas formas por meio das ações na cidade, em que a troca desencadeia uma escrita conjunta. Essas escrituras em si são feitas pelas pessoas a partir de uma proposta que lanço em vista de uma troca, tentando efetivar uma experiência/processo de compor *com*, ao invés de *na* cidade.

A troca é proposta a partir do interesse das pessoas pela minha própria escritura, que traz como suporte o fanzine. Nesse contexto em especial, o fanzine-mala, de cuja criação este trabalho trata, busca tensionar as definições dadas ao enveredar por novos conceitos de publicação, ao apresentar novas materialidades para o fanzine que o situam no âmbito da Arte Contemporânea.

Interessam-me as bases de pensamento em que a Arte Contemporânea busca o imbricamento cada vez maior entre arte e vida, uma inclinação incutida pelos estudos no mestrado em Artes.

Ferrando (2012, p. 26), ao estudar especificamente as aproximações entre arte e cotidiano, a partir das vanguardas estéticas, discorre sobre a importância da *vontade autotransformadora do receptor* (FERRANDO, 2012, p. 84), promovendo uma integração da arte com o contexto comum por meio de uma percepção ativa daqueles que antes apenas contemplavam, contexto em que a experiência artística se aproxima do processo, em vez do produto. Ferrando (2012, p. 37) também discute o *conceito ampliado de arte*, presente em Joseph Beuys, para quem o fazer artístico deveria estar integrado a todos os âmbitos da vida, o conceito de criatividade deveria ser introduzido no trabalho, provocando uma mudança na maneira como entendemos o sistema em que estamos inseridos, em vista de entender a entidade social como obra artística. Outro artista relevante é Kaprow que, por sua vez, busca por uma composição pouco artística em situações cotidianas comuns (FERRANDO, 2012, p. 67) quando apresenta, no contexto do *happening*, não um objeto artístico, mas *atividades* que desenvolveu, sendo que estas consistiam em olhar o céu até que surgisse uma nuvem ou varrer o chão. São situações em que podemos dizer que a experiência com a vida suplanta a experiência artística (FERRANDO, 2012, p. 67).

Dito isto, penso em que níveis podem se dar as incursões na arte que buscam a vida e o cotidiano por meio de práticas e ações na cidade que envolvam a participação das pessoas. As relações entre a comunidade e práticas artísticas que se misturam à vida, formam um amálgama com consistência indiscutivelmente política, que define essa mesma comunidade como *aquela que vem* (AGAMBEN, 2013, p.11), formada por qualquer pessoa, sem propriedade específica, ou mesmo restrições de identificação, mas, antes de qualquer coisa, se afirma e reincide sobre a vida comum.

No contexto da Arte Contemporânea, abre-se espaço para que possamos relacionar a prática artística à experiência de *estar junto*, pela criação de comunidades, pela partilha do comum. Hannah Arendt (2007, p.62) discute o estreitamento entre as dimensões da esfera pública e comum a partir da capacidade que temos de partilhar um mundo e uma realidade que construímos coletivamente, o que me parece central em um pensamento em artes que busca situar as práticas contemporâneas em outros espaços além daqueles que têm sido tradicionalmente de legitimação da arte, como os museus e galerias. Sobre a natureza e abrangência do que entendemos como público, que, por sua vez, condiciona o comum, Hannah Arendt comenta:

(...) O termo – público – significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. (ARENDR, 2007, p. 62)

Assim, acredito que a ação que propõe troca e criação disparada pelo fanzine, tornando as pessoas que passam na rua sujeitos ativos na socialização do processo artístico que ganha força na interação, na partilha das experiências, escrituras e gestos, traz uma importante reflexão. Esta diz respeito à construção do comum no espaço público que entendemos por cidade e nas ações que buscam força a partir de uma lógica operativa cada vez mais presente na vida e no cotidiano, logrando uma transformação que por essência tem uma natureza política.

3.2.5 Malas-destino-etc.

Com este trabalho, pude pensar de formas diferentes um processo de criação que tem sido caro a mim nos últimos anos e, especialmente, na pós-graduação, já que está relacionado diretamente à minha pesquisa: a criação de fanzine. De forma complementar, há a vivência na cidade que foi possível por meio das ações, onde pude experimentar a troca do fanzine-mala pelos escritos das pessoas que se dispuseram a participar deste momento, nas imediações da Avenida da Universidade. Assim, a experiência como um todo traz à tona um dos modos viáveis de perceber as potencialidades do processo criativo em uma relação arte e vida, fanzine e cidade, mesmo que limitada pela sua duração às poucas horas de uma única tarde. Também se encontra aí a dimensão política de ações que buscam trabalhar a construção de um lugar comum, a partilha do sensível, contexto em que a elaboração artística se completa, ou tenta fazê-lo, com a participação do outro, inserida no cotidiano.

É preciso destacar que o trabalho aqui apresentado só foi possível da forma como foi feito por conta de sua gestação ao longo de todo um semestre, a partir de discussões feitas na disciplina de Tópicos Especiais II, ministrada pela professora Francimara Teixeira, e da articulação das professoras Jo-Ami e Deisimer Gorczewski, com a coordenação geral do Seminário Internacional das Artes e seus Territórios Sensíveis, além da constante troca de saberes durante as reuniões com os membros do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA).

Fico feliz em contar a história das minhas malas nesta parte da pesquisa e apresentar o caminho que segui na tentativa de criar para elas e suas respectivas bagagens uma existência compartilhada, por meio da transformação e multiplicação delas em pequenos cartões que se somam para integrar um fanzine. A mala-expositor, que agregou as propostas de trabalho dos alunos da disciplina, foi utilizada pela primeira vez de forma compartilhada, situação em que pudemos explorar sua condição de lugar-objeto partindo de um uso que busca a construção do comum. Os escritos que colhi durante as trocas efetuadas ganham, no interior da mala, um lugar especial e acabam sendo responsáveis por redefini-la, já que agora ela não guarda apenas minha bagagem, mas uma bagagem construída coletivamente. Assim, embora em minha posse, já não é mais minha apenas, mas também

das pessoas que contribuirão acrescentando algo de seu ao que ela guarda, sempre que for aberta nalgum lugar. Passada a experiência do dia 16 de novembro, outras ocasiões diferentes a esperam em que ela possa ser aberta em condições distintas, que proporcionem novas experiências no âmbito da arte. Por exemplo, o que aconteceria se a mala fosse aberta por outrem e não por mim, é uma questão que pode gerar novas ações em outras ocasiões.

Passado o tempo, acrescentei alguns cartões ao fanzine-mala que explicavam o trabalho que fizemos. Afinal, durante a ação, cada artista estava presente para explicar sua proposta. No entanto, se, porventura, alguém o abrisse em outro contexto, encontraria dentro os cartões, mas não ficaria a par da história das malas e da circunstância em que eles foram feitos. Tendo acrescentado os novos cartões com informações que norteiam o fanzine-mala como publicação que é, com ele presenteei alguns amigos e também meus pais. No início de 2019, fiz sua inscrição no Prêmio Dente de Ouro 2019, premiação organizada pela Feira Dente de Publicações²⁵ e, embora não tenha vencido, senti-me muito realizado em ficar entre os nove finalistas da categoria zine. Principalmente por ter sido um trabalho desenvolvido no mestrado, por fazer parte da história de uma ação feita na rua, com a participação das pessoas da cidade, tendo proporcionado um estreitamento de laços não somente com elas, mas também entre os colegas da disciplina.

As cópias do fanzine-mala ainda são confeccionadas em situações pontuais, a pedido de alguma pessoa querida, embora outros momentos de troca costumem ocupar meus planos. É por meio deles que minha mala executiva se aquieta nos recônditos do quarto, entre uma estante e um armário, e se permite habitar outros lugares sob o formato dos pequenos cartões impressos em papel *couché*.

²⁵ Feira de publicações anual que acontece em Brasília que busca dar destaque e visibilidade para a produção independente. O Prêmio Dente de Ouro, iniciativa da Feira Dente, busca reconhecer e estimular a publicação de obras independentes. Link: <http://feiradente.com/>

4 PRELÚDIO

4.1 Notas sobre o Salão de Artes

O presente trabalho que apresento como resultado final de uma pesquisa de dissertação tem como resultado um conjunto de ações e processos de criação resultantes da formação de um grupo que, antes de tudo, surge de uma orientação docente para o Salão de Artes do Colégio Diocesano Pe. Anchieta. No entanto, seus desdobramentos se estenderam para além desse evento em particular como será aqui apresentado. A maioria dos alunos que se juntaram à pesquisa, portanto, tinham como interesse inicial buscar identidade e clareza de ideias para um trabalho em artes que se utilizasse especificamente do desenho como linguagem artística.

Por meio de encontros marcados previamente, era escolhida uma data e horário, preferencialmente no contraturno, para que os encontros e reuniões se realizassem. No entanto, esses alunos acabaram embarcando em um programa de atividades bem mais diversificado do que se propunha no início. Nesse sentido, o Salão de Artes da escola foi o catalisador de atividades entre o ponto em que minha pesquisa foi apresentada no dia 21 de junho de 2019, data da defesa de qualificação, e ações e processos de que trato e se constituem na culminância do meu percurso no Mestrado em Artes.

Tendo em vista o contexto mencionado, acredito ser importante produzir um breve histórico do Salão de Artes no Colégio Diocesano e fazer apontamentos sobre sua importância no âmbito da escola. Embora haja a dificuldade em precisar uma cronologia por conta dos escassos registros das primeiras edições, o evento surgido por volta de 2002 foi uma iniciativa da coordenação e de alguns professores da escola que estavam atentos aos alunos que tinham uma inclinação para as artes e que, no entanto, não eram estimulados para além das atividades em sala de aula.

Até então, a Feira de Ciências era o principal evento programado dentro do calendário escolar e tinha como foco o aprendizado de ciências por meio de apresentações feitas pelos alunos de trabalhos expositivos e práticos na área. Pensando em estimular também a pesquisa e a prática em artes no âmbito escolar, os professores João Alexandre e Jovelina Santos sugeriram em uma roda de conversa que o grupo de professores criasse um formato de evento similar ao da feira, mas voltado para a apresentação de trabalhos de artes, também com pesquisas e atividades práticas elaboradas pelos próprios alunos.

De acordo com Aurélia Alexandre e Milena Maia, a primeira edição do Salão foi bastante modesta e não teve uma participação expressiva dos alunos. A ideia dos

professores foi fazer uma exposição da reprodução das obras de pintores clássicos no antigo Auditório Maestro Odílio Silva, transformado em salas de aula após uma reforma feita em 2009. Foi feito um grande painel e foram coladas ao longo de sua extensão as diversas reproduções. Estas vinham da “Pinacoteca Caras”, cujas páginas eram destacadas e traziam obras representativas de pintores de diversos períodos da história das artes. A coleção, adquirida pelo Pe. Pitombeira, diretor do colégio, compunha o acervo da biblioteca da escola e ainda hoje lá está.

Figura 36 — Coleção Pinacoteca Caras



Fonte: acervo pessoal.

Ao lado de cada reprodução, havia a releitura feita por alguns alunos que tinham interesse em desenho e, na ocasião, foram orientados pela professora de Educação artística, Elizaete. Assim, ao entrar no Auditório, o visitante encontrava as reproduções ladeadas pelas releituras livres que cada aluno fez ao seu gosto e com sabor do seu próprio traço. Desses trabalhos, até o momento em que esta dissertação foi escrita, não se encontraram registros fotográficos ou de qualquer ordem, tampouco das primeiras edições do Salão de Artes, momento em que o evento tomava forma e ganhava identidade dentro da escola. Segundo a professora Milena Maia, esta primeira edição foi “bem humilde, bem simples mesmo, só para a ideia depois vir tomar a forma que tomou. Aí, no ano seguinte, resolveu-se fazer algo envolvendo mais os alunos, criando-se uma temática para trabalhar em cima, dividindo os grupos, fazendo um formato parecido com o da Feira”.

Nos anos seguintes, as edições do Salão de Artes passaram a contar com uma participação mais ativa dos alunos, apresentando seus trabalhos dentro das salas, o que fazia com que fosse necessária toda uma operação prévia dos funcionários responsáveis pelos serviços gerais para tirar as carteiras antes que os alunos pudessem organizar seus cartazes, painéis, utensílios e objetos utilizados nas apresentações expositivas. Um

número maior de professores da casa passou a ajudar na condição de orientadores, como Napoleão Maia, Erivelton Lourenço, Suzane Dias, entre outros.

Nas edições seguintes do Salão de Artes, os professores se reuniram para escolher um tema central em torno do qual flutuariam os trabalhos feitos pelos alunos no respectivo ano. Em sala, o Salão passou a ser anunciado, para que os alunos se inscrevessem, e a temática fosse apresentada geralmente pelos professores da área de humanas, de modo mais amplo, e de forma mais detalhada pelos docentes envolvidos com a área de linguagens e códigos. No ano de 2012, época em que entrei para o corpo docente do Colégio Diocesano como professor da disciplina de Literatura, ministrando aulas de Sociologia também, o tema escolhido para a décima primeira edição do evento foi o “Centenário de Luiz Gonzaga”. Neste período, o evento já contava com uma blusa própria confeccionada para a ocasião e os trabalhos eram apresentados no espaço das galerias, pátios, auditório e também nas salas.

Foi um momento em que já se percebia as proporções que o evento tomaria e o nível de engajamento dos alunos que se prontificaram a fazer uma decoração personalizada que tivesse uma funcionalidade dentro das apresentações que iriam fazer. Muitos alunos vieram caracterizados com chapéu de couro, trouxeram instrumentos, como sanfona e violão, e objetos rústicos e característicos da cultura nordestina de um modo geral.

Figura 37 — Apresentações, alunos e professores do Salão de Artes de 2012



Fonte: Acervo pessoal.

No ano de 2016, o Salão de Artes passou por uma mudança em seu formato, em parte motivada pela transição na direção pedagógica pela qual a escola passou, pois aquele foi o ano em que Edgardo Bessa assumiu esse cargo. O evento passou a se chamar Mostra de Tecnologia e Artes, um momento que aglutinava tanto o que foi a Feira de

Ciências como o Salão de Artes. Naquele ano, a I Mostra de Tecnologia e Artes aconteceu entre os dias 10 e 11 novembro, sendo que na primeira data se deu a abertura oficial do evento, em que os alunos apresentavam uma peça teatral com o tema que escolheram. No segundo dia, eram apresentados tanto os trabalhos expositivos de ciências e tecnologia como os de artes.

Figura 38 — Ex-aluna Aléxia Chaves apresentando na abertura da I Mostra de Tecnologia e Artes, em 2016



Fonte: Acervo pessoal.

Um palco foi montado na “Quadra do Cinquentenário”, onde peças foram encenadas, e ocorreu o cerimonial de premiação, no final do dia 11. Acima, vê-se uma imagem do trabalho “O que é diversidade?”, apresentado pela turma do 2º ano A no referido ano. Nesse ponto, o evento ganhou grande proporção, contando com a presença de pais, alunos de outras escolas, além de se constituir como espetáculo aberto para a comunidade em geral. Na maioria das vezes, os alunos investiam dinheiro que pediam à família para comprar materiais, roupas, itens decorativos, e iniciavam ciclos de ensaio com antecedência de semanas ou mesmo meses. Os alunos ficavam entusiasmados e as aulas eram canceladas pela manhã para que os alunos pudessem organizar tudo.

Sobre o trabalho acima referenciado, a aluna Aléxia Chaves, representada na foto, teve a gentileza de escrever um depoimento pessoal sobre algumas impressões que lhe vieram sobre a época em que o trabalho foi feito. Em suas palavras sobre o Salão de Artes, ela menciona os desafios implicados na apresentação, referências utilizadas e uma breve descrição do momento. Seu texto foi escrito a meu pedido para integrar este trabalho e,

somados, constituem uma tentativa de resgate de memória e registro da importância do evento, como uma programação que prima pela valorização do espírito das artes no Colégio Diocesano.

“O que é diversidade?” constituiu proposta que, a um só tempo, misturou encanto e desafio. Perdurava o desejo de dar maior visibilidade a temáticas já discutidas em sala de aula, mas coexistia a responsabilidade de manter uma apresentação didática e envolvente, através da qual o público pudesse refletir. O título em tom interrogativo não foi à toa. A ideia era abrir percursos, despertar alguma inquietação, prover um ambiente adequado ao questionamento, não apresentar respostas prontas, porém provocar as pessoas com o traçado das suas linhas de compreensão.

Conforme se pode supor, o trabalho não esteve imune a especulações relativas à viabilidade daquelas abordagens, uma vez que movimento feminista, diversidade sexual, racismo e cultura afro-brasileira estariam em tela. Felizmente, a proposta resistiu. Nesse sentido, fez-se uma apresentação pioneira, haja vista as barreiras que transpassou, bem como a maneira pela qual condensou trechos da novela “Gabriela” (adaptada a partir da obra de Jorge Amado), capazes de revelar comportamentos machistas, os pensamentos de Simone de Beauvoir, Florbela Espanca e Anaïs Nin, a arte e a bissexualidade de Frida Kahlo, a problemática da lgbtfobia, o preconceito racial e a diversidade religiosa. Recordo-me de que, no palco, percebíamos a interação da plateia, aplausos entre as cenas, gritos de apoio... Quando o musical terminou, a equipe toda começou a trocar abraços e palavras de carinho. Naquele momento, o diretor pedagógico veio até nós para dar cumprimentos pelo trabalho. Sem dúvidas, foi algo muito significativo, tanto para a turma quanto para a história da Mostra de Artes e Tecnologia do colégio. (Depoimento de Aléxia Chaves Maia, enviado por “whatsapp”, em 7 de janeiro de 2020, 3:18 PM)

No ano de 2019, uma nova mudança foi proposta pelo grupo de professores de linguagens e códigos do Colégio. Percebendo que a parte prática do Salão estava voltada quase que integralmente para apresentações de teatro, que aconteciam geralmente nas noites de abertura, os professores Johnantan Moura e Emília Freitas sugeriram uma reformulação do edital para que mais linguagens artísticas fossem contempladas no evento. Ao longo do ano, depois de muitas reuniões no contraturno e várias revisões do texto que estava sendo elaborado, o novo edital foi apresentado para os alunos. As inscrições para participação poderiam ser feitas em sete categorias distintas: dança, música, desenho, pintura, literatura, escultura e teatro.

4.2 Quem somos e a que viemos

Figura 39 — Desenho do grupo feito por Renato Rodrigues, em 6 de novembro de 2019



Fonte: Acervo pessoal.

O Grupo de Criação e Artes foi se formando aos poucos, com apenas três integrantes em seu início, mas não tardou para que novos integrantes viessem se somar ao grupo, todos eles alunos das diversas séries do Ensino Fundamental II. No final de dezembro, o grupo estava com dez integrantes, alguns mais assíduos e outros com presença pontual, parte deles participando dos encontros desde o primeiro dia, outros tendo chegado no mês de novembro. Abaixo, está a primeira foto que tiramos juntos, do dia 25 de setembro e, embora todos estudassem pela manhã, foi feita pelo coordenador do Ensino Médio, David Luna, já que as reuniões aconteciam no contraturno. Nela, vê-se que estamos juntos em um de nossos encontros feitos no espaço da escola, especificamente em uma sala de informática desativada. Ali, sentávamo-nos em círculo em torno de uma mesa improvisada com caixas vazias de apostilas do SAS. A referida sala, apesar de conservar os computadores, havia se convertido numa espécie de depósito e também no lugar onde, eventualmente, algumas aulas eram ministradas na ausência de uma sala melhor.

Figura 40 — Grupo de Criação e Artes



Fonte: Acervo pessoal.

Durante as reuniões feitas na escola, que tinham um roteiro mais ou menos definido, havia um momento certo para que todos falassem. Não exatamente nesta ordem, sempre distribuía as leituras da semana, geralmente histórias em quadrinhos e publicações emprestadas do meu acervo pessoal; os meninos falavam sobre o que tinham lido na semana e trocavam o que levaram para casa por novas leituras. Em seguida, perguntava o que eles tinham trazido para mostrar, no que se refere a ideias, roteiro, esboço, arte finalizada, etc. Sempre mostrávamos o que fazíamos uns para os outros, o autor explicava e discutíamos em grupo a produção que tinha sido posta na “mesa”. Adiante, sempre havia um momento em que eu discutia algum tópico em especial, como na reunião do dia 11 de setembro, em que discutimos e fizemos uma atividade prática relacionada à encadernação artesanal. Por fim, apresentava um desafio relacionado à prática em desenho para ser feito em casa e ser trazido na semana seguinte. A combinação era que todos deveriam fazer a atividade, inclusive eu.

Este era basicamente o roteiro de atividades das nossas reuniões em seu início, durante os primeiros encontros. Como dito, nem sempre a ordem do que se fazia era a que se apresenta acima, muitas vezes começávamos discutindo os desenhos, ou discutindo um assunto específico a partir das conversas que se tinham enquanto se esperava a chegada dos demais membros do grupo. Aparentemente os meninos não se incomodavam que as reuniões fossem feitas naquela sala de estrutura precária, tampouco que não tivéssemos carteiras de fato, apenas cadeiras de plástico, além da mesa improvisada, que chamamos “Távola Redonda”, ou “mesa contemporânea”.

A primeira reunião do grupo contou apenas com quatro pessoas: eu, Tamires Rodrigues, Lívia Cristina e Renato Rodrigues. Convém traçar, aos poucos e gradativamente ao longo do último capítulo, um perfil desses meninos, já que são coautores do trabalho que feito por eles, ou melhor, feito por nós, o Grupo de Criação e Artes. Assim, as informações que apresento inicialmente são relativas ao ano de 2019. Lívia Cristina, por exemplo, estava cursando o sexto ano A. Renato Rodrigues cursava o nono ano B, enquanto Tamires estava no 8º ano B.

À medida que o tempo foi passando, os meninos foram convidando os colegas para as reuniões e o grupo aumentou. O maior atrativo, como eles me disseram, era o fato de que os encontros não eram como as aulas, tratava-se de um momento mais livre. Na fotografia tirada em 2 de outubro de 2019, vê-se no grupo a formação que esteve presente e participou da maioria dos encontros. Juntaram-se a nós: Cristian Luthiane, aluno do nono ano B; também Pedro Cauê e Thiago Henrique, ambos alunos do nono ano A. Na foto, a alegria do momento em que distribuí os quadrinhos para as leituras da semana.

Figura 41 — Reunião na sala de informática



Fonte: Acervo pessoal.

Adiante, Lívia Cristina conversou comigo com o intuito de chamar duas pessoas que tinham interesse no nosso grupo e nas atividades para participar das reuniões: o primeiro foi o Levi Palhares, seu primo, e a segunda foi Raquel, sua amiga e também aluna do Diocesano. A primeira reunião em que os dois estiveram presentes e participaram foi a ação na Praça do Patronato, no dia cinco de dezembro de 2019. Senti que a presença dos dois foi um passo importante para a natureza daquele conjunto como

grupo de artes da cidade não restrito ao ambiente escolar, pois Levi não estuda no Diocesano, mas, sim, do Patronato São Vicente de Paula.

Figura 42 — Últimos integrantes a entrar no Grupo de Criação e Artes em 2019: Levi e Raquel



Fonte: Acervo pessoal.

Acima, veem-se as fotos de Raquel e Levi durante a ação que fizemos na Praça do Patronato, que será apresentada de forma mais detalhada ao longo do capítulo que segue. Eles estiveram presentes nos encontros que fizemos posteriormente. Na mochila, sempre traziam *sketchbook* e celular para mostrar os desenhos que tinham feito. Meu desejo é que tivessem entrado antes, pois, durante as reuniões, sempre falamos sobre coisas que fizemos e conversas de quando eles ainda não estavam. No entanto, mesmo que ambos tenham pegado o trem correndo, Lívia disse que sempre falava das ações anteriores, pois eram próximos, se viam sempre e frequentavam a casa uns dos outros. Assim, acredito que não tardaria para que estivessem familiarizados com o grupo.

Carla Costa também se juntou ao grupo e teve participação nas primeiras reuniões. Acadêmica de pedagogia na FAFIDAM, ela se associou a nós quando a convidei para me substituir na turma do 8º ano A, do Colégio Diocesano. Sua presença como professora substituta está relacionada à minha participação como ouvinte em uma disciplina do mestrado, a de Arte e Processo de Criação: Poéticas Contemporâneas, em 2019.2, ministrada pelos professores João Vilnei e Wellington Junior. Como os encontros da referida disciplina aconteceram nas quintas, mesmo dia da minha aula no oitavo ano, só poderia estar presente se conseguisse articular minha substituição com alguém. Carla não só preencheu esta lacuna como se engajou no nas reuniões do grupo, participando ativamente e, muitas vezes, sendo responsável por fazer os registros dos nossos encontros.

Este é o Grupo de Criação e Artes que formamos e cujas atividades são descritas na última parte deste trabalho. Sua formação foi agregando membros à medida que o tempo foi passando e que as nossas atividades eram sabidas por outros alunos. Nossa primeira reunião aconteceu no dia 21 de agosto de 2019 e, deste ponto até as últimas

reuniões registradas, este trabalho também é um testemunho da mudança e evolução desse grupo.

4.3 Zine-Cidade: conjunto, experimentação, ação na cidade e costura

Ao longo desta pesquisa, deparei com alguns livros e vários trabalhos acadêmicos que falavam dos fanzines, ou zines, utilizando como referência as obras do professor Henrique Magalhães. No início do mestrado, por exemplo, li o seu “O que é fanzine”, de 1993. Entendo que existe algo de tradicional no diálogo que geralmente se estabelece com esta obra que abre a discussão e o pensamento sobre os zines no Brasil. Tive dúvidas sobre como começar a falar sobre os zines neste trabalho, dado o receio de repetir as mesmas ideias introdutórias, que, recorrentemente, remetem à obra mencionada. Cheguei a cogitar a não utilização desse primeiro livro do Magalhães na pesquisa, em função de referências que me parecessem mais atuais e pouco utilizadas em outros trabalhos acadêmicos que li.

Apesar disso, enquanto a escrita se fazia, notei que este trabalho também trata da história dos zines que fiz, ou de como os fazia e como passei a fazer depois do percurso no mestrado. É a narrativa que liga a primeira parte desta pesquisa com a última, e tudo o que aconteceu até então. De um lado, os zines e as aulas de artes no Colégio Diocesano; do outro, a tentativa de experimentação com o zines a partir de tudo o que era discutido no mestrado. Ou seja, acredito que existe na pesquisa um forte lado tradicional que me fazia pensar com frequência no primeiro livro do Henrique Magalhães. Então, no segundo semestre de 2019, resolvi voltar a ele, mas com um olhar diferente, tentando agregar o que foi aprendido nos últimos dois anos.

Com relação a essa obra, a terceira e última parte teórica do livro chama-se “Modo de Produção”. Nela, o autor aponta as principais etapas para a produção de um zine. Sua organização é feita por meio de uma sequência de etapas que serve de base para o processo de criação de zines. Embora cada um tenha seu próprio modo de fazê-los, de certo modo, cada zineiro passa por elas: seleção de material — composição e ilustração — paginação — impressão — paginação — intercalação — distribuição e venda — divulgação. Foi esta parte em especial que destaquei e trouxe para começar a pensar o conjunto de ações da pesquisa.

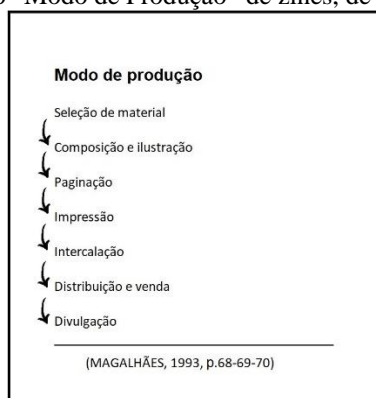
Dispus as etapas do que Magalhães chamou de “Modos de Produção” em uma coluna vertical, de modo que se pudesse desenvolver um diagrama. A experiência de

pensar a pesquisa de forma diagramática está relacionada ao meu percurso no mestrado, especificamente através da disciplina de “Poéticas Contemporâneas”, ministrada pela professora Cláudia Teixeira, em 2018.1. Em sala, a discussão sobre Latour (2012), apontou para a importância de diagramas esquemáticos para a identificação de associações na TAR (Teoria-Ator-Rede).

Em um dos exercícios feitos durante a disciplina, cada um dos alunos tentou desenvolver um diagrama de forma livre, buscando estabelecer relação entre os elementos que faziam parte de seu respectivo projeto à época. Para tanto, Latour (2012) foi um ponto de partida que nos deu uma dimensão da importância dos diagramas como ferramenta metodológica de pesquisa. Assim, cada um dos colegas fez o exercício à sua maneira, organizando diferentes elementos: símbolos, ícones, desenhos, escrituras, etc.

Nesta parte da dissertação, busco fazer um novo diagrama que possa me ajudar a estruturar o momento final desta pesquisa. Inicialmente simples, reproduz o modelo descrito por Magalhães (1993). Ao todo, podem ser identificadas sete etapas, sendo que, em um processo de criação, a ordem pode ser, em certa medida, alterada. Embora as etapas possam ser puladas ou cortadas, é difícil subverter completamente a sequência abaixo, que, para muitos que criam zines, funciona como um roteiro. Por exemplo, é difícil imaginar um zineiro que faça a impressão para depois selecionar o material, ou que recorra à intercalação antes da composição e ilustração.

Figura 43 — Organização do “Modo de Produção” de zines, de acordo com Magalhães (1993)



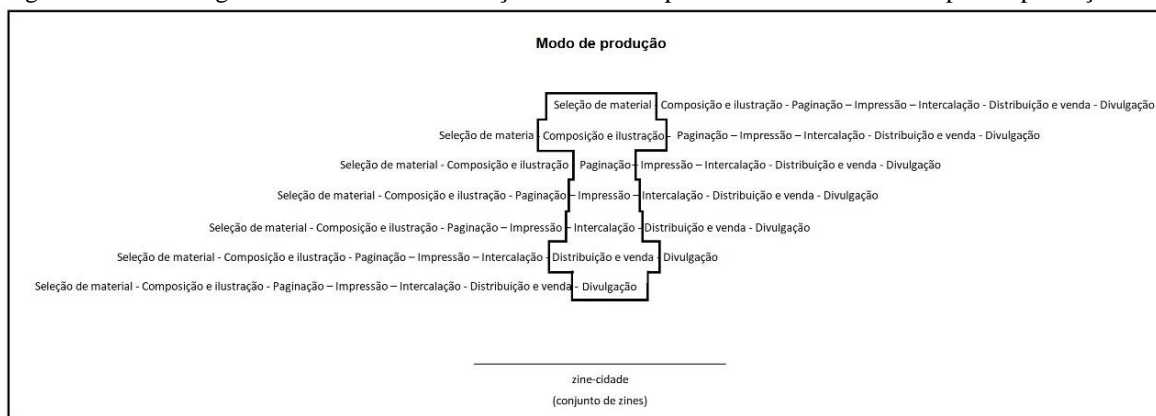
Fonte: Acervo pessoal.

Para organizar o zine-cidade, parti desta estrutura inicial, acrescentando ideias e conceitos que a modificariam, como uma espécie de montagem por acréscimo de peças, elementos que alteram a estrutura do diagrama. Como o zine-cidade desencadeia um processo de criação de zines que faz interlocução com o espaço da cidade, entendo que as experiências aí podem ser múltiplas, como pude perceber durante a mala-expositor nas

imediações da Av. 13 de Maio com a Av. da Universidade. Além disso, os lugares a se explorar são muitos, mesmo em uma cidade pequena como Limoeiro.

Imaginando que não seria tão enriquecedor se quiséssemos reduzir o zine-cidade a uma composição única, derivada apenas de uma experiência na cidade, pensei em um conjunto de composições. O contexto ajudava, pois o trabalho seria realizado coletivamente e o Grupo de Criação e Artes tinha um cronograma de reunião semanal, assim, muito poderia ser feito. Portanto, a primeira peça que somei ao diagrama inicial foi: conjunto. E repeti os passos restantes do “Modo de Produção” de Magalhães em cada elemento da coluna.

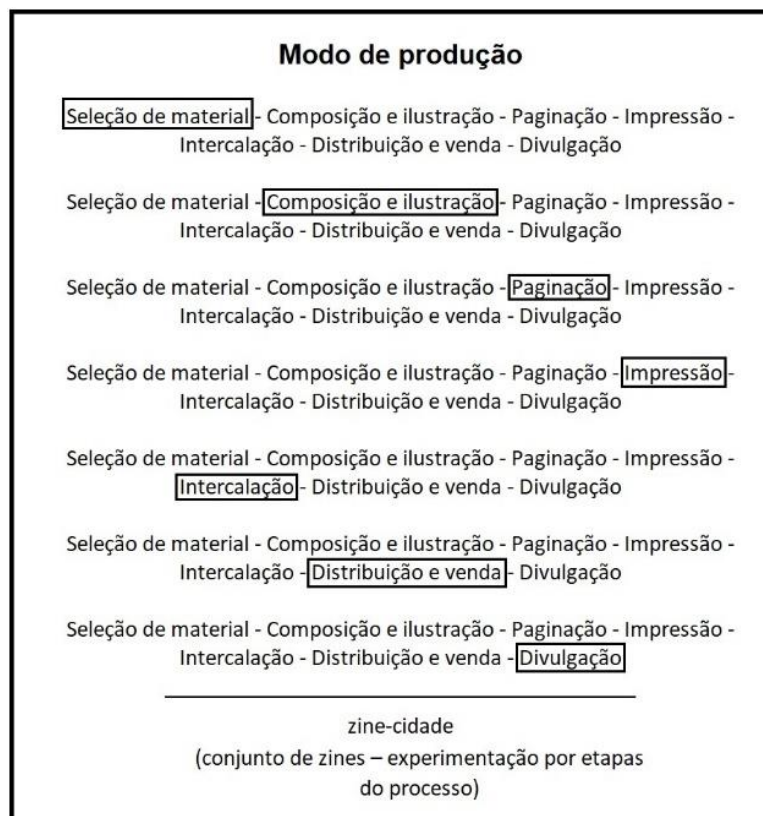
Figura 44 — Montagem do zine-cidade: a criação de um zine para cada uma das sete etapas de produção



Fonte: Acervo pessoal.

Se, para fazer um zine seguindo as orientações de Magalhães, o zineiro passa por sete etapas de um processo de criação, quando adicionada a peça-conjunto ao diagrama durante a construção de um zine-cidade, as etapas são multiplicadas e se apresenta a estrutura para sete zines inteiros. Portanto, o zine-cidade teria sete zines e, para a feitura de cada um deles, o Grupo de Criação e Artes passaria por sete etapas de um processo de criação. Fazer um conjunto de zines abre possibilidades para explorar de maneira diversa as experiências na cidade. O que busquei, ao trazer a ideia de conjunto para a descrição das etapas de criação apresentadas pelo autor, foi expandir esse “Modo de Produção” por meio da multiplicidade, dilatar cada parte do processo em um zine por si só - parte de um todo -, em que em cada zine do conjunto se podem mensurar estando juntas também todas as partes. Esse pensamento leva-me para o próximo elemento que acrescento ao diagrama: experimentação.

Figura 45 — Montagem do zine-cidade: ênfase na experimentação em cada etapa do processo de produção

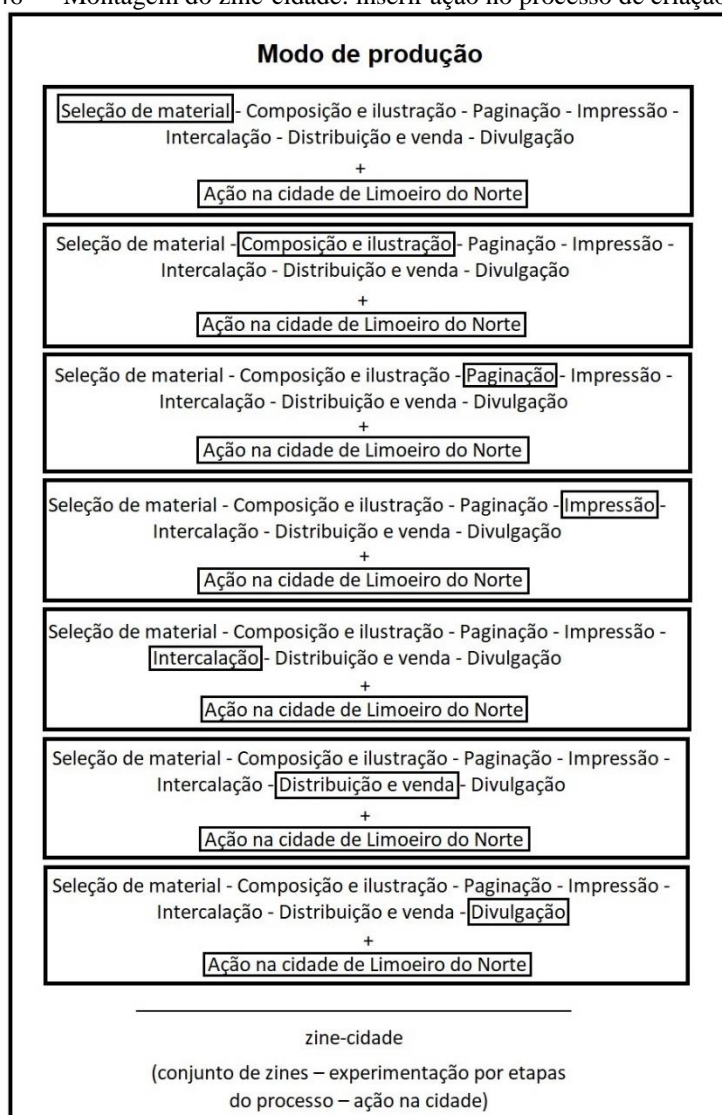


Fonte: Acervo pessoal.

Como fazer um zine que surge a partir de uma etapa do seu processo de criação, mas que carrega em sua feitura todas as etapas? A solução que encontrei foi incorporar a experimentação por etapas no processo. Portanto, o zine-cidade teria, de um conjunto de sete, um zine contendo todas as etapas do seu processo de criação (seleção de material; composição e ilustração; paginação; impressão; intercalação; distribuição e venda; divulgação), mas com ênfase de experimentação na seleção de material. A segunda composição do zine-cidade também teria todas as etapas do seu processo de criação, mas com ênfase de experimentação na composição e ilustração. E assim por diante até a última etapa.

A peça responsável por juntar os dois grandes elos da pesquisa - zine e cidade -, a qual modifica de forma substancial o diagrama, vem a seguir: a ação na cidade. As atividades do Grupo de Criação e Artes seriam marcadas por ações na cidade que definiriam as possibilidades de experimentação por etapa no processo de criação do zine-cidade. A ação na cidade também interfere na natureza do trabalho, já que nos impulsiona em busca de outro espaço que não o escolar-pedagógico. A experiência na cidade passa a ser parte do processo de criação de um zine-cidade que seria elaborado pelo Grupo de Criação e Artes.

Figura 46 — Montagem do zine-cidade: inserir ação no processo de criação de zines



Fonte: Acervo pessoal.

O diagrama acima representa o esqueleto do momento final desta pesquisa. A dinâmica do grupo e as ideias lançadas durante as reuniões definiriam como iríamos preencher essa estrutura, dando-lhe forma, aparência e substância dentro de uma relação arte-vida-zine-cidade. Para que as partes deste trabalho pudessem ser coerentes entre si e se pertencessem, pus como desafio inserir no diagrama, como próxima peça, a costura. Cada ação feita pelo grupo na cidade de Limoeiro estaria costurada à anterior. Uma ação vindoura seria possível apenas se algum fio que saísse daquela que foi feita anteriormente a trespassasse no início.

Além disso, se conectadas à anterior, as ações devem se encaixar entre si, compondo um zine-cidade que pode ser vivido por meio da experiência na cidade e pode ser manuseado enquanto conjunto de zines que é. Portanto, a forma de analisá-las se dá

em associação, em que muitas vezes as ações se misturam. Assim como um *puzzle*, as ações ganham potência, não pelo que são isoladamente, mas pelo que passam a ser em relação com as demais ações feitas. Sobre a o caráter relacional como característica faz das peças do *puzzle*, Perec (2009), afirma:

De início, a arte do puzzle parece uma arte menor, mínima, contida de todo nos rudimentos da Gestalttheorie: o objeto visado – seja um ato perceptivo, seja uma aprendizagem, seja um sistema fisiológico, seja, no caso presente, um quebra-cabeça de peças de madeira – não é a soma de elementos que teríamos inicialmente de isolar e analisar, mas um conjunto, ou seja, uma forma, uma estrutura; o elemento não preexiste ao conjunto, não é nem mais imediato nem mais antigo; não são os elementos que determinam o conjunto, mas o conjunto que determina os elementos; o conhecimento do todo e de suas leis, do conjunto e de sua estrutura, não pode ser deduzido do conhecimento separado das partes que o compõem; isso quer dizer que se pode observar uma peça de puzzle durante três dias e achar que se saber tudo sobre sua configuração e cor, sem que com isso se tenha avançado um passo sequer; a única coisa que conta é a possibilidade de relacionar essa peça a outras peças, e, por esse prisma, há algo de comum entre a arte do puzzle e a arte do *gô*: só quando reunidas as peças assumirão um caráter legível, adquirirão sentido; considerada isoladamente, a peça de um puzzle não quer dizer nada; não passa de pergunta impossível, desafio opaco; mas basta que se consiga conectar uma delas às suas vizinhas, ao cabo de alguns minutos de tentativas e fracassos, ou numa fração de segundo prodigiosamente inspirada, para que a peça desapareça, deixe de existir como tal; a imensa dificuldade que precedeu essa aproximação, e que a palavra *puzzle* – enigma – designa tão bem em inglês, não perde apenas sua razão de ser mas até mesmo parece jamais tê-la tido, tanto que se tornou evidente: as duas peças miraculosamente reunidas formam uma única, por sua vez fonte de erro, de hesitação, de desânimo e de expectativas. (PEREC, 2009, p. 11)

5 ZINE-CIDADE EM LIMOEIRO DO NORTE

5.1 Modos de ler: diagramas, linhas do tempo e fragmentos

O zine-cidade está nas ações feitas, experiências vividas na cidade de Limoeiro do Norte e nas produções que fizemos a partir delas. O texto, assim como as ações, em certa medida foi escrito para que o leitor o vivesse, e sentisse de alguma maneira o sabor dos momentos aqui tratados também por meio da experiência. Para tornar a intenção mais consistente, este documento de dissertação vem dentro de uma mala com a qual o leitor pode interagir de diversas formas, resgatando vestígios das experiências descritas ao longo desta parte do texto com a sua participação, sua interação. Foi a maneira como imaginei ser possível ao leitor se inserir no zine-cidade, contribuir para sua composição.

Para tanto, o leitor deve estar atento a algumas sugestões. A primeira delas:

Observe a mala quando aberta²⁶, há uma sequência de seis fragmentos de mapas, cada fragmento corresponde a um momento de produção e/ou ação do Grupo de Criação e Artes. Esta quarta parte da pesquisa foi segmentada em seis, sendo que cada fragmento de mapa diz respeito a uma das seis subpartes do texto. O conjunto de fragmentos diz muito sobre a maneira como esta quarta parte está organizada: seis subpartes que correspondem a lugares da cidade em que estivemos e produzimos. No fundo da mala, há também um documento que mostra uma linha do tempo diagramática que traz as atividades do Grupo de Criação e Artes semana a semana. Este, funciona no sentido de dar uma noção geral e situar o leitor no tocante ao que fizemos, levando em conta uma cronologia. Portanto, a linha do tempo deve ser consultada ao longo do texto inteiro, principalmente quando este apresentar atividades feitas em diferentes datas, mas que pertencem a uma mesma ação ou momento de criação.

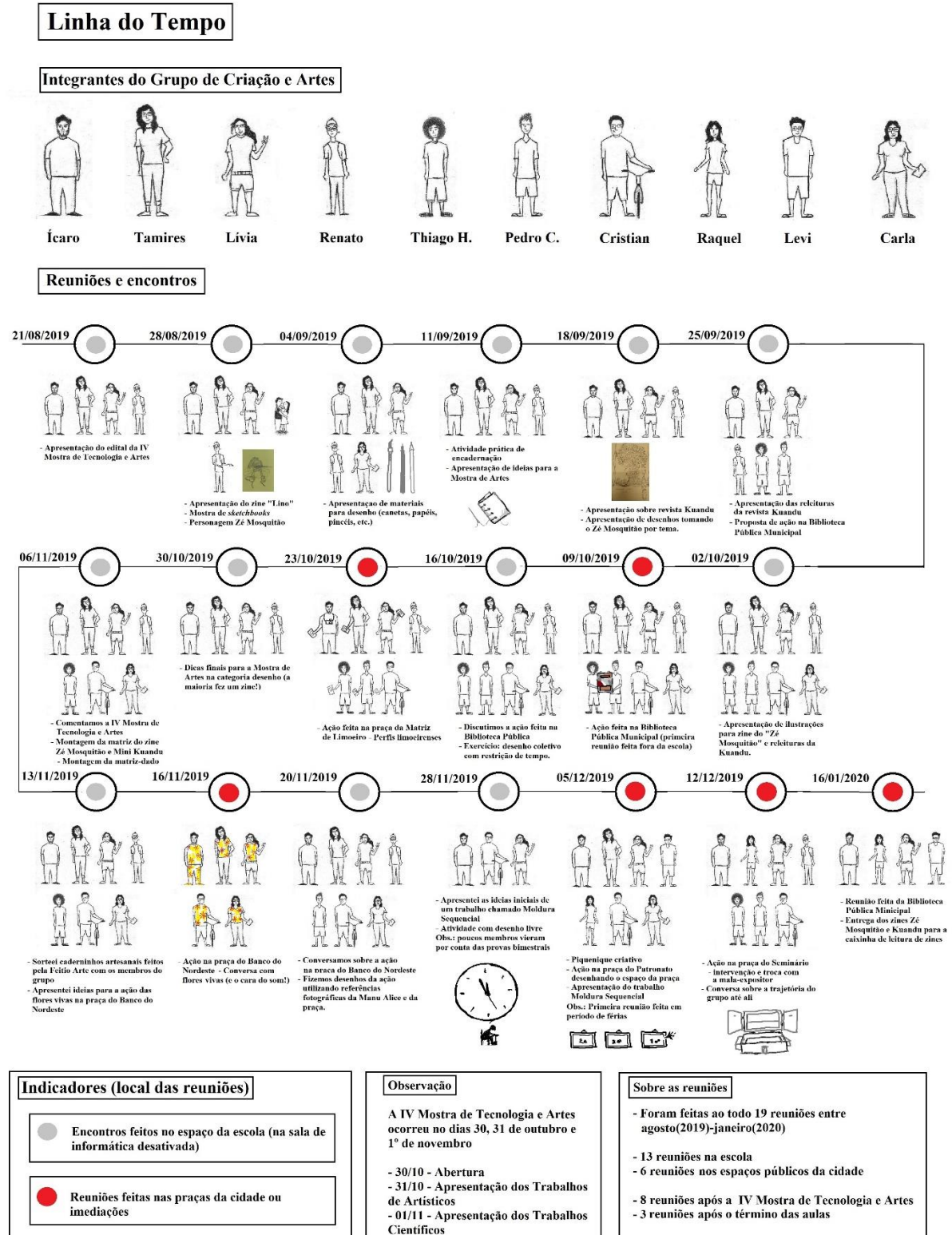
Segunda sugestão para o leitor:

Após a leitura de cada uma das seis partes do texto, o leitor deve voltar-se para a mala e retirar de cima de cada fragmento de mapa o ímã respectivo ao ícone de localização do lugar da cidade em que o Grupo de Criação e Artes esteve. Os fragmentos, em suas laterais, estão colados no papel kraft, mas estão abertos em cima e embaixo. Tirando o

²⁶ Consultar APEÊNDICE A — A MALA-DISSERTAÇÃO, EXPLICAÇÕES SOBRE O FORMATO E ENTREGA DO TRABALHO.

imã, o leitor perceberá que entre cada fragmento e o papel kraft tem um pequeno excerto com instruções específicas: são convites à participação neste trabalho.

Figura 47 — Linha do tempo diagramática



Fonte: Acervo pessoal.

5.2 A seleção de material: desenho, releitura e criação de zines feitos na sala de informática do Colégio Diocesano

As ações desta pesquisa que aqui começam a ser apresentadas levam nosso Grupo de Criação e Artes em busca da cidade, em direção dos seus espaços, ao encontro das pessoas que nela vivem, dos seus hábitos, costumes e vida cotidiana. Apesar disso, o grupo nasce no Colégio Diocesano, uma instituição antiga, fundada em 1942, graças aos esforços de arrecadação de fundos junto à sociedade limoieirense por parte do então bispo Dom Aureliano Matos e do Pe. Misael Alves de Sousa. Portanto, antes de qualquer coisa, somos um grupo escolar.

Das dezenove reuniões que fizemos ao longo de seis meses (agosto de 2019-janeiro de 2020), treze delas foram feitas no âmbito da escola, dentro das suas dependências, usando o espaço das suas salas de aula ou laboratórios. Ou seja, estivemos mais tempo dentro da escola durante esta pesquisa do em qualquer espaço público da cidade. Fomos, durante a maior parte do tempo, um grupo composto por alunos e professor do que um grupo de alunos-artistas e professor-artista. Tentar ver o grupo escolar sob a perspectiva de um grupo de artistas da cidade foi o nosso desafio. Quem sabe, as duas coisas não estejam totalmente separadas e não sejam, assim, tão diferentes se for possível olhar pelo ângulo certo.

Afinal, o Padre Francisco de Assis Pitombeira, tendo assumido a direção da escola em 1952 e permanecido por quase sessenta anos nesse cargo, sempre foi um apoiador da cultura e das artes na cidade, imbuído de um espírito humanista e com inclinações literárias que lhe trouxeram a notoriedade de padre-poeta. Além de escrever versos, era sabido seu gosto por Fernando Pessoa e heterônimos. Durante eventos culturais da escola, recitava de cor trechos inteiros de poemas longos como “Tabacaria”, de Álvaro de Campos.

O Diocesano cultivou, entre alunos e professores, a presença de nomes que vieram a se notabilizar nas artes. Nos anos 70, por exemplo, há registros de uma breve passagem do pintor e escultor Márcio Mendonça²⁷ pelas salas de aula da escola, à época, como

²⁷ Márcia Mendonça foi uma pintora e escultora trans brasileira, natural de Limoeiro do Norte. Seus trabalhos, notadamente a temática sacra, podem ser vistos em várias cidades brasileiras e em diferentes países, tendo pintado na França e Alemanha. No ano de 1994 fez a cirurgia de redesignação sexual (neocolpovuloplastia), portanto, a fotografia mostra um período anterior à sua mudança de sexo. No dia 16 de julho de 2009 foi inaugurado na cidade de Limoeiro do Norte o Centro Cultural Mário Mendonça durante a programação 2º Circuito do Sistema Estadual de Teatro (SET), no Vale do Jaguaribe (Fonte: <http://limoeirodonorte.blogspot.com/2009/07/centro-cultural-marcio-mendonca-sera.html>). Em data recente, admiradores da artista e pessoas ligadas ao movimento LGBTQI+ na cidade, manifestam sua

professor de Artes. À época, o Colégio dispunha de uma sala que funcionava como oficina de produção artística. Na foto, Márcio aparece, antes da redesignação sexual, ministrando uma aula de escultura.

Figura 48 — Márcio Mendonça no Colégio Diocesano, década de 70



Fonte: “Arte entre dois mundos” (2007, p.74), de Marcise Vital(org.) e Fancisca Mendonça (org.).

A obra “Arte entre dois mundos”, organizada por Marcise Vital e Francisca Mendonça, mãe de Márcia, fez-me entender não apenas a importância da artista no contexto local, mas para além dele, dados os trabalhos que fez em vários lugares do país e do mundo. As várias imagens presentes no livro me fazem lembrar inevitavelmente da sala 109, pois não consigo deixar de lembrar na semelhança da pintura de Wellington Junior e trabalho intitulado “O Véu de Verônica” (1994), ambas feitas por Márcia Mendonça.

Figura 49 — Pintura do Cristo em posse de Wellington Junior (esquerda); “Véu de Veronica” (1994), em posse de Júlia Sombra (direita)



Fonte: Acervo pessoal.

insatisfação e desejo reclamar junto às autoridades da cidade a mudança do nome do espaço para Centro Cultural Márcia Mendonça.

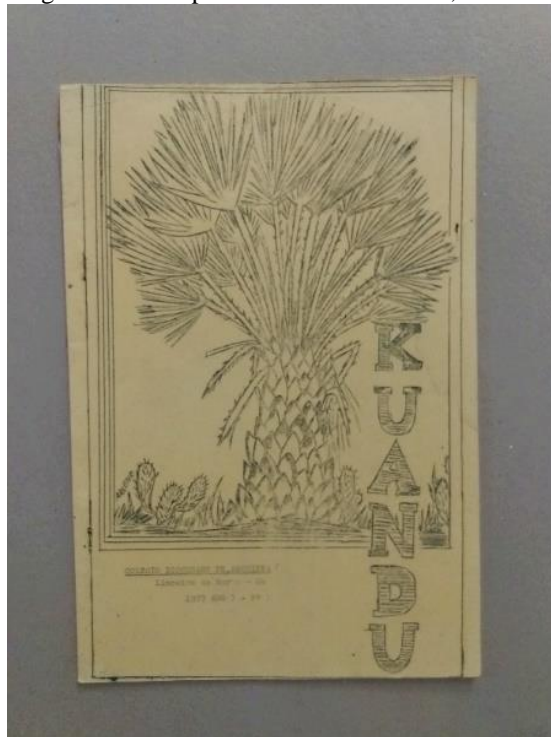
Ainda tomando como foco a produção artística feita no Colégio Diocesano na década de 70, chegou até mim uma revista de cultura produzida pelos alunos e professores da instituição, organizada pelo então diretor Padre Pitombeira, chamada “Kuandu”, datada de 1977. Estimulado pelo professor Héctor Briones, durante os encontros da disciplina de Seminário de Pesquisa em Artes, visitei novamente não apenas a biblioteca da escola, mas também a Biblioteca Pública Dr. João Eduardo Neto, a biblioteca da Academia Limoeirense de Letras (ALL), assim como o acervo de outros espaços. Durante as visitas, busquei revistas, panfletos, jornais, livretos e outras publicações de baixa tiragem que pudessem remeter a aproximações possíveis com a lógica de produção e edição dos zines.

A revista “Kuandu” (1977), publicação norteadora das atividades do Grupo de Criação e Artes em seu início, tinha cunho artesanal, independente e de baixa tiragem. À época, sua circulação como produção intelectual oriunda das atividades artísticas e culturais do Ginásio Diocesano foi feita de mão em mão, chegando até cidades circunvizinhas. Sua autoria é coletiva, pois ex-alunos e professores, além do próprio padre Pitombeira, assinam o material que a compõe. As páginas eram datilografadas em estêncil e as cópias eram rodadas no mimeógrafo, com temas e assuntos geralmente voltados para divulgação da cultura e arte na cidade, tendo um conteúdo bastante diversificado ao longo de suas 33 páginas, trazendo entrevistas, poemas, ilustrações, crônicas e ensaios. Na primeira página, um breve texto apresenta a publicação:

KUANDU (carnaúba kuandu) é o nome que se dá à carnaúba nova, até os 4m de altura, mais ou menos. Seu aspecto é agressivo, inabordável, disgracioso, advindo-lhe daí o nome indígena KUANDU, por lembrar o roedor com o corpo coberto de espinhos.

Por exprimir algo inacabado, desajeitado, em crescimento, é que o acolhemos para titular a Revista que ora lançamos. Surgiu esta do anseio de estudantes do Colégio Diocesano Pe. Anchieta. De publicar seus primeiros escritos, seus desenhos, suas reportagens. Nasceu do intercâmbio entre professores e alunos. Do incentivo secundado pelo natural entusiasmo dos jovens (KUANDU, 1977, p. 1).

Figura 50 — Capa da “Revista Kuandu”, de 1977



Fonte: Acervo pessoal.

A “Kuandu” (1977) teve apenas um único número produzido e veiculado. Como seus autores não possuíam formação jornalística ou experiência com os processos editoriais utilizados em impressos de grande circulação, a edição é considerada caseira e amadora, com suas páginas reunidas por uma camada de cola que forma uma lombada muito fina, além de grampos, não no torso, mas na extremidade esquerda capa. Acredito que pelo tempo de gestação dos conteúdos produzidos para uma revista como esta por parte do corpo docente e discente, bem como a ausência de um aparato técnico que facilitasse a impressão, a revista encerrou suas atividades após a circulação do primeiro número. Em síntese, embora fosse perfeitamente possível, era muito trabalhoso produzir uma revista como a “Kuandu” no espaço institucional da escola, em que a atividade editorial estaria disputando com todos os demais eventos e prioridades da rotina escolar.

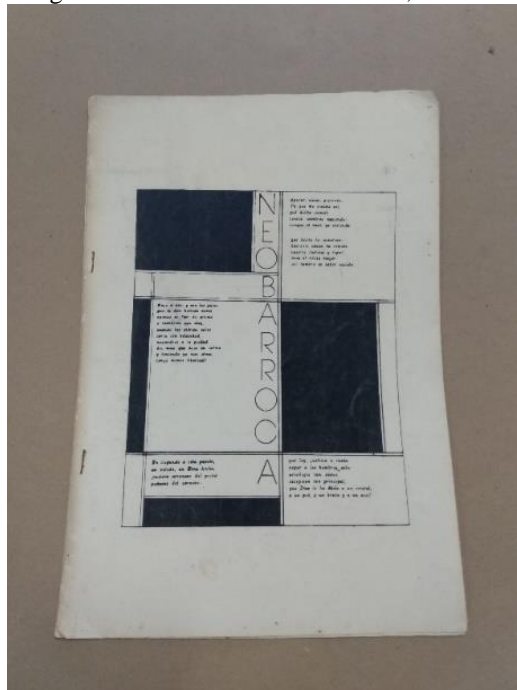
No dia 17 de setembro apresentei uma comunicação oral na FAFIDAM chamada, “Aproximações possíveis: a produção de revistas de cultura na cidade de Limoeiro do Norte e a estética dos fanzines”. Em 1977, não se falava em fanzine no Colégio Diocesano, tampouco em Limoeiro do Norte. A “Revista Kuandu” não trazia uma referência aos zines, nem à cultura dos zines em particular. Apesar disso, é possível identificar, quando se faz a leitura da revista, que seus editores encararam os mesmos problemas que um zineiro enfrenta durante seu processo de criação: seleção de material

– feita pelos alunos, professores e pelo Pe. Pitombeira -, composição e ilustração – as ilustrações usando estêncil como matriz foram feitas por Arlene Holanda -, paginação – feita utilizando uma matriz em estêncil para cada página -, impressão - feita no mimeógrafo da escola -, intercalação - feita por alunos e professores, que organizaram a ordem das páginas com cola e grampo - , distribuição - feita na própria comunidade escolar e fora dela.

Outra publicação que menciono aqui é a revista Neobarroca, datada de setembro de 1992 e assinada por meu pai, José Lima Malveira, à época, professor de Literatura do Colégio Diocesano. Seu índice traz a chamada do conteúdo: ensaios, artigos, notícias e poemas autorais. A revista também conta com uma produção artesanal, as páginas em A4 eram grampeadas e o texto datilografado. Diferentemente da revista “Kuandu”, trata-se de uma revista que traz um trabalho individual. Poucas cópias foram feitas e a distribuição se deu na circunstância do cinquentenário do Colégio Diocesano entre conhecidos, colegas, alunos e ex-alunos da escola. Ambas as revistas tiveram apenas um único número publicado e, portanto, não mantiveram periodicidade. A apresentação da revista se segue: “Neobarroca é um órgão de divulgação das artes do Colégio Diocesano. Organizado pelo professor de Literatura Brasileira: José Lima Malveira” (NEOBARROCA, 1992). Sobre o surgimento da revista, o professor José Lima comenta:

Na época, eu era professor no Colégio Diocesano Pe. Anchieta. O colégio estava vivendo uma espécie de “renascença” de sua vida cultural interna, pois a escola ressurgia de um longo período de letargia, de quase decadência como instituição. Assim, houve o agradável aparecimento, com o incentivo do diretor e dos professores, de grupos de teatro, dança e música. Julguei que seria oportuna publicação de uma revista que narrasse toda essa efervescência que tanto entusiasmava a meninada. Além disso, existiu também um interesse pessoal de minha parte, pois eu queria ver publicado um artigo que escrevera (“Pós-Modernismo ou Neobarroco”), mas não havia como, já que morávamos numa cidade provinciana, longe de quaisquer veículos de comunicação impressos. (Trecho de entrevista concedida em 7 de fevereiro de 2020)

Figura 51 — “Revista Neobarroca”, de 1992



Fonte: Acervo pessoal.

As duas revistas, tanto a “Kuandu” (1977), como a “Neobarroca” (1992), apresentam uma lógica de produção artesanal e utilizam matriz em estêncil e mimeógrafo como forma de impressão. A xerox ainda não era um meio de popularizado em Limoeiro como é hoje. Sobre os subterfúgios a que o editor caseiro tinha que recorrer para produzir uma revista naquele período, José Lima comenta:

Naquele tempo, só havia na cidade duas formas de reprodução impressa rápida: a tipográfica (rudimentar, limitada e cara) e a mimeográfica (barata e disponível no próprio colégio). A xerografia era um luxo a que não tínhamos acesso. Isso não nos deixava muita escolha. Todavia, aconteceu de o mimeógrafo do colégio estar quebrado na época da publicação da revista, de modo que tive de improvisar um. O que fiz foi pegar uma moldura, tapá-la com um tecido fino e permeável, bem esticado, e grudar a ela os estênceis datilografados. Para que as impressões fossem mais precisas, fixei a moldura numa tábua com dobradiças. E o processo era simples: erguíamos a moldura, colocávamos o papel numa marcação na tábua para garantir o enquadramento, baixávamos a moldura, passávamos um rodo com e a impressão estava feita. Cada página era impressa várias vezes, antes de mudar o estêncil e recomeçar com o estêncil seguinte. Enfim, quase tudo acabou sendo artesanal mesmo. (Trecho de entrevista concedida em 7 de fevereiro de 2020)

Acredito que as duas revistas mencionadas constituam trabalhos independentes que tentam fortalecer a cultura local por meio de sua iniciativa. Embora não tenham sido chamadas de zines por seus realizadores e responsáveis, ambas possuem uma aproximação com este tipo de publicação. Ainda durante as visitas que fiz a outros espaços da cidade, especialmente à Biblioteca Pública de Limoeiro do Norte, encontrei

livretos biográficos, cordéis de autores locais, pequenos encadernados com temas variados como: registro de textos que foram inscritos em concursos de poesia realizados na cidade, árvores genealógicas das famílias e mapeamento de bairros.

Durante o percurso com o Grupo de Criação e Artes, busquei estar atento a esse passado que vincula o Colégio Diocesano ao contexto artístico e cultural da cidade. Entendi que havia uma potência criadora muito forte a partir do espaço da escola e do que ele tem a oferecer. Nesse sentido, as revistas aqui mencionadas funcionam como um talismã que nos direciona a outras possibilidades criadoras. As ações na cidade que viríamos a fazer, seriam uma decorrência da vivência no espaço da escola, partindo não necessariamente de um viés institucional e pedagógico, mas dado o breve histórico aqui apresentado, de uma perspectiva que também propicia a criação artística através de um diálogo entre o passado, representado pelas revistas de cultura e o presente, os momentos de produção do Grupo de Criação e Artes.

5.2.1 *Sketchbooks*: Laboratório Romã

Na primeira reunião que fiz com os orientandos da IV Mostra de Tecnologia e Artes apresentei o edital do evento e conversamos sobre a categoria de desenho, uma novidade daquela edição em 2019. Foi uma reunião rápida que contou com a participação de apenas três alunos: Renato Rodrigues, Lívia Cristina e Tamires Rodrigues. Todos já eram meus alunos, sendo Lívia a mais recente, já que começara a ter aulas de Artes comigo naquele ano. Neste período inicial, ainda não havia o nome Grupo de Criação e Artes, embora já pensasse que poderíamos caminhar juntos para a formação de um.

No dia 28 de agosto, no segundo encontro realizada por nós, tendo a sala de informática da escola como lugar de reunião, levei vários dos meus *sketchbooks* de desenho, para que pudéssemos conversar a partir de exemplos práticos da nossa produção. Assim, pedi para que cada um levasse suas pastas, colecionadores ou cadernos onde costumavam desenhar ou guardar o que faziam. A ideia era colocar na mesa e mostrar o que cada um estava fazendo, o que cada um gostava de desenhar, ou a relação que cada um tinha com o desenho.

Figura 52 — Meus *sketchbooks*, material que levava com frequência para as reuniões



Fonte: Acervo pessoal.

Entre o material que levei, comentei de forma mais detalhada sobre o conteúdo das páginas de um caderno artesanal que havia comprado do amigo Jocilone Júnior, que, em parceria com seu colega Mateus Alves, fundou a Feitio Arte²⁸. A linha nova de cadernos da Feitio tinha a capa tingida de pigmentos naturais variados, como aroeira, beterraba, barro, café, dentre outros. O que adquiri tinha a coloração amarelada e concentrada da romã com que fora produzido. Nele, pensei em criar composições em que o desenho dialogasse com diferentes técnicas e materialidades. Pensando que o pequeno caderno em formato A6 pudesse ser um pequeno espaço de experimentações, dei-lhe o nome de Laboratório Romã.

Figura 53 — Laboratório Romã, capa e páginas



Fonte: Acervo pessoal.

²⁸ Loja de encadernação da cidade de Fortaleza, formada pelo duo de encadernadores mencionados.

Contorno humano costurado com linha preta, apontando devaneio sobre a adstringência do coração; registro de um retrato 4x3; homem sensível com cabeça de flores envelhecidas em livro que, por não saber quem é, cai dentro da sua própria impressão digital – seu casaco foi feito com negativos de fotos batidas com câmera analógica; corte longitudinal no “*Yellow Submarine*” a revelar a vida secreta dos Beatles; coloração da capa do caderno feita com pigmentação de romã; antevisão de uma folha de castanhola – uma folha pode ser vista através da janela, mas a janela pode ser vista através da folha.

Em cada página combinei o desenho com diferentes materiais, objetos e técnicas. Quando mostrei o caderno para os meninos lembrei do zine-mala, pois algumas de suas páginas foram transformadas em cartões que compunham este zine. Minha intenção era mostrar que poderíamos fazer desenhos de diferentes formas, experimentando de diferentes maneiras. Conscientemente estava ensaiando maneiras de criar uma ponte do caderno de desenho para o caderno de desenho experimental, e do caderno de desenho experimental para chegar nos zines.

Ao mostrar seu *sketchbook*, Renato Rodrigues falou rapidamente sobre um esboço rápido que havia feito em um *post it* e colado no caderno. Nele, estava desenhado um personagem de sua autoria chamado Zé Mosquitão. Apesar de não ter desenvolvido a caracterização do personagem de forma detalhada, ele disse que se tratava de um mosquito cavaleiro medieval. As referências vinham misturadas no seu personagem, que possuía um elmo de cavaleiro medieval, mas também luvas de boxe. O primeiro exercício para casa que passei foi desenhar uma versão do Zé Mosquitão, seja no contexto de uma tirinha, ou apenas a ilustração, sem um argumento ou sequência narrativa. Para mim, aproveitar aquilo que os alunos traziam era de fundamental importância para construir um trabalho feito coletivamente, em que o ponto de partida das ideias saía no próprio grupo que ali estava se formando.

Figura 54 — *Sketchbook* do Renato Rodrigues, personagem "Zé Mosquitão"



Fonte: Acervo pessoal.

À época, não tínhamos ainda o costume de fazer registros fotográficos das reuniões, portanto as fotos dos encontros são escassas e quase sempre tiradas com o celular. Na imagem acima, o caderno do Renato Rodrigues foi folheado por nós e o *post it* com o desenho do “Zé Mosquitão” foi assunto da nossa conversa por mais tempo do que os demais desenhos produzidos por ele. Por trás do caderno, é possível ver o papelão das caixas vazias em que vêm as apostilas do Ari de Sá, material didático utilizado pelos alunos do Colégio Diocesano. Sobre elas, amontoávamos nosso material e assim se iniciava a reunião do dia.

5.2.2 “Revista Kuandu”

Na reunião feita pelo grupo no dia 18 de setembro, levei os exemplares que tinha da “Revista Kuandu” (1977) e da Revista Neobarroca (1992). Falei sobre cada uma delas, enfatizando a questão artesanal da publicação e o fato de terem sido feitas por alunos e professores do Colégio Diocesano. Da mesma forma, poderíamos criar juntos uma produção coletiva em que poderíamos organizar uma revista, em forma de zine. Durante a conversa, mostrei as ilustrações feitas pela Arlene Holanda²⁹ que, como eles, fora aluna do Colégio Diocesano na década de 70.

Tomando como base o material da “Kuandu” (1977) como referência, depois que folheamos a revista, sugeri um segundo desafio para casa: consistia em escolher uma ilustração da revista feita por Arlene e fazer uma releitura livre do tema. Os meninos tiraram fotos com seus celulares das ilustrações para utilizarem como referência quando fossem produzir em casa. As ilustrações de Arlene foram feitas com matriz em estêncil. Ao entrar em contato com a autora alguns dias depois, ela enviou uma mensagem para o grupo através de mim, em que comenta sobre vida, desenho e, em particular, sobre a sua produção na “Kuandu” (1977):

Então, me dirijo a todos os jovens, né, que estão aí na sua turma, descobrindo esses caminhos novos de fazeres e saberes artísticos, e o que eu tenho pra dizer pra eles: É uma forma de expressão, né?! Que tem uma linguagem universal, por isso alcança tanta gente. Desde criança eu sempre desenhei, gostei de registrar, até nas paredes de casa, lembro que desenhei uma vez na parede de uma professora. E também tem a questão tecnológica, e mesmo de acesso aos meios, a minha família era bem pobre e a gente nem tinha papel pra desenhar. A gente esperava acabar o mês pra desenhar atrás na folhinha de calendário e

²⁹ Arlene Holanda é uma ilustradora e escritora cearense, natural de Limoeiro do Norte, com mais de quarenta livros infantis lançados em todo o Brasil. Atualmente trabalha na Editora IMEPH, sediada na cidade de Fortaleza – CE.

até as cartas de minha mãe entravam na roda. Então começou esse caminho, da expressão pela arte, e eu acabei fazendo esse jornalzinho junto com a equipe do Diocesano. Várias pessoas seguiram caminhos na escrita, como Jorge pinheiro, Eugênio Leandro, o Gilmar Chaves. A gente contava com recurso de estêncil, não tinha como reproduzir de forma diferente, então eu arranhava o estêncil e ficaram essas imagens ai meio rudimentares né, que vocês estão revisitando, depois eu me especializei mais em ilustração de livros e hoje eu sou mais escritora do que ilustradora. (Transcrição de mensagem de áudio enviada via Whatsapp, por Arlene Holanda, no 27 de setembro de 2019)

5.2.3 Cumprindo desafios: Zé mosquitão

Neste dia (18 de setembro), Tamires trouxe a primeira produção em que o Zé Mosquitão aparece como personagem de uma tirinha. Ver o grupo produzindo a partir do que eles trouxeram me deixou muito satisfeito e Renato Rodrigues ficou muito admirado em ver um personagem que ele fez sem muito empenho, como ele mesmo comentou, ser utilizado na produção dos colegas de grupo.

Figura 55 — Tirinha feita por Tamires Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal.

À noite, quando cheguei a casa, ainda no dia 18, criei um grupo no Whatsapp para facilitar a nossa comunicação, cujo nome tinha um caráter provisório: Grupo de Criação e Artes. Apesar disso, foi o nome que permaneceu, ele indica que o momento das reuniões tem como objetivo a produção, um viés prático que, de acordo com as minhas expectativas, deveria se intensificar nos encontros seguintes.

5.2.4 Releituras da “Revista de Cultura Kuandu” (1977)

Na reunião do Grupo de Criação e Artes do dia 25 de setembro, Livia e Renato Rodrigues trouxeram as releituras que fizeram da revista “Kuandu” (1977). Nessa reunião, Pedro Cauê e Thiago Henrique, alunos do 9º ano do Colégio Diocesano, juntaram-se ao grupo e participaram da sua primeira reunião. Comentei com eles sobre as atividades que tínhamos feito anteriormente e expliquei que os encontros estavam acontecendo sempre nas quartas-feiras, às 14h.

Figura 56 — Releitura de ilustração da “Kuandu” feita por Livia Cristina



Fonte: Acervo pessoal.

Livia fez uma releitura da ilustração “Tristeza”, de Arlene Holanda. Ao apresentar o desenho ela falou que a ideia seria apresentar uma releitura com o seu próprio traço, o que fez com que o desenho naturalmente tivesse aproximações com o estilo mangá, no qual ela se inspira.

Figura 57 — Releitura de ilustração da “Kuandu” feita por Renato Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal.

Renato Rodrigues, por sua vez, apresentou uma releitura da ilustração “Aceita um cafezinho?”. Em sua composição é possível identificar uma miscelânea de elementos em

um desenho que afirmou ter traços surrealistas: ao fundo um rosto com a boca aberta, torrentes de café que caem e todas as partes. À esquerda, uma moça sentada sobre uma mesa e grãos gigantes de café podem ser vistos no centro dela.

Os desenhos oriundos dos desafios que eu passava para casa eram entregues de forma irregular. Ao longo das reuniões os meninos iam trazendo o que iam fazendo. Assim, as composições iam se acumulando aos poucos, originando o um conjunto final de autoria coletiva do Grupo de Criação e Artes.

5.2.5 Desenho com limitação de tempo

No dia 16 de outubro comprei vários pinceis de lousa de diferentes cores e fizemos um exercício de desenho coletivo com restrição de tempo. Depois que eu começasse a fazer um desenho na lousa, daria a vez para outro membro do Grupo de Criação e Artes após trinta segundos decorridos. Um dos temas para os desenhos foi o Zé Mosquitão, que foi desenhado por nós e, pode-se perceber na imagem abaixo, tem traços de diferentes cores que correspondem ao turno de cada um.

Figura 58 — Desenho feito na lousa da sala de informática do Colégio: Zé Mosquitão



Fonte: Acervo pessoal.

5.2.6 Montagem de zines

No dia 6 de novembro, foi feita a impressão dos desenhos produzidos até àquele momento para a montagem da matriz de dois zines: “Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu”³⁰,

³⁰ Consultar APÊNDICE C — IMAGEM DAS PÁGINAS PRODUZIDAS PARA OS ZINES DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES/ Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Zé Mosquitão”/ Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Mini Kuandu”.

os primeiros produzidos pelo Grupo de Criação e Artes. Entendo que este foi um momento de culminância que reuniu o resultado do que foi feito desde as primeiras reuniões. O tempo estava passando rápido e aquele era o nosso décimo segundo encontro. Cristian Luthiane, colega de sala de Renato Rodrigues se juntou a nós: o grupo estava crescendo. Na sala de informática, a quietude das primeiras reuniões, feitas com um grupo tão pequeno, foi quebrada e se podia escutar um rumor constante de conversa entre os meninos.

Embora boa parte das ilustrações estivesse feita, tendo sido recolhidas nas reuniões anteriores, aquele foi também um momento de criação. Renato Rodrigues produziu, para o zine “Zé Mosquitão”, desenhos de todos os membros do grupo. Eu escrevi um texto de abertura explicando o zine sob o ponto de vista de um mosquito medieval e Tamires Rodrigues desenhou a capa do zine “Mini Kuandu”, usando como referência uma fotografia de capa da revista original.

Abaixo, as fotos mostram Renato fazendo nossos desenhos e escrevendo o título “Zé Mosquitão”. Sobre a Mesa Contemporânea, vários lápis, borracha, tesoura, cola, esquadro e outros utensílios utilizados para montar a matriz dos zines em questão. Às vezes, era bem difícil fazer qualquer coisa sobre a nossa mesa improvisada, pois qualquer força a mais que se colocava sobre o papel fazia com que o papelão cedesse, mostrando como instável era aquela superfície para qualquer trabalho manual. Mesmo assim, embora na sala houvesse várias bancadas onde antes os alunos se sentavam para usar os computadores, sempre acabávamos nos sentando em torno d’A Mesa.

Figura 59 — Montagem de zines do Grupo de Criação e Artes



Fonte: Acervo pessoal.

“Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu” são dois zines cuja matriz é montada no mesmo dia. A ideia por trás da montagem dupla seria trazer para um mesmo encontro a produção da Arlene Holanda, ilustradora e aluna do Colégio Diocesano na década de 70, e o personagem do Renato Rodrigues, ilustrador e aluno do Colégio Diocesano em 2019. Em meio ao encontro de gerações propiciado pelo desenho, as variadas composições feitas pelo Grupo de Criação e Artes.

Acredito que a mensagem enviada pela Arlene Holanda para o grupo cria uma ponte entre os diferentes contextos de produção artística no Diocesano. Essa conexão foi potencializada pela montagem de zines durante o encontro, à medida que a “Mini Kuandu” circular com as releituras feitas por nós, seja na comunidade escolar ou fora dela, a “Kuandu” (1977) seguirá junto. No canto superior direito da capa do zine, há um QR Code, que dá acesso ao conteúdo da revista “Kuandu” (1977) na íntegra. Para tanto, escanenei as páginas da revista e deixei o compartilhamento aberto quando postei o pdf do arquivo no Google Drive.

5.3 A composição e ilustração: composição de uma caixa de leitura de zine na Biblioteca Municipal Dr. João Eduardo Neto

“O que é isso?”; “É um fanzine!”; “E o que é um fanzine?”. Os fragmentos de diálogo citados foram tirados de uma conversa que tive com Marciana, professora de matemática e ex-colega de trabalho no Colégio Diocesano. Nessa ocasião, dei de presente um zine que meu irmão, Pedro Ramiro, havia feito: chamava-se “Cachorro sem Matilha” e trazia uma série de poemas de sua autoria. Ao longo do tempo, conversado não apenas com professores, mas também com alunos, familiares e amigos, percebi como o zine é um tipo de publicação pouco conhecida, especificamente em Limoeiro. Ao longo da conversa, a maioria entendia rapidamente se tratar de uma revista artesanal, no entanto nunca ouvira falar ou sequer havia manuseado um zine antes.

Pensando nisso, no dia 9 de novembro, fizemos nossa primeira reunião fora da escola com intenção de realizar uma ação de criação no espaço da Biblioteca Pública Municipal de Limoeiro do Norte. Faríamos uma caixa de leitura de zines que ficaria no pórtico de entrada, abastecida de alguns títulos, para que os usuários aquele espaço pudessem dela fazer uso. Nossa reunião foi marcada para as duas horas e a caixa seria confeccionada em um dos cômodos da biblioteca.

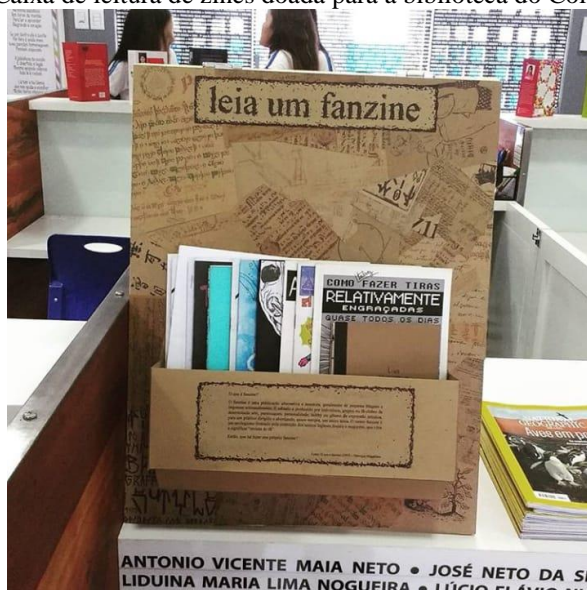
Hoje a Biblioteca Pública Dr. João Eduardo Neto abre às sete horas da manhã e fecha às seis da noite, sem intervalo para o almoço. Os principais frequentadores são alunos da escola pública, universitários e concurseiros que ali buscam um lugar silencioso para estudar. Além do acervo, dispõe de vários cômodos, sendo alguns climatizados, equipados com birôs e mesas de estudo. Ali, nosso objetivo seria confeccionar e doar a caixa de leitura para, aos poucos, oferecer acesso ao tipo de publicação que são os zines no espaço público da cidade e, assim, dar um primeiro passo para torná-los mais familiares aos leitores, visitantes, estudantes e frequentadores da biblioteca.

5.3.1 Caixas na de leitura na cidade

Durante esta pesquisa, em outros momentos, outras caixas de leitura de zines foram feitas. A caixa de leitura, bem como a sua confecção, trazem uma esperança pessoal, uma salutar vontade de que a pergunta “o que é zine?” possa ser respondida por cada vez mais pessoas. Para além disso, que essa familiaridade venha com a compreensão de que qualquer pessoa pode fazer um zine e, logicamente, se isso se souber, mais deles

podem circular por aí. Imbuído por este espírito, confeccionei a primeira caixinha de leitura no dia 27 de agosto de 2018. No dia 18 de setembro, ela foi finalizada e entregue na biblioteca do Colégio Diocesano. Durante o correr da semana, levei a caixinha às aulas do Ensino Fundamental e Médio e fazia uma explicação breve sobre sua função e conteúdo. Por fim, indicava que ela ficaria na biblioteca e seria de uso comum entre os alunos.

Figura 60 — Caixa de leitura de zines doada para a biblioteca do Colégio Diocesano



Fonte: Acervo pessoal.

A sua montagem foi feita utilizando dois pedaços de folha de brumasa de 12mm. Em uma delas, foram feitas várias colagens com arquivos retirados do banco de dados do Google. Entre elas, figuram desenhos de Picasso, Toulouse-Lautrec, inscrições em élfico antigo, partituras de Beethoven e Bach, cartuns de Robert Crumb, figuras de livros de geometria, grafia oriental, pichações, hieróglifos, além da minha própria escrita que se percebe em alguns dos fragmentos de papel. A mistura de referências e a colagem como técnica foi utilizada não apenas nesta caixinha de leitura, mas repetida com novas imagens naquela que veio depois.

No dia 27 de junho de 2019, entreguei outra caixinha de leitura de zines na UFC – Campus Quixadá — quando lá estive para ministrar uma oficina de processos de criação de zine em relação com o espaço. A caixinha foi doada para universidade e ficou sob os cuidados do PACCE – Campus Quixadá. Deixei dentro da caixinha um pequeno acervo de zines que seriam somados aos que fossem sendo produzidos pelos alunos que participaram da oficina. Naquela ocasião, um dos zines que foram deixados dentro da

caixinha de leitura foi uma produção que fiz especificamente para aquele momento: o “Quixa dá zine?”.

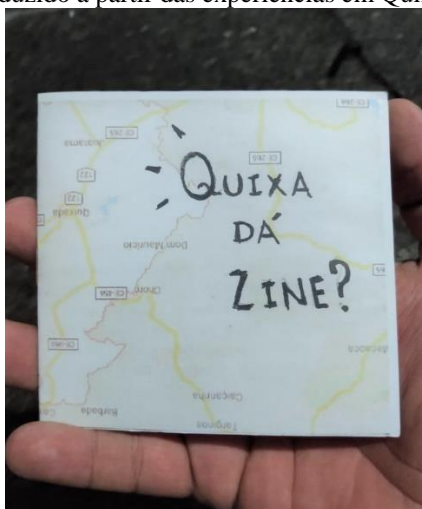
Figura 61 — Caixa de leitura para o Campus Quixadá - UFC



Fonte: Acervo pessoal.

Esse zine, em suas páginas, resgata as atividades e experiências que tive no Campus Quixadá, principalmente durante o semestre de 2018.2, quando cumpri o estágio supervisionado e ministrei uma oficina de zines para a disciplina de “Edição Digital de Imagens” (Código: QXD0123). Portanto, uma produção feita durante o mestrado, que veio a integrar o acervo da caixa de leitura de zines de Quixadá. A ideia é os alunos, à medida que fossem criando suas próprias produções em zine, fossem alimentando a caixinha e dela fossem se valendo também para novas leituras.

Figura 62 — Zine produzido a partir das experiências em Quixadá: "Quixa dá Zine?"



Fonte: Acervo pessoal.

A terceira caixinha de leitura, primeira a ser feita coletivamente, seria obra do Grupo de Criação e Artes. Assim como em Quixadá, as atividades do grupo e as produções que fossem surgindo de suas ações e atividades iriam integrar o acervo da nova caixinha, no entanto esta ficaria na biblioteca pública. Portanto, as duas caixinhas que vieram antes serviram de modelo para a futura. A criação coletiva, o espaço onde seria feita e o uso de colagem de desenhos que nós mesmos fizemos seriam sua principal diferença em relação às demais.

5.3.2 Outra sala, outro lugar

No dia 8 de novembro, um dia antes da ação propriamente dita, fui até a biblioteca pública e conversei com a Jucileide, coordenadora das atividades no espaço, e perguntei como se dava o funcionamento das salas de estudo, especificamente no que toca à possibilidade de fazer uma atividade de grupo em uma delas. Para isso, seria preciso marcar um dia e horário, o que foi feito em seguida. Mostrei a Jucileide uma fotografia das caixinhas de leitura do Colégio Diocesano e de Quixadá e expliquei que gostaria de fazer uma terceira caixinha no espaço de uma das salas para doar para a biblioteca.

Quando entrei na biblioteca na tarde do dia 9 de novembro, a primeira pessoa que vi foi Lívia. Estava sentada nos banquinhos enquanto esperava os colegas chegarem. À medida que o restante dos meninos foi chegando, dirigi-me a Jucileide e pedi que ela nos levasse à sala que reserváramos. A Biblioteca Municipal Dr. João Eduardo Neto é cheia de cômodos onde fica o acervo e um corredor central atravessa todo o prédio. As salas de estudo têm portas que dão acesso a novas salas, em uma estrutura quase labiríntica. Para chegar à sala que reservamos foi preciso seguir pelo corredor e atravessar os cômodos. Ela estava ocupada com o mínimo: ao meio, uma grande mesa de madeira e algumas cadeiras de que faríamos uso. Não era particularmente uma sala muito requisitada porque não tinha ar condicionado e fazia muito calor.

Nós nos abancamos e comecei a colocar as coisas que trouxe sobre a mesa: as folhas de brumasa, cola, tesoura, papéis, os quadrinhos que levei para trocar, além das cópias com os desenhos que havíamos feito nas reuniões anteriores. No nosso grupo de Whatsapp, pedi para que os meninos mandassem algumas imagens oriundas dos seus *sketchbooks* para que eu pudesse agregar as outras que resultaram das atividades e desafios para casa. Neste primeiro momento, espalhamos na mesa as impressões que fiz de todos os desenhos e esboços para que cada um pudesse ver os seus.

Figura 63 — Primeiros momentos na biblioteca pública municipal



Fonte: Acervo pessoal.

Deixaríamos a nossa marca na caixinha de leitura da biblioteca pública ao fazer a colagem utilizando os nossos desenhos. Depois da conversa que tivemos sobre os desenhos impressos, expliquei o passo a passo da montagem da caixinha, que consistia em: a) recorte das imagens; b) colagem das imagens na folha de brumasa; c) fixação das dobradiças na brumasa; d) colagem do suporte para os zines; e) colagem de informativos; f) fixação de ganchos laterais; h) medição e encaixe da corrente; e) arremates finais. Assim, dividimos tarefas e os meninos começaram fazendo os recortes dos desenhos para colagem.

Figura 64 — Montagem da caixinha de leitura: feita a partir de recorte dos desenhos do grupo



Fonte: Acervo pessoal.

Quando todas as imagens foram cortadas, começamos a fazer a colagem nas folhas de brumasa. As ilustrações e desenhos foram sendo combinados de forma aleatória no retângulo da madeira que ali era um espaço gráfico, um espaço compositivo. A maioria das personagens que ali se encontram, para o leitor que sentir curiosidade, só podem ser identificados nos próprios zines que se encontram dentro da caixa, como é o caso das diferentes identidades visuais feitas para o Zé Mosquitão. A dificuldade da colagem em si foi preencher toda a madeira, mesmo que com pedaços de papel desprovidos de ilustração.

Figura 65 — Montagem da caixinha de leitura: colagem de desenhos



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse dia, convidei o fotógrafo Davi Sousa para fazer as fotos do momento de criação. À época namorado de Carla, Davi havia sido meu aluno no Diocesano e, além de trabalhar como fotógrafo em tempo integral é um dos idealizadores do Coletivo aRUAça, que se define como um grupo que “surgiu da vontade de promover e incentivar a criação artística, alternativa e independente”³¹. Já participei em saraus e atividades promovidos pelo coletivo aRUAça em outros momentos e mesmo cheguei a contribuir com empréstimo de caixa de som e microfone. Se esse não for o único coletivo de arte da cidade em atividade hoje, com certeza é um dos poucos.

O salto que esta primeira reunião fora da escola busca dar vai ao encontro daquilo que representa o Coletivo aRUAça: contribuir para a cultura da cidade, extrapolar os limites das atividades centradas na escola e no espaço pedagógico e buscar o espaço público através de proposições com ênfase na criação artística. Embora os objetivos se pareçam, os campos de imersão divergem, pois o Coletivo aRUAça se aproxima do teatro, música, dança, palhaçaria, performance e, de modo mais amplo, das artes do corpo e do espetáculo. Distintamente, nosso Grupo de Criação e Artes naturalmente foi se aproximando dos zines, publicações alternativas, processos de encadernação, arte sequencial e, agora, ações no espaço público.

Davi esteve conosco durante toda a ação, conversando com os meninos, atento a cada etapa do processo de composição da caixinha de leitura. Ao longo da pesquisa, o registro dos trabalhos, principalmente fotográfico, esteve a cargo de pessoas diferentes.

³¹ Descrição presente na bio do perfil do Instagram do coletivo: @coletivoaruaca. Este mesmo registro apresenta registros do início das atividades do grupo, que diz respeito à organização e realização de um sarau na Igreja Matriz de Limoeiro do Norte na data de 9 de dezembro de 2017.

Ao longo dos textos deste capítulo, os créditos mudam várias vezes e, em determinado momento, cheguei a instruir Thiago Henrique a manusear a câmera e tirar algumas das fotos. Nesta ação em especial, Davi fez todas as fotos, que foram repassadas depois de aproximadamente duas semanas.

5.3.3 Cola, papel e tesoura

Fazer as colagens foi a etapa que tomou a maior parte do nosso tempo. Em seguida, começamos a fazer os arremates, colando o suporte para os zines, colando os informativos, parafusando as folhas de brumasa antes separadas e acrescentando as correntes. Os meninos estavam ali o tempo inteiro, no entanto volta e meia se dispersavam e, enquanto eu passava cola nos informativos, escutava à socapa as conversas sobre jogos e animes em que estavam interessados no momento. Cristian contava suas histórias para Lívia e ambos riam alto.

Mesmo tendo combinado antes que faríamos silêncio em virtude do espaço de estudo que é a biblioteca, imaginei que, com a porta fechada tal como estava e com o isolamento em si dela em relação às outras salas, não iríamos atrapalhar ninguém. Outra questão que me veio durante a ação foi o interesse que tinha de que o grupo prosperasse e, para isso acontecer, precisaríamos de fato agir como um grupo em que as posições precisam se aproximar o máximo possível da horizontalidade. Isso quer dizer que, embora fosse eu quem fizesse as explicações, comprasse materiais, marcasse as reuniões e ditasse, na medida do possível, algumas regras, não queria dar ordens e exercer a autoridade de professor durante as ações.

Aproximar-me deles de outras formas era necessário, era imprescindível entender que havia entre nós um equilíbrio sutil. No final das contas, a dinâmica das reuniões era que fazia com que eles se empolgassem e quisessem vir e participar, pois nem eu era pago para estar ali, nem eles eram obrigados a comparecer. Estar junto porque se quer e encontrar um propósito que nos move dentro de uma perspectiva da arte era o motivo mais amplo pelo qual aquele encontro estava acontecendo.

Figura 66 — Montagem da caixinha de leitura: fixação de ganchos laterais e finalização



Fonte: Acervo pessoal.

Nas laterais da caixinha foram colocados dois pedaços de corrente de tamanho igual para que ela não se abrisse completamente. Entre os meninos, o comentário geral era acharem que ia demorar mais tempo para terminar. De fato, mais ou menos às cinco horas, terminamos tudo e recolhemos o lixo que havia ficado solto no chão, desde pedaços de papel cortado, até sacolas em que havíamos trazido as coisas, além de tubos de cola e tesouras.

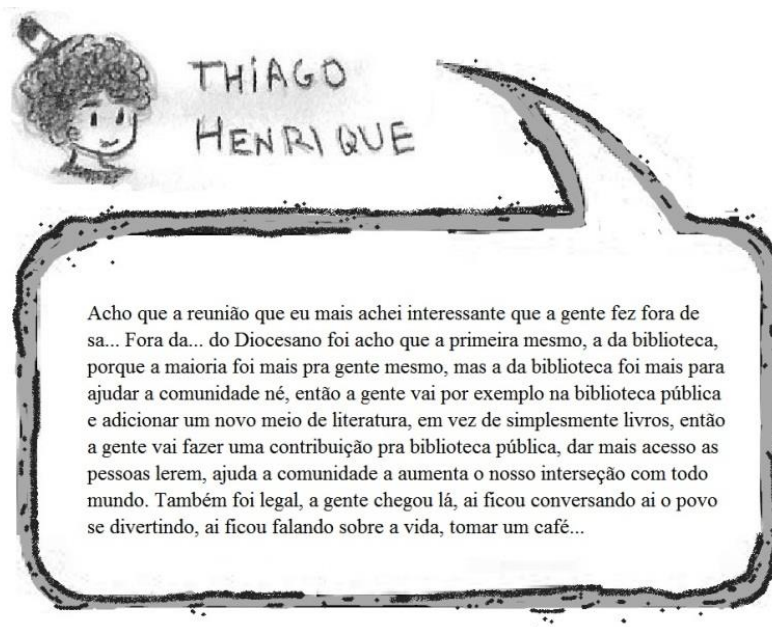
Dentro da caixinha pusemos alguns zines que trouxe de casa e formariam seu pequeno acervo inicial. Eram tanto zines produzidos por mim como por alunos e ex-alunos. À medida que fôssemos terminando os zines do grupo, voltaríamos à biblioteca para abastecer o acervo com novo material. Portanto, a ação não se encerra com a doação, mas se estende às vezes em que, frequentando a biblioteca pública, pusemos um título novo na caixa. A ideia é que os leitores percebessem a renovação dos títulos e também se sentissem à vontade para abastecer o acervo. Algo que só poderia ser observado ao longo do tempo.

Figura 67 — Foto com o grupo no final da ação realizada na biblioteca pública municipal



Fonte: Acervo pessoal.

Como ação do grupo, deixar algo para a cidade foi importante, mesmo que seja uma contribuição modesta como uma caixinha de leitura de zines, pois, a partir do momento em que algo nosso fica ali, cria-se uma ligação. Sobre a ação, Thiago Henrique comentou com ao seu modo:



5.3.4 Revisitando a caixa de leitura da biblioteca pública

No dia 16 de janeiro de 2020, fizemos nossa primeira reunião do ano na biblioteca pública municipal. Foi a oportunidade de trazer as cópias dos zines que produzimos no Grupo de Criação e Artes e lá acrescentamos ao acervo o título “Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu”. Nesta reunião, estava presente apenas parte do grupo: eu, Lívia, Raquel e Levi. Mesmo tendo-se passado alguns meses, ela ainda estava no lugar inicial onde a colocamos quando da primeira visita, exatamente na entrada da biblioteca, facilitando a visibilidade da caixinha, bem como o acesso aos zines.

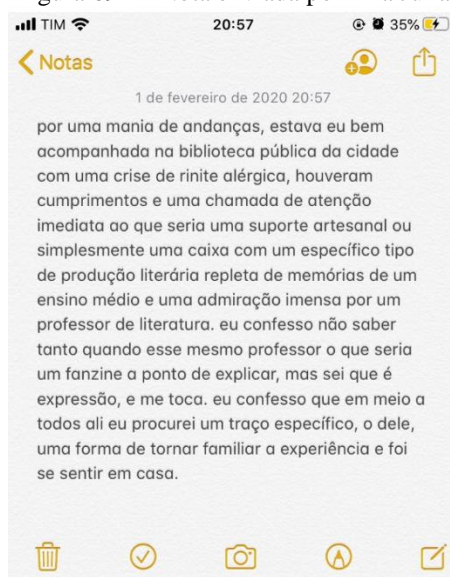
Figura 68 — Renovando o acervo da caixinha de leitura da biblioteca pública com os zines que produzimos



Fonte: Acervo pessoal.

No dia 25 de janeiro, recebi uma foto da caixinha de leitura enviada pelo *Instagram*, a qual havia sido enviada por uma ex-aluna do Colégio Diocesano, Ana Júlia Chaves, que por ali passava e resolveu folhear os zines daquele acervo. Tendo conversado com ela antes, na época do seu Ensino Médio, sobre os zines e publicações alternativas, ela escreveu: “vi na caixinha escrito ‘fanzine, logo procurei algo seu (sáb 11:27 AM)”. Tendo explicado as circunstâncias em que ela fora feita, Ana Júlia enviou um *print* do bloco de notas com um breve relato escrito sobre o momento em que encontrou a caixa de leitura ali:

Figura 69 — Nota enviada por Ana Júlia

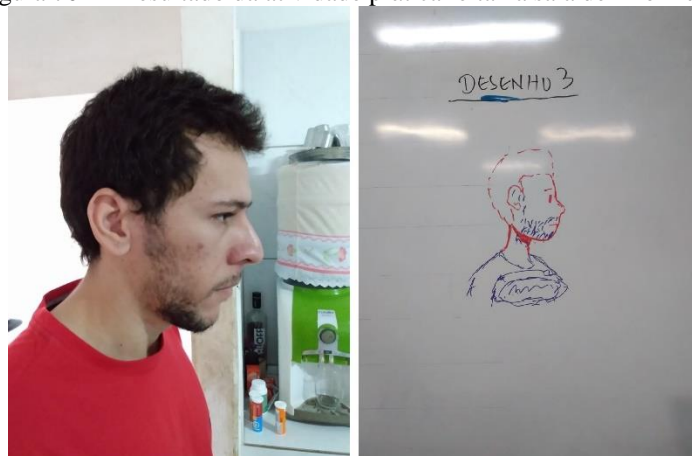


Fonte: Acervo pessoal.

5.4 A paginação: perfis limoeirenses na Praça Cel. José Osterne³²

Traços diferentes que se completam na lousa e tentam delinear as feições do rosto de um vizinho em qualquer estilo. O pincel corre múltiplas direções e cada risco feito pelas mãos tenta encontrar a semelhança entre desenho e fotografia. Cada membro do Grupo de Criação e Artes desenha trinta segundos compondo um único desenho... e tenta lidar com os traços que foram deixados pelo outro. Desenhar com tempo limitado é difícil, some-se a isso o fato de o desenho ser coletivo. A ação aqui tratada se inicia bem antes da visita à Praça da Matriz de Limoeiro do Norte. Voltando no tempo, sua gênese está na mesma premissa da atividade que deu origem à capa do zine “Zé Mosquitão”: desenhos coletivos e com restrição de tempo.

Figura 70 — Resultado da atividade prática feita na sala de informática



Fonte: Acervo pessoal.

5.4.1 Desenhando na Praça da Matriz

No dia 23 de outubro, reunimo-nos na Praça da Matriz de Limoeiro do Norte, por volta das 17h. Nossa ação consistia em fazer desenhos dos transeuntes da praça, ou seja, levar uma atividade feita na escola para o espaço da cidade. Abordar as pessoas e convidá-las para uma atividade que consistia em posar para desenhos feitos pelos integrantes do Grupo de Criação e Artes era a nossa intenção. Como desafio, mantivemos a restrição de tempo para as composições, cada pessoa estaria diante de nós durante três minutos, um intervalo de tempo decidido por votação. Outra decisão tomada dizia respeito ao ângulo

³² Também conhecida entre os populares da cidade como Praça da Matriz. Ao longo do texto, tomo a liberdade de usar ora o nome oficial das praças, ora o nome a que os populares costumemente utilizam para se referir a elas.

escolhido para que cada pessoa fosse desenhada: o perfil. A preferência se deu levando-se em conta que as releituras da Kuandu (1977) ainda estavam muito frescas na nossa memória, assim, resolvemos partir mais uma vez de uma obra apresentada nas reuniões, desta feita, o zine chamado “GENTE I”, do autor André Valente.

Figura 71 — Capas do zine “GENTE I”, de André Valente



Fonte: Acervo pessoal.

Durante as reuniões, tratamos a obra como um zine, embora eu tenha percebido depois que a Bebel Books³³ a apresenta como um minilivro. Em suas páginas, temos dez perfis randômicos feitos por Valente. O tipo de impressão escolhida foi a serigrafia. De uma tiragem de 250 exemplares, o meu tem a numeração 169 e os dez perfis que lá se encontram foram sorteados de um conjunto maior de 50 ilustrações. Justamente por conta disso, a numeração das páginas, que segue a numeração dos perfis, é descontinuada. O meu exemplar foi adquirido na Ugra Press³⁴, durante a viagem que fiz a São Paulo para apresentar o artigo “Zine-Óculos: um olhar sobre a sala 109”.

Figura 72 — Impressão em serigrafia do zine “GENTE I”



Fonte:

<https://www.facebook.com/jornalpimba/photos/a.144395229081522/234240026763708/?type=3&theater>.

³³ Editora independente, especializada em publicações independentes e experimentais. Localizada em São Paulo. “GENTE I” integra o catálogo *online* da editora. Página: <https://www.bebelbooks.com.br/>

³⁴ Ugra Press é uma editora de quadrinhos e publicações alternativas brasileira, fundada em 2010 pelo casal Douglas e Daniela Utescher. Página: <https://www.ugrapress.com.br/>

A interação com as pessoas seria uma marca da nossa produção; quanto mais pessoas parassem para participar da ação, mais perfis seriam desenhados. Em cada sessão de três minutos, uma pessoa de Limoeiro seria representada em diferentes traços e estilos que, por sua vez, condiziam com o modo de desenhar de cada integrante do Grupo de Criação e Artes. Para cada pessoa, haveria um conjunto de desenhos diferentes que mostraríamos ao final, um momento de apreciação em que nossos retratados se reconhecessem nos traços de cada um dos desenhistas.

Ainda buscando experiências centradas no desenho da figura humana “Modelo vivo”, de Coutinho (2016), é uma obra que me causou um impacto positivo a respeito da potência que pode ter um traço mais rápido e espontâneo. Contendo cartuns, histórias inéditas e desenhos de modelos vivos, a obra torna-se interessante pela sua variedade. Ao longo das páginas, vemos os diversos esboços feitos pela autora, ora utilizando apenas lápis, ora recorrendo a diferentes técnicas de colorização, como lápis de cera e aquarela. Durante esse processo, Coutinho (2008) comentou sobre a importância de desenhar pessoas:

Desenhar gente é uma das maneiras mais fecundas de fazer desenhos, porque nos usamos inteiramente na ação de desenhar. Fiz isso menos do que gostaria. Sempre foi renovador, sempre me reequilibrou (COUTINHO, 2016, p. 7)

Figura 73 — Pintura do livro "Modelo Vivo", de Laerte Coutinho



Fonte: “Modelo Vivo” (2016).

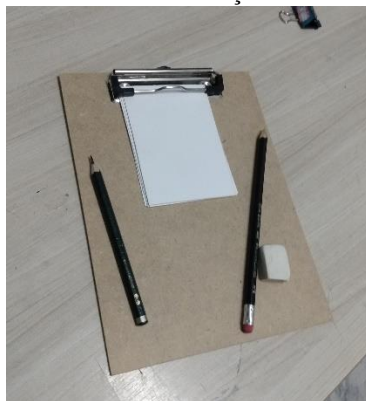
Nossa intenção também era desenhar gente e, assim como Laerte, sentir o desenho de forma revigorante. Havia igualmente o desejo de levar o desenho até as pessoas da praça como assunto, conversar sobre o ato de desenhar e sobre a experiência do outro com o desenho, mostrar o que poderíamos fazer em um espaço curto de tempo: apenas

um conjunto de traços? Uma fisionomia possível de identificar? Por fim, tentar ver através de uma série de rostos desenhados, de um conjunto de perfis limoeirenses, um zine.

5.4.2 Perfis limoeirenses

O Grupo de Criação e Artes se concentrou nos bancos que se estendiam pela praça, já próximo aos correios. Distribuí entre os meninos um conjunto de materiais para cada um: uma pranchetinha de desenho, borracha, um lápis para esboço e um lápis para finalização, além de pedaços de papel Canson em tamanho uniforme A7 (10,5cm x 7,5). Esta foi uma das ações a que quase todos compareceram – apenas Carla não pôde ir. O banco estava abarrotado, todos sentados em sua extensão e as mochilas ocupando o restante do espaço que havia sobrado.

Figura 74 — Material utilizado na ação feita na Praça da Matriz



Fonte: Acervo pessoal.

Embora a primeira ação que fizemos no espaço público da cidade tenha sido na Biblioteca Municipal, era a primeira vez em que nos colocaríamos, como grupo, em uma situação de interação com as pessoas. Disse que, a partir daquele momento, começaria a chamar quem estivesse passando para ter seu perfil desenhado. E não foi preciso muito esforço, na verdade, a primeira pessoa que desenhemos veio a nós por conta própria — ela nos abordou em vez de ser abordada. Luciano Andrade Campos estava vendendo bombons na praça. Trespasada no seu pescoço estava a alça que sustentava uma pequena caixa com toda a sorte de pastilhas, chicletes e bombons. Quando ele nos ofereceu, com muita irreverência, falando alto e fazendo os meninos rirem, propus uma troca: comprar seus pacotinhos de pastilha se ele deixasse que fizéssemos desenhos dele.

Ele pensou que teria de pagar pelos retratos e eu esclareci que não seria preciso pagar, seria somente uma troca. Depois daquele dia, faríamos a impressão dos desenhos

para dar de presente a ele. Antes de se pôr diante de nós, para ser desenhado, colocou no banco a caixinha que carregava, ajeitou o cabelo e passou as mãos pela blusa para “ficar bonitão”. Luciano, pelo carisma, conquistou os meninos, principalmente Livia que não parava de rir enquanto desenhava.

Figura 75 — Perfis limoeirenses: Luciano



Fonte: Acervo pessoal.

“A partir de agora, temos três minutos e contando”, assim falei para o grupo que começou a fazer os primeiros esboços logo em seguida. Usei o cronômetro do celular para marcar o tempo. Quando fizemos os desenhos coletivos na lousa da escola, cada um tinha trinta segundos traçar suas linhas – nossa versão do “Se vira nos 30”³⁵. Como éramos seis no dia desse referido encontro no Diocesano, cada desenho era o resultado de três minutos e diferentes traços. Os três minutos se mantiveram como marca na ação da Praça da Matriz, mas diferentemente da outra experiência, cada um fazia o seu próprio desenho individualmente. Corrido o tempo e tendo anunciado o fim da primeira sessão, todos pararam e mostraram o que tinham feito para Luciano, enquanto ele fazia comentários cheios de admiração.

³⁵ Quadro do “Domingão do Faustão” que reunia atrações diversas no palco, onde os artistas deveriam apresentar um número/apresentação e conquistar a audiência em trinta segundos.

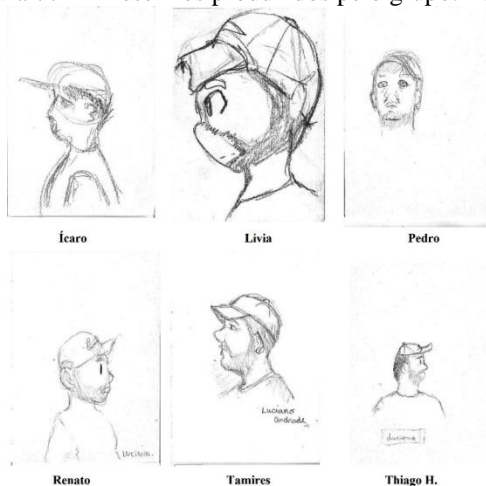
Figura 76 — Momento de apreciação dos perfis: Luciano



Fonte: Acervo pessoal.

Entre os seis desenhos, os estilos mudam, enquanto eu, Renato e Thiago H. temos um traço mais cartunizado, Tamires e Pedro tendem a uma linha mais realista e Livia se aproxima mais do estilo mangá. Pedro Cauê foi o único que representou o ângulo frontal, algo que foi percebido: “...e num era pra fazer de perfil?”. Luciano elogiou bastante o desenho de Tamires, tanto pela semelhança consigo mesmo, que identificou, como pelo fato de que o desenho tinha muitos detalhes que foram feitos em um curto período de tempo.

Figura 77 — Desenhos produzidos pelo grupo: Luciano



Fonte: Acervo pessoal.

Olhos atentos nos acompanhavam, como, por exemplo, os de José Erivan, que havia terminado de montar uma cama elástica e reparava atentamente nas atividades do grupo. Cumprimentei-o e perguntei se ele gostaria de participar da nossa próxima sessão de desenho de perfis. Ele aceitou prontamente e perguntou como deveria se posicionar, e indiquei a posição. Ele nos contou sobre sua experiência recente com desenho: fora reprovado no exame psicotécnico para tirar a carteira de motorista, porque desenhou uma

casa como a questão da prova pedia, mas esqueceu a linha que indicava o chão onde ela deveria estar. “Reprovei porque me esqueci de desenhar o chão”, ele disse.

Figura 78 — Perfis limoeirenses: José Erivan



Fonte: Acervo pessoal.

A tarde caía, as luzes dos postes já estavam acesas e as pizzarias, lanchonetes e quiosques da praça já estavam abertos. Luciano já havia se despedido de nós para continuar sua peregrinação vendendo bombons. José Erivan estava diante do grupo e tentávamos traçar da melhor forma sua fisionomia. Ao fundo da segunda fotografia acima, é possível ver a cama elástica de que ele é dono e que monta quase todos os dias no mesmo lugar. Logo antes de começarmos, pedi permissão para fazer os registros fotográficos, assim como havia pedido a Luciano e a todos que participaram da nossa ação neste dia, um hábito que passei a adquirir sempre que alguém participava das proposições do grupo.

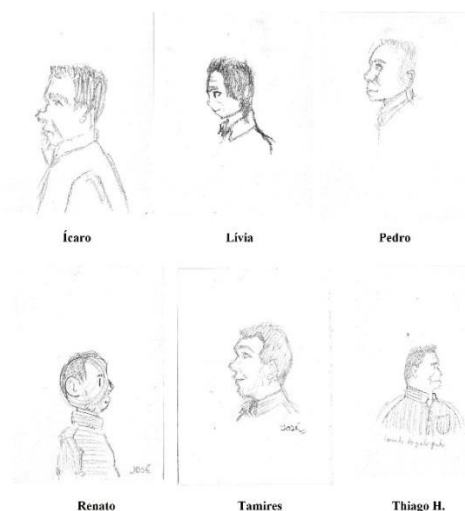
Figura 79 — Momento de apreciação dos perfis: José Erivan



Fonte: Acervo pessoal.

Sempre que se dirigia a mim, Erivan chamava-me de professor. “Professor, é muito legal essa atividade que vocês estão fazendo aqui...”. Percebi que ele se interessou pela ideia do grupo em sua atuação, que, em vez de desenhar em uma sala, atrás das pranchetas, ia para a praça convidar as pessoas que ali já estavam. Como estava sem celular, ele passou o número pessoal de sua esposa, Ozineide, para que eu pudesse enviar os desenhos depois, quando escaneasse tudo o que fizemos e organizasse os arquivos.

Figura 80 — Desenhos produzidos pelo grupo: José Erivan



Fonte: Acervo pessoal.

Naquela quarta-feira (23), haveria a pedalada semanal organizada pela UNIMED – Limoeiro. Os ciclistas estavam começando a chegar às imediações da praça, e um deles, André, eu conhecia, por ser um dos vários alunos da unidade Kumon de Limoeiro do Norte, coordenada por Milena Maia, minha mãe. André se destaca entre familiares e pessoas próximas do seu convívio por seu espírito empreendedor. Mesmo com pouca idade, conseguiu montar um carrinho para vender churros na cidade depois de fazer uma campanha e pedir patrocínio em diferentes lojas. Essa ajuda vinha principalmente sob a forma de materiais e serviços.

André decidiu participar da ação, deixou a bicicleta de lado e posou durante três minutos para o Grupo de Criação e Artes. Quando terminamos e todos foram mostrar os resultados, ele ficou encantado com o desenho feito por Pedro Cauê. Disse que aquele desenho representava perfeitamente quem ele era e pediu várias vezes para ficar com o desenho. Prometi que enviaria para ele o mais breve e ele poderia imprimir, se não fizesse isso, poderia “mandar tia Milena me cobrar”. Sua resposta foi inusitada, disse que colocaria em uma moldura no meio do quarto dele, o que sou engraçado, dada a sua

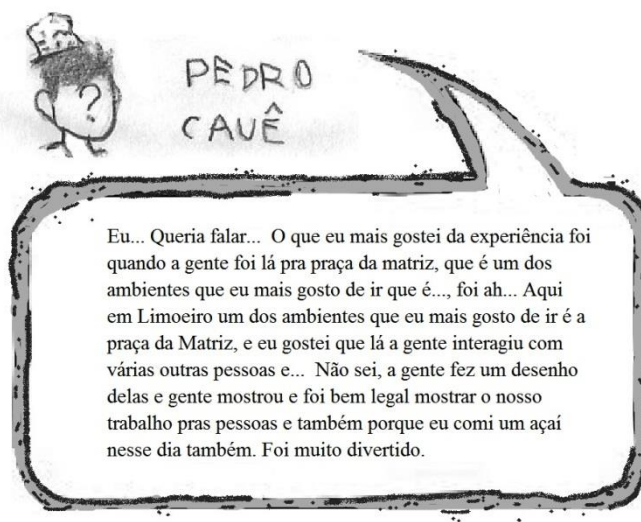
empolgação exagerada. Em seguida, pediu para tirar uma foto com o desenho e com o desenhista.

Figura 81 — Perfis limoeirenses: André



Fonte: Acervo pessoal.

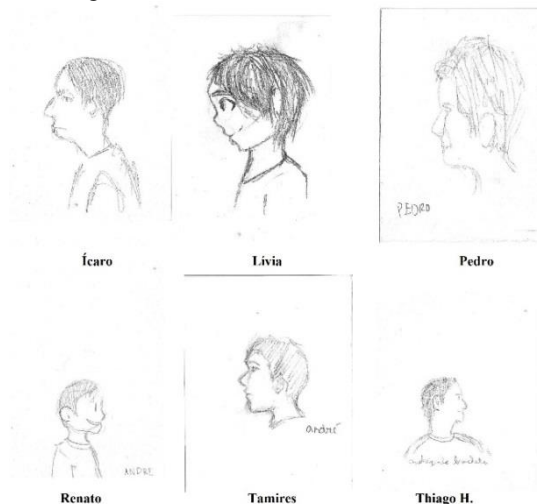
Sobre o dia dessa ação em especial, em uma das conversas gravadas que tivemos sobre as atividades do grupo, Pedro Cauê comentou sobre sua participação e sobre a que achou da ação de um modo geral:



Na segunda foto do conjunto acima, é possível ver Erivan, Livia e André observando o desenho que Pedro Cauê fez de André, juntos. Durante a ação, Erivan nos acompanhou mesmo depois da sua sessão, observando os desenhos que eram feitos e, eventualmente, fazendo comentários. Acredito que foi assim porque a ação era muito

dinâmica, já que três minutos passam muito rápido, e o momento de apreciar os desenhos sempre rendia uma conversa mais demorada que o próprio momento de desenhar.

Figura 82 — Perfis limoeirenses: André



Fonte: Acervo pessoal.

Em uma conversa breve que tivemos, Livia me pediu para convidar alguma mulher para a nossa ação. Até aquele momento, apenas homens haviam participado e ela me disse que adoraria desenhar figuras femininas. Naquele dia, foi a primeira vez que saí em busca de uma pessoa para convidar à participação, uma vez que, nas demais sessões, todos tinham vindo até nós. E foi durante um breve passeio que encontrei Albertina, que estava sentada em um dos bancos, não muito distante do nosso. Ali, ela descansava enquanto esperava os clientes chegarem. Era dona da pizzaria Casa das Massas, situada na própria praça, exatamente ao lado dos Correios.

Figura 83 — Perfis limoeirenses: Albertina



Fonte: Acervo pessoal.

Apesar de estar hesitante no início, Albertina resolveu participar quando falei sobre Livia e sua sugestão de fazermos o desenho de uma mulher dessa vez. Os desenhos delas geraram uma conversa no grupo sobre detalhes relacionados, dentre outras coisas, à proporção. Comparando os desenhos, os meninos discutiam sobre a dificuldade de desenhar narizes grandes ou aduncos sem que pareçam exagerados. Desenhar cabelo preso também é um desafio, já que muitas vezes, quando se faz um desenho com tempo limitado, é muito complicado traçar o caimento dos fios sem que pareçam artificiais, ou mesmo um simples borrão.

Figura 84 — Desenhos produzidos pelo grupo: Albertina



Fonte: Acervo pessoal.

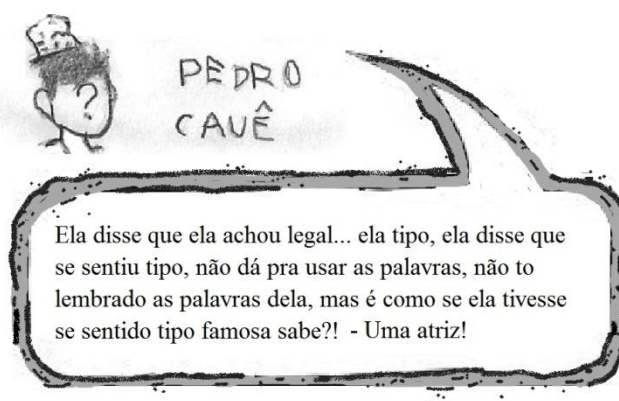
A noite finalmente chegara de vez e alguns pais começaram a aparecer para levar os meninos para casa. Keyla e Áurea Sofia, mãe e irmã mais nova de Pedro, respectivamente, que chegaram depois de tomar um açaí, sentaram-se conosco nos bancos. Disse a Pedro que chamasse a irmã para participar da ação e ser o nosso quinto perfil. Mesmo tímida, respondendo ao que se perguntava no ouvido da mãe e do irmão, aceitou participar. Com dedo polegar levantado, dando um legal, ela posou por três minutos para o grupo, que continuava a fazer os desenhos, mesmo com o adiantado da hora. Ninguém foi embora mais cedo.

Figura 85 — Perfis limoeirenses: Áurea Sofia



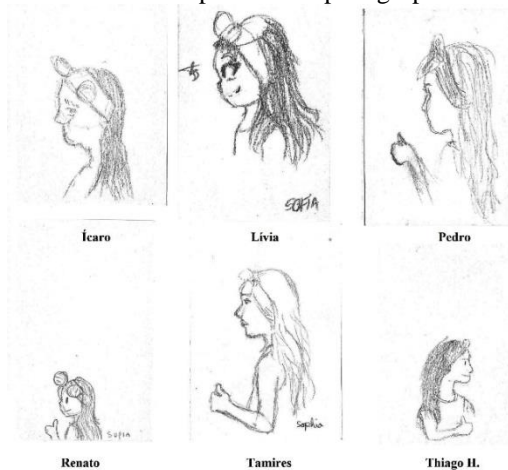
Fonte: Acervo pessoal.

Tentei conversar com Sofia para perguntar o que ela tinha achado de ter sido desenhada pelo pessoal do grupo, mas ela estava muito tímida e não respondeu, apenas sorriu, como na foto acima. Depois, perguntei ao Pedro se ela tinha comentado alguma coisa e ele me disse:



Os primeiros desenhos que enviei foram os de Sofia. No dia seguinte, Keyla entrou em contato comigo pelo “whatsapp” e pediu que eu enviasse as fotos, porque a filha estava curiosa. Mandeí tanto os desenhos de Sofia como as fotos que Pedro bateu com André, quando fez o desenho deste. Até aquele momento, já havíamos feito trinta desenhos ao todo e estávamos nos encaminhando para encerrar a ação, os meninos pareciam cansados e um pouco impacientes, exceto Lívia, que ficaria por muito mais tempo se coubesse a ela decidir.

Figura 86 — Desenhos produzidos pelo grupo: Áurea Sofia



Fonte: Acervo pessoal.

À medida que as sessões iam terminando, as pessoas que desenhemos não iam embora, ficavam ali acompanhando o grupo, até mesmo Luciano, que havia saído, voltou para ver se ainda estávamos na praça e por ali ficou conversando com os meninos. A foto abaixo mostra as pessoas que, mesmo depois de desenhadas, continuaram a acompanhar nossa ação. A reunião de todos em torno do banco formava um grupo maior que chamava atenção de quem passava. Olhares curiosos se demoravam pelo tempo que levava a passagem de alguns transeuntes mais distantes, atravessando a praça.

Figura 87 — Conversa após as sessões de desenho



Fonte: Acervo pessoal.

A última sessão de desenho que fizemos na Praça da Matriz foi com a Gabriela, filha da Albertina, que também estava circulando entre nós. Foram os últimos desenhos de uma ação que rendeu, no final das contas, 36 perfis. Os meninos pareceram gostar bastante do encontro, sempre que mostravam os desenhos para a pessoa que fora desenhada. Eles não apenas ganhavam elogios, mas tinham oportunidade de falar entre si e com os retratados sobre identidade do traço, proporção, *line art*, estilos, simetria, dentre outros aspectos.

Figura 88 — Perfis limoeirenses: Gabriela



Fonte: Acervo pessoal.

Observando os desenhos de Áurea Sofia e Gabriela, senti dificuldade de separá-los. Representadas em desenhos e em variados estilos, são parecidas e exigem um olhar atento aos detalhes: enquanto Sofia usava uma tiara vermelha, Gabriela usava um gigolé com laço branco no topo. Este aspecto dos adereços usados por cada uma me fez diferenciar os desenhos de uma e de outra. Imagino que a idade das duas seja bem aproximada, assim como a altura. Talvez os desenhos delas tenham sido aqueles em que eu mais tenha me demorado a olhar, em casa, enquanto organizava o material que produzimos naquele dia.

Figura 89 — Desenhos produzidos pelo grupo: Gabriela



Fonte: Acervo pessoal.

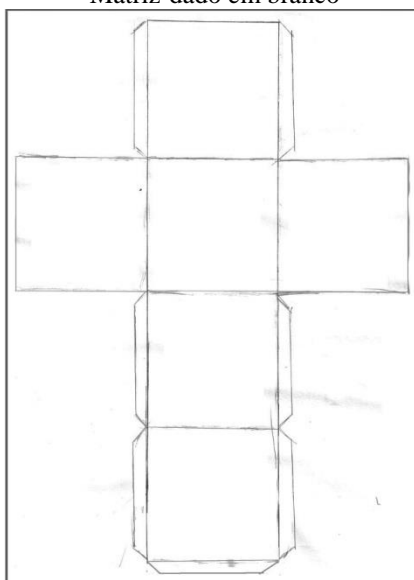
Rapidamente nos despedimos e cada um tomou o rumo de casa. Já eram sete horas e o restante dos pais estava aparecendo para buscar cada um dos meninos. Marcamos um momento para rever os desenhos com calma na reunião seguinte, que seria feita no

Colégio. Lembro-me da sensação de que o tempo estava passando muito rápido e era preciso, da minha parte, um senso de antecipação para que cada reunião fosse produtiva à sua maneira e pudéssemos aproveitar ao máximo os momentos que o grupo tinha para ficar junto. Naquele dia, quando cheguei a minha casa, minha preocupação, depois de organizar os desenhos, era pensar em uma forma de transformar aqueles perfis em um zine.

5.4.3 Rostos e números: montagem de uma matriz-dado

No dia 6 de novembro de 2019, nós nos reunimos no Colégio Diocesano, na sala de informática, para organizar a paginação em uma matriz-dado utilizando os perfis que fizemos na Praça da Matriz. Essa matriz constitui-se na representação bidimensional de um dado aberto, sendo que cada lado do dado representa uma página onde deveria ser montado o conteúdo produzido na ação do dia 23 de outubro, portanto pode-se dizer que uma matriz-dado é composta de várias páginas-lado. Uma matriz-dado, depois de montada, ou seja, feita a sua paginação, pode ser recortada, colada e, assim, transformada em um zine tridimensional em formato de dado, cujos lados não apresentariam apenas números, mas perfis limoeirenses.

Figura 90 — Representação do modelo da matriz-dado
Matriz-dado em branco



Fonte: Acervo pessoal.

O formato de dado para a matriz não é uma decisão arbitrária, já que decidi propor para o grupo Grupo de Criação e Artes um jogo de dados durante a montagem da matriz-

dados. O que está por trás desta lógica de organização dos conteúdos em uma matriz é a experiência na disciplina-jogo, ou Arte e Processo de Criação: Poéticas Contemporâneas, ofertada pelo Mestrado Artes da UFC, ministrada pelos professores João Vilnei de Oliveira Filho e Antonio Wellington de Oliveira Junior, em 2018.2. Aqui, faço uma explicação do funcionamento do nosso jogo e apresento as regras que adotamos.

Tanto no contexto da disciplina-jogo como no momento de montagem da matriz-dado, é essencial ressaltar a importância de duas obras que nos ajudaram a fundamentar a ideia de jogo como metodologia. O primeiro deles, “Homo Ludens”, escrito em 1938 por Johan Huizinga, em que identificamos, além do próprio conceito de jogo, os entrelaçamentos entre esta atividade e a própria cultura, em seus mais diversos âmbitos. Huizinga define jogo da seguinte forma:

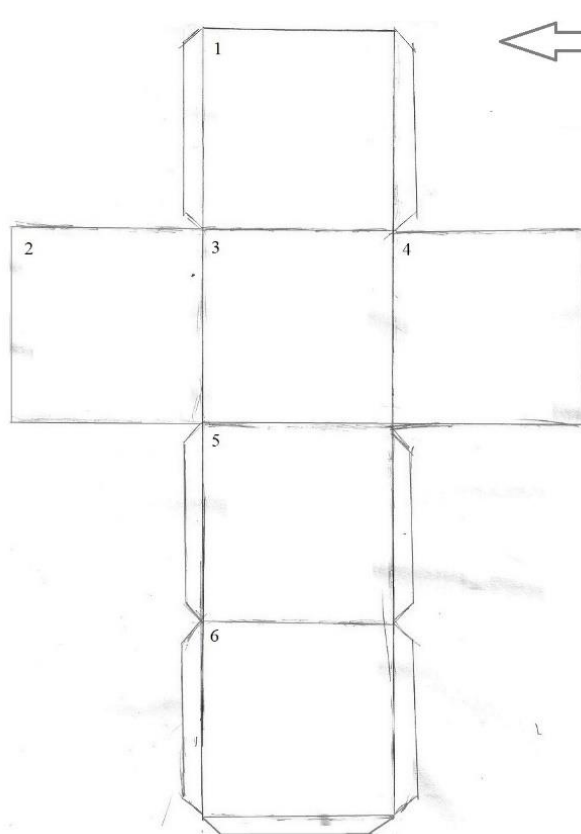
Sob o ponto de vista da forma, pode resumidamente, definir-se jogo como uma acção livre, vivida como fictícia e situada para além da vida corrente, capaz, contudo, de absorver completamente o jogador, uma acção destituída de qualquer interesse material e de toda e qualquer utilidade, que se realiza num tempo e espaço circunscritos, decorrendo ordenadamente e segundo regras dadas e suscitando relações grupais que ora se rodeiam propositadamente de mistério acentuam pela dissimulação, a sua estranheza em relação ao mundo habitual. (HUIZINGA, 1999, p. 57-58)

Aos poucos, à medida em que travávamos diálogo, foi-se definindo como seria o jogo que jogaríamos e as regras que iriam se estabelecer. De acordo com Huizinga (1999), uma das características do jogo é ser uma atividade livre, ou seja, o jogador participa do jogo porque assim deseja. Do contrário, se o fizesse por obrigação, o jogo perderia sua natureza como atividade lúdica e divertida que pretende ser. Enquanto a disciplina trazia o jogo como metodologia para a aula, eu havia trazido o jogo para o Grupo de Criação e Artes como uma metodologia da montagem, nesse caso, em especial, montagem da matriz para zines.

A motivação para trazer não qualquer jogo, mas o jogo de dados para a lógica de montagem da nossa matriz-dado, não reside apenas na disciplina mencionada. Olhando para os perfis desenhados na Praça da Matriz, percebi que o número seis se repetia: seis membros do Grupo de Criação e Artes estavam presentes (Ícaro, Lívia, Pedro Cauê, Renato, Tamires e Thiago Henrique), seis pessoas da cidade que participaram da nossa ação (Luciano, José Erivan, André, Albertina, Áurea Sofia e Gabriela). Como ninguém foi embora mais cedo e todos os membros participaram de todas as seis sessões de desenho, foram feitos 36 desenhos ao todo, um múltiplo de seis. Embora exista uma

variedade muito grande de dados, pensei nesse jogo usando um dado de seis faces, em que se monta uma matriz-dado também de seis lados-página.

Figura 91 — Regras do jogo utilizando uma matriz-dado
Matriz-dado - um passo a passo para montar/jogar



1. Numere os lados da sua matriz-dado na ordem que desejar, por exemplo:

2. Para montar cada um dos lados-página, você vai jogar o dado duas vezes.

3. O primeiro lance de dados vai escolher o perfil.

1. Luciano
2. José Erivan
3. André
4. Albertina
5. Áurea Sofia
6. Gabriela

4. O segundo lance de dados vai decidir a versão desenhada do perfil (de acordo com o desenhista)

1. Ícaro
2. Lívia
3. Pedro C.
4. Renato
5. Tamires
6. Thiago H.

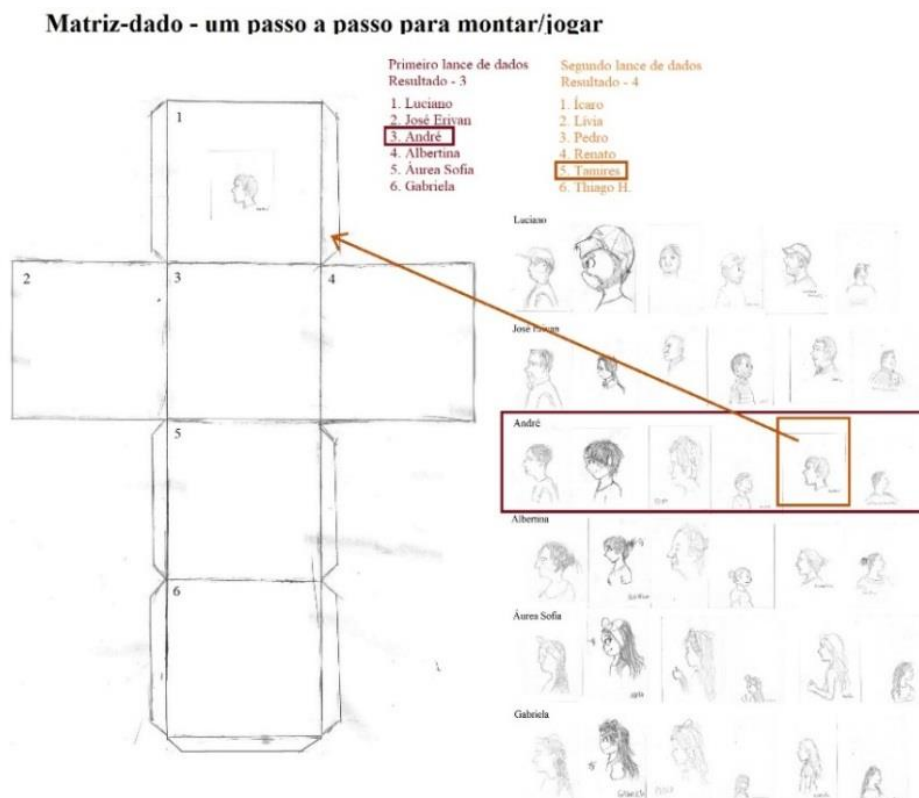
5. Em seguida, basta colar o desenho no respectivo lado da matriz-dado

6. Próximas jogadas....
 (Obs.: Quanto utilizar um envelope com um dos perfis, deixe-o de fora nas próximas jogadas. Se o número do envelope retirado sair de novo, repita a jogada. Assim, cada lado vai ter o desenho de perfil de uma pessoa diferente)

Fonte: Acervo pessoal.

No dia 6 de novembro, cada um fez a montagem da sua matriz-dado, seguindo as regras do jogo estabelecidas. Foi um momento não somente de prestar atenção com mais calma nos desenhos que os demais colegas fizeram no dia da ação na Praça da Matriz, mas também de experimentar uma forma diferente de montar a matriz de um zine. Por imaginar tediosa a tarefa de descrever cada uma das jogadas feitas pelos integrantes do Grupo de Criação e Artes, apresento abaixo o preenchimento de um dos lados-página, que serve como exemplo para os demais, levando-se em conta o resultado pressuposto do lance de dados. Em seguida, por meio da experiência, busco a interação do leitor com esta atividade de paginação da matriz.

Figura 92 — Simulação de jogo para montagem de matriz-dado



Fonte: Acervo pessoal.

Ofereço ao leitor, neste trabalho, a oportunidade de montar uma matriz-dado utilizando os perfis que fizemos na Praça da Matriz. Dentro da mala onde o texto está, como uma parte do seu conteúdo, está uma matriz-dado em branco, um lápis, um tubo de cola branca, um dado de seis faces e seis envelopes numerados e nomeados (1.Luciano; 2. José Erivan; 3. André; 4. Albertina; 5. Áurea Sofia; 6. Gabriela) — dentro deles estão os desenhos dos perfis limoeirenses. O lápis deve ser utilizado para numerar os lados. O dado deve ser utilizado para fazer as jogadas para montagem dos lados. Na primeira jogada, um dos seis envelopes deve ser tomado à mão; na segunda jogada o envelope deve ser aberto e um dos seis desenhos deve ser separado. Com a cola, o jogador deverá iniciar a montagem da sua matriz-dado. Existe aí um conjunto de regras e uma sequência de ações que se pode estabelecer e que conduzem a atividade de montagem e um modo geral.

O jogo como uma atividade regulamentada é um dos aspectos tratados por Caillois (1990) em sua obra “Os Jogos e os Homens”, a segunda que trazemos para a discussão. Nesta obra, o autor afirma que o jogo possui um conjunto de princípios e regras a serem seguidas de forma voluntária por todos para que nenhum dos jogadores

tenha vantagem ou prejuízo, vindo a constituir um meio autônomo (CAILLOIS, 1990, p. 15). No caso do momento de criação do dia 6 de novembro, tivemos que estabelecer regras para a sequência de jogadas: quem jogaria primeiro, quem jogaria depois e, assim, sucessivamente. Outro aspecto importante é que os números do dado indicavam perfis, mas, se a lógica número-perfil fosse quebrada, o jogo não funcionaria como metodologia da montagem como deveria. Sobre as regras, o autor discorre quanto a sua representação para o espírito do jogo em si:

Constitui um ilhéu de claridade e de perfeição, ainda que seja sempre ínfimo e precário, revogável e auto-exequível. Mas esta duração fugaz, e essa extensão rara, que deixam de fora as coisas importantes, valem, pelo menos, como modelo. (CAILLOIS, 1990, p. 15)

Se porventura o leitor tomar à mão um envelope, tirar de dentro as versões do mesmo perfil que ele guarda e tiver uma imensa dúvida sobre a autoria de um dos desenhos, aconselho-o a sondar as páginas anteriores. Durante a descrição da ação feita na Praça da Matriz, cada sessão de desenho vem acompanhada dos resultados produzidos pelo grupo nos respectivos três minutos. Portanto, caso seja do agrado do leitor experimentar fazer a montagem de uma matriz-dado, não deve ser uma atividade isolada do texto que aqui se segue. Ou seja, o texto deve ser consultado, uma vez que ele esclarece os arquivos utilizados no próprio jogo.

5.4.4 Matrizes-dado e zines tridimensionais

Antes de sairmos da praça do dia 23 de outubro, comprei um dado de pelúcia na banca de revistas do Gilson, que ficava ao lado do banco em que sentamos. Foi esse dado que utilizamos para fazer as jogadas que resultariam na montagem da nossa matriz-dado, individualmente. Embora a ação tenha sido feita na Praça da Matriz, a montagem da matriz-dado foi feita no Colégio Diocesano e, para mim, seria importante que um objeto fundamental ao jogo ligasse os dois momentos. No caso, este objeto é o dado de pelúcia, comprado na praça em que fizemos a ação, na semana da ação.

Figura 93 — Dado de pelúcia comprado na banquinha de revistas do Gilson³⁶



Fonte: Acervo pessoal.

Durante a montagem, no dia 6 de novembro, a sala de informática foi transformada em espaço de jogo. Em um primeiro momento, fizemos os desenhos de uma matriz-dado em branco para cada integrante que ali estava. Nesse dia, Pedro Cauê faltou e foi a primeira reunião em que Cristian Luthiane participou. Os meninos fizeram o esboço da matriz-dado do papel A3 e eu ajudei no processo de finalização. Eles ainda não sabiam o que iríamos fazer, portanto havia no grupo uma atmosfera de dispersão naquele momento em que a matriz-dado era pensada. a atenção do grupo voltou, no entanto, quando começamos a jogar.

Figura 94 — Desenho e cópia da matriz-dado



Fonte: Acervo pessoal.

Quando expliquei o jogo, começamos a fazer os lances de dado. Cada um dos meninos tinha em mãos impressões de todos os desenhos feitos. Não dispúnhamos de envelope, que foi acrescentado depois ao conjunto de materiais deste trabalho com o intuito de tornar a atividade mais organizada para o leitor-participante. Essa necessidade surge do fato de que o leitor não esteve conosco no dia da ação na Praça da Matriz, diferentemente dos meninos que, por terem estado lá, tinham uma memória da experiência vivida e conheciam o conjunto de arquivos formado pelos desenhos feitos.

A cada jogada, o dado de pelúcia era jogado ao chão, alguns o lançavam com força, outros arremessavam enquanto davam uma pirueta, ou mesmo disparando tão alto

³⁶ Banquinha de revistas localizada na Praça da Matriz de Limoeiro do Norte.

que o dado batia no teto e voltava com velocidade para o chão. O caráter lúdico da atividade acabou se insinuando neste momento mais do que em qualquer outro, como se houvesse uma competição para ver quem lançava o dado “com mais estilo”. Foi como explicaram as maneiras excêntricas de lançar o dado em cada jogada. Sendo de pelúcia, não havia o receio de que o dado se quebrasse, o que era um ponto a favor da dita competição.

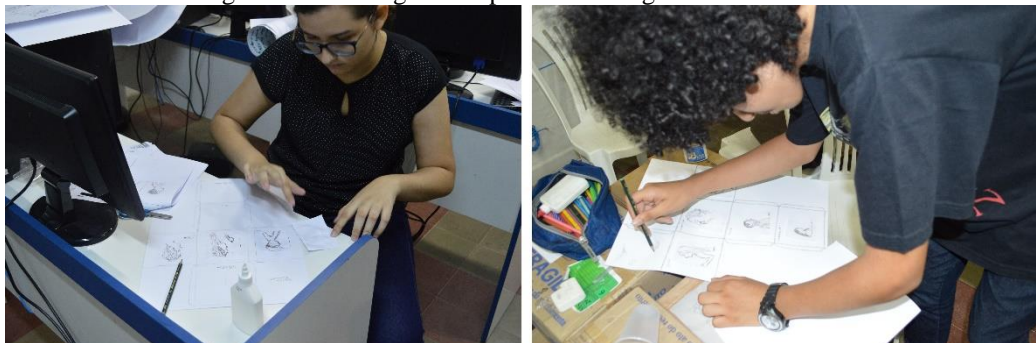
Figura 95 — Lance de dados na sala de informática



Fonte: Acervo pessoal.

O grupo fez seis conjuntos de jogadas, cada uma correspondia ao preenchimento de um lado-página da matriz-dado. O intervalo de um conjunto de jogadas para o outro era dedicado ao recorte e à colagem dos perfis limoeirenses em cada um dos respectivos lados-página. Cada um preenchia o seu, individualmente, mas, durante aquele momento, havia a troca de materiais: tesoura pra cá, cola pra lá. “Alguém me empresta o perfil que o Renato fez do José Erivan porque eu rasguei o meu sem querer”, escutei algum dos meninos dizer enquanto eu fazia minha colagem.

Figura 96 — Colagem dos perfis e montagem da matriz-dado

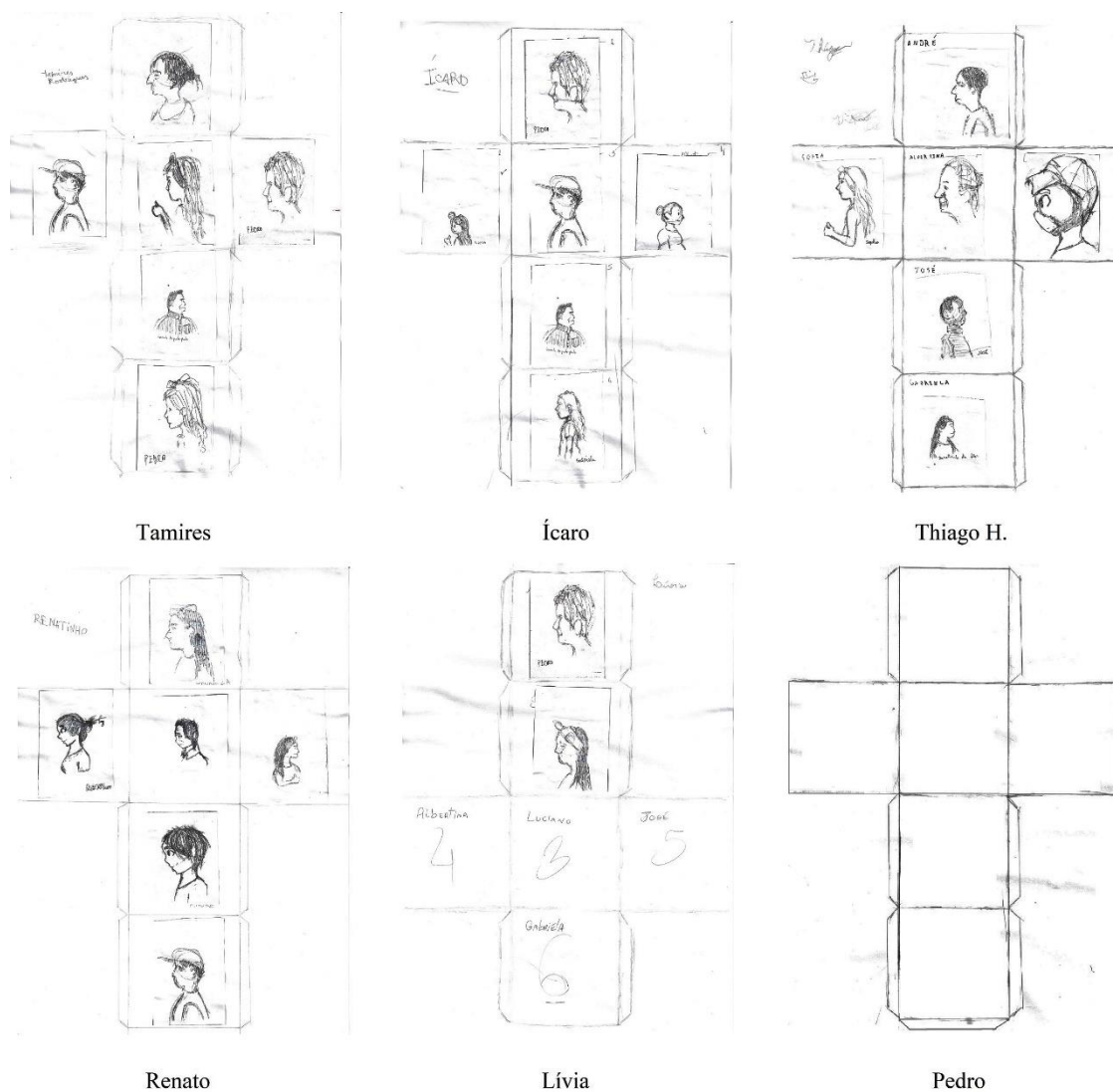


Fonte: Acervo pessoal.

O resultado final desta atividade, reunidor dos momentos na Praça da Matriz e no Diocesano, foi a montagem de cinco matrizes-dado. Cada uma com o resultado das

jogadas dos membros do Grupo de Criação e Artes. Como Pedro Cauê havia faltado, nesse dia, a sua montagem não foi feita. Cristian, que estava entrando no grupo e não participou da ação na Praça da Matriz, ajudou-nos na organização, fazendo anotações na lousa e passando o dado de pelúcia para cada um, de acordo com a sua vez. As matrizes-dado tal como se apresentavam, estavam prontas para impressão.

Figura 97 — Conjunto de matrizes-dado produzidas pelo Grupo de Criação e Artes.



Fonte: Acervo pessoal.

A montagem do zine-dado, oriundo da matriz-dado foi feita ao longo dos meses de novembro e dezembro. As cópias eram recortadas, dobradas e, em seguida, coladas formando um dado, um dado de “Perfis Limoeirenses”, título atribuído ao zine formado por esse conjunto de objetos tridimensionais, cuja montagem assimila, quanto à forma, o jogo que o produziu, o jogo de dados. Tal como se apresentam, seus lados-página

mostram os perfis das pessoas que encontramos e desenhamos. Não raro, os meninos dizem que viram uma delas andando na rua, pelas calçadas e praças. Os dados ajudam a resgatar a experiência vivida, cada desenho traz o vestígio do encontro que tivemos. Mostrar os zine-dados a quem o produziu é um convite à lembrança da ação feita, aos episódios e histórias que contamos sobre o dia 6 de novembro.

Figura 98 — “Perfis Limoeirenses”: zines tridimensionais



Fonte: Acervo pessoal.

Enquanto observava e também fazia a minha parte, vieram memórias da infância, dos antigos álbuns de figurinha que colecionei, como os da “Nestlè Surpresa”, que até hoje ainda guardo na mala empresarial que meu pai me deu. Assim como a matriz-dado, os álbuns de figurinhas têm espaços vazios onde as figurinhas compradas são coladas pelos seus respectivos donos, à medida que são preenchidos. Imaginei que aquele zine, que estávamos a fazer, também poderia se organizar como álbum de figurinhas, uma alternativa possível, uma outra possibilidade de criação.

Ao longo dos encontros que tivemos, percebi que cada escolha que fazia, e acabava sendo endossada pelo grupo, deixava de fora todas as demais que se apresentavam como um caminho viável para a criação. O zine-cidade tornava-se para mim não só aquilo que fizemos e que se fez ver em cada ação imbricada em cada processo, mas também estava preche de alternativas não concretizadas. O tempo, aliado precioso, nem sempre consegue se dividir nas bifurcações que encontra pelo caminho, ou mesmo multiplicar suas botas nas veredas. Neste ponto, penso na importância de pensar no zine-cidade a partir do que ele se tornou de fato, uma vez que preciso circunscrever seus limites para uma pesquisa como esta. Apesar disso, surge o desejo de visitar as ações de hoje em diante para concretizar o que ele poderia vir a ser, uma vez que o zine-cidade se

estende e está circunscrito além, na vida, na cidade. Veio-me tudo isso, porque imaginei como seria se os perfis limoeirenses, em vez de constituírem uma matriz-dado, trouxessem a beleza nostálgica dos álbuns de figurinha.

5.5 A impressão: conversa com flores vivas na Praça da Nossa Senhora da Assunção³⁷

“Homi, aonde você ia vestido de flor?”³⁸

O quarto momento de criação que tivemos se deu na Praça de Nossa Senhora da Assunção, também conhecida como Praça do Banco do Nordeste e aconteceu no dia 16 de novembro de 2019. Estabelecemos nela um diálogo com a obra “Através do espelho e o que Alice encontrou lá”, publicada em 1871 por Lewis Carroll. Um recorte foi feito, enfatizando apenas o capítulo dois da obra, intitulado “O jardim das flores vivas”. Nesta parte, narra-se o momento em que Alice trava, após atravessar o espelho, uma improvável conversa com as flores de um canteiro com que topou ao sair da Casa dos Espelhos. Fruto de um processo, as ideias, técnicas artísticas e referenciais para a ação foram se definindo aos poucos. De início, o que nos movia era a necessidade de encontrar uma Alice na cidade de Limoeiro do Norte e recriar a conversa com as flores vivas em lugar diferente daquele apresentado no livro, neste caso, a Praça de Nossa Senhora da Assunção.

De um modo amplo, o processo de criação gira em torno de uma releitura do referido capítulo. Ou seja, recontar o capítulo dois, extrapolando a linguagem literária e estabelecendo interlocuções com outros referenciais da arte como o zine, a ação na rua, a performance e o jogo. Portanto, a ação busca atingir regiões fronteiriças da arte e experimentação como parte do processo, principalmente no que toca à questão da impressão.

Fazer uma releitura que busca contar a Alice por meio dos zines e da ação na cidade é uma ideia cuja modelagem se inicia no final da ação anterior, quando fizemos os “Perfis Limoeirenses” na praça Matriz, e dela surge. Em casa, enquanto observava os desenhos feitos, atentei para a diversidade de estilos de desenho do grupo, que traziam a marca do cartum, passando pelo mangá, dialogando também com um estilo mais realista. Espalhando os desenhos na minha mesa, um devaneio me fez atentar para a semelhança dos perfis retratados nos desenhos com a representação gráfica de personagens já existentes. Para mim, havia algo de familiar em dois retratos feitos pelo Pedro Cauê, um deles, o da Gabriela, e o outro, o de sua irmã, Sofia. Ambos me fizeram lembrar as ilustrações de John Tenniel para os livros de Lewis Carroll.

³⁷ Também conhecida entre os populares da cidade como Praça do Banco do Nordeste.

³⁸ Pergunta feita por Letícia Maia, ex-aluna do Colégio Diocesano, concludente da turma de 2016.

Figura 99— Montagem feita com as ilustrações da Alice e os desenhos feitos na Praça da Matriz por Pedro Cauê



Fonte: Acervo pessoal.

Os traços delicados das duas meninas se misturaram com os traços de John Tenniel e, embora não tivesse atentado para isso enquanto as desenhávamos naquele horário, já no fim da tarde, pude ver no desenho de perfil de ambas a aparência da Alice. Fiz a montagem acima e enviei pelo Whatsapp, para o Grupo de Criação e Artes. Durante a conversa que tivemos no dia 6 de novembro de 2019 sobre a postagem que eu acabara de fazer, as seguintes mensagens foram trocadas:

“[10/11 15:25] Renatinho123: Pior que parece mesmo kkk”. Enquanto Tamires, que tinha o livro e postou uma foto da abertura do capítulo dois, escreveu: “[10/11 18:27] Tamires: Agr q tu falou parece mesmo”. Nenhum dos demais membros chegou a discordar, mas Thiago Henrique ainda comentou: “[10/11 19:01] Thiago Henrique: Altas conversas sobre Alice/ Só tava jogando rpg msm ;/”.

Recordando, a imagem da Alice também foi assunto durante o mestrado, especificamente durante a disciplina de Arte e Processo de Criação: Poéticas Contemporâneas, ministrada no semestre 2018.2 pelos professores João Vilnei e Wellington Junior, na sala 109 do ICA. Em uma das aulas, João falou de um dos trabalhos do Projeto Balbucio chamado: O Jardim das Flores Vivas. Tratava-se de uma instalação interativa montada em um dos canteiros do CCBNB durante a Mostra Balbucio de Tecnologias Ordinárias (2010), utilizando um sonar, pilhas recarregáveis, arduíno, um mp3 player e painéis solares. Quanto mais próximos passavam os transeuntes do canteiro,

mais nítida soava a gravação prévia feita pelos artistas do grupo que mostra a conversa da Alice com as flores falantes da obra de Carroll (Projeto Balbucio, 2011).

A ação, portanto, também constitui uma forma de estabelecer uma ponte não só entre as ações anteriores do nosso grupo, mas também entre as discussões que tive no mestrado, em especial aquelas propostas pela mencionada disciplina. Assim, deu-se início ao processo de organização de um possível programa que a nossa ação teria. Esta buscaria interlocuções diferentes daquelas propostas pelo Projeto Balbucio, abrindo mão das tecnologias ordinárias e pensando uma relação com o processo de criação do zines, aliando tudo à experiência artística na cidade.

Durante o período de preparação e gestação de ideias, além de fazer a leitura da obra de Carroll, assisti, depois de muito tempo, à animação “Alice no País das Maravilhas” (1951). Numa das cenas, havia uma passagem de que me havia esquecido, aquela em que a personagem encontra as flores vivas quando está em tamanho diminuto. Entendo que as duas obras de Carroll se misturam na adaptação feita pela Disney, em cenas que, particularmente, trazem forte nostalgia. Durante o encontro, flores de timbres graves e agudos começam a cantar e imitar instrumentos, dando início a um trecho musical que segue ora em uníssono, ora em polifonia, cantado junto com a Alice. No final, as flores esbatem-se com um som de pratos de bateria soando, enquanto as pétalas esvoaçam.

Figura 100 — Cena da animação "Alice no país das maravilhas" (1951)



Fonte: <http://www.nachtkabarett.com/EatMeDrinkMe/LesFleursDuMal/pt>.

5.5.1 Canteiros do lado de cá do espelho

Do lado de cá do espelho, em Limoeiro, busquei um espaço cujas características lembrassem algum aspecto da obra literária que nos serviria de partida. Como as ideias ainda não estavam amarradas, a relação que buscava naquele momento deveria trazer uma aproximação com a própria personagem da Alice e de seu universo, de uma forma mais

ampla, e com algum trecho do capítulo “O Jardim das Flores Vivas”, particularmente. Assim, não foi difícil lembrar a praça de Nossa Senhora da Assunção por conta dos canteiros que existem por toda a sua extensão. Embora a ação buscasse estreitar os laços entre nosso grupo de artes e a cidade, o ponto de início foi justamente a relação entre o espaço e a história da Alice.

Figura 101 — Canteiros da Praça de Nossa Senhora da Assunção



Fonte: Acervo pessoal.

A praça é bastante lembrada na cidade por ser o ponto de concentração dos festejos de pré-carnaval. Dali, sai o bloco Buchada da Adélia, que todos os anos segue em cortejo pela cidade com uma bandinha de metais que toca as velhas marchinhas de carnaval. A homenageada, Adélia de Castro Freire, ficou conhecida na cidade por sua famosa buchada que, feita ainda na madrugada, sanava a ressaca dos foliões nos idos de 70 e 80. Em um dos incontáveis causos e histórias que envolvem a vendedora e seus fregueses boêmios, conta-se o episódio do pinguço que pede um copo de água bem gelado depois de comer um prato de buchada requentada:

- Dona Adélia, bote aí um copo d'água bem gelado faz favor!
 - Endoidou? – implicou a mulher balançando a cabeça.
 - Não, senhora!
 - Desse jeito, vai ficar tortinho!
 - Vou nada! Pois fique sabendo que essa água gelada é só pra garantir mais sustança quando chegar em casa.
- A mulher se ajeitou com a cara de zanga e colocou as mãos nos quartos, querendo adivinhar a besteira.
- Chego ligeiro e vou direto pra cozinha, arrasto o dedo no céu da boca, tiro a gordura, jogo na caçarola e, com ela, ainda estrelo um ovo.
- Depois de proferir o desaforo, o safado bateu o pé na carreira, deixando o trocado no balcão. (PIEIRO, 2016, p. 7)

Antes de se chamar Praça Nossa Senhora da Assunção, em tempos idos, a comunidade a conhecia como Praça Pandiá Calógeras. Regatando os acontecimentos

passados da cidade de Limoeiro, percebemos que a dimensão festiva e mesmo lúdica associada a este lugar não se restringe aos festejos de pré-carnaval da Buchada da Adélia. Em seu livro *Reminiscências de Limoeiro*, de 1997, Meton Maia e Silva (jornalista, escritor, poeta e memorialista) aponta para períodos em que espetáculos circenses foram apresentados em seu espaço. Um dos exemplos data de 1944, ano em que ocorreu a primeira apresentação do Gran Circo Nerino³⁹ na praça, bem como em março de 1951, quando estreou o Gran Circo Teatro “Show. Sobre a primeira exibição mencionada, o autor destaca:

Em seu elenco destacavam-se famosos astros internacionais como Gaetan Rebolá, que foi aviador pela França, na primeira Guerra Mundial, e o notável artista Roger Avanzi, um dos maiores motociclistas da América do Sul. O circo Nerino fez temporada com as peças dramáticas: “Deus lhe pague”, do dramaturgo Joracy Camargo; “Os milagres de Santo Antônio”, “Os dois sargentos” etc. Animais africanos e nacionais despertaram a geral curiosidade. (SILVA, 1997, p. 41)

Atualmente, na Praça Nossa Senhora da Assunção, acontecem feiras livres nas manhãs de sábado. Quem passa por lá nesse dia, vê muitas bicicletas usadas à venda, vendedoras de roupa que estendem as peças em panos compridos que são estirados, além de toda sorte de alimárias e utensílios de casa apresentados por vendedores ambulantes que fazem demonstrações rápidas para um público modesto, mas atento. Portanto, é um dia de grande circulação de pessoas, em que os transeuntes, quando não estão apenas de passagem ou tentando resolver algum assunto no banco, param para tomar uma cerveja no quiosque do César ou para uma negociação com os comerciantes que ali se distribuem.

5.5.2 Transformando-nos em flores vivas: preparando um buquê *silk-screen*

Nós, do Grupo de Criação e Artes, seríamos as flores vivas do livro de Carroll. Uma vez na praça, nossa ação consistiria em buscar pessoas que, sendo também flores vivas, pudessem conosco conversar. Para isso, deveríamos encontrar uma característica ou condição que definisse para nós o que é ser uma flor viva. Como um elo para a questão, definimos em grupo que a roupa e os adereços que as pessoas vestiam e usavam, seriam nosso ponto de partida. A interação aconteceria, portanto, com os transeuntes que

³⁹ Conhecido como o circo mais querido do Brasil, o Nerino estreou no Recife em dezembro de 1932. Fonte: <http://obscurofichario.com.br/lugar/circo-nerino/>

estivessem vestindo roupas com estampa floral, ou mesmo usando broches, bolsas, calçados que remetessem a um tema floral.

Os membros do grupo que pudessem comparecer no dia da ação também vestiriam uma blusa com estampa floral. Iríamos todos com uma estampa impressa em serigrafia, utilizando para isso a mesma matriz para todas as blusas. Assim, como grupo, comporíamos um buquê ambulante que caminharia pela praça, reparando com atenção na vestimenta das pessoas e abordando aquelas cujas roupas tivessem o mesmo tema que as nossas. Naquele momento não me pareceu que seria difícil, já que, durante os finais de semana em que saía para a rua, já havia pensado sobre o quanto é comum a estampa floral, tanto como um tipo que as pessoas vestem costumeiramente, como a que se expõe na vitrine das lojas.

Neste ponto, pela primeira vez, a serigrafia, ou *silk screen*, se apresenta como uma possibilidade de impressão no tecido das camisas que vestiriam o grupo. Em Limoeiro há muitas estamparias, as quais eu cheguei a frequentar na época em que era aluno do Diocesano e pedia patrocínio nos comércios da cidade para custear os uniformes dos jogos interclasses da escola. Nesses estabelecimentos, ainda hoje se utiliza como principal técnica a serigrafia. Assim, eu buscava entender como funciona esse tipo de ilustração em tecido para, a partir daí, comprar os materiais necessários e fazer as impressões nas camisas, em vez de simplesmente encomendar a impressão da estampa nas blusas.

A primeira estamparia em que parei a fim de perguntar sobre os materiais necessários para se fazer impressão em serigrafia foi a SeriArt, na rua Francisco Remígio, bem próximo à igreja de Santo Antônio. Lá conversei com a Maninha, dona do estabelecimento, profissional do ramo há 25 anos. À época em que ela fez o curso de serigrafia em Fortaleza, por volta de 1992 - como consta em um dos seus certificados emoldurados na parede da loja -, a cidade tinha poucos profissionais que trabalhavam com esta técnica.

Figura 102 — SeriArt Serigrafia

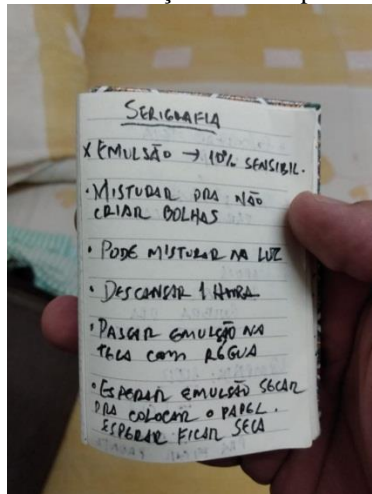


Fonte: Acervo pessoal.

Com boa vontade e interesse, depois que mencionei buscar informações para um trabalho de artes, ela me convidou a adentrar a loja e conhecer a sala onde era feita a revelação da matriz, utilizando um refletor de 1.000 watts; a estante onde ficavam guardadas as matrizes antigas, que eram utilizadas ocasionalmente; as notas fiscais de tintas, sensibilizantes, removedores e outros produtos que ela encomendava em uma loja de Fortaleza: Elizabeth Produtos Serigráficos & Comunicação Visual.

Enquanto Maninha apresentava a estamperia e seus objetos de trabalho, explicava de forma muito prática a forma como a serigrafia era feita. Levei um pequeno caderno de anotações e fui pontuando cada coisa que ela me dizia, desde a proporção de mistura entre emulsão/sensibilizante até os tempos de exposição à luz, secagem da emulsão após a aplicação, secagem da tinta depois de aplicada na blusa, etc. Ela me disse que não sabia explicar de forma teórica os processos químicos que ocorriam com as substâncias que ela utilizava para que “acontecesse o que acontecia” em cada etapa, mas conhecia bem a prática e já tinha feito experiências alterando pequenos detalhes nas diferentes etapas do processo. Um exemplo que ela apresentou foi o da exposição exagerada da tela emulsionada à luz, situação que tornava difícil a revelação depois, visto que a emulsão ia secando e aderindo à tela inclusive nas zonas escuras do fotolito, onde o espaço das ilustrações ou letras que se deseja gravar deveriam bloquear a luz.

Figura 103 — Bloco de notas com informações sobre o passo a passo da técnica serigráfica.



Fonte: Acervo pessoal.

Depois de quase uma hora de conversa e observação, tive uma compreensão muito mais ampla da serigrafia em seus processos por etapa. Mesmo sem ter pedido por tanto, Maninha teve a gentileza de explicar até o que não me tinha vindo à cabeça perguntar, o que me causou a impressão de ter assistido a uma aula prática sobre o assunto. Caso resolvesse seguir com a ideia de usar a serigrafia como técnica de estampa que ajudariam em nossa caracterização de flores vivas, precisaria comprar os produtos e fazer testes em casa de cada uma das etapas discutidas na SeriArt. Como um primeiro passo para me ajudar a adquirir os materiais, Maninha vendeu-me uma de suas telas antigas, que já passara por várias lavagens, assim, poderia fazer os primeiros testes tão logo comprasse as tintas.

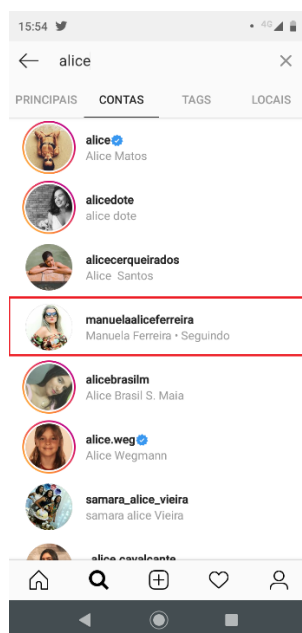
5.5.3 “Seu segundo nome é Alice?”

Para que uma conversa com flores vivas acontecesse, precisaríamos de uma Alice. Como professor, ao longo dos anos letivos, conheci algumas Alices em sala de aula, no entanto nenhuma aparecia nas listas de chamada recentes. Não estabeleci como critério que a Alice fosse uma aluna, mas acreditei que seria interessante se fosse, pois poderíamos convidá-la para participar do grupo. Em todo caso, o que gostaria era de encontrar uma Alice limoieirense, ou, mesmo não sendo natural da cidade, que aqui morasse e pudesse nos acompanhar durante a ação. Na obra de Carroll, a presença e as divagações da Alice é que fazem com que as flores conversem, mesmo que em determinado momento briguem, ou falem ao mesmo tempo em uma confusão só. Portanto, uma Alice que estivesse conosco em algum momento da ação e que marcasse

simbolicamente o início da nossa conversa com as flores vivas que encontrássemos na praça seria importante para o trabalho pela coerência que traria para nossa ideia de fazer uma releitura.

Meu primeiro gargalo na busca para encontrar a Alice limoieirense foi a memória. Sem muitos resultados, tentei me lembrar de alguém que conhecia com esse nome. Em seguida, procurei nas listas de chamada da escola. Entre o corpo discente, encontrei a Alice Cavalcante, aluna do segundo ano do Ensino Médio. No entanto, ela é uma das alunas do município de Morada Nova que estudam em Limoeiro, deslocando-se de Topic todos os dias para a escola, o que tornaria complicada a viabilidade da atividade em um horário que não fosse um horário de aula. Por último, busquei nas redes sociais, na busca de perfis do *Instagram* e, entre os primeiros resultados da busca, encontrei a Manuela Alice, que eu conhecia por conta de uma amiga em comum, sem que no entanto tivéssemos algum contato próximo.

Figura 104 — Buscador de perfis do *Instagram*



Fonte: *Instagram*.

No dia 17 de outubro de 2019, fiz o primeiro contato com a Manuela Alice e pude falar do nosso grupo e da ação na praça que pretendíamos fazer. Expliquei também que os detalhes ainda estavam se definindo e que entraria em contato para explicar melhor os pormenores se ela aceitasse participar. Tendo-se mostrado muito prestativa e se colocando à disposição para qualquer data e horário que não chocasse com o expediente

de trabalho, enviei uma cópia em PDF do capítulo “O jardim das flores vivas” e ficamos de conversar com mais calma depois.

5.5.4 Prólogo de uma conversa com flores

No dia 13 de novembro de 2019, fizemos um encontro na sala de informática do Colégio para mais uma das reuniões do Grupo de Criação e Artes. Todos os meninos vieram e Carla também. Nossa programação da tarde foi bastante diversificada, comecei sorteando *sketchbooks* do FeitioArte que havia comprado do Jocilone Jr. no dia 7 de novembro, quando estive em Fortaleza. Em seguida, levei vários quadrinhos e distribuí as leituras da semana, entre elas, o álbum em quadrinhos “A Chegada”, do Shaun Tan, pois sabia que Tamires havia adquirido um gosto especial pelo artista australiano cujos trabalhos havia levado nos encontros anteriores. Logo em seguida, abri uma apresentação em slides em que falei basicamente sobre as atividades realizadas em duas disciplinas do mestrado em Artes - Arte e Processo de Criação: Poéticas Contemporâneas —, ministradas pelo João Vilnei e Wellington Junior, e também a disciplina Ateliê de Criação IV, ministrada pelas professoras Deisimer Gorczewski e Jo A-mi.

Ao longo dos encontros, de modo geral, em vários momentos, falei sobre as atividades do mestrado, sobre os professores e sobre o fato de que o que estávamos fazendo viraria meu texto de dissertação. No entanto, a impressão que tenho é que, por ser uma realidade distante dos meninos, membros do grupo, as informações contextuais sobre a pós-graduação eram facilmente esquecidos, ou demorava um pouco para que lembrassem. Nesse dia, comentei de forma mais direta sobre as atividades que foram descritas na parte II deste texto, especificamente sobre a disciplina-jogo e sobre a ação nas imediações Av. da Universidade com a mala-expositor.

Assim, com esta fala, pretendia aos poucos criar pequenas aberturas (furos!) temáticos em relação às conversas que estávamos habituados a ter no nosso grupo, por onde pudesse costurar a experiência que tive no mestrado com aquela que estava tentando engendrar ali, juntos. Mencionei a importância de um processo de criação que busca a interação e a participação das pessoas e como, dessa forma, estreitamos os laços com a cidade e aproximamos arte e vida. Para tanto, não falei o nome de autores nem de obras especificamente, mas lembrei a eles o sabor especial que teve a última ação que havíamos feito na Praça da Matriz, em que a interação com as pessoas não resultava apenas em um

desenho, mas em uma conversa enriquecedora sobre arte, desenho, cidade, estilo, exame psicotécnico, entre outros temas.

Por fim, apresentei um esboço para a ação na Praça Nossa Senhora da Assunção, em que faríamos uma releitura do capítulo “O jardim das flores vivas”, vestindo-nos de blusas com estampas florais e buscando pessoas que estivessem vestidas da mesma forma. Depois, se as pessoas se sentissem vontade para isso, convidaríamos cada uma para ver as ilustrações do capítulo em questão e fazer uma leitura gravada de um pequeno trecho de diálogo entre as flores. Em um segundo momento, tentaríamos organizar os registros da ação, a gravação feita, bem como a serigrafia utilizada como técnica de impressão nas blusas para compor um zine que representaria a culminância desta ação.

Como uma possível data para a ação, pensei no dia 16 de novembro, pois seria um dia de feira livre na praça e haveria uma grande quantidade de pessoas circulando. Pela manhã, seria o melhor horário, já que nas primeiras horas da tarde o comércio começa a fechar. A possível dificuldade seria a disponibilidade do grupo, pois, no final de semana, imaginei que cada um estaria ocupado com seus próprios afazeres. Apesar da preocupação, quando apresentei a data, ninguém se opôs. Todos concordaram e acredito que, por conta da conversa sobre os detalhes da ação, ficaram bastante animados, achando a atividade “criativa”, como definiu Renato.

5.5.5 Um quarto pode ser um canteiro

Os anos como professor de artes e as produções como zineiro, ao longo do tempo, fizeram com que meu quarto se tornasse um lugar abarrotado de materiais diversos: papéis de diferentes tipos, tesouras, vários tipos de cola, grampeadores, provas, atividades, cadernetas, velhas apostilas, revistas, zines, impressões de teste, bonecos de publicações (possíveis zines!). Por mais improvável que fosse, dada a sensação geral de atulhamento e desorganização, foi onde um canteiro impresso em serigrafia foi surgindo. No dia 15 de novembro fiz a impressão das estampas florais nas blusas que iríamos utilizar na atividade que seria realizada no sábado, ou seja, um dia antes da nossa ação.

Antes disso, alguns preparativos foram necessários, como a compra de material na Elisabeth Produtos Serigráficos, que fiz no dia 7 de novembro em Fortaleza, seguindo a indicação da Maninha. Também comprei uma chapa de vidro tamanho 60cm x 40 cm, na Vidraçaria Metal Norte, em Limoeiro, para que pudesse apoiar a tela de serigrafia

sobre o fotolito durante a exposição à luz. Por último, foram compradas as sete blusas de tecido na Naja Design, camisaria localizada no centro da cidade.

Ao longo da pesquisa, imaginei que seria possível juntar o Grupo de Criação e Artes em cada etapa das ações que viríamos a fazer, desde o planejamento até os momentos nas praças. Todavia, à medida que o tempo foi passando, percebi que naturalmente as coisas não correriam assim. Como todos os meninos são menores de idade, conseqüentemente, dependem da permissão dos pais para realizar todas as atividades que desejam fazer e para ir a todos os lugares que queiram visitar. Seria difícil articular uma viagem à Fortaleza com eles, com o objetivo pontual de comprar material de serigrafia, por exemplo, ou marcar encontros para cada etapa em particular que antecedia as ações que fizemos.

A maneira que consegui de deixar o grupo a par de tudo, de trocar opiniões e comunicar sobre o andamento das coisas foi por meio do nosso grupo de Whatsapp. Satisfazer-me com esta solução foi providencial, uma vez que os preparativos para as ações, bem como a quantidade de objetos, materiais e utensílios a se providenciar para cada uma delas em particular era muito numerosa. Esse *background* fazia-me passar, pelo menos, as 48h que antecedia as atividades andando de moto pela cidade, comprando o que fosse necessário e correndo de um lado para o outro tentando organizar tudo.

Portanto, o dia 15 de novembro, data que antecedia a ação na Praça Nossa Senhora da Assunção, foi de preparação e organização. Comecei organizando os materiais para preparação da tela de serigrafia, fazendo a mistura de 300ml de emulsão para 30ml de sensibilizante (proporção de 10% de sensibilizante para uma parte de emulsão). Seguindo as orientações de Maninha, apliquei a emulsão na tela com uma régua comum, retirando os excessos para que a tela não tivesse, ao final, uma placa muito grossa da substância após a secagem.

Figura 105 — Primeira experiência com processo serigráfico



Fonte: Acervo pessoal.

A estampa floral, tirada do banco de imagens do Google, foi impressa em A3. Na ausência de papel vegetal, foi aplicado óleo de cozinha na placa de vidro para fazer o fotolito. Sobre a placa, foi colocada a ilustração floral e a tela emulsionada, e, abaixo da placa, um refletor de 100 watts ligado durante um tempo de exposição de 5-7 minutos. A tela foi revelada com a utilização de um jato de água, que expôs a parte do náilon permeável. Por conta da falta de prática, o resultado final acabou se mostrando uma revelação imprecisa, em que o desenho se mostra falho e algumas partes da emulsão revelada ficaram descascadas, mostrando irregularidade nos contornos das pétalas.

Figura 106 — Tela após revelação



Fonte: Acervo pessoal

Por conta dos erros presentes na revelação, fiquei com receio de que impressão criasse uma imagem confusa, em que as pétalas não parecessem pétalas de fato, mas uma mancha de tinta difusa. Então, resolvi fazer também um estêncil com uma das cópias em formato A3 da estampa floral que utilizei para fazer o fotolito. Para isso, fiz o recorte das pétalas individualmente, deixando o desenho vazado. Assim, caso a impressão com serigrafia deixasse as pétalas pouco nítidas, poderia fazer reparos, imprimindo também com estêncil, utilizando a mesma tinta serigráfica.

Figura 107 — Recorte do estêncil



Fonte: Acervo pessoal.

O passo seguinte foi organizar as blusas brancas no quarto para que eu pudesse fazer a impressão em cada uma delas. Essa etapa não poderia ser adiada ou feita parcialmente, por exemplo, estampando apenas algumas blusas e outras não, já que a ação seria no dia seguinte e dispunha de pouco tempo. Assim, utilizando uma colher e um rodo de madeira para serigrafia, comecei a aplicação da tinta serigráfica sobre as extremidades da tela, puxando o rodo de cima a baixo sobre a imagem revelada, imprimindo sobre a blusa. Fiz a aplicação de uma forma assimétrica em todas as blusas, não centralizando a tela no meio. Ao contrário, entortei a tela na diagonal, apliquei no colarinho e também nas mangas, buscando, apesar da mesma estampagem, uma impressão diferente em cada blusa.

Figura 108 — Primeira experiência com impressão serigráfica



Fonte: Acervo pessoal.

As estampas foram impressas em amarelo e vermelho utilizando, respectivamente, serigrafia e estêncil. Ao observar as estampas de perto, é possível perceber o desgaste da revelação da matriz, por conta da falta de contorno nítido das pétalas amarelas, bem como a irregularidade do corte do estêncil nas pétalas vermelhas. À medida que fui fazendo as impressões, as blusas foram sendo penduradas em cadeiras, prateleiras de estante e mesmo na janela para a secagem. O cheiro de tinta no quarto era intenso e ali as blusas ficaram durante a noite inteira para que pudessem ser usadas no dia seguinte. Às vezes, entrava no quarto para olhar as blusas e, mesmo depois de algumas horas, percebia que algumas delas ainda estavam bastante molhadas de tinta, dada a quantidade excessiva que foi utilizada durante a aplicação na tela.

Figura 109 — Secagem das blusas



Fonte: Acervo pessoal.

Mesmo não tendo domínio ou experiência com a serigrafia, as estampas foram impressas e as blusas secaram durante a noite. Ao todo oito blusas foram estampadas, uma para cada membro do grupo, incluindo Carla, além da minha. Dessa forma, poderíamos realizar a ação como havíamos planejado inicialmente, vestindo-nos com as blusas de estampa floral que viriam a caracterizar nossa condição de flores vivas que buscam suas companheiras na praça. Apesar do trabalho cansativo nessa etapa que antecedeu a ação propriamente dita, veio a sensação boa de que, mesmo que não encontrássemos ninguém que estivesse disposto a participar na nossa proposição, estaríamos vestidos a caráter e a conversa entre flores vivas, portanto, realizar-se-ia ao menos entre nós.

5.5.6 16 de novembro de 2019

O Grupo de Criação e Artes, ou parte dele, encontrou-se às nove horas do dia 16 de novembro na Praça Nossa Senhora da Assunção. Um dia de sábado, o único encontro que chegamos a fazer nesse dia da semana. Não à toa, acreditava que seria o dia ideal para uma ação na praça em questão, afinal, a feira livre estaria acontecendo como de costume e o lugar estaria apinhado de gente. Fui buscar Carla em casa e fomos juntos para a praça já vestidos com as blusas de estampa floral. Assim que chegamos, encontramos Lívia, depois Cristian, e Tamires chegou logo após, de moto com a mãe. Logo que encontrava os meninos, ia tirando blusa de cada um da mochila e eles vestiram por cima daquela que com que vieram. Neste dia, Pedro Cauê, Thiago Henrique e Renato não vieram.

O dia estava quente e nos concentramos embaixo de um dos vários pés de nim que se encontram ao longo da extensão da praça. Ali, esperávamos os demais colegas para começar. Mais cedo, naquela manhã, por volta das nove, fiz a impressão de oito cópias do capítulo “O jardim das flores vivas” e pus na mochila para usarmos durante a ação. Como havia comentado com alguns amigos da cidade que faria a ação naquele dia, dois deles também vieram para participar, Gustavo Régis e Fernando Otto. Às nove e meia resolvemos começar.

Figura 110 — Início da ação na Praça do Banco do Nordeste



Fonte: Acervo pessoal.

Na praça, como era de esperar e como acontecia todos os sábados, havia pessoas vendendo roupa, bicicletas, perfumaria e toda a sorte de coisas. Abordar as pessoas e convidar à participação em um trabalho de artes é uma prática com que os membros do grupo estavam aos poucos se familiarizando. Durante as ações anteriores, seja na biblioteca pública ou mesmo na Praça da Matriz, situação em que fizemos os retratos de pessoas da cidade, tivemos que abordar e conversar com os transeuntes que eventualmente estivessem por ali a passar. Naturalizar a experiência com o outro, portanto, é um aspecto que atravessa as ações como um todo e que se distancia de forma considerável das atividades, por exemplo, que estamos acostumados a desenvolver no espaço da escola onde, de modo geral, a entrada de pessoas de fora é uma exceção.

Na praça, o que buscaríamos não era apenas a participação do outro, mas um determinado nível de identificação, em que as pessoas, ao nos escutarem falar, deveriam se identificar também como flores vivas limoeirenses. Buscar esta condição em comum por meio da roupa e dos adereços que se usam no dia a dia foi um tipo de regra que criamos, embora tenhamos combinado explicar o que estávamos fazendo para qualquer pessoa que tivesse interesse e demonstrasse curiosidade.

Buscar flores vivas na praça pública é, antes de tudo, um exercício de observação do outro e daquilo que vestem e usam. Assim, resolvemos nos espalhar pelo local e nos encontrar dez minutos depois na entrada do Banco do Nordeste. A primeira pessoa com quem conversamos foi Maria Daurileide Nogueira de Santiago, que vestia uma calça com

estampa floral e atravessava a rua para comprar pão no supermercado Nossa Família, que fica logo do outro lado na rua, na Av. Dom Aureliano Matos.

Figura 111 — Conversa com flores vivas - Daurileide



Fonte: Acervo pessoal.

Daurileide estava com a filha, Vitória, e conhecia a Alice por conta dos filmes e animação. Disse que estávamos fazendo um trabalho de artes inspirado nos livros do Carroll, que estávamos vestidos daquela forma porque, naquele dia, durante um curto intervalo tempo em que durasse nossa ação, seríamos flores vivas. Expliquei que fomos até ela porque reconhecíamos nela, dada a estampa floral da calça que vestia, também uma flor viva. E, como grupo de artes, gostaríamos de reescrever o trecho da história da Alice a partir daquela experiência na praça e do encontro com as pessoas que estivessem vestindo estampa floral.

Naquele momento, evidentemente, a conversa com flores vivas já estava acontecendo e, ao longo dela, convidamos Daurileide a fazer a leitura de um pequeno trecho do capítulo “O jardim das flores vivas”. Nesse capítulo, podem-se listar ao menos cinco personagens-flores (lírio-tigre, rosa, violeta, margarida e esporinha). Daurileide faria a leitura das falas de umas delas, enquanto nós faríamos as demais personagens e também o narrador. A gravação, de alguma forma, seria utilizada na releitura que faríamos, a composição em formato de zine – “uma revista feita em casa”, como expliquei a ela – traria desenhos, textos e também iria incorporar o registro da leitura que faríamos.

Mesmo tendo aceitado participar, Daurileide se mostrou preocupada se conseguiria ler de forma correta o texto. Tentei tranquilizá-la dizendo que o que buscávamos era uma leitura espontânea e uma interpretação livre. O nosso interesse na liberdade que abre espaço não apenas para a hesitação, a quebra da fluência, a pausa, mas também para os ruídos à volta, oriundos da rotina - o ir e vir - das pessoas e do movimento da rua no sábado. Portanto, nossa ação nada tinha que ver com uma leitura que se supõe perfeita ou com condições ideais para registro e gravação.

“Que loucura!”, “Tudo isso porque eu saí com essa calça!”, “Eu só vou participar porque é pra ajudar na sua faculdade!”, estas foram algumas falas de Daurileide que pontuaram nossa conversa. Havia um misto de preocupação por conta da leitura com um certo bom humor e admiração causado pelo encontro inesperado. Antes da leitura fiz a seguinte pergunta: “Daurileide, você imaginava que ia sair de casa hoje e ter essa conversa sobre a Alice e entre flores vivas?” Em seguida, ela respondeu: “De jeito nenhum!”.

Os ruídos da rua, especificamente do trânsito e dos carros de som que por ali passavam, circulando durante toda a manhã pelo centro da cidade acabaram sendo incorporados ao som das vozes durante a leitura que fizemos. Utilizando meu próprio celular e um *app* chamado “Gravador de Voz Avançado”, fizemos o registro em que Daurileide leu as falas do Lírio-tigre, eu li as falas do narrador, Fernando Otto leu as falas da Alice, Tamires leu as falas da Rosa. Durante este momento inicial, fiz contato com a Manuela Alice que, tendo expediente de trabalho mesmo no sábado, só poderia aparecer depois das dez e meia. Mesmo sem sua presença, mas com a promessa de que ela apareceria de fato, resolvemos iniciar a conversa com flores vivas, alternando as falas da Alice entre os membros do grupo.

Naquele dia, Carla pediu para fazer os registros fotográficos. Para isso, no dia anterior, fizemos uma breve reunião para que eu pudesse dar algumas dicas quanto a enquadramento, ângulo e foco. Pedimos para Daurileide, assim como para as demais pessoas que participaram, que dessem sua permissão para que as fotos fossem batidas e utilizadas em um trabalho acadêmico. Daurileide, apesar de permitir o registro das imagens, colocou a condição de que as fotos não fossem para as redes sociais e que confiaria na minha palavra de que elas tinham a única função de serem incorporadas ao trabalho escrito que apenas os professores da banca iriam ver.

Durante a conversa com Daurileide, percebi que duas vendedoras da empresa Jequiti reparavam no que estávamos fazendo. Elas tinham uma mesinha exatamente na rampa de acesso à entrada principal do Banco do Nordeste, onde os produtos ficavam à

mostra. Cristian reparou que uma das vendedoras vestia uma blusa com a estampa do Mickey, mas que também trazia motivos florais sobrepostos, pelo menos era o que aparentava. Como elas já tinham reparado no grupo, disse para os meninos que iria me aproximar e, se os motivos florais estivessem lá de fato, iria conversar com ela e o restante do grupo se juntaria a nós para explicar o trabalho também.

Vitória de Jesus Pereira estava com sua mãe e ambas eram revendedoras. Aos sábados, posicionavam-se naquele ponto para vender os produtos da marca. Participar da nossa ação foi uma ideia de que ela disse gostar, já que tinha o desejo de cursar teatro quando terminasse o Ensino Médio. Fernando Otto, que estava participando conosco e é aluno do curso de teatro na UFC, conversou um pouco com ela sobre algumas disciplinas que já fizera, afinal, muitos exercícios do curso se assemelhavam ao que estávamos fazendo ali. No caso, ele referia-se a leitura e interpretação de textos, falas e roteiros.

Durante esta segunda gravação, Vitória fez a leitura das falas da Rosa, Cristian leu as falas do narrador, Lívia as do lírio-tigre, Tamires as da Alice e eu li as da Margarida. Apenas depois da ação, pude salvar o áudio com as gravações feitas e escutar um por um. Por conta da posição do celular, colocado no meio da rodinha que acabava se formando durante a leitura, a captação da voz de um era melhor que as dos outros que acabavam soando mais abafadas ou distantes. Apesar disso, o microfone do aparelho era apontado para a flor viva que encontrávamos, para que esta fosse a voz que se destacasse na leitura.

Figura 112 — Conversa com flores vivas - Vitória



Fonte: Acervo pessoal.

Algumas pessoas que viemos a abordar optaram por não participar da ação que estávamos fazendo. No geral, havia muita gente de passagem e com pressa, com hora

marcada ou eventual compromisso em vista. Atravessando a Praça Nossa Senhora da Assunção, muitas pessoas com roupa de estampa floral estavam indo ao Nossa Família, fazer compras, de forma que sequer chegávamos a conversar ou explicar o que estávamos fazendo.

À medida que o tempo foi passando, os meninos ficaram mais confortáveis em conversar com as pessoas e explicar o trabalho por conta própria. Cristian, depois de conversar com uma moça cujo nome não foi registrado, foi em minha direção e pediu para que eu conversasse com ela e explicasse melhor, porque ela estava hesitante. Quando cheguei até ela, falei sobre a Alice e sobre as nossas roupas, perguntei se teria tempo para participar de uma breve atividade. A moça, mesmo tendo escutado com atenção tudo o que eu dizia, com Cristian ao meu lado acompanhando, optou por não participar. Em seus olhos vi algum espanto: ao seu lado, um casal de idosos que a acompanhava pedia que ela não participasse como se ali houvesse algum risco ou, por não entenderem completamente do que se tratava, mostrando-se inseguros com a situação.

Figura 113 — Conversa com flores vivas - Abordagem



Fonte: Acervo pessoal.

Em todo caso, agradei a atenção e deixamos que eles seguissem caminho. Disse a Cristian que tinha gostado bastante de que ele tivesse tomado a iniciativa de abordar as pessoas por si mesmo. Àquela altura, com sol alto e o dia cada vez mais quente, já estávamos à sombra do prédio do Banco do Nordeste, em sua lateral. Cristian, que havia sumido de vista por breve momento, apareceu de novo pedindo que eu tirasse um foto dele enquanto ele fingia uma abordagem. Sem entender direito, eu o acompanhei, atravessamos a rua e nos pusemos de frente à vitrine de uma loja de roupas, onde se via no mostruário um manequim vestindo uma blusa com estampa floral.

Bati a foto, rimos e voltamos em direção ao grupo para contar porque fomos ali, depois de narrar a simulação de conversa com um manequim, Lívia Cristina disse:

“Pensei que a gente ia atrás de flores vivas e não de flores mortas!”. Esse episódio mostra um pouco do caráter lúdico dessa ação, aspecto que também se apresenta em outros momentos, durante os encontros nas praças e também no Colégio. Durante os meses em que se sucederam os encontros, sempre tentei inculcar no grupo que nossas atividades, juntos, eram também a busca por um momento prazeroso, em que se pudesse fazer uma apropriação da arte de um modo diferente de como geralmente fazemos no Colégio, em que estamos geralmente restritos ao espaço de sala de aula, e que isso tivesse algum encanto, um espírito de jogo prazenteiro.

Figura 114 — Cristian e o manequim



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse ponto, também fizemos a gravação com a última das flores vivas, a única que não precisamos abordar, já que ela veio até nós, Milena Maia, minha mãe, que decidiu participar da ação depois de acompanhar meu esforço no dia anterior para preparar todas as blusas. Depois de vestir uma blusa floral, ela foi com meu pai à praça para que pudéssemos nos encontrar. Com ela, encerraríamos a ação, já que a hora do almoço se aproximava e chegava o horário em que os meninos haviam marcado com os pais para ir para casa ou que os fossem buscar.

O último momento de nossa ação na Praça Nossa Senhora da Assunção foi aquele em que também encontramos Manuela Alice, que chegou por volta das onze horas. Depois de uma breve comunicação pelo Whatsapp para saber onde estávamos, ela saiu do trabalho e teve a gentileza de nos encontrar mesmo depois do expediente do sábado. Logicamente, fiz uma breve apresentação dela a todos os membros de grupo e também a meus pais. Apresentei o texto e grifei as partes que indicavam as falas da Alice. Muito

prestativa, nossa Alice me tranquilizou dizendo que não tinha pressa e que poderia ficar o tempo que fosse preciso para gravar quantas vezes fossem necessárias.

Figura 115 — Conversa com flores vivas - Milena e Manu Alice



Fonte: Acervo pessoal.

Quando começamos a gravação, desta vez com nossa Alice dizendo suas próprias falas e minha mãe interpretando as falas da Margarida, um carrinho de som parou na frente do Nossa Família com anúncios em alto volume, propagandas gravadas e falas no microfone do próprio motorista, sobre vendas no Atacadão, uma loja de roupas da cidade. O dono do carrinho foi lembrado posteriormente nas reuniões do grupo como “o cara do som”. Em casa, minha mãe sugeriu que a gravação fosse feita novamente, em um lugar mais calmo e com condições de gravação mais apropriadas. E respondi que precisava ser daquele jeito, se estivéssemos interessados em de fato fazer ações na cidade, e que em vez de gravar novamente os áudios, iríamos incluir “o cara do som” em nossa releitura, no universo da Alice limoieirense e da conversa com flores vivas na praça do Banco do Nordeste.

Figura 116 — Registro final da ação na Praça do Banco do Nordeste



Fonte: Acervo pessoal

Ao fim da última gravação, com sete minutos e vinte sete segundos, despedimo-nos. Meus pais foram para casa, Tamires foi embora com a mãe, fui deixar Livia de moto, e Cristian foi de bicicleta. Gustavo Regis e Fernando Otto também se despediram de todos. A caminho de casa, tendo descido da moto para fazer compras, percebi muitos olhares interrogativos, e um vendedor da Zenir Móveis chegou a perguntar qual era a ideia da minha roupa e por que estava vestido assim. Comentei sobre o trabalho de artes que acabáramos de fazer, falei sobre as blusas, as estampas, a Alice, as pessoas da praça, etc. Quando dei uma breve pausa na minha resposta, ele parabenizou apressadamente. Suspeito que, quando perguntou, esperava uma resposta mais breve.

5.5.7 Aproximação entre linguagens

Há nesta ação um diálogo com a performance como linguagem artística a ser utilizada. Esta surge em meados da década de 70/80 e seu elo de origem na história da arte está ligada ao *action painting* e ao *happening*, inserindo-se, portanto, em um território de fronteira entre pintura, teatro e outras linguagens. Para que uma performance aconteça algo precisa estar acontecendo em um determinado instante, em um determinado local (COHEN, 2002, p. 28).

De difícil definição a performance também pode ser entendida como “uma linguagem em que há ambiguidade entre a figura do artista performer e uma personagem que ele represente” (COHEN, 2002, p. 58). Nesse sentido, a ação na Praça do Banco do

Nordeste nos coloca em um espaço de diálogo com a performance, já que naquele dia (16 de novembro), das nove às onze horas da manhã, decidimos ser flores vivas. A ação não consistia em peça de teatro, nem em um espetáculo ou apresentação, mas, antes de tudo, em transformar em zine a vivência na cidade como flores vivas-artistas-alunos-professor-Grupo de Criação e Artes, uma condição difícil de estabelecer de forma exata, dada natureza híbrida.

Nesse sentido, o espaço em que a performance se realizou foi a Praça do Banco do Nordeste e, mais especificamente, o jogo-performance, uma vez que havia um critério para a escolha das pessoas que seriam abordadas e um regra: deveriam estar vestidas ou usar adereços com estampas ou temas florais. As pessoas, que estariam no espaço público da praça, poderiam escolher por participar ou não da nossa proposta, poderiam escolher por deixar entrar ou não em seu cotidiano aquele momento e, com ele, a possibilidade de ser uma flor viva. É possível entender a performance como parte de um movimento mais amplo chamado *live art*, em que a aproximação com a vida se dissocia de uma concepção de arte em que o planejamento se dilui como elemento constitutivo.

A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; a *live art*. A *live art* é arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado. (COHEN, 2002, p. 38)

Apesar da *live art* de um modo geral prezar pela espontaneidade, a performance abrange diferentes modos de fazer. Para a ação/performance que realizamos surgiu a necessidade de se criar um roteiro/programa em que pudéssemos nos encaixar em uma nova condição, a de flores vivas. O planejamento, seja como forma de atingir um determinado efeito estético ou, no nosso caso, de atender a certas regras que nos permitam jogar na cidade, é parte do processo criativo em si.

5.5.8 Desenhando com referências

No dia 20 de novembro de 2019, reunimo-nos às três horas no Colégio Diocesano em nosso encontro de quarta-feira. Conversamos sobre a ação na praça do Banco do Nordeste apontando as impressões de cada um. Apresentei fotografias, Cristian falou da sua conversa não apenas com flores vivas, mas com o manequim da loja próximo à praça e, assim, começamos a tarde. Fiz a impressão de dois arquivos com fotografias da praça

em si e da Manu Alice para servirem de referência para a atividade que iríamos fazer no dia. Ou seja, iríamos começar a composição do zine “Conversa com flores vivas (e o cara do som!)⁴⁰”.

Embora as reuniões do Grupo de Criação e Artes, na sua origem, tenham focado no desenho como categoria e linguagem artística de criação, pouco desenhamos durante os encontros propriamente ditos. Geralmente, com relação ao desenho, eram propostos desafios e, nesse caso, os desenhos eram feitos em casa e discutidos durante as reuniões. Nesse dia, no entanto, foi uma das vezes em que o tempo da reunião seria dedicado ao desenho. Cada um criaria sua própria página do futuro zine, em que estaria representada a Alice na praça do Banco do Nordeste. Incorporar as vozes das pessoas que participaram das ações seria um elemento acrescentado depois.

Figura 117 — Imagens de referência (Manu Alice e Praça do Banco do Nordeste)



Fonte: Acervo pessoal.

Distribuí as impressões com as imagens de referência, colocamos os computadores da sala de informática de lado e os meninos começaram a fazer os desenhos nas bancadas. Enquanto isso acontecia, eu ajudava Carla com o planejamento de uma aula que seria ministrada no dia seguinte por ela, com ênfase na produção de Lygia Clark. Fiz os registros enquanto eles desenhavam as páginas do zine, cada um concentrado no seu próprio desenho, com Pedro Cauê mais atento às imagens de referência da praça, enquanto Lívia reparava mais nas imagens de referência da Manu Alice.

⁴⁰ Consultar APÊNDICE C — IMAGEM DAS PÁGINAS PRODUZIDAS PARA OS ZINES DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES/ Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Conversa com Flores vivas em Limoeiro do Norte (e o cara do som!)”.

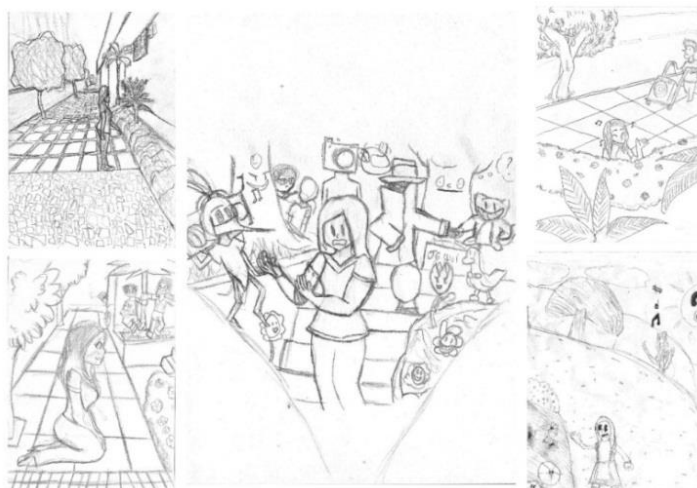
Figura 118 — Desenhando a Alice



Fonte: Acervo pessoal.

Quando terminamos a reunião, os meninos me entregaram os desenhos e fizemos a distribuição das leituras da semana antes de nos despedirmos. Pelos desenhos representando livremente a Alice na Praça Nossa Senhora da Assunção, que reproduzimos mais abaixo, percebemos que Cristian, por exemplo, encheu suas imagens de referências, entre elas, o Zé Mosquitão, ele próprio abraçando um manequim, um homem com cabeça de câmera que seria eu, já que gosto tanto de “fotografar pessoas”. No desenho, vê-se que a Alice está com a mão apoiada no seu braço robô, uma imagem resgatada de forma recorrente por Cristian ao longo das reuniões e familiar aos animes a que ele assiste.

Figura 119 — Páginas produzidas



Fonte: Acervo pessoal.

5.6 A intercalação: desenhos do espaço da Praça do Maria José de Freitas⁴¹

A primeira semana de dezembro vem com a lufada de ar fresco que as férias anunciam. E não se trata apenas de figuração, o clima mais ameno e as massas de branco no céu já prenunciam as chuvas de janeiro. É o final do ano que chega, e na sequência, Natal, ano-novo e os bailes de formatura, data esperada principalmente pelos alunos de nonos e terceiros anos do Ensino Médio, que sentem com mais força os ventos de transformação e mudança. Para mim e para tantos colegas, professores, dezembro é apenas o reconfortante hiato até as aulas de recuperação. Para o Grupo de Criação e Artes, era o momento de um encontro marcado para comemorar o fim das aulas, desta vez na praça do Patronato, com data para o dia 5.

Esta, a primeira reunião em período de férias. Quando comecei as orientações com o grupo, em agosto, era impossível imaginar uma assiduidade que se mantivesse após a Mostra de Tecnologia e Artes. Para minha felicidade, e para a fertilidade desta pesquisa, os encontros continuaram, à margem do calendário escolar e do que se imagina que são as obrigações estudantis, muitas vezes cobradas pelos próprios membros que formam o nosso grupo (de artistas?). E acredito que só acontece assim, porque muitas vezes naturalmente eles ditam a dinâmica da nossa interação quanto estamos juntos.

Esses mesmos meninos — que em alguns momentos se mostram dispersos, desconcentrados, entediados, outras vezes bem parecem ser feitos do mais puro desejo de participar, em que se encontram vontade e empolgação — não raro explodem em um burburinho de vozes simultâneas em que nada e tudo se escuta. Quem repara, vê saltar toda a sorte de assuntos, que vão da cultura japonesa, passando por jogos como “Resident Evil”, seguindo discussão sobre a estranheza do peixe-sapo, a diferença entre a qualidade das temporadas de “Pokemon”, animações do Netflix que se pode maratona em pouco tempo, personagens inventados pelo grupo, como Toninho Cleiton (simplesmente um pato!), entre tantos outros temas. Como um furacão ou qualquer coisa difícil de domar, muito me sacodem, ensinam e mostram que não estou no controle (será que consegui sair da bolha?).

Sem saber com precisão quem estaria viajando ou consumido por outras ocupações nas férias, marquei nosso encontro e nos reunimos no dia 5, para um piquenique criativo na Praça Maria José de Freitas. Encomendei salgadinhos na Delicias

⁴¹ Também conhecida entre os populares da cidade como Praça do Patronato.

do Trigo, levei colchas de cama para cobrir o chão, um cooler cheio de quadrinhos dentro, para distribuir as leituras da semana. A ideia que cheguei a comentar com o grupo no Whatsapp era fazer um encontro com uma atmosfera mais festiva, tanto para comemorar nossa trajetória até ali, como para, por assim dizer, abrir as férias.

Logo antes, no encontro do dia 20 de novembro, como foi descrito na ação Conversa com Flores Vivas, fizemos ilustrações usando referências fotográficas da praça do Banco do Nordeste e da Manu Alice, para a composição do zine referente a essa ação. Voltando no tempo, ao dia 23 de outubro, fizemos desenhos de pessoas que passavam pela Praça da Matriz. A premissa da nossa ação na Praça do Patronato seria representar o espaço da praça e, com isso, tentar criar um diálogo com a arte sequencial, linguagem dos quadrinhos, bem como com a experimentação na etapa da intercalação das páginas, durante o processo de criação de um zine.

5.6.1 Leituras semanais

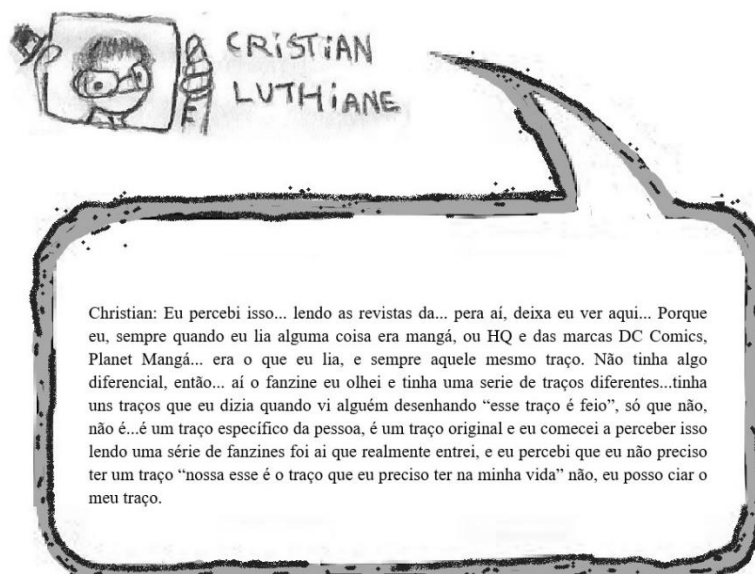
Na colcha vermelha, muitas histórias em quadrinhos e zines espalhados, pois o início da reunião foi marcado pela distribuição das leituras da semana. Sentados no chão, os meninos comentaram o que era lido e folheavam o que gostariam de ler. Foi a primeira vez que Raquel e Levi participaram das nossas reuniões, convidados por Lívia. Entrar no grupo depois de passados tantos encontros não foi um problema para eles, já que frequentavam com regularidade a casa de Lívia e ela lhes havia contado o que acontecera antes, desde os zines do “Zé Mosquitão”, passando pelos desenhos na Praça da Matriz, até a “Conversa com Flores Vivas”. Inclusive, resolveram participar das reuniões por conta do interesse que esses relatos geraram.

Figura 120 — Início da nossa reunião na praça do Patronato



Fonte: Acervo pessoal.

Desde a terceira reunião que fizemos, no dia 4 de setembro de 2019, que passei a levar, aos poucos, os títulos do meu acervo pessoal de quadrinhos para empréstimo. Uma parte recorrente na programação das nossas reuniões era o momento em que definíamos as leituras da semana. Quem havia levado quadrinhos emprestados, geralmente devolvia e pegava outros para levar para casa. Algumas vezes as trocas se alongavam, geralmente quando eu pedia para que eles falassem sobre o que haviam lido. Gradativamente, percebi que as leituras tanto influenciavam o traço de cada um deles, como também a maneira como eles pensavam a arte sequencial. Sobre a influência que os diferentes tipos de quadrinhos e zines exerceram no seu traço, Cristian comenta:



A influência das releituras se fez perceber mesmo depois das composições do zines “Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu”. Tamires Rodrigues desenhou no seu *sketchbook* uma versão para a personagem do livro ilustrado “A Árvore Vermelha”, de Shaun Tan (2001). Esta, uma das obras que levei para as reuniões para empréstimo. A influência das ilustrações do autor australiano se faz perceber diretamente em alguns esboços e desenhos em cores feitos por Tamires. Antes, tudo o que registrava em seu caderno ficava a lápis, e as cores vieram como uma experimentação do seu próprio traço, utilizada depois das reuniões do Grupo de Criação e Artes em alguns de desenhos em particular.

Durante nossas reuniões, trazer referências novas de quadrinhos, zines, ilustrações e publicações diversas tinha a intenção de abrir novos caminhos e possibilidades de criação. Pensar o desenho a partir de uma miscelânea de estilos, traços, cores e modos de contar uma narrativa deveria ser uma perspectiva que pudesse contagiar o grupo, criar um modo de ver essa linguagem em uma amplitude maior, que nos permitisse aplicar nas nossas futuras ações e atividades.

Figura 121 — Releitura feita por Tamires (Esquerda) e personagem do livro "A Árvore Vermelha", de Sahun Tan (Direita)



Fonte: Acervo pessoal.

Portanto, levar esse material para empréstimo tinha o objetivo não apenas de inculcar o gosto pela leitura de quadrinhos, mas também de fazer ver, em cada leitura bem como nos recursos utilizados por cada autor, ferramentas que poderiam ser utilizadas por nós, durante os nossos processos de criação. Se, em meio a todo o percurso de leituras e encontros, momentos em que, entre tantas coisas, era possível conversar livremente sobre desenho, fosse possível perceber que os meninos estavam desenhando mais e com

empolgação no seu cotidiano, de algum modo estimulados pelas atividades do grupo, seria o suficiente para mim.

5.6.2 Desenhando a praça – Aspecto a aspecto

Em sua obra “Desenhando Quadrinhos”, Scott McCloud (2008), especificamente no capítulo um, “Escrevendo com imagens”, aborda a importância do que deve aparecer e do que não deve aparecer em uma história em quadrinhos e o potencial de significado de cada acréscimo e supressão em uma sequência. Toda escolha tem as suas próprias consequências para a clareza e persuasão em relação ao que se deseja contar.

As histórias em quadrinhos exigem um constante fluxo de escolhas em relação a imagens, ritmo, diálogo, composição gesticulação e uma tonalidade de outras coisas (McCLOUD, 2008, p. 9)

Se cada quadrinho, por sua vez, mostra uma ação diferente, entender o que se chama de ações quadro a quadro, e como elas podem acontecer, acaba sendo de fundamental importância para o quadrinista. Segundo McCloud (2008), é possível sistematizar essas transições em seis variações possíveis e cada uma delas oferece contribuições em diferentes níveis para uma história: 1. Momento a momento. 2. Ação a ação, 3. Sujeito a sujeito, 4. Cena a cena, 5. Aspecto a aspecto, 6. Non sequitur.

Figura 122 — Seis variações de transição quadro a quadro



Fonte: “Desenhando Quadrinhos”, Scott McCloud (2008, p.15).

Na quinta variação de transição apresentada, “Aspecto a aspecto”, o artista pode representar a atmosfera de um lugar ou estados de espírito por meio da representação de aspectos de um determinado ambiente, seja fictício ou não. Talvez este, segundo McCloud (2008), seja a melhor variação para representar lugares e espaços, uma vez que criam uma sensação de local forte o suficiente para transportar o leitor e fazê-lo se sentir em um determinado lugar.

Figura 123 — Transição de aspecto a aspecto



Fonte: “Desenhando Quadrinhos”, Scott McCloud (2008, p.17).

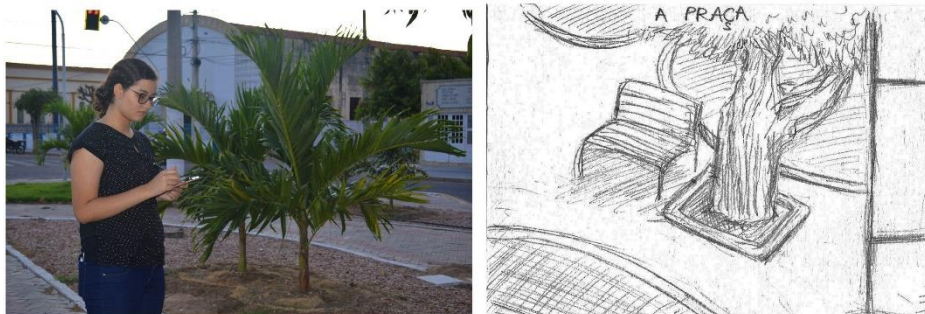
Assim, o que buscamos na Praça Maria José de Freitas não foi a criação de um história completa em quadrinhos com enredo e trama, mas fazer um exercício de criação em que cada membro do grupo iria desenhar a praça se posicionando no lugar que escolhesse e, ao juntar os desenhos, poderíamos ter uma composição aspecto a aspecto. A composição transformar-se-ia em um zine, cujas páginas representam uma sensação de local daquele espaço. Para tanto, foi utilizado este recurso característico da linguagem dos quadrinhos apresentado por McCloud (2008).

5.6.3 Desenhando a praça Maria José de Freitas

Sentados no chão, enquanto comíamos salgadinhos com suco de maracujá, falei para os meninos sobre a proposta de desenhar a Praça Maria José de Freitas. Cada um passearia ao seu redor e escolheria um lugar para desenhar de acordo com o ponto de vista

de onde estivesse. Munidos de prancheta, lápis e pedaços de papel de tamanho A6, caminhamos para direções distintas. Embora a praça seja pequena, perdi os meninos de vista, exceto Tamires que fazia seu desenho em um lugar próximo de onde eu estava.

Figura 124 — Desenhando o espaço da praça: Tamires



Fonte: Arquivo pessoal.

Juntos, os desenhos formariam um zine chamado “A Praça”, uma composição aspecto a aspecto. A liberdade deste tipo de transição quadro a quadro, que busca passar uma sensação relativa ao espaço, apontou para a possibilidade de fazer este zine com páginas soltas, que viabilizasse uma intercalação de páginas que permitisse ao leitor mudar a ordem de cada uma e organizar os desenhos da maneira da maneira como desejasse. Para mim esta forma de criação não era de todo nova, pois, quando fiz os cartões do zine-mala, por exemplo, a intenção era que o leitor pudesse manusear em uma ordem livre aquelas composições, criando uma sequência própria para o conteúdo que vinha dentro daquele zine.

Quando olho para os cartões do zine-mala hoje, vejo que essa liberdade de ordenação e leitura é relativa. Isso acontece porque alguns cartões têm composições livres (poesias, tirinhas, QR Codes, fotografias, etc.) que se encaixam em qualquer ordem no conjunto, já outros possuem uma narrativa, que se divide em quatro capítulos. Analisando de forma retrospectiva, acredito que a narrativa dos capítulos se tornasse muito fragmentada se os cartões fossem lidos de forma totalmente desordenada. Isso não acontece no zine que pensamos para a praça Maria José de Freitas, já que os desenhos não fazem referência a capítulos ou a alguma ordem pré-estabelecida pelos zineiros.

A alternância de ponto de vista dos membros do grupo, que é o ponto de partida para os desenhos feitos para o zine “A Praça”, oferece a liberdade para desenhar de onde se desejar, no entanto com a restrição de que se esteja sobre “A Praça” e o desenho protagonize este espaço. Enquanto a maioria, inclusive eu, andou em busca de uma parte daquele lugar que agradasse em particular, Cristian ficou sentado onde estava e desenhou

o lugar onde estávamos. Em seu desenho, pode-se ver as nossas mochilas, as caixas de salgadinho sobre o chão, os quadrinhos que estavam sobre a colcha e, inclusive, suas próprias pernas e a prancheta onde o desenho se fazia. A metalinguagem, característica marcante do seu desenho, captura a essência desta atividade que busca representar o espaço e a nossa experiência naquele dia, pois no desenho do Cristian, o artista\desenhista faz parte do espaço, como um elemento constituinte.

Figura 125 — Desenhando o espaço da praça: Cristian



Fonte: Arquivo pessoal.

A Praça Maria José de Freitas, tendo sido alvo de reformas recentes na gestão de José Maria Lucena⁴², passou a ter suportes de madeira fincados na terra, onde trepadeiras foram plantadas. O desenho feito por Livia mostrar as plantas em torno dos bancos da praça, após a sua revitalização. Nesse horário, entre cinco e seis horas, já é possível ver as pessoas chegando para fazer sua caminhada vespertina, hábito comum entre alguns moradores do bairro Luís Alves de Freitas e centro. Por morar próximo à praça, ao longo do tempo pude acompanhar essa movimentação que geralmente acontece cedo, pela manhã, e naquele horário em que estávamos fazendo nossa ação.

⁴² As reformas foram feitas em comemoração aos 121 anos de emancipação político-administrativa da cidade, em 2018. O secretário de infraestrutura, Ítalo Diógenes, estava à frente da operação que tinha como intento restaurar as praças públicas e também os jardins da cidade. Fonte: <https://www.tvjaguar.com.br/noticia/8243/Reforma-nas-Pra%C3%A7as-P%C3%BAblicas-proporciona-resgate-hist%C3%B3rico-de-Limoeiro-do-Norte..html>

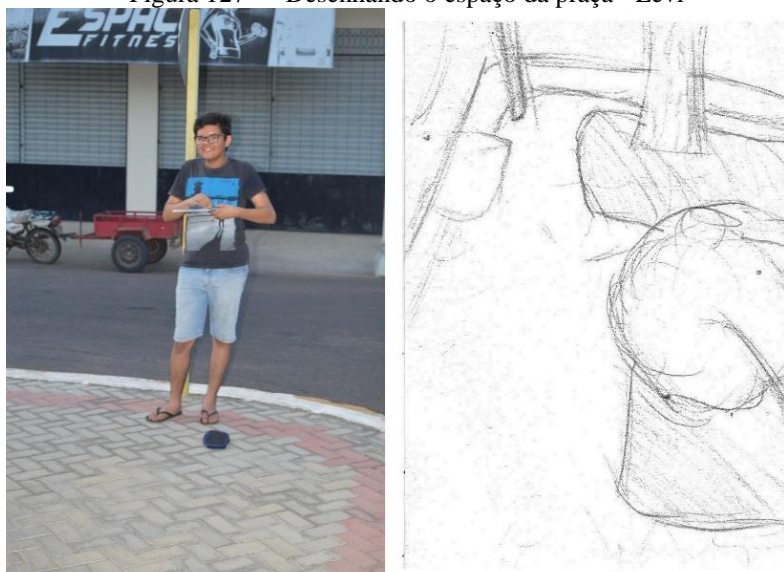
Figura 126 — Desenhando o espaço da praça: Livia



Fonte: Arquivo pessoal.

Levi estava em uma extremidade da praça e desenhava a outra. Mais tarde, quando cada um mostrou o desenho que fez, discutimos sobre a dificuldade de desenhar em pé. Sem um apoio estável para a prancheta e para a mão, resultando, nessas circunstâncias, num traço delineado de forma muito mais irregular e sem precisão. Pergunto-me como seria a experiência de desenhar enquanto se caminha, como se apresentaria o desenho feito nessas condições. É uma atividade, no entanto, que ficaria para uma próxima oportunidade.

Figura 127 — Desenhando o espaço da praça - Levi



Fonte: Arquivo pessoal.

Carla esteve conosco no dia dessa ação e as fotografias foram feitas por ela, que saiu em direção ao lugar em que cada um estava para fazer os registros. Quando ela chegou até mim, eu estava sentado em um dos bancos fazendo meu desenho, já que não me agradava a ideia de fazê-lo em pé. Fora marcado o tempo de dez minutos, sendo que, ao final dele, deveríamos voltar para o centro da praça onde estavam as nossas coisas.

Enquanto rabiscava os paralelepípedos a que calçavam a praça na sua extensão, Carla e Livia me chamaram, provavelmente indicando o término do tempo. O desenho ficou inconcluso. Nele, as pedras do chão da praça subitamente desaparecem, mas foi assim que ele foi impresso e passou a integrar o zine “A Praça”⁴³.

Figura 128 — Desenhando o espaço da praça: Ícaro



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando conversamos naquele dia, Raquel comentou conosco que estava voltando a desenhar depois de “algum tempo parada”. Encorajada por Livia, ela voltara a fazer esboços e no dia da nossa ação na praça levou seu caderno de desenhos para mostrar o que vinha fazendo ultimamente. O grupo a animou também por conta das leituras que eram passadas toda semana, que lhe possibilitariam se aproximar mais dos quadrinhos. Aqui, os desenhos de Raquel e de Levi, são o resultado a primeira produção de ambos como integrantes do Grupo de criação e Artes.

Figura 129 — Desenhando o espaço da praça: Raquel



Fonte: Arquivo pessoal.

⁴³ Consultar APÊNDICE C — IMAGEM DAS PÁGINAS PRODUZIDAS PARA OS ZINES DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES/ Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “A Praça”.

Entre seis e seis e meia da noite estávamos organizando as coisas para voltar para casa. A colcha, os quadrinhos e os materiais de desenho foram guardados e andamos em volta do lugar onde estávamos para nos certificar de que todos os copos descartáveis e pedaços de papel soltos tinham sido jogados no lixo. A mãe de Tamires veio buscá-la, Cristian foi embora de bicicleta e Lívia, Raquel e Levi foram andando para casa juntos, já que andavam próximos uns dos outros.

A necessidade de escrever este texto fará com que em algum momento o Grupo de Criação e Artes precise de um hiato, uma pausa para que eu possa terminar o trabalho final e cumprir com minhas demandas do mestrado. Embora mantenha um diário em que anoto as atividades do grupo, percebo que os arquivos se acumulam: desenhos, fotografias, conversas gravadas. Para que tudo possa ser aproveitado, preciso que um tempo especial seja dedicado apenas a isso. Naquele dia, já começava a pensar em quando e como este tempo será possível.

5.7 A troca: Mala-Expositor, itinerância na Praça José Jerônimo e no centro da cidade⁴⁴

De um espaço onde se possam guardar lembranças, objetos e memórias de outra época, para um em que se possa abrigar uma pesquisa, as malas fazem parte deste percurso em seu início. Parte de sua importância, especificamente da mala-expositor, está na recorrência com que surge e se mistura aos meus processos de criação em diferentes momentos, seja durante as oficinas ministradas em Quixadá, nas ações feitas no cruzamento da Av. 13 de Maio com a Av. da Universidade durante as disciplinas do mestrado, na II edição da Feira do Conhecimento, durante a V Mostra ICA, na praça Matriz de Limoeiro ou na Sala 109. Agora, nesta última ação feita com o Grupo de Criação e Artes no dia 12 de dezembro de 2019, trago a mala-expositor como um objeto-lugar que nos ajuda a pensar a troca de zines como uma forma de nos aproximar das pessoas da cidade.

O lugar escolhido foi a Praça do Seminário, onde nos encontramos às 15h. Um rápido olhar nos faz perceber a quantidade de aparatos afixados no chão pela prefeitura para que as pessoas possam se exercitar. O cair da tarde veio com um grande número de pessoas que frequentavam aquele espaço para caminhar e logo as roupas de ginástica das mais variadas cores e modelos saltaram à vista. Voltas e mais voltas na praça eram dadas tanto por jovens como por pessoas idosas. Alguns monitoravam o tempo, outros traziam o cachorro, ou caminhavam em duplas enquanto conversavam. Aparentemente era um hábito comum a muitas pessoas, o qual não cheguei a perceber nos lugares em que fizemos as ações anteriores.

Naquele dia, além dos quadrinhos para as leituras da semana, carregava comigo a mala-expositor que alguns dos meninos já conheciam, porque já havia levado para a sala de aula, quando discuti conteúdos relacionados a quadrinhos, publicações alternativas e zines. Antes de começar a falar sobre ela, os meninos já estavam com os *sketchbooks* nas mãos mostrando os desenhos mais recentes que tinham feito e tirando da mochila os volumes de quadrinhos que tinham levado para casa e folheando os títulos novos. Praticamente todos vieram, com exceção de Tamires, que estava viajando.

⁴⁴ Também conhecida entre os populares da cidade como Praça do Seminário.

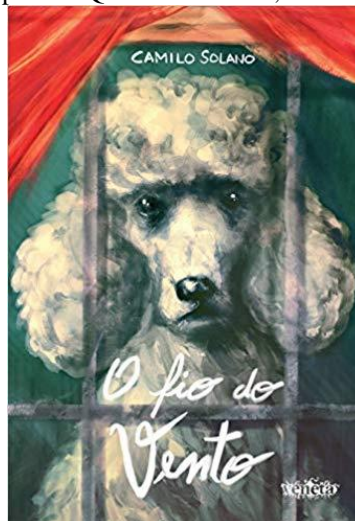
Figura 130 — Início da reunião na praça do Seminário



Fonte: Acervo pessoal.

Acompanhando tudo com um olhar meio desconfiado, uma integrante honorária nos fez companhia, a Maggie, cachorrinha do Renato. Com uma coleira passando de mão em mão, os membros do grupo se revezavam nos pequenos passeios com ela, fazendo-lhe carinhos. Lembrando as ações anteriores, em que associamos os desenhos do Pedro Cauê às ilustrações da Alice feitas por John Tenniel, também foi motivo de conversa a semelhança da Maggie com a ilustração de capa do mais novo quadrinho do Camilo Solano, “Fio do Vento”.

Figura 131 — Capa da HQ "Fio do Vento", de Camilo Solano (2019)



Fonte: Acervo pessoal.

A data dessa última ação compreende o período de férias dos membros do grupo e foi o segundo encontro realizado depois das provas finais do quarto bimestre. Entre as tantas coisas que poderiam estar fazendo, escolheram estar ali conversando sobre os zines

que já havíamos feitos e fazer uma ação com a mala-expositor, o que me faz perceber a força e união que fomos construindo com o tempo. Notei também a percepção que eles têm do próprio grupo, que passou a assumir com naturalidade as reuniões fora da escola e cujas atividades não estão centradas em um programa curricular do Diocesano, mas no nosso desejo de estarmos juntos.

5.7.1 Troca de lugares, troca de zines

A ação na praça do Seminário, de certo modo, liga-se àquela que fizemos na Praça do Patronato. Esta, que se constituiu na composição de desenhos do espaço da praça, foi pensada de modo que cada membro do grupo se pusesse, à sua escolha, em uma parte da praça e a desenhasse de acordo com sua perspectiva naquele momento. Terminada a primeira rodada de desenhos, cada um trocava de lugar com o outro e fazia um desenho de acordo com a perspectiva que o colega escolheu. Até que cada um voltasse para o seu lugar.

No entanto, não aconteceu assim. Por conta hora adiantada e da volta para casa, que a maioria dos meninos fazia a pé, encerramos a nossa ação no primeiro desenho. Entretanto, a troca de perspectivas, bem como a livre montagem de zines, foram duas ideias norteadoras para a nossa ação. Relacionando uma ação à outra, a troca se manteve como ponto de partida para a experiência que ora se descreve, na Praça do Seminário. Aqui, o fio que atravessa os dois momentos é o espírito da troca, em um dos lugares, feita entre nós, no outro, entre as pessoas que passavam na praça.

5.7.2 Mala-expositor: troca e intervenção

Desde a ação nas calçada do MAUC, que havia ficado pensando em outras formas e possibilidades de troca utilizando a mala-expositor. Durante a ação com turma da disciplina de Ateliê de Criação IV, troquei o zine-mala, confeccionado como trabalho final para a disciplina e de que trato na parte dois deste trabalho, por escritos que as pessoas faziam para o meu próximo zine. O tema que eu dei para aqueles que fizeram a troca comigo foi o próprio título do nosso trabalho: “Amá-la”, ou, de outro modo, quais são as imagens, lembranças, pensamentos e devaneios que a expressão “Amá-la” evoca? A partir daí, cada pessoa, utilizando materiais de escrita e papéis de diversos tipos, compunha sua escritura de forma livre.

Na ação que fizemos no dia doze, a proposta de troca seria diferente, pois entregaríamos um zine para quem fizesse uma escritura na própria mala-expositor. Portanto, tínhamos por fim transformar a mala como lugar-objeto, onde as escrituras pudessem ser vistas por onde ela fosse levada. O tema das escrituras deveria estar relacionado à experiência das pessoas naquele lugar em que estávamos, a Praça do Seminário, desde assinar o nome e registrar local e data, até uma memória discernível sobre aquele espaço, ou um desenho, colagem, etc.

Para o dia da nossa ação, levamos cópias do zine “Zé Mosquitão”, fruto das nossas primeiras reuniões, e os originais do “Mini Kuandu” para mostrar. Este segundo zine não foi xerocopiado a tempo porque a cola se infiltrou nas imagens coladas na matriz, fazendo com que a tinta borrasse e os desenhos não ficassem nítidos. Mesmo assim, o original estava em nossas mãos para que pudéssemos também falar dele, e também sobre a importância histórica da revista “Kuandu”.

Embora as pessoas que caminhavam pela praça olhassem de forma curiosa para a mala-expositor aberta em um dos bancos de madeira e para o nosso grupo, de modo geral, inicialmente ninguém se aproximou. Combinamos não abordar aqueles que estivessem se exercitando, a não ser que se mostrassem abertas a isso ou viessem até nós. Do contrário, não era nossa intenção interromper, já que alguns estavam inclusive usando fones de ouvido. Portanto, ficaríamos atentos àqueles que passavam pela praça de forma mais descompromissada, passeando com o cachorro ou simplesmente de passagem para outro lugar.

Senti o grupo um pouco disperso, afinal, as aulas haviam acabado havia duas semanas e, somada a atmosfera de férias com o tempo em que não nos víamos, percebi que estavam ocupados com toda a sorte de assuntos, como os filmes e seriados que estavam vendo no tempo livre. Alguns zines do “Zé Mosquitão” foram grampeados na praça mesmo e colocados dentro da mala. No fim da tarde, às cinco horas, comprei água e picolé para todo mundo e foi por esse horário em que conversamos com as primeiras pessoas.

Figura 132 — Permuta de leituras antes da ação de troca com a mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

Lucas Emanuel e Sara Sena foram meus alunos durante boa parte do Ensino Médio. O casal passava pela praça do Seminário e, quando eles me cumprimentaram, convidei-os para participar da nossa ação. Expliquei que estávamos trocando zines feitos pelo nosso Grupo de Criação e Artes por escritas feitas na mala-expositor. A escritura na mala deveria ir ao encontro da experiência que eles tinham com aquele lugar em especial. Durante algum tempo, eles conversaram e escreveram um rascunho do que escreveriam no Whatsapp, para depois registrarem na mala. Embora a escrita pudesse ser feita da maneira como desejassem, com o que lhes viesse à cabeça, preferiram fazer um planejamento do texto. Na foto abaixo, percebe-se que ambos estão com seus celulares, copiando o que haviam digitado logo antes.

Figura 133 — Intervenção de Lucas e Sara na mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

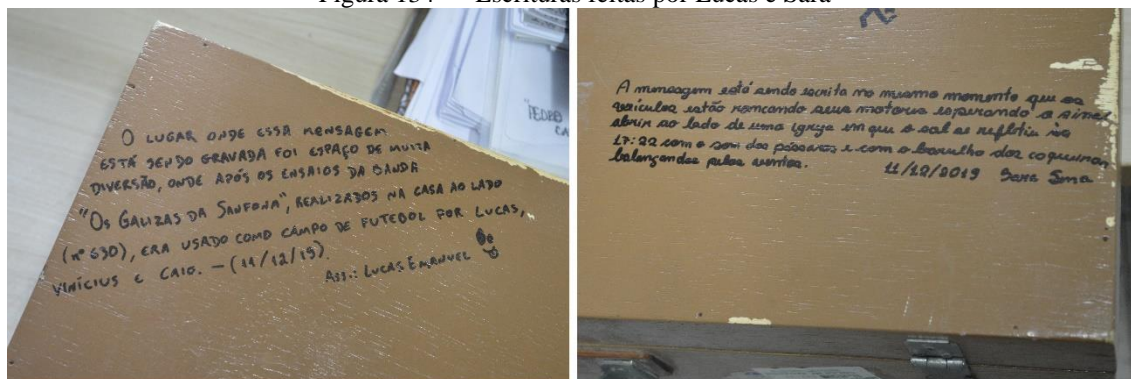
A mala-expositor estava ao dispor daqueles que nela desejassem intervir durante um momento de troca. Aberta, disse a Lucas que ele poderia, além de folhear os zines, mexer, dobrar e desdobrar os apêndices da mala e escolher a parte que quisesse para escrever, dentro ou fora, nas laterais, ou interior. Usando os pincéis que levei, Lucas escreveu no tampo da mala e, tendo escolhido esse lugar, durante a sua participação a mala se fechava para que pudesse ter o devido apoio para uma boa caligrafia. Assim,

observando os lados da mala serem usados como página, inicia-se uma lenta mudança em que este objeto-lugar passa a trazer os registros das pessoas da cidade e, com eles, as marcas e indícios do espaço em que estamos.

Lucas escreveu na transversal, em um dos vértices do tampo, e Sara em linha reta, como se estivesse diante de uma folha de redação ou uma pauta de caderno. Lembro-me muito bem de ambos no Diocesano: eram de turmas diferentes. Lucas saiu do Colégio no final do nono ano, mas fui professor de Sara até o final do segundo ano do Ensino Médio. Lembro que, pouco mais de um ano antes, no final de 2018, ela perdia a inscrição para o ENEM, um drama pelo qual já vi passarem alguns alunos.

Em sua escrita, Lucas trouxe a memória de quando a praça era usada por seus amigos como campo de futebol e de quando ensaiava com a banda Os Galizas da Sanfona. Como já havia assistido a várias apresentações da banda, sei que Lucas tocava zabumba e ali fora um dos vários lugares onde se apresentaram, pelo que ele me falou, quando concluiu. De uma forma metalinguística, Sara referenciou sua escrita no tempo presente anotando inclusive a hora em que escrevia: 17: 22. Mencionou os carros que esperavam o sinal abrir e o vento que passava pelas árvores.

Figura 134 — Escrituras feitas por Lucas e Sara



Fonte: Acervo pessoal.

Cristian, que já se sentia à vontade para abordar as pessoas e convidar à participação desde a ação que fizemos na Praça do Banco do Nordeste, trouxe o Adrian e sua mãe, Veroneide, até o nosso grupo. Adrian gostava de desenhar na escola e tinha costume de andar de bicicleta na praça enquanto sua mãe caminhava. Vi a atenção com que ele folheava o zine que levava o nome do personagem do Renato Rodrigues: “Zé Mosquitão”. Perguntou se poderia, em vez de escrever, fazer um desenho. Respondi afirmativamente enquanto sua mãe lhe dizia: “Vai meu filho, faça do jeito que você faz em casa. Ele adora desenhar...”.

Figura 135 — Intervenção de Adrian na mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

Pedi para que Adrian fizesse um desenho que para ele “tivesse a ver com a praça, mostrasse algo semelhante com o que ele fazia na praça”. O desenho que ele fez, muito rapidamente e com poucos traços, de acordo com suas palavras, representa o Sonic. No zine que fizemos, o qual ele passou algum tempo folheando, desenhamos uma personagem de que gostávamos e não tenho certeza se, ao desenhar o Sonic, ele quis fazer o mesmo, ou mostrar como se sentia quando atravessava a praça na sua bicicleta e, de algum modo, desejasse representar a sensação de velocidade.

Figura 136 — Desenho do Sonic feito por Adrian na mala-expositor



Fonte: Acervo pessoal.

5.7.3 Conversa entre malas

Na arte, pode-se identificar a aproximação entre as malas e maletas com uma produção artística específica, constituindo ou não uma obra de arte em si. Marcel Duchamp, em 1941, criou sua obra “Boîte em Valise”, uma caixa que se abre e revela aos poucos reproduções do seu trabalho em uma escala menor. Além de ajudar a entender sua obra, que está disposta de acordo com a organização do artista, “Boîte em Valise” faz

com que ela se torne acessível às pessoas, uma vez que sua natureza de obra e reprodução se confundem. Sobre a obra, Panek (2001) comenta:

A Boîte en Valise contém as reproduções de quase toda a obra de Duchamp, que o artista foi executando pouco a pouco, durante o período de 1935 a 1941, chegando a um álbum que tomou a forma de uma caixa que se abre em diferentes etapas, revelando progressivamente seu conteúdo em uma série de distintos mostradores. Tratava-se de uma caixa desmontável, revestida de couro, com as dimensões de 40x40x10 cm, contendo a reprodução fiel em cores, recortes, estampas ou objetos reduzidos de vidro, pintura, aquarelas, desenhos e ready-made. O conjunto – 69 itens – representava a obra quase completa de Marcel Duchamp, produzida entre 1910 e 1937. (PANEK, 2005, p. 5)

Assim como a “Boîte en Valise” guardava as reproduções das obras de Duchamp, a mala-expositor foi utilizada para guardar as cópias dos zines que fizemos no Grupo de Criação e Artes. Na etapa de produção dos zines, como afirma Magalhães (1993), a impressão é parte do processo que origina uma obra em si, que, por sua vez, vem a partir da reprodução de uma matriz originária, ou seja, da multiplicação que se dá com a produção de cópias. Isso é uma das características do zine como obra. Portanto, a multiplicação surge como uma característica, e o seu feitiço artesanal torna cada zine único, levando-se em conta as pequenas diferenças entre uma cópia e outra que surgem durante o refilamento dos cantos e disposição dos grampos. Tanto as reproduções de Duchamp como o processo de criação dos zines problematizam as ideias de autoria, como também de obra única.

Figura 137 — "Boîte en Valise", Marcel Duchamp (1938)



Fonte: <https://www.cincinnatiartmuseum.org/art/exhibitions/exhibition-archive/2018-exhibitions/duchamp/>.

A mala-expositor, como lugar-objeto, acaba vinculada aos zines por ser um lugar onde eles podem ser guardados, carregados ou transformados em objeto disparador da troca. Mala e zines acabam se ligando como obras pelo seu percurso em comum, por virem juntos durante ação na rua. Assim como Duchamp, outros artistas utilizaram as malas/caixas/maletas em seu processo, algo semelhante a uma experiência que foi realizada pelo grupo Fluxus. Neste caso, a obra, constituída por caixas feitas por George Maciunas, carregava material original e constituía um espaço experimental de exposição. As publicações do grupo, de modo amplo, podem ser entendidas como uma contestação ao mercado da arte.

Essas caixas Fluxus, são o espaço de exposição experimental das obras de seus artistas, tal como a caixa ou a maleta de Duchamp: se os últimos apresentavam documentações ou reproduções de suas obras, os artistas de Fluxus utilizavam-se de originais (materiais retirados do cotidiano). (PANEK, 2005, p. 5)

Figura 138 — "Caixas Fluxus", Fluxus



Fonte: <https://multiplosdearte.wordpress.com/2011/08/06/historia-do-grupo-fluxus/>.

A discussão em torno das obras acima citadas, tanto o trabalho de Duchamp, como do Grupo Fluxus, inserem-nos numa reflexão mais ampla sobre o livro de artista. Este torna-se diferente do livro comum, segundo Derdyk (2013), e sua caracterização aponta para o fato de “ser um livro livre, antes e depois de tudo” (2013, p. 11). Ainda sobre a diferença do livro de artista em relação aos livros comuns:

(...) o que os diferencia entre si, substancialmente, é que os livros, em geral, cumprem a sua vocação ou destino de serem livros “funcionais”, isto é, livros que abrigam conteúdos independentemente de seu suporte, mesmo que tenham sido concebidos de modo cauteloso e sensível – seja pelos artesões, escribas e designers de todas as épocas” (DERDYK, 2013, p. 11-12)

Fazendo o livro de artista parte de um contexto de produção híbrido, é possível traçar linhas de aproximação entre as obras "Boîte en Valise", de Marcel Duchamp (1938), "Caixas Fluxus", do Grupo Fluxus, e a própria mala-expositor. Esta, que não se origina de uma reflexão sobre os livros de artista, nem um dia foi chamada assim, acaba encontrando regiões fronteiriças neste novo território pelo que acabou vindo a ser e pela maneira como acabou vindo a ser utilizada.

Ela deixa de ser apenas um guardadouro, um lugar-objeto, quando recebe a escrita e a intervenção das pessoas que passavam pela Praça do Seminário. A mala-expositor passa a ser diferente de outras malas, por trazer os vestígios distintivos por meio de escrituras que nela são feitas a partir da interação e troca. Tendo viajado tanto e tendo sido aberta em tantos lugares diferentes, seus caminhos não se encerraram nessa ação. Todas as vezes em que ela for aberta e uma troca de zines for efetuada, ela muda em relação ao que era, recebe novas marcas, desenhos e escrituras que são os indícios dos lugares por onde ela passou e da experiência das pessoas que nela decidiram fazer um registro.

Portanto, a mala-expositor não é um zine, mas está imbricada em um processo de criação que parte deles. Os zines estão por trás da intenção com que se desloca a mala de um lugar para o outro, são eles que compõem o seu interior e são as trocas que a transformam, pouco a pouco. Sendo itinerante, a mala aguarda pelos lugares onde será aberta doravante. O que se espera é que as escritas se acumulem e por meio delas os espaços da itinerância venham à tona, misturados, sobrepostos, justapostos, onde se destaquem diferentes caligrafias, traços, cores, e sobrevenha da mala o seu preenchimento com as diferentes escrituras oriundas da troca.

5.8 A última ação

O leitor que decide tirar o ímã de cima de cada um dos fragmentos de mapa que estão colados à mala tem duas opções: cumprir ou não cumprir o que foi sugerido pelo autor deste trabalho. Vamos partir do princípio de que o leitor prefere não cumprir o que foi sugerido, digamos, no primeiro papelzinho por trás do primeiro fragmento de mapa, que está preso pelo ícone de localização em que se lê: Colégio Diocesano Pe. Anchieta. Nesse caso, e somente nesse caso, ele pode colocar a mala de lado, deixar de preocupar-se com ela e poderia até mesmo, tirando as coisas que vão com ela (ou não!), dá-la de presente ao vizinho que precisa viajar com pouca bagagem, para uma estada rápida, por exemplo, como enviado a encargo da sua empresa, em atribuições especiais para funcionários que acabaram de receber um aumento⁴⁵, suponhamos. No entanto, podemos partir do princípio que, em alguma realidade alternativa, sim, ele deseja de bom grado, ao tirar o papel de dentro dos fragmentos de mapa, atender às instruções que ali se anunciam. Imaginemos que este leitor seja uma pessoa bastante peculiar, com gostos também peculiares, possivelmente alguém que aprecie deveras a “Alice no país das maravilhas”, tanto a ponto de fazer uma tatuagem, digamos, ou mesmo alguém que tenha prazer e interesse em estudar mapas, tudo bem, mapas diferentes do que Borges descreveu no conto “Sobre o Rigor na Ciência”, mas, ainda sim, mapas e mais mapas... Outra suposição plausível é que este leitor em algum momento tenha tido uma inclinação para a vida eclesial, uma especial simpatia pelas fumaças litúrgicas, pois bem, este leitor, sendo o primeiro, o segundo, ou o terceiro, acabou, depois de tantas refregas e perseveranças, se tornando um professor universitário. E eis que o leitor, podendo ter sido tantas coisas antes ou ser tantas durante... por estes ou aqueles caminhos, cabe-lhe agora ser professor tal qual este que aqui escreve e que, pelo acaso que é o da vida e pelo rigor que é o das datas marcadas, acaba lendo gradativamente cada uma das partes, cumprindo as instruções presas pelos ímãs dentro dos fragmentos de mapa e participando do zinecidade, tal como quem entra ou aprende a entrar nalgum lugar. Não sendo de forma alguma bobo, este leitor que certamente tem doutoramento, talvez conquistado com os esforços equiparáveis aos de quem percorre uma *via crucis*, ou mesmo pós-doutoramento, adquirido à custa da mesma lordose que supostamente Atlas deva ter...este leitor que conhece bastante da organização do trabalho científico e que certamente tem a memória

⁴⁵ Qualquer semelhança com Perec (2010) não é uma simples casualidade.

em dia e definitivamente se lembra das páginas anteriores escritas ao longo desta pesquisa, onde o autor promete organizar o zine-cidade de modo que ele tenha sete composições em forma de zine, percebe que algo está faltando, já que o sumário, ao contrário dos parágrafos, diagramas e promessas, mostra-lhe que o zine-cidade que aqui se apresenta tem seis, em vez de sete partes. Ora, meu bom leitor, se neste ponto convém acreditar que estou em uma enrascada, que lancei falsamente a minha palavra, ou mesmo que não consegui concluir esta pesquisa, muito se engana o senhor... Afinal, se este trabalho, que é tanto meu quanto de um Grupo de Criação de Artes, que você vai ler à exaustão nas próximas páginas é, além de um trabalho de arte-vida, também um trabalho acadêmico de pós-graduação, assim como todos os outros, o seu agendamento foi feito, e como as defesas de mestrado são abertas ao público, também foi feita a sua divulgação na comunidade acadêmica quando enviado para uma lista de e-mails, inclusive para o meu próprio e-mail e provavelmente para o seu também. Digo mais: esta divulgação será legitimada através da minha presença e da sua no dia 28 de fevereiro de 2020, data que vai ser lembrada nos meus diários e anotações para todo o sempre, que cabe em uma só vida como “dia do frio na barriga antecipado”, e por informações que talvez sejam inéditas ou não, digo que estou organizando uma viagem cheia de detalhes para encontrar você, e que uma boa parte dos membros do Grupo de Criação e Artes farão esta viagem comigo para, dentre outras coisas, encontrá-lo, juntos, confirmando o compromisso que foi agendado e divulgado, faremos a sétima e última ação que compõe este zine-cidade:

Da divulgação: defesa de dissertação na sala 109, a sala-cidade.

Se a sala 109 é uma sala-cidade, ela pode ser qualquer cidade. Se dentro dela, estarei eu, estaremos nós, o Grupo de Criação e Artes, se dentro dela estarão os “Perfis Limoeirenses”, se dentro dela estarão as flores vivas do Banco do Nordeste, se dentro dela estará “A Praça” Maria José de Freitas, se dentro dela estará a “Kuandu” (1977) e a “Mini Kuandu”, se dentro dela estará a mala-expositor com as escrituras feita na Praça José Jerônimo, então Limoeiro, minha cidade, também pode estar...

...Uma última ação, feita pra ser apenas vivida...

...e por todos os lados, os zines.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito aconteceu nos dois anos em que estive no mestrado em Artes da UFC e é tão numerosa e intensa ordem em que se deram os eventos, que escrever é um desafio de esforço, organização e memória. Especialmente neste segundo ano, 2019, posso destacar alguns acontecimentos familiares que trouxeram ventos de transformação e mudança: a mudança de minha mãe, Milena, para a cidade de Sobral, a formatura do meu irmão, Vinícius, em medicina, o falecimento do meu avô, Miguel.

Em uma das visitas que fiz a Sobral nos fins de semana, li um livro de Ítalo Calvino chamado “O Visconde Partido ao Meio”. E assim como o visconde Medardo di Terralba, também vi-me de certo modo dividido. Certamente não por um balaço de canhão no peito, tampouco bipartido em uma metade excessivamente boa, outra excessivamente má, como procedeu a imaginação de Calvino. Tendo em vista que, após fechados os livros, a realidade tem artifícios muito mais sutis, vi-me dividido entre duas cidades.

Assim, se pudesse adaptar e fazer servir à minha experiência o título de Calvino, ele seria “O fanzineiro dobrado ao meio”, para fazer referência a um elemento característico dos zines e publicações: a dobra, pois, afinal, durante o ano de 2018, em Limoeiro, minha casa, minha cidade, lecionei Artes e Literatura no Colégio Diocesano. E a Fortaleza, única cidade fora a minha onde um dia já morei (durante a graduação!), agora voltava a ela para assistir às aulas do mestrado em Artes, morando, dessa forma, metade da semana em um lugar e metade no outro. Professor durante as segundas e terças, aluno durante as quartas, quintas e sextas. Essas metades que não pareciam se encaixar, que demandavam esforços e dedicação tão árduos como diferentes, ocuparam meu tempo e desafiaram meu juízo.

De um lado, os diários de classe, as notas lançadas no sistema “WPensar”, as correções de provas parciais, estudos dirigidos e provas bimestrais. Do outro, as poéticas, a arte contemporânea, os conceitos disparadores, os cadernos de anotação. De um lado, as galerias tão bem conhecidas do Colégio Diocesano e as salas de aula com azulejos cinzentos e vermelhos, em xadrez, como aquele dentro do qual Carroll fez a Alice se mover. Do outro, a sala 109 com seu acúmulo, seus rastros, seus processos, suas transversalidades. De um lado, a minha letra de forma riscada na lousa e Cecília me perguntando sobre o que seria a “aula de hoje”. Do outro, Wellington escrevendo no braço

da cadeira com pincel preto os tópicos sobre os quais iria falar quando Régis Torquato terminasse de apresentar.

Para mim, falar sobre os meus alunos durante o mestrado sempre foi complicado, assim como falar do mestrado para os meus alunos, como se as duas realidades não pudessem ser transportadas. Ou mesmo pudessem, mas a muito custo e com dificuldade. No entanto, a palavra que mistura as duas metades-lugares foi proferida várias vezes, durante as disciplinas do mestrado, e também no Diocesano entre colegas professores e alunos que, curiosos e interessados, me perguntavam sobre pós-graduação.

Durante o Salão de Artes, vi a oportunidade de juntar de uma forma mais consistente mestrado e escola, Limoeiro e Fortaleza, arte contemporânea e arte curricular do ensino básico, meus alunos de Artes e Literatura e a minha condição de aluno de pós-graduação. Mais do que isso, percebi que poderia trazer o processo de criação e a ação no espaço da cidade para a lógica dos encontros com o Grupo de Criação e Artes.

Vejo um diálogo perceptível entre o que fizemos na disciplina-jogo Arte e Processo de Criação: Poéticas Contemporâneas e a montagem da matriz-dado, resultante da ação que fizemos na Praça da Matriz de Limoeiro do Norte. Também destaco a busca por flores vivas na Praça Nossa Senhora da Assunção, pois, ali, um jogo com regras claras se definia, em que a observação da roupa com que as pessoas estavam vestidas era o passo inicial para a participação e interação em um trabalho de artes centrado, naquela ocasião, no jogo e na performance.

A ação na rua feita durante a disciplina de Ateliê de Criação IV faz par com a ação que fizemos na Praça do Seminário, em que o Grupo de Criação e Artes usou a mala-expositor. Nessa ocasião também levamos os zines produzidos anteriormente, “Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu”, para mostrar ou trocar por intervenções escritas feitas na própria mala-expositor pelas pessoas que por ali passavam. Em um contexto diferente, estamos reinventando no processo de criação de um zine-cidade, experiências pelas quais passei no mestrado em Artes da UFC.

A costura como metodologia de aproximação acontece em diferentes níveis ao longo desta última parte do trabalho, seja entre as atividades do Grupo de Criação e Artes e as minhas experiências no mestrado, seja entre as próprias ações desenvolvidas pelo grupo entre si. As ideias que introduzem a ação da Conversa com as Flores Vivas estão conectadas aos retratos que fizemos da Sofia e da Gabriela na Praça da Matriz. Esses retratos, por sua vez, estão ligados aos desenhos de personagem que fizemos na sala de informática do Colégio. Os zines do “Zé Mosquitão” e “Mini Kuandu” foram colocados

na caixa de leitura que fizemos para a Biblioteca Pública da cidade e foram trocados durante as ações na Praça do Seminário.

Acredito que as ações e zines feitos pelo Grupo de Criação e Artes foram a forma que encontrei de costurar as metades em que me dividi. Voltando mais uma vez a Calvino, sabe-se que em seu livro as metades do visconde Medardo di Terralba - o Infeliz e o Bom - desejavam se casar com Pâmela Marcolfi. Em momento capital do romance, ambos disputam a mesma consorte em aguerrido e determinado duelo, em que as feridas de quando fora partido, sendo um, se abrem de novo e os vasos sanguíneos se dilatam. Vencidas, as metades foram costuradas e enfaixadas de forma bem apertada pelo doutor Trelawney, e voltam a ser finalmente um só visconde.

No final, Medardo entreabriu os olhos, os lábios. A princípio a sua expressão estava retorcida: tinha um olho franzido e o outro afrouxado, a testa de um lado enferrujada, do outro serena; a boca sorria de um ângulo e do outro rangia os dentes. Depois, aos poucos, voltou a ficar simétrico. (CALVINO, 1925, p. 139)

No fim das contas, Pâmela Marcolfi ficou satisfeita em se casar com as metades costuradas em um só visconde. Assim, entendo que Medardo precisou juntar-se para casar. Nesta pesquisa, a última parte do trabalho tem uma dimensão afetiva muito forte, entre tantas coisas: pelos laços criados e pelas coisas feitas. Depois de tantas dúvidas, depois de perder-me e posteriormente me reencontrar, os membros do grupo e as pessoas com quem conversamos e tiveram a gentileza de nos ceder um pouco de seu tempo, definem novas formas de encarar a pesquisa, novas formas de proximidade e uma nova condição: *ex abundantia cordis*. Casar-me com minha pesquisa, para mim, também significou juntar metades.

Acredito que de fato existe uma diferença entre os zines feitos antes do mestrado e aqueles que se atrelam às ações feitas nas praças de Limoeiro e que aqui se apresentam, já que são mais simples graficamente falando. A referida distinção existe porque, nos meses finais da pesquisa, em que ela encontrou andamento com as atividades do Grupo de Criação e Artes, optei por tirar o foco apenas da manipulação de materiais e das questões gráficas dos zines. De forma complementar, busquei tensionar um outro lado, ao inserir a ação no espaço público como parte do processo de criação deles, estiquei-o

até regiões fronteiriças com outras linguagens artísticas como o jogo, performance, histórias em quadrinhos, desenho, serigrafia, entre outros.

Esse outro eixo de tensão ajudou-me a pensar publicações em que se inserem a lógica da participação das pessoas, por um lado, e experimentação de técnicas e linguagens por outro. Acredito que, assim, o trabalho se enriquece, driblando de certo modo as possíveis armadilhas que o levariam à gaveta de lembrancinhas uma vez dado ou trocado. Não que esta gaveta seja má, mas é importante que se identifiquem as marcas do processo que levaram à criação dos zines e que estão presentes neles.

As ações, atividades e processos aqui descritos são fruto da atividade de um grupo e, embora a escrita que aqui se apresente seja minha, tentei fazer com que a voz e as palavras desse grupo e de seus membros, individualmente, ganhassem espaço e expressão, concretizando uma dimensão de coautoria. Para tanto, acrescentei ao texto, em diversos momentos, trechos de conversa, transcrição de informação oral e escrita. Foi a maneira que encontrei de fazer com que no trabalho transpareça a dimensão coletiva das atividades aqui apresentadas. Nelas, também se inserem as palavras ditas pelas pessoas que participaram das ações propostas, assim como as intervenções de família, amigos, pessoas próximas, ou alguém que eventualmente tenha perguntado ou mostrado interesse pela criação de um zine-cidade.

Acredito que trazer as imagens da cidade — as palavras das pessoas da cidade que, por um breve momento, estiveram conosco — e os comentários e percepções do nosso grupo conferem ao trabalho aqui apresentado um caráter polifônico. Neste ponto, acredito que toda a sorte de vozes aqui presentes compõe, integra o zine-cidade que, no curto período de atividade que tivemos até agora, criou-se. Reside aí uma aproximação entre arte e vida que, seja nos zines que fiz anteriormente e mesmo na percepção de criação artística a que me propus em algum momento como professor ou artista-pesquisador, não existia.

Assim, o zine-cidade enquanto proposta ampla de composição se caracteriza, mais objetivamente falando, como um zine ou um conjunto de zines que incorporam a seu(s) processo(s) de criação ou etapas de produção a ação na(s) cidade(s) e seus diversos espaços. Nesse contexto, há interlocução com as pessoas que aí vivem e se busca desenvolver uma relação mediada pela arte em suas mais diversas linguagens. A experiência vivida entra como um elemento que se integra ao processo de desenvolvimento de uma pesquisa em artes, onde buscamos aproveitar mais do percurso (e do que se encontra no caminho!) do que do produto final: o zine. Se o ponto de partida

e, às vezes, o ponto de chegada e o que se entende como resultado é um zine, o coração do que entendo como zine-cidade reside em tudo que é possível acontecer no meio, onde o projeto de criação de um zine pode estimular um projeto de experiência de vida e de criação em diversos espaços.

De todo o percurso até aqui vivido, uma das coisas mais valiosas que ficam, se não a mais valiosa, é saber que o Grupo de Criação e Artes continua a existir, que estamos em contato constante e percebo uma empolgação real em continuar a se fazerem imersões e iniciar processos de criação no espaço da cidade. Para o ano de 2020, muitas ideias de atividade que surgiram e que não foram de fato colocadas em prática, seja em uma conversa no grupo, seja em meio a uma piada interna, vão encontrar o seu lugar e vez de virem à tona.

Este horizonte de novas possibilidades, o terreno fértil para a criação artística no espaço da cidade, adubado com flores vivas, encontro, carinho, deslocamento, desenhos, leituras, zines e tantas outras coisas mais, não acaba com esta pesquisa. Pelo contrário, prolonga-se para além dela, para além do zine-cidade que aqui apresento. Mesmo constituído de ações bem definidas e fechadas, é uma obra inacabada e sempre em processo enquanto o grupo estiver ativo e novos formatos de criação que possibilitem a interlocução entre zine e cidade estiverem amadurecendo e ganhando as praças e outros locais públicos de Limoeiro do Norte e outros lugares.

É evidente que as dificuldades se anunciam desde já, afinal, como artistas que também reservam parte de seu tempo a outra atividade e, no meu caso, a de professor, e no caso dos membros do grupo, a de alunos, há de se lembrar: a linha que nos costura também é aquela que nos une à escola e as suas atividades. Em 2020, está mais do que claro que precisaremos adaptar, improvisar e reinventar, afinal, Renato Rodrigues, Pedro Cauê, Cristian Luthiane e Thiago Henrique vão cursar o 1º ano do Ensino Médio e, portanto, inevitavelmente devem estudar pela tarde, enquanto Tamires Rodrigues vai cursar o 8º ano; Lívia Cristina, o 7º; e Raquel, o 8º, o que significa que vão assistir às aulas ainda no turno da manhã. As reuniões, que sempre aconteciam nas quartas, devem ser repensadas para que o grupo não se divida. Assim, nosso primeiro desafio diz respeito a articular novos horários e inventar momentos para que o encontro seja possível, para que possamos estar juntos. Dessa forma, esta experiência poderá se prolongar no tempo, como uma construção contínua e que nos permita pensar o processo de criação em artes em novos contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A Comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.
- BUSANELLO, William. **Fanzine como obra de arte**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2015.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. A infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2003.
 _____ **Memórias Inventadas**. A Segunda Infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2006.
 _____ **Memórias Inventadas**. A terceira Infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2008.
- BRITTO, Fabiana; SETENTA, Jussara. Performatividades. In: JACQUES, Paola; BRITTO, Fabiana (Orgs.). **Corporidade: gestos urbanos**. Salvador: Edufba, 2017.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.
- CARROL, Lewis. **Alice**: edição comentada. (M. L. X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (2002).
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2006.
 _____. Seis propostas para o próximo milênio. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espço de experimentação. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CALVINO, Ítalo. **O Visconde Partido ao Meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CAROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

COUTINHO, Laerte; organização Toninho Mendes. **Modelo Vivo**. São Paulo: Barricada, 2016.

DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2013.

DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

FÉRAL, Josette. **Além dos Limites: teoria e prática do teatro**. Perspectiva, 2015.

FERRANDO, Bartolomeo. **Arte y cotidianidad hacia la transformación de la vida en arte**. Madrid: Árdora Ediciones, 2012.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 1999.

SILVA, Meton. **Reminiscência de Limoeiro do Norte**. Limoeiro do Norte, 1997.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru. São Paulo: EDUSC, 2012.

McLOUD, Scott. **Desenhando Quadrinhos**. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

_____. **A Mutação Radical dos Fanzines**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

_____. **A Nova Onda dos Fanzines**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2004.

_____. **O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia. 2013.

MEIRELLES, Fernanda. **Cartas ao zine Esputinique: escritas de si e invenção de nós na rede**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Comunicação Social). Fortaleza, 2013.

PANEK, Bernardette. **O Livro de Artista e o Espaço da Arte**. Artigo apresentado no III Fórum de Pesquisa Científica em Arte da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005, p.5. Disponível em: www.embap.pr.gov.br/File/anais3/bernardette_paneck.pdf

PASKO, Martin; SCHROEDER, Al; SWAN, Curt. **Superman - 330**. Ed. Estados Unidos: DC Comics, 1978. 48 páginas.

PEREC, Georges. **A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PIEIRO, Jorge. **Este almanaque é nosso!** E uma viagem... . Fortaleza: Imprece, 2016.
SILVA, Meton. **Reminiscências de Limoeiro do Norte**. Limoeiro do Norte, 1997.

Projeto Balbucio. **O jardim das flores vivas**. Fortaleza, 2011. Disponível em <http://balbucio.com/balbucio/?p=3054>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIVERS, Charlotte. **Como fazer seus próprios livros**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1979.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Companhia das Letras. 24ª reimpressão, 2002.

SHIELDS, David; Salerno, Shane. **Salinger**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SILVANO, F. (2010). **Antropologia do espaço**. Lisboa: Assírio & Alvim.

SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Penguin, 2010.

TAN, Shaun. **A Árvore Vermelha**. São Paulo. Edições SM, 2009.

TANIGUCHI, Jiro. **O Homem que Passeia**. 1ª ed. São Paulo: Devir, 2017.

VITAL, Marcise (org.); MENDONÇA, Francisca(org.). **A arte em dois mundos**. Recife: EdUFRPE, 2007.

WAGNER, Richard. **A Arte e a Revolução**. 2ª edição. Tradução de José M. Justo. Introdução de Carlos da Fonseca. Lisboa: Edições Antígona, 2000.

Sites comentados e não referenciados, por ordem de aparição

The Nachtkabarett - <http://www.nachtkabarett.com/EatMeDrinkMe/LesFleursDuMal/pt>

Diário do Nordeste -

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/buchada-da-adelia-revive-antigos-carnavais-1.157018>

IBGE - <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=436552&view=detalhes>

Obscuro Fichário - <http://obscurofichario.com.br/lugar/circo-nerino/>

APÊNDICE A — A MALA-DISSERTAÇÃO, EXPLICAÇÕES SOBRE O FORMATO E ENTREGA DO TRABALHO

Como uma forma de atender às normas da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – UFC, alguns esclarecimentos relativos à materialidade do trabalho entregue à banca de defesa e que constituem a dissertação aqui apresentada estão descritos e apresentados nesta sessão de apêndices.

A dissertação é constituída de uma mala de madeira compensada, com as dimensões de 34,4 cm x 45,00 cm x 11,00 cm. Dentro da mala, estão dispostas as partes da dissertação. Portanto ela contém:

- 1 Dissertação encadernada.
- 1 Caixa de leitura de zines feita por meio de colagens na própria madeira da mala, onde se utilizou papel kraft e papel paraná.
- 1 Painel onde se organiza um jogo magnético feito a partir de seis fragmentos de mapa, seis ímãs com setas de localização e seis pistas impressas com instruções a serem seguidas e uma matriz em estêncil recortada em papel kraft. Aí, foram utilizados os seguintes materiais: papel kraft, papel 60 kg, papel offset, pedaços de colchetes latonados e ímãs.
- 1 suporte retangular feito com papel paraná, com as seguintes dimensões: 30, 5 x 20,5.
- 2 Lápis de desenho da Faber Castell
- 1 Tubo de cola branca
- 1 Dado de seis faces
- 1 Tudo de tinta guache vermelha
- 1 Tubo de tinta guache amarela
- 1 Peça de papel Canson 180g, recortado em tamanho A7 (10,5 cm x 7,5 cm)
- 1 Peça de papel Canson 180g, recortado em tamanho A6 (15 cm x 10,5 cm)
- 1 Pincel 02
- 1 Linha do tempo impressa em A3, especificando as atividades (encontros, ações e reuniões) do Grupo de Criação e Artes (desde 21/08/2019 até 16/01/2020), além de outras informações adicionais.
- 1 Matriz-dado em branco
- 6 Envelopes de papel madeira numerados de um a seis, contendo, em cada um, seis perfis limoeirenses.
- 5 Zines produzidos pelo Grupo de Criação e Artes durante o período compreendido entre 21/08/2019 até 16/01/2020.
 - Respectivamente:
 - “Zé Mosquitão” (12 páginas)
 - “Mini Kuandu” (12 páginas)
 - “Perfis Limoeirenses” (6 zines tridimensionais em forma de dado de seis faces)
 - “Conversa com Flores Vivas em Limoeiro do Norte (e o cara do som)” (8 páginas)
 - “A Praça” (6 cartões-página)

Os zines produzidos trazem uma dimensão do resultado das ações na cidade feitas pelo Grupo de Criação e Artes durante o segundo semestre de 2019 e início de 2020. A

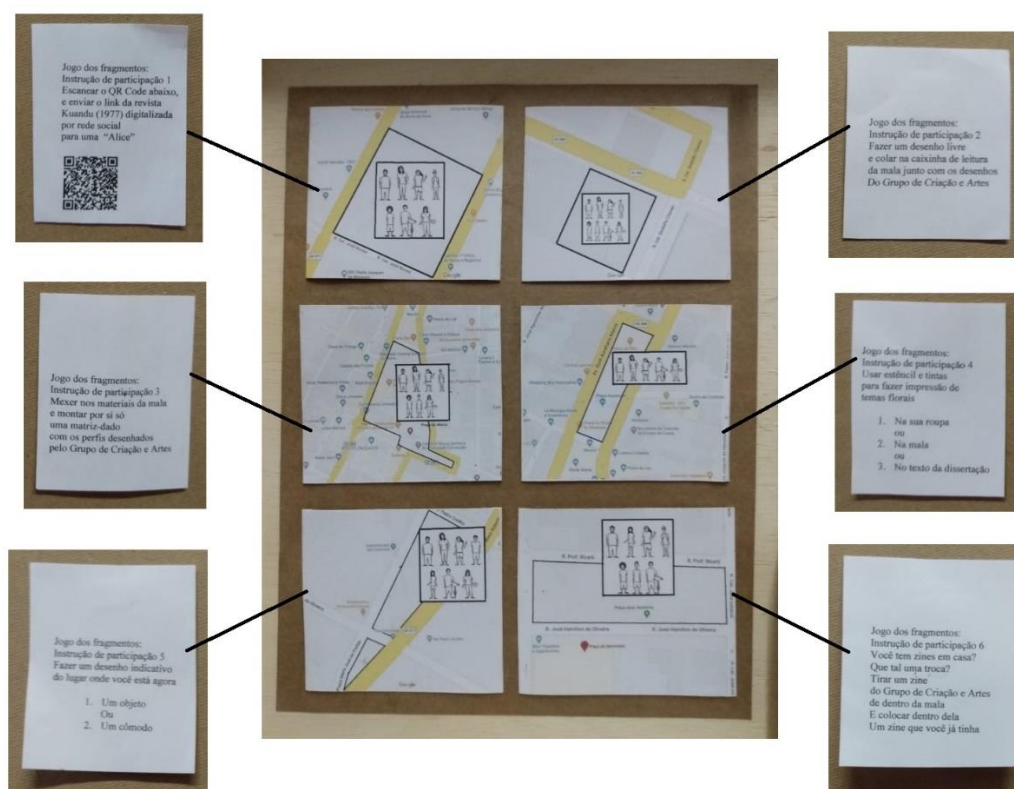
maneira como a mala se organiza, bem como os materiais que a acompanham, dão oportunidade ao leitor, em certa medida, de fazer parte do trabalho e interagir e jogar através de algumas ações como: compartilhar QR Codes de referências usadas no trabalho, intervir na mala, desenhar e pintar, montar um zine e inserir (mediante troca!) um zine dentro da caixa de leitura que há na mala. Esse processo se desenrola à medida em que o leitor avança na leitura do trabalho escrito.

Mala-dissertação



Fonte: Arquivo pessoal

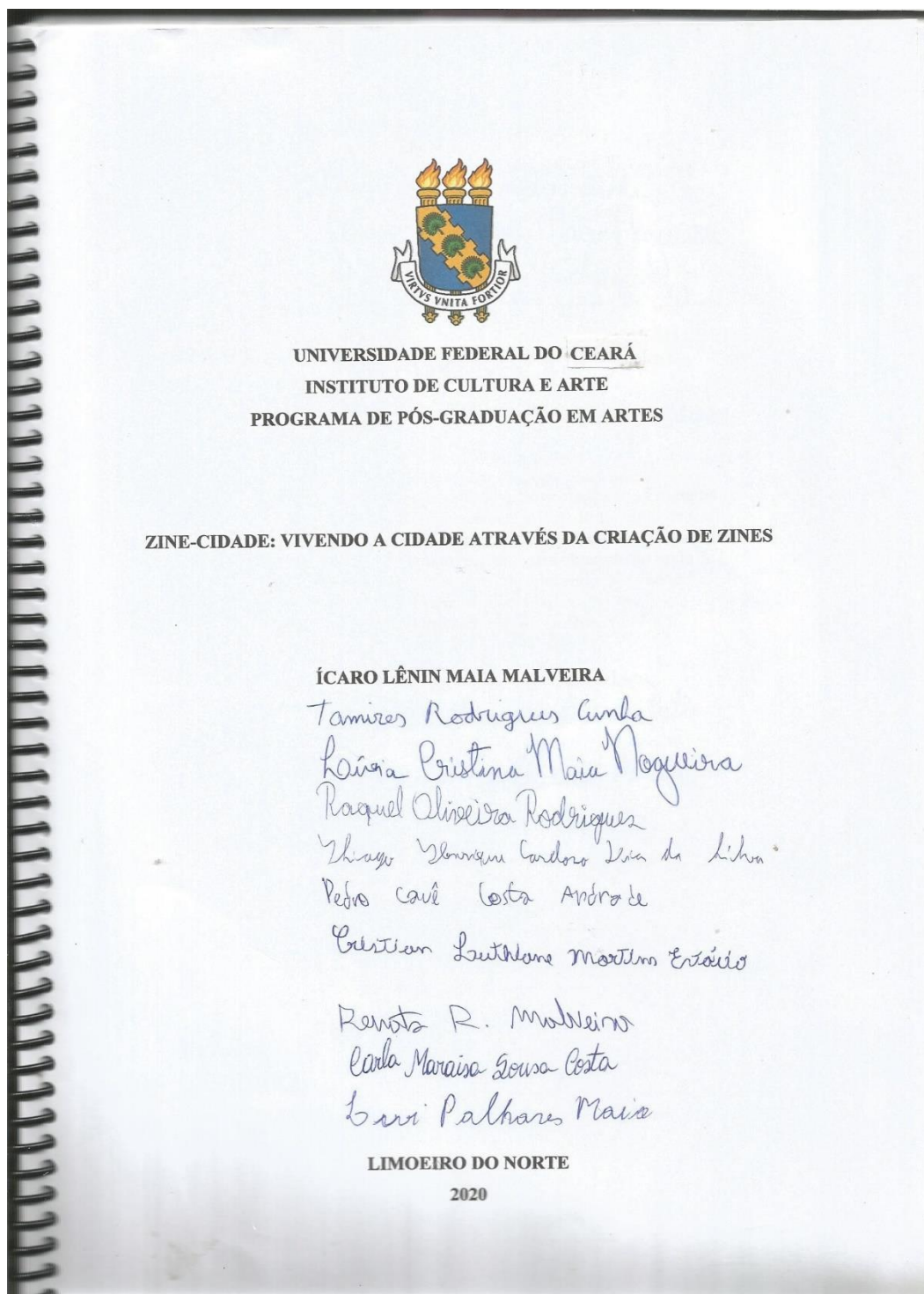
Painel com jogo magnético e seis instruções de participação



Fonte: Arquivo pessoal

**APÊNDICE B — VESTÍGIOS DE COAUTORIA: CAPA DO TRABALHO
ASSINADA PELOS MEMBROS DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES**

Este trabalho foi feito em coautoria, na versão do texto entregue à banca de defesa as capas foram assinadas por todos os membros que participaram das atividades do Grupo de Criação e Artes entre agosto de 2019 e janeiro de 2020.



APÊNDICE C — IMAGEM DAS PÁGINAS PRODUZIDAS PARA OS ZINES DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES

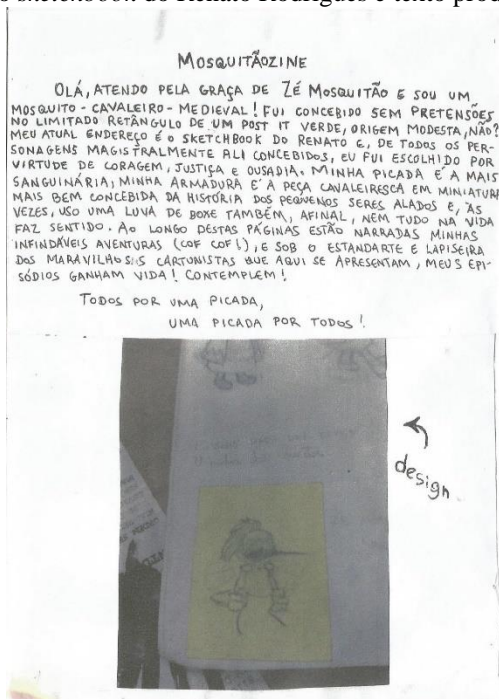
Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Zé Mosquitão”

Página 1 – Capa



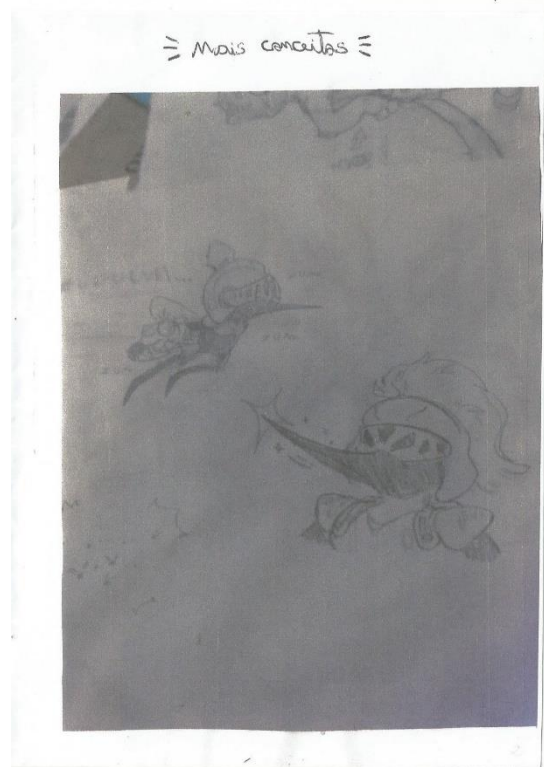
Fonte: Arquivo pessoal

Página 2 – Fotografia do *sketchbook* do Renato Rodrigues e texto produzido por Ícaro Malveira



Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 – Fotografia do *sketchbook* do Renato Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal

Página 4 – Página produzida por Cristian Luthiane



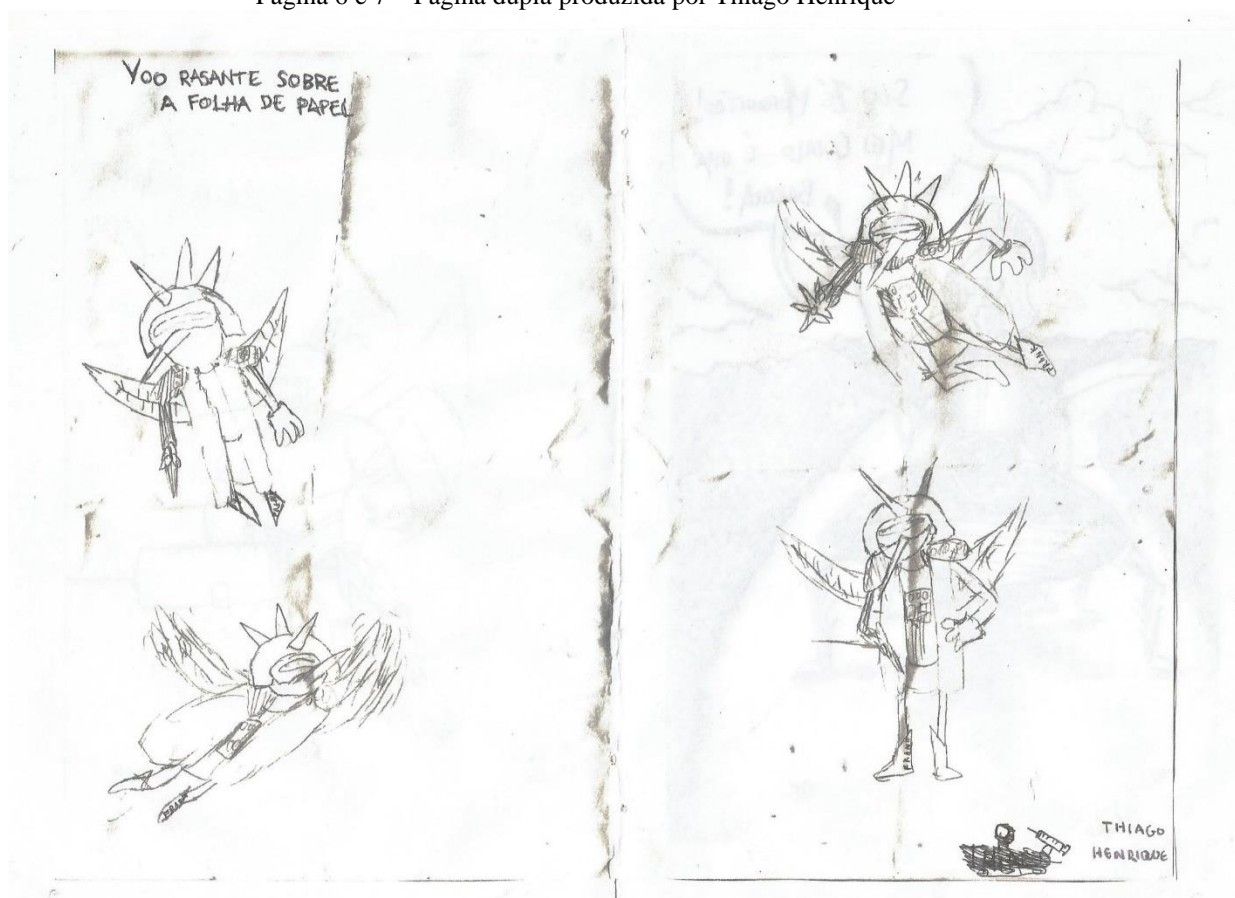
Fonte: Arquivo pessoal

Página 4 – Página produzida por Cristian Luthiane



Fonte: Arquivo pessoal

Página 6 e 7 – Página dupla produzida por Thiago Henrique



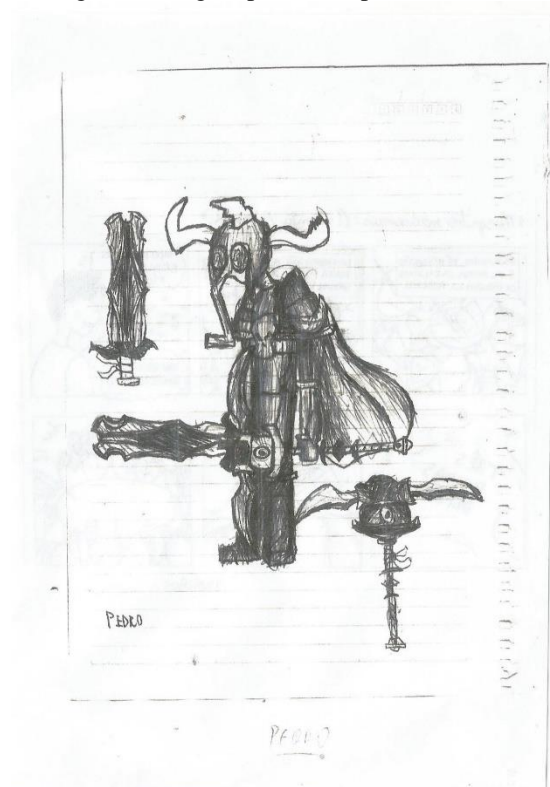
Fonte: Arquivo pessoal

Página 8 – Página produzida por Ícaro Malveira



Fonte: Arquivo pessoal

Página 9 – Página produzida por Pedro Cauê



Fonte: Arquivo pessoal

Página 10 – Página produzida por Tamires Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal

Página 11 - Página produzida por Renato Rodrigues (desenho dos integrantes do Grupo de Criação e Artes)



Fonte: Arquivo pessoal

Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Mini Kuandu”

Capa – Produzida por Tamires Rodrigues.



Fonte: Arquivo pessoal

Página 1 e 2 – Ilustração original da “Revista Kuandu” (1977) e releitura produzida por Renato Rodrigues.



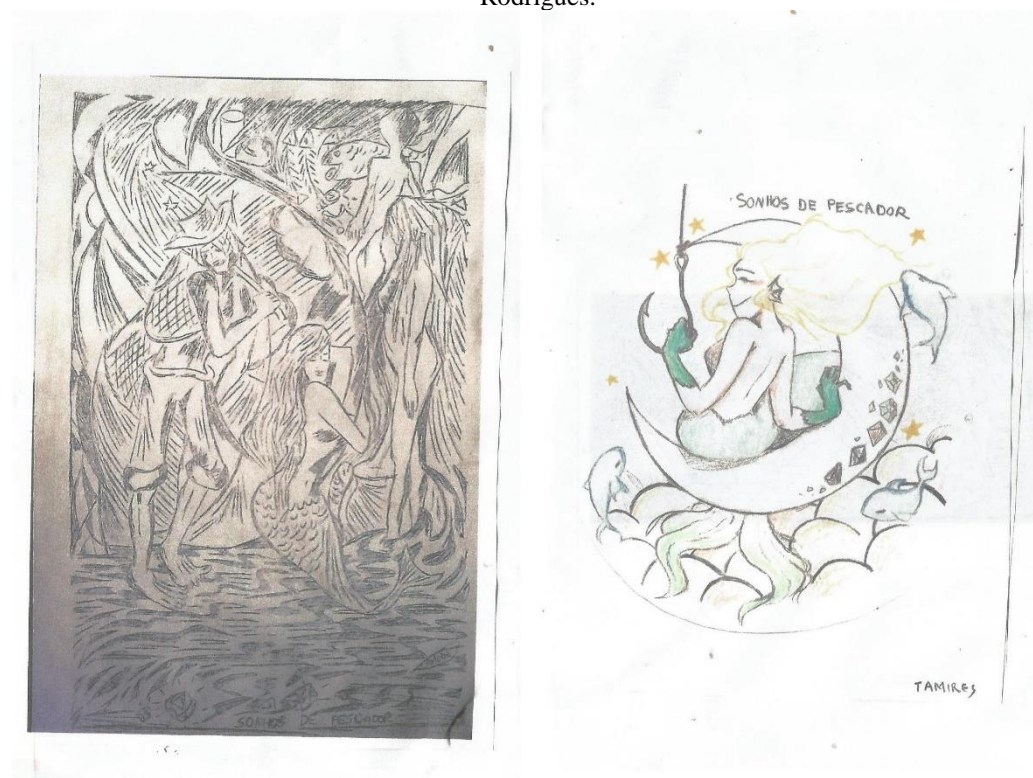
Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 e 4 – Ilustração original da “Revista Kuandu” (1977) e releitura produzida por Livia Cristina.



Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 e 4 – Ilustração original da “Revista Kuandu” (1977) e releitura produzida por Tamires Rodrigues.



Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 e 4 – Ilustração original da “Revista Kuandu” (1977) e releitura produzida por Ícaro Malveira.



Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 e 4 – Ilustração original da Revista Kuandu (1977) e releitura produzida por Thiago Henrique.



Fonte: Arquivo pessoal

Capa com texto produzido por Ícaro Malveira.

MINI KUANDU É UM ZINE DE AUTORIA DE UM GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES DA CIDADE DE LIMOEIRO DO NORTE, FORMADO POR: RENATO RODRIGUES, THIAGO HENRIQUE, LÍVIA CRISTINA, CRISTIAN LUTHIANE, PEDRO CAVALÉ, TAMIRES RODRIGUES, CARLA COSTA E ÍCARO MALVEIRA.

ESTE ZINE FOI INSPIRADO NA REVISTA DE CULTURA KUANDU (1977), ORGANIZADA PELO PE. FRANCISCO DE ASSIS PITOMBEIRA, À ÉPOCA, ALUNOS E PROFESSORES DO DIOCESANO CONTRIBUÍRAM PARA A ELABORAÇÃO DOS TEXTOS, ILUSTRAÇÕES, POEMAS, CRÔNICAS, ENSAIOS E ENTREVISTAS QUE COMPÕEM AS SUAS PÁGINAS. PORTANTO, SUA AUTORIA É COLETIVA, AS CÓPIAS FORAM RODADAS EM MIMÉOGRAFO E MONTADAS PELOS AUTORES, O QUE CONFERE UMA FEITURA ARTESANAL À PUBLICAÇÃO; OS NÚMEROS DA SUA TIRAGEM LIMITADA FORAM DISTRIBUÍDOS NA CIDADE.

AQUI, DEPOIS DE DISCUTIR E LER TRECHOS DA KUANDU, FIZEMOS RELEITURAS DE PARTE DOS DESENHOS ORIGINAIS CRIADOS PELA ILUSTRADORA E ESCRITORA ARLENE HOLANDA, AINDA ALUNA EM 77. AS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS FORAM FEITAS PELA AUTORA UTILIZANDO COMO RECURSO A GRAVURA EM ESTÊNCIL. RESGATAR ESSES ARQUIVOS, REINVENTÁ-LOS E BRINCAR COM UM PROCESSO DE CRIAÇÃO QUE PARTE DE UMA REVISTA DE NOSSA CIDADE É CONSTITUIR UMA PARTE DO NOSSO PATRIMÔNIO DE PUBLICAÇÃO IMPRESSA - É UMA INTENÇÃO DIRETA DO GRUPO.

Fonte: Arquivo pessoal

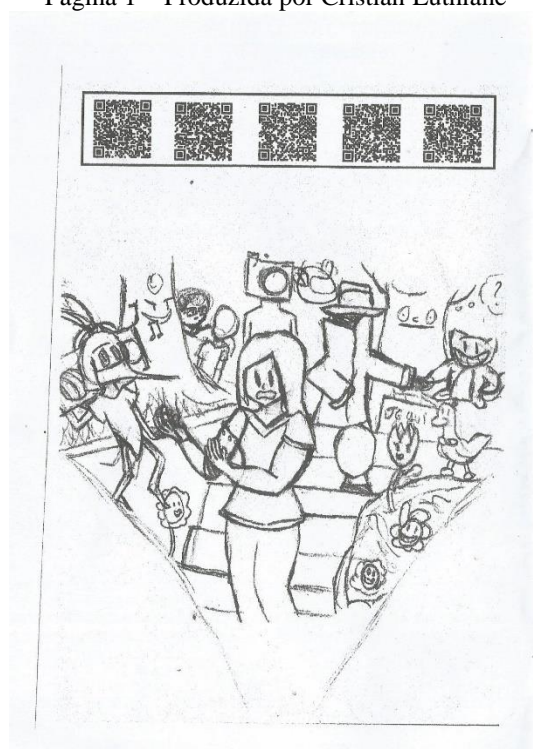
Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “Conversa com Flores vivas em Limoeiro do Norte (e o cara do som!)”

Capa produzida por Ícaro Malveira



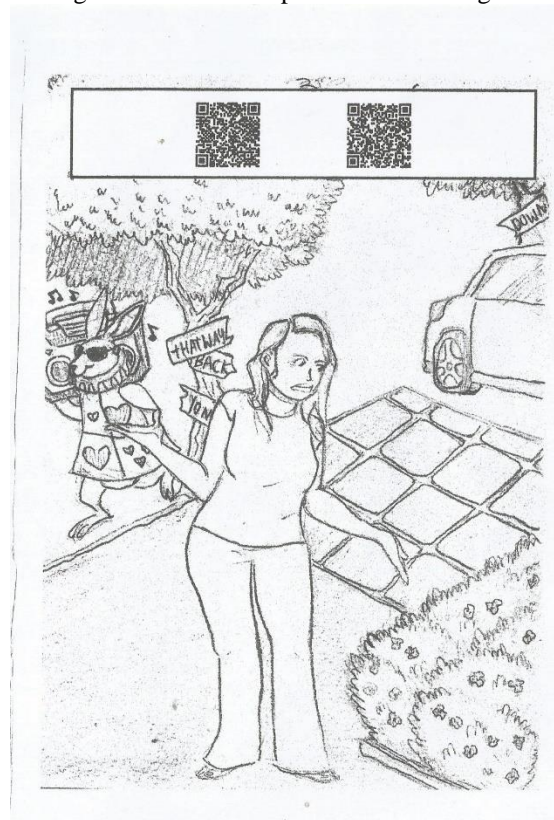
Fonte: Arquivo pessoal

Página 1 – Produzida por Cristian Luthiane



Fonte: Arquivo pessoal

Página 2 – Produzida por Tamires Rodrigues



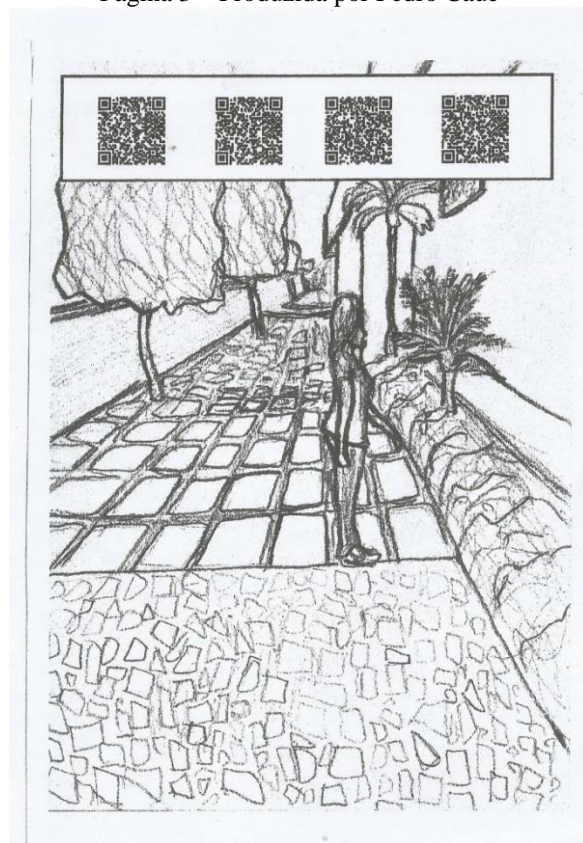
Fonte: Arquivo pessoal

Página 2 – Produzida por Lívia Cristina



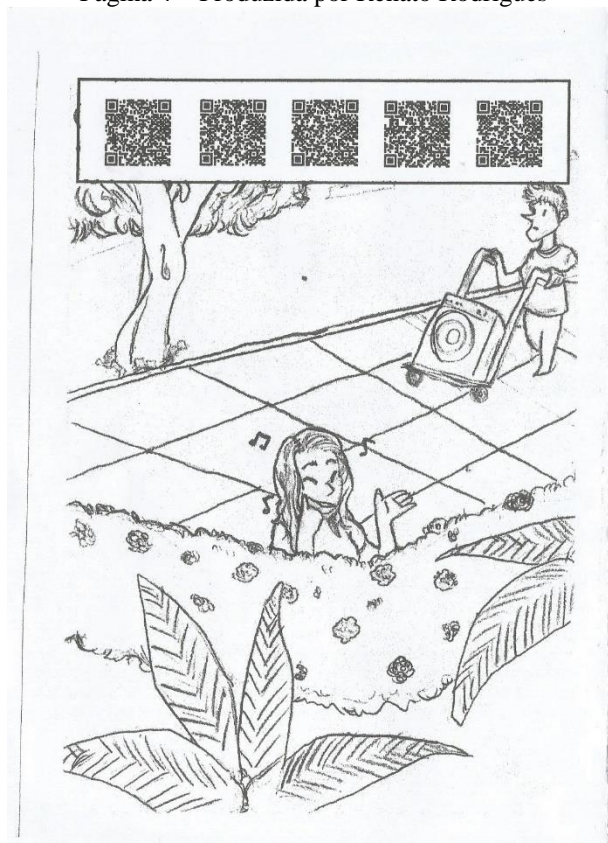
Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 – Produzida por Pedro Cauê



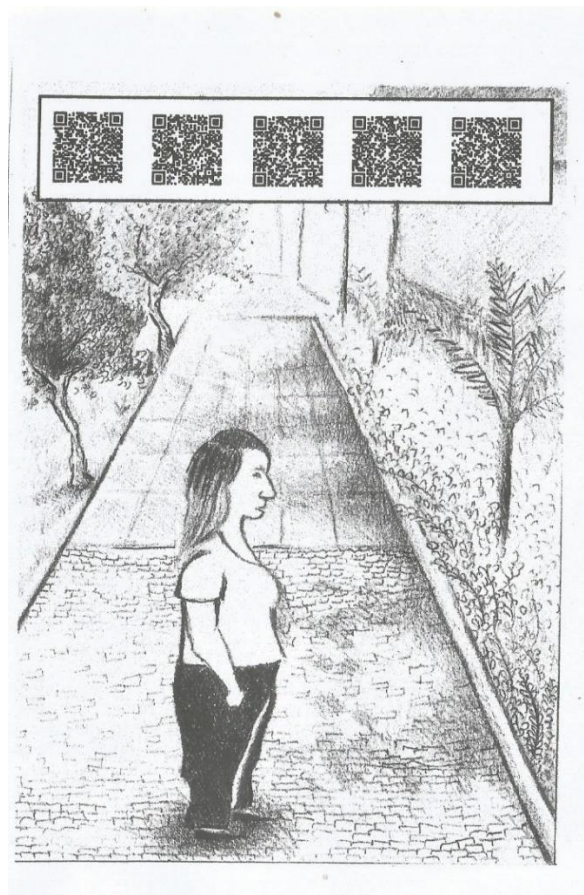
Fonte: Arquivo pessoal

Página 4 – Produzida por Renato Rodrigues



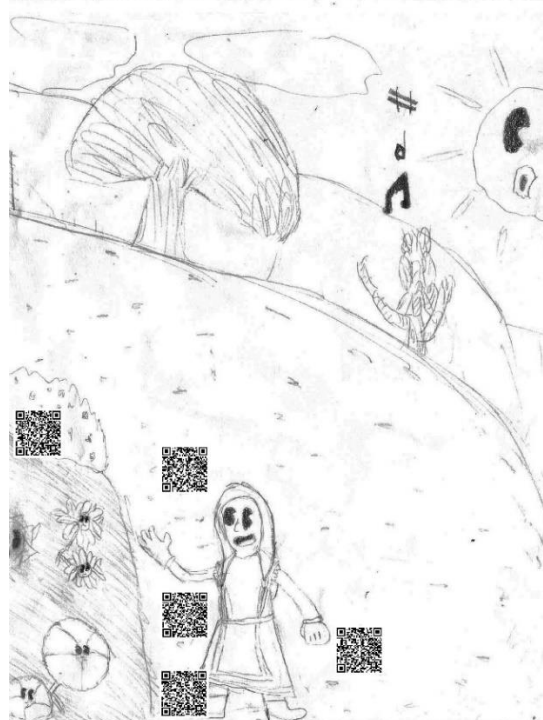
Fonte: Arquivo pessoal

Página 5 – Produzida por Ícaro Malveira



Fonte: Arquivo pessoal

Página 6 – Página extra produzida por Thiago Henrique



Fonte: Arquivo pessoal

Capa – Página produzida por Ícaro Malveira

ESTE ZINE É A RELEITURA DE UM CAPÍTULO DO LIVRO "ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO", DE LEWIS CARROLL. PARA REVISITAR "O JARDIM DAS FLORES VIVAS", O GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES FEZ UMA AÇÃO NO DIA 16 DE NOVEMBRO, NA PRAÇA DO BANCO DO NORDESTE, EM LIMOEIRO DO NORTE. NESTE DIA, O GRUPO SE VESTIU COMO FLORES VIVAS, OU SEJA, USANDO ROUPAS COM ESTAMPAS FLORAIS E PROCURAMOS PESSOAS QUE, COMO NÓS, TAMBÉM FOSSEM TAL QUAL FLORES VIVAS. CONVIDAMOS UMA ALICE (MANU ALICE) RESIDENTE EM LIMOEIRO E SAÍMOS EM BUSCA DE DE FLORES VIVAS PARA CONVERSAR. CADA PESSOA QUE ABORDAMOS FOI CONVIDADA A LER UMA FALA OU MAIS DO CAPÍTULO EM QUESTÃO. UMA GRAVAÇÃO FOI FEITA E DISTRIBUÍDA AO LONGO DESTA ZINE NO FORMATO DE QR CODES. QUANDO ESCANEADOS, OS QR CODES REVELAM TRECHOS COM OS BARRILHES DA CIDADE E UMA CONVERSA ENTRE NOSSA ALICE E AS FLORES VIVAS DA PRAÇA DO BANCO DO NORDESTE.



Fonte: Arquivo pessoal

Zine produzido pelo Grupo de Criação e Artes: “A Praça”

Página 1 – Página produzida por Ícaro Malveira



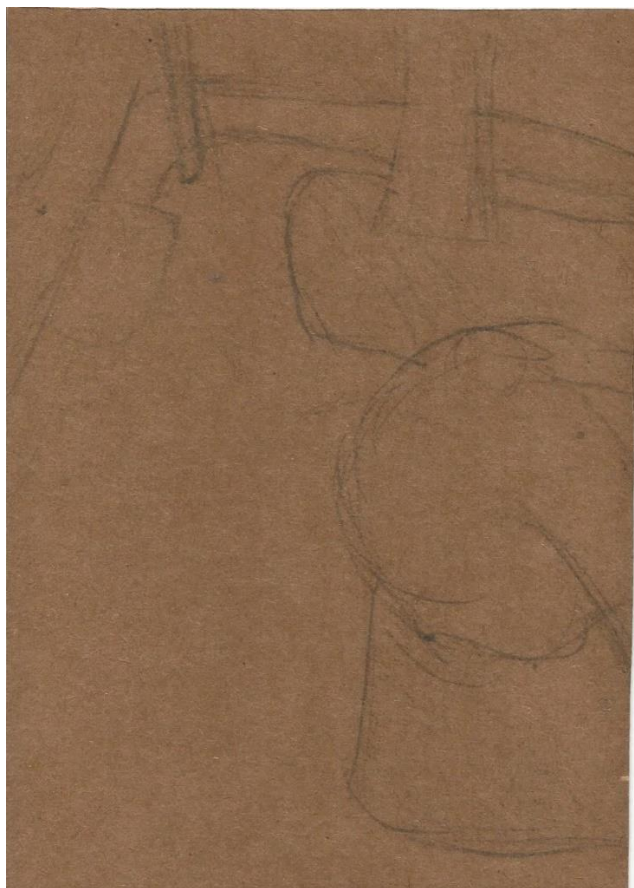
Fonte: Arquivo pessoal

Página 2 – Página produzida por Cristian Luthiane



Fonte: Arquivo pessoal

Página 3 – Página produzida por Levi Palhares



Fonte: Arquivo pessoal

Página 4 – Página produzida por Tamires Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal

Página 5 – Página produzida por Livia Cristina



Fonte: Arquivo pessoal

Página 6 – Página produzida por Raquel Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE D — ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ LIMA MALVEIRA SOBRE A REVISTA “NEOBARROCA” (CONCEDIDA EM 7 DE FEVEREIRO DE 2020)

Ícaro: Como surgiu a ideia de lançar a “Neobarroca”?

Professor: Na época, eu era professor no Colégio Diocesano Pe. Anchieta. O colégio estava vivendo uma espécie de “renascença” de sua vida cultural interna, pois a escola ressurgia de um longo período de letargia, de quase decadência como instituição. Assim, houve o agradável aparecimento, com o incentivo do diretor e dos professores, de grupos de teatro, dança e música. Julguei que seria oportuna a publicação de uma revista que narrasse toda essa efervescência que tanto entusiasmava a meninada. Além disso, existiu também um interesse pessoal de minha parte, pois eu queria ver publicado um artigo que escrevera (“Pós-Modernismo ou Neobarroco”), mas não havia como, já que morávamos numa cidade provinciana, longe de quaisquer veículos de comunicação impressos.

Ícaro: Por que o título “Neobarroca”?

Professor: Eu dava aulas de Literatura Brasileira. Toda vez que estudávamos o Barroco e explorávamos suas características, eu as associava, para melhor compreensão do contexto daquela escola literária, a traços culturais da nossa própria época, naquele início dos anos 90, principalmente à chamada pós-modernidade. Além disso, havia a crise do Socialismo e a desnordeante sensação de que a busca de um sentido para a história era inútil e de que não existia uma “mão invisível” (que não era a de Smith, mas da racionalidade, do materialismo dialético) conduzindo o destino dos povos. Esses conflitos espirituais, as contradições e a noção de efemeridade das coisas me faziam crer que estávamos vivendo uma época muito similar aos tempos do Padre Vieira.

Ícaro: Por que a revista foi produzida com estêncil, e não xerocopiada?

Professor: Naquele tempo, só havia na cidade duas formas de reprodução impressa rápida: a tipográfica (rudimentar, limitada e cara) e a mimeográfica (barata e disponível no próprio colégio). A xerografia era um luxo a que não tínhamos acesso. Isso não nos deixava muita escolha. Todavia, aconteceu de o mimeógrafo do colégio estar quebrado na época da publicação da revista, de modo que tive de improvisar um. O que fiz foi pegar uma moldura, tapá-la com um tecido fino e permeável, bem esticado, e grudar a ela os estênceis datilografados. Para que as impressões fossem mais precisas, fixei a moldura numa tábua com dobradiças. E o processo era simples: erguíamos a moldura, colocávamos o papel numa marcação na tábua para garantir o enquadramento, baixávamos a moldura, passávamos um rodo com a tinta e a impressão estava feita. Cada página era impressa várias vezes, antes de mudar o estêncil e recomeçar com o estêncil seguinte. Enfim, quase tudo acabou sendo artesanal mesmo.

Ícaro: Quantos exemplares foram feitos?

Professor: Se não me falha a memória, uns cem.

Ícaro: Eles foram distribuídos ou dados?

Professor: Como todo o material me havia sido doado (tinta, papel e algum dinheiro para o “mimeógrafo”) por amigos, deixei a revista em instituições ou as entreguei a pessoas com alguma atuação na sociedade, professores, principalmente.

Ícaro: A revista conseguiu alguma repercussão?

Professor: Na época, só recebi dois comentários: uma professora me disse que não entendia o que eu escrevia e a revista era um enigma para ela; já um amigo estudante de Direito a levou a seu professor de filosofia, que, segundo ele, fez comentários elogiosos. Na verdade, só senti que algo dela havia ficado vinte anos depois, quando o Diocesano festejou os seus setenta anos de fundação. Publiquei no Facebook uma nota sobre jornaizinhos e revistas que haviam circulado no colégio e três pessoas postaram fotos da velha revista. Elas a haviam guardado. Suponho que significou algo para elas.

APÊNDICE E — TRANSCRIÇÃO DE MENSAGEM DE ÁUDIO ENVIADA VIA WHATSAPP POR ARLENE HOLANDA (CONCEDIDA EM 27 DE SETEMBRO DE 2019)

Arlene Holanda é a autora das ilustrações originais da “Revista Kuandu” (1977). Na mensagem aqui transcrita, ela discute o contexto da sua formação como artista.

- Oi Ícaro, aqui vai é... Então, me dirijo a todos os jovens, né, que estão aí na sua turma, descobrindo esses caminhos novos de fazeres e saberes artísticos, e o que eu tenho pra dizer pra eles é assim... É uma forma de expressão, né?! Que tem uma linguagem universal, por isso alcança tanta gente e desde criança eu sempre desenhei, gostei de registrar, até nas paredes é... de casa... lembro que desenhei uma vez na parede de uma professora e também a questão tecnológica e mesmo de acesso aos meios, né, a minha família era bem pobre e a gente nem tinha papel pra desenhar, é... A gente esperava acabar o mês pra desenhar atrás na folhinha de calendário e até as cartas de minha mãe entravam na roda, né?, então a... Começou esse caminho, né?!, de expressão pela arte e eu acabei fazendo esse jornalzinho junto com a equipe do Diocesano, é... Que várias pessoas seguiram caminhos na escrita, como Jorge pinheiro, Eugênio Leandro, o Gilmar Chaves, e a gente contava com recurso de estêncil, não tinha como reproduzir de forma diferente, então arranhava o estêncil é... na imagem, e ficaram essas imagens aí meio rudimentares né?, que vocês estão revisitando, depois eu me especializei mais em ilustração de livros e hoje eu sou mais escritora do que ilustradora, mas isso não impede de qualquer hora fazer um grande projeto é... artístico, né?, hoje nós temos tantos meio né?, de expressar a nossa arte, acho que bem mais do que antes, e valeu aé, viu?! Pelas reproduções, que eu falei pro professor Ícaro que tavam melhores que as originais, pelas releituras, reproduções não, releituras e eu espero que vocês possam acrescentar bastante, é... compartilhando aí conhecimentos com o professor que tem uma visão superbacana né, de memória, de arte, como história e a gente se encontra aí, né, nesses caminhos da vida, tá bom? Grande abraço, valeu.

APÊNDICE F — TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO DE CONVERSA ENTRE OS MEMBROS DO GRUPO DE CRIAÇÃO E ARTES, REALIZADA EM 12 DE DEZEMBRO DE 2019

Ícaro: ... gravar um pouco a gente falando, certo? Eu vou explicar, tá gravando já e depois...

— opa!

— olá, galerinha do youtube.

— Beleza, dá like, se inscreve no canal, dá sininho (áudios confusos).

(Falando ao mesmo tempo)

Ícaro: Gente, vocês... (interferência de conversa paralela) Vocês... (Interferências). Vocês têm ideias mais ou menos de quantas reuniões a gente já fez até aqui?

— Não...

— Eu tenho.

— É a minha segunda

— Mais de duas, com certeza.

— Eu chuto que é mais de... Mais de dezoito.

Ícaro: Nós fizemos até agora é... aproximadamente mais de vinte reuniões em que algumas dessas reuniões a gente fez é... na cidade, a gente fez nos espaços da cidade e hoje é... Essa reunião é uma delas e eu queria que só comentar aqui com vocês bem rápido algumas ações que a gente fez. A gente fez aquela ação lá na biblioteca pública, né?! Que a gente deixou a caixinha de leitura, então esses dias eu fui lá e deixei... E fui ver e tá lá, tá na entrada da biblioteca pública, então realmente tá lá e tá... E as pessoas estão vendo, quem entra. A gente fez a ação na Praça da Matriz, fazendo desenho das pessoas, lembram disso?

— (inaudível)... O primeiro cartão dele que ele com uma mulher, eu esqueci o nome dele, eu encontrei com ele um dia desses na praça, eu fui na praça um sábado, eu tava, eu ia comprar um sorvete com uns amigos meus e olhei pro lado e ele tava lá, aí eu olha aí...

Ícaro: Aí, Lívia, nós fizemos... Christian, aí nós fizemos a nossa reunião lá na... Essa reunião na praça, dos desenhos das pessoas né, de fazer o desenho, a gente fez a reunião lá das flores vivas lá na praça do Branco do Nordeste, aí a gente fez depois a reunião piquenique criativo lá na praça do Patronato, e hoje a gente está fazendo com Mala essa reunião aqui na praça do seminário é... eu queria que vocês, com as palavras de vocês, comentassem de forma breve sobre qualquer uma das ações que a gente fez, que vocês lembram e... e... coisas que vocês lembram e que vocês gostariam de dizer sobre essa ação, como foi, a experiência pessoal de cada um, sobre qualquer uma delas, porque...

— Porque que tem um galho no...? Acho que ele cresceu... Acho que ele já foi quebrado e o vento foi e levou ele prendeu ele aí...

(risadas)

Lívia: Amigo, você tá bem?

— Né... então, tem tanta da coisa memorável...

(falando ao mesmo tempo)

Ícaro: então, gente, quem quer falar primeiro? Porque gente (inteligível) esse trabalho que eu tô fazendo com vocês, eu já venho falado... eu já venho falando há algum tempo que essas nossas ações elas vão pra uma dissertação que eu estou fazendo do mestrado e em dezembro agora vai ser um momento que eu vou ter que sentar pra escrever e vai ser um longo momento de escrita...

— Que dia?

— Ao longo do mês de dezembro certo? E eu queria colocar... eu acho importante. Esse trabalho não é meu, é nosso, então a voz de vocês ela tem que tá também enquanto texto nesse trabalho, e eu queria q vocês falassem um pouco sobre as ações: o que acharam, algo que lembram, algo que curtiram, algo que acharam estranho é.. o que lembram, cento? Quem quer começar a falar? Christian pode falar...

Christian: o que teve de estranho foi um monde de coisa, mas o mais interessante foi quando a gente foi pra praça do branco do nordeste fazer o trabalho das flores da Alice... E lá teve o que a gente encontrou com algumas pessoas que foi a parte mais legal, e assim, a gente brincou também como a parte do manequim, né...

— E o cara do som...

Christian: E... Foi tem... Eu achei que eu incomodei algumas pessoas quando elas estavam fazendo ações simples e eu chegava perguntando se queriam participar, algumas recusavam, mas foi uma experiência bem legal, bem interessante e engraçada e divertida

Ícaro: E de modo geral você... tu gostou da experiência?

Christian: Gostei, sim.

Ícaro: Você identifica que existe ali um lance de criação artística no que a gente estava fazendo?

Christian: sim...

Ícaro: Como é que tu analisa isso?

Christian: Bizarramente divertido, irônico e interessante porque não... eu... nunca eu imaginava que eu iria parar a pessoa no meio da rua pra gravar um áudio dela pra pôr numa história que é uma revista. Nunca imaginava que eu iria fazer isso...

Ícaro: Legal, vamos continuar... Quem quer continuar? Quem quer falar agora? Quem é o próximo? Pedro, fala?

Pedro: Eu... Queria falar... O que eu mais gostei da experiência foi quando a gente foi lá pra Praça da Matriz, que é um dos ambientes que eu mais gosto de ir que é..., foi ah... Aqui em Limoeiro um dos ambientes que eu mais gosto de ir é a Praça da Matriz, e eu gostei que lá a gente interagiu com várias outras pessoas e... Não sei, a gente fez um desenho delas e gente mostrou e foi bem legal mostrar o nosso trabalho pras pessoas e também porque eu comi uma açaí nesse dia também. Foi muito divertido.

Ícaro: (risadas) Pedro, me diga uma coisa... a... a... No dia que a gente, no dia que a gente foi pra lá, a gente fez um desenho, foi um desenho inclusive da Sofia, da sua irmã, né, ela chegou a comentar alguma coisa sobre o que achou? Ela chegou a comentar alguma coisa sobre aquela loucura que a gente tava fazendo naquele dia lá na praça?

Pedro: Ela disse que ela achou legal... ela, tipo, ela disse que se sentiu tipo, não dá pra usar as palavras, não to lembrado as palavras dela, mas é como se ela tivesse se sentido tipo famosa sabe?!

— Uma atriz!

Pedro: É... as pessoas fazendo um desenho dela entendeu?

— Privilegiada...

Pedro: É... Privilegiada, tá ligado?! Ah e foi isso, foi tipo isso... E ela disse que gostou muito dos desenhos também, chegou em casa “os desenhos ficaram muito legais”.

Renato: Eu lembro que todo mundo adorou os desenhos do Pedro e cagou pros outros (risadas). Porque eu desenhava cartoon, todo mundo desenhava cartoon, Pedro fazia realista todo mundo ficava “Ual, incrível, esse cara desenha igualzinho à vida real, ual, ele é tão talentoso” Eu fiquei tipo “olha o meu aqui... olha o meu... ninguém? Nada?”

(falas misturadas)

Ícaro: Como é Renato?

Renato: Mostrando tipo o meu assim “tipo...ninguém?... Não?”

Ícaro: Então você acha que ainda existe assim uma ligação muito forte assim entre o que as pessoas curtem em relação ao desenho e o estilo realista? Tu acha que...

Renato: É...

Ícaro: As pessoas associam muito ainda a...

Renato: A pessoa leiga, a pessoa que não sabe desenhar assim... ela pensa “nossa, realista é tão mais legal assim, o cara desenha igualzinho a vida real, ele é tão talentoso, macho...”

— Quase matou Renato de tristeza (risada)

Renato: É! (risada)

Ícaro: E tu, teve algum momento em especial que tu... Que se destacou, que a gente fez nesse longo percurso é... Que tu lembre, que tu queira falar, que tu tenha curtido em especial assim? Ou que não necessariamente tu tenha curtido, mas que tenha chamado a tua atenção e tu queria falar sobre isso?

Renato: O... cara... o vendedor lá... o cara... vendendo bala...

Ícaro: O vendedor de bala...

Renato: Que a gente não lembra o nome dele. Qual o nome dele?

— Eu num lembro o nome, mas eu encontrei com ele lá na FENERJ, sério, enquanto ele tava vendendo lá bombom, só que ele não me viu, eu fiquei triste.

Renato: (risadas) Toda vez que a gente... você e o Thiago encontraram com ele de novo, mas que nenhum falou com ele.

— Não, é por causa que ele não me viu, aí não deu certo não.

Christian: Uma coisa que eu aprendi sobre desenho é que a primeira coisa que antes eu... Da volta ao mundo dos desenhos, que eu fiquei alguns anos sem desenhar, é que não tem um certo desse... traço de desenho pra você... cumprir... eu achava que eu precisava ser realista pra fazer um bom...um realista, ou estilo anime, mas só que aí eu percebi que não, que tem uma série de estilos diferentes... tem que ser o seu próprio, que você ache confortável. Que era algo que eu não sabia, eu achei que “nossa, esse daqui é o meu, aí você te quem escolher um... tem que desenhar igualzinho...” e eu percebi que é meio que estranho você se esforçar pra fazer o desenho de outra pessoa, porque não é tá se forçando, você vai fazer algo ruim, se fazer algo bom não vai ser original, vai ser algo maçante, não vai ser algo fácil.

Ícaro: Legal... deixa eu ver aqui uma coisa... Deixa eu ver se tá... Tá. Thiago, quer falar Thiago? Tu não falou ainda.

Thiago: Comentar sobre o fato das reuniões, acho que a reunião que eu mais achei interessante que a gente fez fora de sa... Fora da... do Diocesano foi acho que a primeira mesmo, a da biblioteca, porque a maioria foi mais pra gente mesmo, mas a da biblioteca foi mais para ajudar a comunidade né, então a gente vai, por exemplo, na biblioteca pública e adicionar um novo meio de literatura, em vez de simplesmente livros, então a gente vai fazer uma contribuição pra biblioteca pública, dar mais acesso às pessoas lerem, ajuda a comunidade a aumenta o nosso interseção com todo mundo. Também foi legal, a gente chegou lá, ai ficou conversando ai o povo se divertindo, ai ficou falando sobre a vida, tomar um café...

— Jogo online, como eles são viciados... E destroem sua vida...

— Uma coisa que eu achei interessante é que o povo da biblioteca não sabia o que era um fanzine (risadas), daí que você vê o quanto o nosso trabalho é importante (risadas)... (interrupções) pois é, nós temos a missão de trazer o gênero fanzine para este povo sem cultura.

Ícaro: Já estamos trazendo...

— Já estamos...

— Ô tio, ai... uma coisa engraçada é que eu descobri com você o que que é fanzine e eu disse pros meus amigos, eu contei pra Raquel, pro Levi, pra esse pessoal lá da minha sala também...

— Eu conheci pela sua aula.

Ícaro: É... e... Pedro quer falar, vai...

Pedro: Eu só queria comentar um fato que o Christian falou, que realmente não existe um tipo de desenho é... bom... não existe o tipo o traço de desenho que é ruim e o que é bom. Eu aprendi isso porque todo mundo que começa a desenhar começa a se basear no tipo de desenho que acha bonito, por exemplo, eu comecei no tipo de desenho o... Desenho anime, eu antes eu achava maravilhoso aí eu comecei fazendo e tal e querendo desenhar igual aos desenhos dos animes aí eu “caraca, isso é muito bonito e tô conseguindo...” e depois eu fui percebendo que não era bem o meu estilo de desenho o anime, e eu fui começando a desenvolver aos poucos o meu próprio traço e daí... é isso, tem pessoas que acham certos traços feios, tem pessoas que não gostam do traço realista...

Christian: Eu percebi isso... lendo as revistas da... pera aí, deixa eu ver aqui... Porque eu, sempre quando eu lia alguma coisa era mangá, ou HQ e das marcas DC Comics, Planet Mangá... era o que eu lia, e sempre aquele mesmo traço. Não tinha algo diferencial, então... aí o fanzine eu olhei e tinha uma serie de traços diferentes...tinha uns traços que eu dizia quando vi alguém desenhando “esse traço é feio”, só que não, não é...é um traço específico da pessoa, é um traço original e eu comecei a perceber isso lendo uma série de fanzines foi aí que realmente entrei, e eu percebi que eu não preciso ter um traço: “nossa esse é o traço que eu preciso ter na minha vida”, não, eu posso criar o meu traço.

Ícaro: com certeza, isso é muito legal Christian. Deixa eu dar uma olhadinha só aqui numa coisa... porque esse celular tanto tá com a bateria é... é...
